

2025

ANUAGRO

CAMPOS GERAIS / NORTE PIONEIRO

*“Vamos seguir
crescendo, inovando e
fazendo a diferença.”*

José Roberto Ricken
Presidente do Sistema Ocepar



Da produção local para o mercado nacional



Fotos:
Camila Dijkstra

**A Queijaria Vila
Velha, de Ponta Grossa,
conquista certificação
e mercados com ajuda
do Sebrae/PR**

A sua pequena agroempresa também pode se destacar e crescer. Descubra como ter consultorias em gestão, boas práticas, design e outros.

**Procure o Sebrae mais próximo de você
e saiba como seguir seu caminho de sucesso!**



Acesse e saiba mais:
[sebraepr.com.br](http://sebraepr.com.br/agronegocios)
[/agronegocios](http://sebraepr.com.br/agronegocios)

EDITORIAL

O AGRO, O COOPERATIVISMO E A FORÇA DO ASSOCIATIVISMO NOS CAMPOS GERAIS

Por Giorgia Bin Bochenek



O agronegócio é a espinha dorsal da economia dos Campos Gerais, impulsionando o desenvolvimento regional e moldando a identidade da nossa terra. Essa força encontra no cooperativismo um aliado essencial, capaz de unir pessoas em torno de propósitos comuns e de construir comunidades mais prósperas.

O modelo cooperativo reflete os princípios do associativismo que praticamos na ACIPG: união, colaboração e fortalecimento coletivo. Esse movimento gera oportunidades, impulsiona o agro e promove o crescimento sustentável. Exemplos como o Agro-leite, que ganha destaque nacional e internacional, e o avanço de cooperativas como a Frísia e a Capal demonstram a força dessa união.

O campo de hoje é moderno e conectado, adota novas tecnologias e inteligência artificial, mas mantém o valor das pessoas que o constroem. Trabalhamos para integrar o agro à indústria, ao comércio e aos serviços, acreditando que o desenvolvimento nasce da soma de esforços, com inovação e ética.

Na ACIPG, esse espírito de união se traduz em resultados. Atingimos mais de 2,3 mil associados, com intensa movimentação em nossa sede e atuação de câmaras técnicas e comitês, como os de ESG e tributário. Fomos pioneiros ao publicar um Relatório GRI, reforçando nosso compromisso com a transparência e a responsabilidade. Seguimos acreditando na força do cooperativismo e em iniciativas como o Anuagro, que valorizam o agro e inspiram o futuro sustentável que queremos construir juntos.

ANUAGRO

CAMPOS GERAIS

2025

Jornalista Responsável

Melissa Eichelbaun – MTB nº 10158

Desenvolvimento de Conteúdos

Fernanda Bertola – MTB/PR nº 9668

Melissa Eichelbaun – MTB/PR nº 10158

Patrícia Biazetto – MTB/PR nº 4994

Assessorias / Municípios Parceiros (AMCG)

Responsável Pedagógica – Agro é Escola

Emilly Andrade de Freitas

Fotografia

Christian Christoforo

Saulo Christoforo

Assessorias

Projeto Gráfico e Diagramação

Bruno Guerra



Impressão

Gráfica e Editora Idealiza

Apoio

ACIPG – Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Ponta Grossa

AMCG – Associação dos Municípios dos Campos Gerais

Uma publicação de



Editora Grande Curitiba

Grande Curitiba Ltda

CNPJ: 37.138.046/0001-81

Avenida Anita Garibaldi, 850

conj. 103 / bloco 03C

CEP: 80540-400 – Cabral – Curitiba – Paraná

Direção Comercial/Editorial

Pedro Dalcol Filho

Direção Jurídica

José Afonso de Almeida Teixeira

Julio Cezar Dalcol

Contato

comercial@grandecuritiba.info



6

Entrevista com
José Roberto Ricken

32

92

138

158

Mulheres
no Campo

40

Sebrae: Selo
Arte valoriza
tradição e
impulsiona
pequenos
produtores
nos Campos
Gerais

54

Frísia 100 anos

70

DAF XF se
destaca como
referência no
transporte do
agronegócio
brasileiro

3 Editorial

6 Entrevista com José Roberto Ricken: Presidente do Sistema Ocepar

16 Ponta Grossa: "Caminhos do Agro" já recuperou mais de 200 km de estradas

18 Frísia: No ritmo do centenário, 'Corrida e Caminhada Frísia' movimentam os Campos Gerais

22 Ipiranga: Plantio de maracujá ganha espaço em Ipiranga com projeto inovador

24 Castro: Programa de apoio à piscicultura em Castro é referência de sustentabilidade econômica em pequenas propriedades

28 Ponta Grossa: Horta Comunitária leva saúde e alimentação saudável para o Costa Rica

30 Ortigueira fortalece programas que unem agricultura familiar, sustentabilidade e inclusão social

32 Mulheres no Campo: A força das irmãs Wachterski

36 Avicultura em Piraí do Sul: setor cresce com tecnologia e dedicação dos produtores

38 Infraestrutura, capacitação e apoio técnico fortalecem o setor agrícola em Jaguariaíva

40 Sebrae: Selo Arte valoriza tradição e impulsiona pequenos produtores nos Campos Gerais

44 2ª Expo Ivaí reúne mais de 120 mil pessoas e fortalece associações rurais

46 Profissões: O novo agronegócio na esfera profissional

52 Tibagi garante abastecimento de água gratuito a mais de 1.200 famílias da área rural

54 Frísia 100 anos: um século de cooperação, inovação e desenvolvimento sustentável

60 Piraí do Sul: Produção de leite alia tecnologia, genética e bem-estar animal

62 Ipiranga Mais Verde: reciclagem vira alimento e fortalece agricultura familiar

64 Belezas naturais e tradição religiosa tornam Jaguariaíva referência no ecoturismo

66 Capal: Avanço da cevada nos Campos Gerais impulsiona produtores e cooperativas

70 DAF XF se destaca como referência no transporte do agronegócio brasileiro

72 Ortigueira é destaque no Prêmio Gestor Público Paraná

74 Melkstad: orgulho de Carambeí e referência nacional na produção de leite

78 Da colônia holandesa à cooperativa multifacetada que projeta o futuro, Capal completa 65 anos

82 Jaguariaíva avança em políticas ambientais com parcerias e programas sustentáveis

85 Mercado do Produtor de Ivaí amplia estrutura e recebe novos investimentos

86 A força do leite na Fazenda Frísia: sete décadas de tradição e inovação em Carambeí

90 Piraí do Sul: Feira Verde troca recicláveis por alimentos e beneficia milhares de famílias

92 Mulheres no Campo: Sítio Campina Verde: o sonho da família Pastuch

96 Da lavoura à xícara: o valor que o cooperativismo agrega ao café brasileiro

100 Como a Capal fortalece a produção de café de Marcelo Teixeira

102 Tibagi Sustentável une reciclagem e agricultura familiar em programa de educação ambiental

104 Produção de mel em Ortigueira: tradição, qualidade e reconhecimento nacional

106 Encadeamento produtivo: a força das conexões que transformam negócios nos Campos Gerais

110 Het Dorp: o vilarejo holandês de lavandas que ajudou a potencializar o turismo em Carambeí

113 Agroleite, 25 anos de uma vitrine do leite no Paraná

sumário



78

Capal 65 anos



113

Agroleite 2025: números históricos e R\$ 969mi em negócios



128

Laurival Pontarollo, o nome à frente do feijão mais querido do Brasil



146

AMCG: agenda internacional



178

Agro é Escola

- 116 Mulheres no agro: força, inovação e protagonismo no cooperativismo
- 120 Com SUSAF e Selos Arte, Ortigueira expande mercados para a agroindústria familiar
- 122 Frísia: Investimentos, produção e sustentabilidade no Paraná e Tocantins
- 127 Piraí do Sul consolida papel estratégico na cadeia florestal paranaense
- 128 Laurival Pontarollo, o nome à frente do feijão mais querido do Brasil
- 132 AMCG promove ações voltadas ao desenvolvimento da agricultura nos Campos Gerais
- 136 Piraí do Sul amplia produção de suínos com inovação
- 138 Mulheres no Campo: Em Witmarsum, Chácara Orquídea se consolida como referência regional na produção de leite
- 142 Da tradição à precisão: como a família Bolognesi uniu continuidade e inovação na gestão da propriedade
- 145 Associações Rurais de Ivaí recebem implementos agrícolas
- 146 AMCG: Em agenda internacional, Dayane Sovinski se reúne com lideranças e avança em novas parcerias para os Campos Gerais
- 152 Assistência técnica fortalece produtividade e rentabilidade da pecuária na Capal
- 154 Inovação e qualidade transformam o Sítio Aliança em referência na produção de queijos premiados
- 156 Conhecimento aplicado e resultados sustentáveis: a estratégia técnica da Capal no agronegócio
- 158 Mulheres no Campo: Queijaria Cornélia: o protagonismo feminino de Arapoti que se tornou destaque em todo o Brasil
- 162 Agroleite 2025: números históricos e R\$ 969 milhões em negócios
- 167 Agro é Escola: um projeto que une campo e educação transforma o ensino no Paraná
- 169 O agro em sala de aula: o campo que floresce no aprendizado das escolas
- 173 Concurso Semeaduras: arte, educação e o orgulho de pertencer ao campo

- 178 Agro é Escola: Arapoti
- 179 Agro é Escola: Carambei
- 180 Agro é Escola: Castro
- 181 Agro é Escola: Congonhinhas
- 182 Agro é Escola: Curiúva
- 183 Agro é Escola: Figueira
- 184 Agro é Escola: Ibaí
- 185 Agro é Escola: Imbaú
- 186 Agro é Escola: Ipiranga
- 187 Agro é Escola: Ivaí
- 188 Agro é Escola: Jaboti
- 189 Agro é Escola: Jacarezinho
- 190 Agro é Escola: Jaguariaíva
- 191 Agro é Escola: Japira
- 192 Agro é Escola: Apasem
- 194 Agro é Escola: Ortigueira
- 196 Agro é Escola: Pinhalão
- 197 Agro é Escola: Piraí do Sul
- 198 Agro é Escola: Ponta Grossa
- 199 Agro é Escola: Porto Amazonas
- 200 Agro é Escola: Reserva
- 201 Agro é Escola: Santo Antônio da Platina
- 202 Agro é Escola: São João do Triunfo
- 203 Agro é Escola: Sengés
- 204 Agro é Escola: Telêmaco Borba
- 205 Agro é Escola: Tibagi
- 206 Agro é Escola: Tomazina
- 207 Agro é Escola: Ventania



Fotos: Christian Christofo/ANUAGRO

José Roberto Ricken

Presidente do Sistema Ocepar fala sobre o futuro das cooperativas e o papel estratégico do Paraná nas cadeias do leite, grãos e proteína animal

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto



Cooperativismo paranaense: força coletiva que impulsiona o agro

Responsável por um dos sistemas cooperativistas mais organizados e pujantes do país, o Paraná ocupa posição de destaque no cenário agropecuário nacional. São 227 cooperativas registradas no Sistema Ocepar, reunindo mais de 4 milhões de cooperados e uma estrutura que sustenta boa parte da economia paranaense — do leite e dos grãos à proteína animal, passando por setores de crédito, infraestrutura, saúde e transporte.

À frente dessa engrenagem, o presidente do Sistema Ocepar, José Roberto Ricken, destaca que o cooperativismo é um modelo de negócio moderno e sustentável, que combina eficiência econômica, inclusão social e governança. Sob sua liderança, o sistema tem impulsionado a agregação de valor, a inovação tecnológica e o fortalecimento da indústria agropecuária regional.

Em entrevista à Revista Anuagro, Ricken analisa os desafios e oportunidades das próximas décadas, com atenção especial ao papel das cooperativas na cadeia do leite, setor que deu origem ao cooperativismo paranaense e hoje responde por 43% da produção estadual. Ele também comenta o avanço da agroindustrialização nos Campos Gerais, o modelo inovador da Maltaria Campos Gerais, os investimentos em logística e sustentabilidade e as ações voltadas à sucessão familiar e à inclusão de jovens e mulheres no campo.

A seguir, confira os principais trechos da entrevista com o dirigente, que projeta o futuro do cooperativismo e o caminho do Paraná rumo a R\$ 500 bilhões de faturamento até 2030.

Anuagro: Na sua avaliação qual será o papel das cooperativas do Estado na cadeia do leite nos próximos dez anos?

Ricken: Já tivemos uma participação maior no passado. Primeiro ponto: agregação de valor. Neste sentido, as cooperativas dos Campos Gerais, a Unium, que reúne a Frísia, Castrolanda e Capal, tem uma das maiores indústrias de queijo. Não só queijo, é uma variedade de produtos que podem gerar valor agregado. Segundo ponto: tem que industrializar, pois leite na caixinha não tem resultado para o produtor e nem para empresas. Além disso, tem a questão sanitária, temos que ter preocupação sempre com a qualidade, sanidade, que isso acompanha a produção. Tecnificar: aqui nos Campos Gerais, temos o que há de melhor no Brasil, mas tem avanços a serem feitos em outras regiões do Paraná, tanto no padrão de qualidade, quanto na produção. Temos uma participação bem significativa. Hoje, as cooperativas do Paraná representam 43% da produção e o setor de laticínios 4,5% do faturamento total. Temos que retomar investimentos na área do leite, para o produtor é fundamental. O leite tem significado importante para cooperativismo, foi onde o cooperativismo iniciou as atividades. A Frísia, como cooperativa centenária, na prática, começou aqui nos Campos Gerais, esse modelo tem a ver com o modelo de produção leiteira no início. É o início de tudo.





“Com raízes sólidas e visão de futuro, o cooperativismo paranaense combina eficiência econômica, inclusão social e sustentabilidade — pilares que projetam o Estado como referência no agro brasileiro.”

Anuagro: Além do leite, grãos como a soja, milho e trigo têm grande relevância econômica. Como o cooperativismo regional tem contribuído para equilibrar e diversificar a produção agropecuária?

Ricken: A região dos Campos Gerais tem suas especificidades, é um pouco diferente de outras regiões do Paraná, pois tem uma estrutura fundiária um pouco maior. Inicialmente, não tinha vocação para cereais, pelo grau de acidez do solo. Hoje é a região com melhor potencial e deve crescer ainda na produção. Tem um clima diferenciado de outras regiões, hoje é a região que tem em média menos problemas de ordem climáticas, com estações mais bem definidas, com nível de precipitação mais adequado. Hoje, o que tem em termos de produtividade está nos Campos Gerais. A tendência é agregar valor, agroindustrializar. O

trigo vai ter participação cada vez maior nessa região. Já o milho tem a melhor região para produção nos Campos Gerais. Tanto leite, quanto grãos, de forma geral, vão ter cada vez resultados mais significativos.

Anuagro: Cevada tem se mostrado uma cultura importante, o que ela vem representando para o agronegócio nos Campos Gerais?

Ricken: O projeto Maltaria Campos Gerais é um avanço muito grande, em termos tecnológicos e de modelo de cooperativa. Hoje, a Agrária detém 1/3 da produção de malte do país. A cada três cervejas que são consumidas, uma já é malte das cooperativas. A líder nisso tudo, que tem essa demanda, é a Agrária. Agora, em conjunto com as cooperativas dos Campos Gerais, é onde dá para pro-

duzir cevada. Foi uma estratégia importante para ampliar a produção, pois a Agrária precisaria de 150 mil hectares a mais e, obviamente, na região dela não teria essa disponibilidade. Portanto, a participação da Capal, Castrolanda, Frísia, Bom Jesus e Coopagrícola permitiu que isso se viabilizasse. O modelo de integração que foi adotado é o mais moderno que temos no Paraná, pois elas se filiaram horizontalmente entre elas e se dedicaram ao projeto. Isso gera agregação de valor. Malte não é só cerveja, são vários produtos. Além dos projetos que já existem, existem outros em expansão. O malte se consolida como exemplo.

Anuagro: O Paraná é referência em exportação de grãos e proteína animal. De que forma as cooperativas do Estado e Campos Gerais estão se preparando para atender as exigências de mercados internacionais cada vez mais competitivos?

Ricken: Mercado internacional hoje é um desafio grande, pois tem que ter sustentabilidade absoluta para oferecer para fora. Temos todas as condições para avançar. Hoje nós podemos segregar a produção, oferecer algo diferenciado. O fato de ser uma cooperativa permite saber de onde vem o produto, pois é possível ter uma rastreabilidade mais precisa e é isso que o mercado deseja. O Paraná deve ficar muito próximo dos US\$ 10 bilhões em exportações neste ano. A tendência é avançar e ganhar mercado, pois demanda tem. O complexo soja, por exemplo, representa 50% do que o Estado exporta, já as carnes representam 1/3 das vendas externas. Dá para avançar em outros produtos. A perspectiva é boa na exportação.

Anuagro: Logística é fundamental para a questão da competitividade do agro. Quais investimentos ou melhorias em infraestrutura a Ocepar considera prioritários para dar mais eficiência ao escoamento da produção na região dos Campos Gerais ou do Estado?

Ricken: Esse é o maior desafio que nós temos, é onde deixamos boa parte dos nossos resultados. Não dá para imaginar a longo prazo fazer transporte só rodoviário. Hoje 84% são por rodovias e com uma logística ainda precária. Esse é o drama que temos e é preciso avançar num modelo de concessão novo. Hoje quem ganha a concessão é quem garante o investimento. Vamos ter, com certeza, uma malha rodoviária bem duplicada em todo o Paraná. Com esse modelo novo, temos a expectativa que vai se garantir a curto prazo. Em médio e longo prazo temos que investir em ferrovias, temos que chegar em Paranaguá em condições adequadas. Já tem alguns investimentos que foram feitos. A região Norte já tem um caminho mais facilitado, a nossa dificuldade é a Ferroeste, que é a rodovia para o Oeste, que tem potencial grande, mas tem investimento grande a ser feito. Além disso, é preciso ampliar o acesso aos portos, de forma moderna e dinâmica. O porto de Pontal precisa virar realidade e integrar nossos portos com Santa Catarina. Os portos precisam ter condições de operar e investimentos precisam ser feitos. Se isso não for feito, não vamos crescer.

Anuagro: A permanência das novas gerações no campo é um desafio. Como as cooperativas estão atuando para atrair jovens e garantir a sucessão familiar nas propriedades da região?

Ricken: Isso já vem melhorando. O jovem está vendo no campo uma oportunidade melhor. Hoje temos jovens com potencial de liderança no campo e estão se dedicando a isso. Prova disso são os investimentos em qualificação. Nossa preocupação já foi maior. O Sistema Ocepar, através do nosso "S", o Sescop/PR, desenvolve sete programas para incentivar o jovem a participar do movimento cooperativista, envolvendo os filhos de cooperados e comunidades escolares. Tais programas começam a partir do ensino fundamental e seguem até a formação de jovens para as posições de liderança nas cooperativas. Mais de 38 mil jovens são impactados por essas iniciativas, que tem como foco a sustentabilidade do cooperativismo paranaense.

Outra nova iniciativa importante, o Programa de Sucessão na Propriedade Rural, desenvolvido especialmente para o ramo agropecuário, que tem apoiado os produtores rurais e suas famílias para realizar o planejamento sucessório. Seis cooperativas paranaenses já



estão desenvolvendo o programa com seus cooperados, com a participação de 180 famílias. Eles estão trabalhando diversos aspectos importantes para o planejamento sucessório, como: gestão e governança da propriedade, direito sucessório, planejamento financeiro e tributário, gestão de pessoas, comunicação intergeracional e outros, buscando realizar uma passagem de bastão mais segura, eficaz e menos traumática.

Podemos destacar também o recente registro na Ocepar, de 21 cooperativas escolas de colégios agrícolas do Paraná. Todas essas ações têm como objetivo principal incentivar o jovem a participar da vida da sua cooperativa, dar a oportunidade para que ele se desenvolva e se torne uma liderança, isso vale para todos os ramos do cooperativismo, não apenas do agro ou do crédito.

Anuagro: O cooperativismo é um modelo de negócio diferenciado. Quais as práticas de gestão e governança que têm garantido o crescimento sustentável das cooperativas no Paraná?

Ricken: A missão das cooperativas é organizar economicamente as pessoas para que elas tenham mais renda e, com isso, conquistem uma condição social e não precisem depender absolutamente de ninguém. Para isso, o fundamento é se organizar, ter um processo de capacitação, ter conselho e cooperados bem organizados, com os melhores profissionais do mercado. Com tudo isso, as cooperativas têm tudo para atender a sua missão.

Anuagro: Como as cooperativas do Paraná têm se preparado para competir num ambiente de mercado cada vez mais globalizado e tecnológico?

Ricken: As cooperativas paranaenses estão presentes em mais de 150 países. Já somos reconhecidos como fornecedores de alimentos confiáveis e que possibilitam que nossos parceiros garantam sua segurança alimentar. Acreditamos que, para ampliar a atuação global, três

pontos são importantes. O primeiro é a estreita colaboração com o poder público, para garantir a sanidade e possibilitar a abertura de novos mercados. Atuamos em conjunto com o Ministério da Agricultura, da Secretaria de Agricultura e da Adapar demonstrando que os produtos das cooperativas paranaenses são referência em qualidade e sanidade.

O segundo é trabalhar com a formação e capacitação para que mais cooperativas estejam preparadas para fazer vendas ao exterior. Por meio do SESCOOP/PR, realizamos eventos de formações, inclusive à nível de pós-graduação, preparando as equipes para que estejam aptas a atender novos mercados consumidores.

E a última, e não menos importante, é trabalhar a imagem do cooperativismo paranaense e se fazer presente em ações de promoção comercial. A participação em feiras, eventos e seminários internacionais possibilita que nosso modelo seja cada vez mais conhecido e alcance novos clientes. Mas para que tudo isso aconteça, também precisamos fortalecer cada vez mais a autogestão com o monitoramento das cooperativas. Realizamos isso desde 1991. São mais de

40 índices por cooperativa. Ter a informação é importante para que possamos orientá-las quando necessário.

Anuagro: Além da sustentabilidade ambiental, como as cooperativas do Paraná têm trabalhado as dimensões sociais de governança (ESG)?

Ricken: As cooperativas do Paraná enxergam a governança, sustentabilidade e a relação com a comunidade não só como um compromisso, mas também como parte da estratégia para garantir a continuidade dos negócios e manter a competitividade no mercado interno e externo. Isso aparece na forma como elas cuidam do uso dos recursos naturais, buscam reduzir impactos ambientais e contribuem ativamente no enfrentamento das mudanças climáticas.

“Das indústrias de lácteos à maltaria cooperada, o Paraná mostra como a união de produtores transforma o campo em potência agroindustrial e gera valor em cada elo da cadeia.”



Além de investir em tecnologias inovadoras, muitas cooperativas também trabalham para fortalecer uma cultura de responsabilidade socioambiental, tanto dentro das organizações quanto junto às comunidades. Há ainda programas de capacitação e certificação que ajudam a atender às legislações e responder à expectativa de consumidores cada vez mais atentos a essas questões. Questão ambiental já mencionamos anteriormente, se prevalecer a verdade não temos o que temer. Já a questão social, as pessoas precisam se organizar economicamente para crescer, sem depender do governo.

Em resumo, sustentabilidade para as cooperativas é também uma forma de preservar o futuro do cooperativismo e valorizar as regiões onde estão inseridas, o que reforça sua imagem e abre portas no cenário global.

Anuagro: O perfil do consumidor está mudando, buscando produtos diferenciados e com mais informação. Como

o cooperativismo pode aproveitar essa tendência para se posicionar com marcas fortes e reconhecidas?

Ricken: Temos que partir do princípio de que demanda existe, porque vamos chegar a 10 bilhões de habitantes no mundo. Tem muita gente que não consome nem o básico necessário, portanto existe potencial para isso. É necessário garantir essa alimentação saudável e em quantidade necessária. Produtos funcionais também são um nicho de mercado, bem como os orgânicos. Se tiver demanda é possível produzir isso. Tem espaço para todos. A cada dois anos realizamos uma pesquisa de opinião para saber a percepção da população paranaense sobre as marcas, produtos e serviços das cooperativas. No último levantamento realizado em 2023, o estudo mostrou que marcas de cooperativas do Paraná são cada vez mais bem aceitas pelos consumidores e não consumidores, que estão satisfeitos com a qualidade dos produtos e serviços oferecidos. Esta pesquisa tem servido de bússola para que nossas cooperativas possam avaliar as tendências de

mercado e assim estruturarem estratégias de atuação mais assertivas.

Anuagro: Como a Ocepar enxerga o papel das mulheres na liderança e no futuro do cooperativismo?

Ricken: Temos que incentivar cada vez mais que as mulheres participem da vida da cooperativa ativamente, inclusive em nível de comando, de gestão. No Brasil, as mulheres representam 41% dos mais de 20 milhões de cooperados, segundo o Anuário do Cooperativismo divulgado pelo Sistema OCB. No Paraná, elas respondem por cerca de 35% do quadro social e 43% do quadro funcional. Quando o assunto é a busca por qualificação, elas também se destacam por representar cerca de 55% das participações em atividades de desenvolvimento profissional executadas com apoio do SESCOOP/PR no Estado. A presença feminina em postos de liderança também está ganhando cada vez mais espaço nas 227 cooperativas paranaenses: atualmente, 28 mulheres, 6,6% do total, ocupam os cargos de presidente ou vice-presidente. Nos Conselhos de Administração elas são em 157, 13,1% do total e nos Conselhos Fiscais, há 168 conselheiras atuando, o que representa 16,9% do total de conselheiros fiscais.

Anuagro: Qual a grande meta da Ocepar nos próximos anos para o fortalecimento do cooperativismo paranaense?

Ricken: Em 2015 faturávamos R\$ 50 bilhões, fizemos um projeto para chegar a R\$ 100 bilhões em cinco anos. Na pandemia a produção não parou. Em 2023, alcançamos R\$ 200 bilhões e esperamos chegar em 2027 com R\$ 300 bilhões e, em 2030, a R\$ 500 bilhões. Acho que o foco é diversificar e focar em produtos de valor agregado. Vejo que o cooperativismo do Paraná vai continuar crescendo, se estruturando e absorvendo mercado. Tem demanda para cooperativas, prova disso é que muitas delas já estão no Tocantins.

Anuagro: Como presidente do Sistema Ocepar, como o senhor avalia o papel das cooperativas na consolidação do Paraná como um dos maiores produtores de leite do Brasil?

Ricken: As cooperativas foram e continuam sendo decisivas. Elas organizaram a cadeia, deram escala à produção familiar, viabilizaram logística de coleta e comercialização e trouxeram capacidade técnica ao produtor por meio de assistência técnica, extensão rural e serviços compartilhados (laboratórios, centros de inseminação, centros de resfriamento). Ao agregar produção e padronizar quali-



dade, as cooperativas transformaram muitos pequenos e médios produtores em fornecedores confiáveis para a indústria e o mercado interno, criando condições para que o Paraná se consolidasse entre os grandes produtores de leite do país.

Anuagro: Nos Campos Gerais, o leite é uma das principais atividades do agro. Qual a contribuição das cooperativas locais para esse destaque?

Ricken: Nas regiões como os Campos Gerais, as cooperativas atuam como articuladoras regionais: mantêm a cadeia de frio com caminhões e postos de resfriamento, operacionalizam programas de qualidade do leite, oferecem crédito cooperativo e treinamento técnico focado nas particularidades locais (solo, clima, pastagens). Além disso, favorecem a verticalização e a diversificação de renda — por exemplo, com projetos de integração lavoura-pecuária e serviços veterinários —, o que estabiliza a atividade leiteira na região e melhora a renda dos associados.

Anuagro: Quais são os maiores desafios que as cooperativas leiteiras e seus cooperados enfrentam hoje no Paraná?

Ricken: Os principais desafios são: volatilidade de preços e margens reduzidas frente ao custo de insumos (ração, energia, combustíveis); necessidade de modernização das fazendas e das estruturas de coleta para aumentar eficiência e reduzir perdas; concorrência por escala e diferenciação em mercados mais exigentes; escassez ou custo da mão de obra qualificada no campo; e pressões ambientais e de conformidade regulatória que exigem investimentos. Há também desafios de acesso a mercados externos que demandam certificações, garantia de sanidade e logística competitiva.

Anuagro: E quais oportunidades o cooperativismo do leite pode aproveitar para ampliar a competitividade e a rentabilidade dos produtores?

Ricken: As oportunidades são amplas: agregação de valor por meio de processamento cooperativo (queijos finos, ingredientes lácteos, UHT e produtos funcionais); certificações de qualidade e sustentabilidade que abrem mercados premium; integração vertical para capturar margens na indústria; uso de contratos de longo prazo e instrumentos financeiros para reduzir risco de preço; digitalização da gestão das fazendas (monitoramento de produção, nutrição de precisão); e exploração de nichos — orgânicos, A2, queijos artesanais com selo de origem — que pagam melhor. Investir em marcas regionais fortes também

é caminho para diferenciar o produto paranaense.

Anuagro: De que forma as cooperativas têm investido em tecnologia, inovação e qualidade para fortalecer toda a cadeia do leite?

Ricken: As cooperativas têm triplicado esforços em P&D aplicado: assistência técnica que leva tecnologias de nutrição e manejo reprodutivo ao produtor; programas de melhoria genética; investimentos em laboratórios de controle de qualidade, rastreabilidade e inocuidade; modernização da frota de coleta e dos tanques de resfriamento; parcerias com universidades e empresas para testar soluções (sensores, IoT, software de gestão). Muitas coopera-

“Inovação, governança e sucessão familiar estão no centro da estratégia das cooperativas, que formam novas lideranças e preparam o setor para desafios tecnológicos e de mercado.”

tivas também apoiam startups e programas de inovação aberta para acelerar adoção de tecnologias que reduzam custo por litro e aumentem a consistência do produto.

Anuagro: Sustentabilidade é um tema central no agro mundial. Como as cooperativas paranaenses vêm incorporando essa pauta no setor leiteiro?

Ricken: Sustentabilidade está integrada às estratégias: programas de gestão de resíduos e tratamento de efluentes nas propriedades e nas indústrias; incentivo à eficiência energética (biodigestores, painéis solares); práticas de manejo que aumentam a saúde do solo e sequestram carbono; políticas de bem-estar animal; redução de uso de antibióticos via manejo e prevenção; e capacitação

dos produtores para cumprir requisitos ambientais. Além disso, cooperativas buscam certificações e relatórios de sustentabilidade que comprovem impactos positivos, o que agrega valor comercial e facilita acesso a mercados exigentes.

Anuagro: O consumidor exige cada vez mais rastreabilidade e valor agregado. Como as cooperativas estão respondendo a essas demandas de mercado?

Ricken: As cooperativas têm implantado sistemas de rastreabilidade desde a fazenda até o produto final — registros de lotes, testes laboratoriais, digitais e, em alguns casos, soluções baseadas em blockchain para dar transparência ao consumidor. Paralelamente, promovem programas de qualificação do leite (selo de qualidade, conformidade sanitária) e investem em produtos com maior valor agregado (queijos especiais, leites processados, funcionais). A comunicação é outro ponto: campanhas educativas e marcas que contam a história do produtor ajudam a captar consumidores dispostos a pagar mais por segurança e origem.

Anuagro: Eventos como o Agroleite, em Castro, são considerados grandes vitrines do setor. Qual é a importância deles para o posicionamento do cooperativismo do Paraná?

Ricken: Eventos como o Agroleite são plataformas estratégicas: reúnem produtores, pesquisadores, indústria, compradores e tomadores de decisão, permitindo a divulgação de tecnologias, novas práticas e produtos. Servem também para firmar parcerias, atrair investimentos e posicionar o Paraná como referência em inovação e qualidade no setor lácteo. Para as cooperativas, esses eventos são oportunidade de mostrar resultados, formar redes de comercialização e influenciar políticas públicas favoráveis ao setor.

Anuagro: O Paraná se prepara para ocupar novos espaços no mercado nacional e internacional de lácteos. Qual é a visão da Ocepar sobre esse futuro?

Ricken: A visão da Ocepar é que o Paraná tem condições concretas de ampliar sua participação nos mercados interno e externo, desde que continue a investir em qualidade, sustentabilidade e agregação de valor. O caminho passa por fortalecer as marcas coletivas, consolidar a rastreabilidade e certificações exigidas por mercados externos, melhorar logística de exportação e buscar acordos comerciais estratégicos. Acreditamos no papel central das cooperativas como agregadoras

de pequenos produtores para atender demandas em escala, mantendo controle de qualidade e promovendo desenvolvimento regional. Em suma: há uma janela de crescimento — tanto em volume quanto em produtos de maior valor — e o cooperativismo paranaense está preparado para aproveitá-la com foco em inovação, governança e sustentabilidade.

Anuagro: Para encerrar, qual mensagem o senhor gostaria de deixar?

Ricken: Lembrar sobre o importante reconhecimento da Organização das Nações Unidas (ONU) que declarou este ano de 2025 como o Ano Internacional das Cooperativas, com o tema, “Cooperativas constroem um mundo melhor”. Uma oportunidade para que possamos mostrar para a sociedade sobre a importância do cooperativismo na vida delas. O modelo cooperativo é mais moderno do que o normal do mercado, porque o mercado se estrutura em cima da competição. Nossa lógica é diferente. Nós queremos ir mais longe e não dá para irmos sozinhos, porque tem gente que é maior. Nossa organização econômica é o que nos leva para frente, portanto temos que investir nisso. Vamos seguir crescendo, inovando e fazendo a diferença. Nossa torcida é para que em 2026 as pessoas se mobilizem ainda mais com um propósito positivo, criando oportunidades e fortalecendo o cooperativismo como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento e fazer as pessoas mais felizes.



O cooperativismo
nos conecta às nossas **origens**
e impulsiona para o **futuro**.

www.capal.coop.br



capal_cooperativa



Capal Cooperativa Agroindustrial



65^{anos}

‘Caminho

já recuperou mais de 200 km de estradas em Ponta Grossa

Melissa Eichelbaun

O programa Caminhos do Agro, desenvolvido pela Prefeitura de Ponta Grossa por meio da Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, avança em melhorias significativas para a malha viária rural do município. Com três frentes de trabalho atuando de forma simultânea, já foram recuperados mais de 200 quilômetros de estradas rurais desde o início do ano.

As ações contemplam os quatro distritos do município: Uvaia, Guaragi, Itaiacoca e Periquitos. Todos os distritos, inclusive, já tiveram trechos atendidos ao longo do programa. Os serviços incluem escarificação do leito da estrada, drenagem para escoamento das águas da chuva, nivelamento, cascalhamento e compactação, utilizando motoniveladoras, retroescavadeiras, rolos compactadores e caminhões caçamba.

De acordo com o secretário Izaltino Cordeiro dos Santos, o trabalho é ajustado conforme as demandas apresentadas pela população rural, considerando também as condições climáticas e o planejamento técnico da Prefeitura. “Mantemos um diálogo

Fotos: Henry Milléo/Divulgação Prefeitura Municipal de Ponta Grossa



os do Agro'



constante com quem mora e produz no campo. Nosso objetivo é garantir a qualidade das estradas, valorizando esta população que é importantíssima para a nossa cidade”, afirma.

A boa trafegabilidade nas estradas rurais é essencial para a mobilidade dos moradores, o transporte escolar e o acesso aos serviços de saúde. Além disso, ela é estratégica para o escoamento da produção agropecuária, o abastecimento de insumos e o fortalecimento da economia local, impactando diretamente a rotina e o desenvolvimento das comunidades rurais.

Um dos locais atendidos durante o mês de julho foi a região do Sete Saltos de Baixo, onde mora a família da Marli Ferreira. “Essa manutenção é fundamental para o nosso dia-a-dia, para nós é muito importante saber que contamos com esse apoio da Prefeitura aqui nos distritos. Já falei para as crianças, agora não tem desculpa para não ir para aula”, brinca a moradora.



No ritmo do centenário, 'Corrida e Caminhada Frísia' movimentam os Campos Gerais

Fotos: Fotto 7



Atividade em comemoração ao aniversário dos 100 anos da cooperativa teve como cenário o Parque Histórico de Carambeí

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto

No dia 24 de agosto, em Carambeí, nos Campos Gerais, mais de 800 pessoas se reuniram no Parque Histórico da cidade para celebrar o centenário da Frísia na 'Corrida e Caminhada Frísia 100 Anos'. O evento marcou não apenas uma data histórica, mas também o encontro entre esporte, comunidade e tradição.

Foram semanas de organização, expectativa e inscrições abertas tanto para cooperados e colaboradores quanto para a comunidade em geral. A atividade foi planejada sob coordenação técnica da GL Promo, responsável por todos os detalhes, desde a entrega dos kits até a cronometragem oficial. O kit oferecido aos atletas trazia cami-

seta, chip, número de peito, hidratação antes e depois da prova, além da medalha de participação.

No dia da prova, a programação começou cedo, às 5h30, com a entrega de kits para os corredores de fora da cidade. Às 6h30, o aquecimento coletivo já transformava o gramado em uma arena de movimento, preparando os atletas para a largada. Às 7h, foi dado o sinal para os percursos de 5 km e 10 km, seguidos da caminhada de 5 km. Mais tarde, às 10h, a corrida kids encerrou a manhã esportiva com a animação das famílias. Os prêmios em dinheiro, até R\$ 1 mil para os vencedores, foram oferecidos pelo Sicredi.



O presidente da cooperativa, Geraldo Slob, destacou o simbolismo da ação. "Ficamos muito felizes em ver todos os participantes. A Corrida e Caminhada Frísia é uma de muitas ações que pensamos para comemorar o centenário da cooperativa. Ela marca a abertura da Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho, mas também reflete o envolvimento da comunidade e o quanto valorizamos saúde e qualidade de vida."

O evento foi concebido para ir além do esporte, conectando história e contemporaneidade. Ao reunir corredores de 52 municípios de sete estados brasileiros, a atividade mostrou como a Frísia, fundada em 1925 por imigrantes holandeses, mantém laços que extrapolam fronteiras regionais. "A Corrida e Caminhada Frísia mostrou que o centenário da cooperativa vem sendo celebrado com movimento, energia e envolvimento comunitário", observa Slob.



Entre tradição e futuro

A 'Corrida e Caminhada Frisia 100 Anos' integrou uma programação extensa de celebrações que percorrem 2025, ano em que a cooperativa completa um século de existência. Mais do que reverenciar a história, a corrida deu visibilidade à força atual da Frisia, hoje uma das cooperativas mais tradicionais do Brasil, que reúne milhares de cooperados e colaboradores.

O Parque Histórico de Carambeí, escolhido como cenário, é um ícone da imigração holandesa no Brasil e abriga memórias da chegada dos primeiros colonos, que transformaram a paisagem agrícola da região.





Pódios

Na prova de 10 km, a disputa foi intensa. Entre as mulheres, Dayan Santos, de Pato Branco (PR), cruzou a linha de chegada em 40'50'', conquistando o primeiro lugar. Em seguida vieram Franciele Silva (43'25''), de Curitiba, e Mônica Mello (44'11''), de Jaguariáiva. No masculino, o ponta-grossense Alexandre Stocco levou a melhor com o tempo de 34'20'', seguido de Antônio Carneiro (34'48''), de Araucária, e Roberto Oliveira (34'59''), também de Ponta Grossa.

Nos 5 km, a vencedora feminina foi Priscila Joly, de Curitiba, que completou o percurso em 20'24'', à frente de Luana Kichilevich (20'34''), de Balsa Nova, e Laura Kastelijn (20'39''), de Carambeí. Entre os homens, o curitibano Gustavo Leal venceu com 15'55'', seguido por Victor Langa (16'08''), de Ponta Grossa, e Dieimesson Almeida (16'24''), de Jaguariáiva.

Além da competitividade, a corrida kids reuniu dezenas de crianças entre 4 e 12 anos, arrancando aplausos do público. A alegria dos pequenos simbolizou a passagem de bastão para as novas gerações.

Plantio de

ganha espaço em Ipiranga com projeto inovador

Melissa Eichelbaun

Desde 2022, a Prefeitura Municipal de Ipiranga, por meio da Secretaria Municipal de Agropecuária, está conduzindo o Projeto do Maracujá, uma iniciativa que tem transformado a realidade agrícola do município. O programa busca diversificar a produção rural, oferecendo aos agricultores novas alternativas de renda e reduzindo a dependência de cultu-



Fotos: Bruna Corosque/Prefeitura Municipal de Ipiranga



ras tradicionais. A Prefeitura acompanha de perto todas as fases do cultivo, prestando assistência técnica desde a implantação das mudas, passando pelo desenvolvimento das plantas, até o momento da colheita. Em parceria com o IDR-Paraná são promovidas palestras e capacitações técnicas voltadas ao manejo adequado da cultura.

e maracujá

Diferencial do projeto

Um dos diferenciais do projeto é a Unidade Demonstrativa, que abriga uma área de pesquisa destinada a avaliar diferentes espaçamentos entre plantas. O objetivo é identificar as práticas mais eficientes para otimizar o desenvolvimento das lavouras e elevar a produtividade.

O apoio também chega à logística: o município de Ipiranga garante o transporte tanto das mudas quanto da produção colhida, que é destinada a uma agroindústria responsável pelo processamento do fruto em polpa. Na safra de 2025, entre fevereiro e julho, 12 produtores rurais entregaram 54 toneladas de maracujá, consolidando o cultivo como uma alternativa rentável e eficiente para a agricultura local.

Com resultados expressivos, o Projeto do Maracujá é destaque na cidade de Ipiranga como um exemplo de desenvolvimento econômico e fortalecimento da agricultura familiar.



Tilápia

Programa de apoio à piscicultura em Castro é referência de sustentabilidade econômica em pequenas propriedades

Prefeitura ajuda com construção de tanques, doação de juvenis, ração e equipamentos para que Associação com 18 piscicultores produzam 50 toneladas de peixes por ano



Com Assessorias

Depois de 14 anos trabalhando no cultivo de morangos, as estufas deixaram de ser a principal atividade econômica da agricultora Gleice Karina Sugahara, na região do Abapan, em Castro, desde que um projeto da Prefeitura levou outra opção de renda para a família dela. Cerca de 16 mil tilápias agora ocupam quatro tanques, com retorno financeiro garantido, já que o filé é vendido diretamente para a merenda escolar da rede municipal de Educação. O volume de produção pode chegar a cinco toneladas de filé ao ano na propriedade, que já tem até uma unidade de beneficiamento construída. “Hoje é uma segunda fonte de renda, mas pretendendo dei-

“Hoje o Paraná é o Estado que mais produz e vende tilápia no Brasil. Nós estamos precisando de peixe. É a capital nacional do leite se transformando também em uma referência na piscicultura”
Gleice Karina Sugahara, presidente da Associação de Piscicultores de Castro

xar o morango. O peixe está dando certo. A gente está em busca de mais conhecimento, mais pessoas que queiram adentrar e conhecer o pro-

grama, porque hoje o Paraná é o Estado que mais produz e vende tilápia no Brasil. Nós estamos precisando de peixe”, diz a piscicultora, acrescentando que o apoio da Prefeitura significa 100% da fonte de renda com tilápias na propriedade. “É todo o retorno e a segurança que eu tenho. A garantia do salário nas minhas mãos, através da merenda escolar”.

Conforme o secretário municipal de Agricultura, Reinaldo Cardoso Filho, o programa oferece auxílio desde a escavação do primeiro tanque até a destinação da produção. “A



Fotos: Divulgação/Daniel Calvo

Prefeitura fornece o primeiro lote de peixes juvenis, que são as tilápias para colocar nos tanques, a primeira remessa de ração, um aerador por propriedade, em comodato, e faz a compra dos filés para a merenda escolar. Os produtores também podem comercializar os filés no Mercado do Produtor. Cada criador de tilápia tem até dois anos para recompensar esse auxílio fornecendo peixes para a merenda, sem cobrança de juros”, detalha.

O programa é feito em parceria com a Associação de Piscicultores de Castro, com 18 produtores, que também recebem qualificação de graça. Juntos, eles produzem até 50 toneladas de tilápias ao ano.

Referência

O programa de apoio à piscicultura da Secretaria Municipal de Agricultura já até virou referência nacional. Gleice e outros integrantes da Associação de Piscicultores participaram do II Fórum Regional de Piscicultura em Buritizeiro, Minas Gerais, no início do ano, como convidados para palestrar e contar como funciona a parceria com a Prefeitura de Castro.

“Essa troca de experiência foi de extrema importância para eles e também para nós, é valioso demais ter esse contato com outros piscicultores e podermos compartilhar conhecimento”, explica Gleice. “Eles tinham outra visão do Paraná, imaginavam que todos daqui são grandes latifundiários, sendo que a agricultura familiar é extremamente forte no nosso município. É a capital nacional do leite se transformando também em uma referência na piscicultura”.

No mês de setembro, os piscicultores também participaram de uma visita técnica na Região Metropolitana de Curitiba para conhecer modelos de produção, tecnologias e boas práticas que podem fortalecer a piscicultura no município. A iniciativa foi realizada em parceria entre Sebrae/PR, Associação de Piscicultores de Castro e Prefeitura, dentro do projeto Diálogos para o Desenvolvimento do Agronegócio. A troca de experiências traz novas ideias para aumentar a produtividade, ampliar mercados e impulsionar a economia local.





Frisia

100

a n o s

Há um século, unimos forças para transformar vidas, fortalecer o campo e construir uma história de excelência, sustentabilidade e inovação. Celebramos 100 anos de conquistas, intercooperação e dedicação dos nossos cooperados, colaboradores e parceiros.





Fotos: Henry Milléo/Divulgação Prefeitura Municipal de Ponta Grossa

Horta Comunitária leva saúde e alimentação saudável para o Costa Rica

Melissa Eichelbaun

Com o apoio técnico da Prefeitura de Ponta Grossa, por meio da Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a comunidade do Residencial Costa Rica ganhou um espaço para cultivar e consumir alimentos naturais, além de garantir uma fonte extra de renda. É a Horta Comunitária,

programa do Município que já conta com 30 famílias conveniadas e está em fase de ampliação para outras regiões da cidade.

No caso do Costa Rica, tudo começou a partir de um convênio com a Copel, que cedeu uma área

na região para a implementação do programa. “Desde o início do projeto, nossas equipes atuaram na orientação técnica, fornecimento de mudas e no apoio com máquinas e implementos para o preparo do solo. Tivemos uma receptividade muito grande dos moradores, que abraçaram a iniciativa e consolidaram a horta como uma importante alternativa para a alimentação das famílias que vivem na região”, explica o secretário Izaltino Cordeiro dos Santos.

Além de promover segurança alimentar, o cultivo de frutas e verduras também contribui para a saúde física e mental dos moradores. “Quando comecei aqui na horta, ainda usava muletas. Cheguei a ficar dois anos em cadeira de

rodas. O cultivo diário, essa convivência e o cuidado com as plantas foram fundamentais para minha recuperação. Sarei, renasci de novo e hoje estou firme por aqui”, conta o produtor Manoel Moraes. “A horta é uma terapia para a gente. Esquecemos dos problemas e, ao mesmo tempo, sentimos orgulho de cuidar de algo com tanto carinho”, resume Josefa Batista.

O foco da produção é o consumo das próprias famílias, com a possibilidade de comercialização do excedente como alternativa de renda extra. Com a grande variedade de frutas e verduras cultivadas, o resultado é uma alimentação mais natural e saudável — não só para os produtores, mas para toda a comunidade do Costa Rica.



Ampliação

Além do residencial localizado no bairro Neves, mais hortas comunitárias da Prefeitura estão em fase de implantação ou início das atividades. É o caso da Chácara Vó Tereza, onde uma área do Município foi preparada e os moradores já iniciaram o cultivo para auxiliar no preparo de alimentos utilizados em ações sociais. Também nas vilas São Marcos e Santa Mônica, a Prefeitura já realizou o preparo das áreas, e a Sanepar instalou o sistema de abastecimento de água.





Fotos: Divulgação/Prefeitura Municipal de Ortigueira

Ortigueira fortalece programas que unem agricultura familiar, sustentabilidade e inclusão social

Melissa Eichelbaun





A Prefeitura de Ortigueira tem ampliado as ações voltadas à segurança alimentar e ao fortalecimento da agricultura familiar por meio de dois importantes programas, coordenados pela servidora Alice Padilha: o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), de âmbito federal, e o Programa Municipal Troca Saudável. Ambas as iniciativas unem inclusão social, sustentabilidade e valorização do trabalho dos produtores locais.

O PAA adquire diretamente de pequenos agricultores produtos como frutas, verduras, feijão e outros alimentos essenciais. Os itens são destinados a famílias em situação de vulnerabilidade social, garantindo acesso a refeições mais saudáveis e nutritivas, em uma ação que também impulsiona a economia rural.

“Nosso compromisso é garantir que as famílias tenham acesso a alimentos frescos e de qualidade, ao mesmo tempo em que fortalecemos a economia rural e a produção agrícola de Ortigueira”, destacou o secretário

de Agricultura, Alexandre Moraes.

A distribuição é coordenada pela Secretaria de Ação Social, responsável por organizar a entrega aos beneficiários dos programas sociais do município. Para a secretária de Ação Social, Munique Thiara Alves Mattos, a iniciativa tem impacto direto na qualidade de vida da população. “Essa ação é fundamental para garantir segurança alimentar e melhorar a qualidade de vida da nossa população”, afirmou.

A prefeitura ainda teve outra conquista nesse setor: a formação do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA). Com isso, os programas de segurança alimentar e nutricional do município foram beneficiados com cerca de R\$ 250 mil. O recurso será utilizado para aquisição de equipamentos e veículo, que irão auxiliar nos trabalhos e transporte dos alimentos, fruto da parceria firmada entre a Prefeitura de Ortigueira e a SEAB, via Departamento de Segurança Alimentar e Nutricional (DESAN) do Estado do Paraná.

Troca Saudável

Além do PAA, a prefeitura retomou as atividades do Programa Troca Saudável, desenvolvido pelas Secretarias de Agricultura e Meio Ambiente. O projeto permite que moradores troquem materiais recicláveis por alimentos saudáveis, incentivando práticas sustentáveis e o acesso à alimentação de qualidade. Os pontos de coleta já estão em funcionamento na Vila Gomes e Vila Godoy.

A cidade de Ortigueira reforça o trabalho com políticas públicas voltadas à agricultura familiar, ao meio ambiente e à inclusão social para transformar desafios em oportunidades para a população, fortalecendo vínculos comunitários, estimulando a produção local e promovendo uma cidade mais sustentável.



A força das irmãs Wacherski: guiadas pelo sonho do pai, cinco mulheres constroem um legado de excelência na produção de leite

No município de Castro, cinco irmãs transformaram a trajetória de uma família numerosa em um exemplo de coragem, gestão e amor pelo agropecuário. Margareth Wacherski conta como a chácara da família se consolidou como referência em qualidade na produção de leite, tornando-se um verdadeiro retrato do protagonismo feminino no campo

Melissa Eichelbaun

Fotos: Christian Christofo/ANUAGRO



Entre as ordenhas ao amanhecer, os processos de silagem e o som constante das máquinas de tirar leite, pulsa uma história de fé e determinação. A produtora Margareth Aparecida Wacherski, 51 anos, fala com brilho nos olhos sobre o caminho que percorreu ao lado das irmãs Sônia, Janine, Niceia e Marilene, herdeiras de um legado iniciado há quase seis décadas pelo pai, Antônio Wacherski, e pela mãe, cuja força sustentou a família em tempos de grande dificuldade.

“Meu pai nasceu e se criou aqui perto, em outra propriedade que hoje é dos meus primos. Trabalhou em fazendas de gado de corte por mais de 20 anos, até conseguir comprar, em 1967, o pequeno sítio que se tornaria a nossa casa. Eu já nasci aqui, nesse chão. É a nossa história”, conta Margareth.



Do chão batido à ordenha canalizada

A história da família Wacherski é marcada por trabalho árduo e persistência. Quando chegaram à chácara, o que havia era uma simples casinha de madeira, sem telhado nem água encanada. A mãe de Margareth, grávida da sexta filha, caminhava cerca de 500 metros para buscar água em um tanque.

O pai, visionário e incansável, iniciou o cultivo de milho, feijão, arroz e batata, vendendo o que produzia na cidade. Seu sonho, porém, era entrar para a Cooperativa Castrolanda, fundada pelos imigrantes holandeses. “Ele admirava muito o jeito dos cooperados trabalharem. Queria poder tirar leite e vender para a cooperativa”, lembra Margareth.

Após muitas tentativas e perdas dolorosas — como vacas que morreram por doenças e até atingidas por raios — Antônio conseguiu, em 1973, iniciar a entrega de leite à Castrolanda. Mesmo com as dificuldades do começo, a cooperativa acreditou na palavra do pequeno produtor e abriu-lhe as portas.

Daquele momento em diante, a família cresceu junto com o rebanho. Em 1976, o primeiro estábulo de 20 vacas foi construído. Em 1981, veio a primeira ordenhadeira. E tudo sem nenhum financiamento. “Meu pai detestava dever aos outros. Tudo foi conquistado com sacrifício e fé”, recorda Margareth.



O legado que uniu as cinco irmãs

Hoje, a Chácara Wacherski tem cerca de 30 alqueires, divididos entre duas propriedades — 20 na sede principal e 10 destinados à plantação de milho e outras culturas. Após o falecimento do pai, as cinco irmãs assumiram juntas o comando da produção.

“Em 2014, começamos a trabalhar só nós cinco como sócias. Eu cuido da administração, das compras e vendas, e também da ordenha. A Niceia e a Janine me ajudam com os bezerros e o leite. A Sônia e a Marilene ficavam mais na lida com os animais. Somos muito unidas e sempre decidimos tudo em conjunto”, explica Margareth.

A união das irmãs, no entanto, foi testada em momentos difíceis. Marilene precisou colocar uma prótese no joelho e hoje não atua mais no trabalho diário, mas ainda ajuda como pode. Janine e Niceia enfrentaram, com coragem, o tratamento contra o câncer. “Foram fases duras, mas nunca deixamos de acreditar. A fé e a força da família sempre nos sustentaram. Hoje estamos todas bem, graças a Deus.”

Uma tragédia e a reconstrução

Em 2022, um episódio marcante quase colocou a história da chácara em xeque. Por conta de uma suspeita de intoxicação alimentar, 77 animais morreram em poucos dias. “Foi um período de desespero, em que não sabíamos o que fazer. Mas lembramos do nosso pai, que nunca desistiu dos seus sonhos”, relata Margareth, com emoção.

A tragédia mobilizou toda a comunidade e revelou o espírito cooperativista que caracteriza os Campos Gerais. A família recebeu doações de mais de 60 vacas, além de remédios, apoio técnico e emocional. “Esse senso de coletividade e empatia foi fundamental. Essa essência do cooperativismo salvou a nossa produção”, afirma.

Hoje, a propriedade conta com 132 vacas e uma média de 4,5 mil litros de leite por dia, mantendo o padrão de qualidade que rendeu às irmãs certificados e prêmios em programas de qualidade do leite.

Tecnologia e tradição

A evolução tecnológica também marcou a trajetória da chácara. “Passamos por todos os estágios: tirávamos leite à mão, depois com balde ao pé, depois canalizado, e agora temos uma sala de ordenha moderna. A tecnologia chegou para facilitar e dar sustentabilidade”, explica Margareth.

Apesar das inovações, o valor humano permanece central. “Nosso pai nos ensinou que o importante é trabalhar com honestidade e fé. Tudo o que conquistamos é fruto da nossa união e do amor pelo que fazemos.”

Cooperativismo e pertencimento

Mais do que um modelo de produção, o cooperativismo é, para Margareth, parte da identidade da família. “Meu pai dizia que só comprava da cooperativa, e nós crescemos com esse exemplo. A Castrolanda é mais que uma parceira — é uma família que caminha junto com a gente. Ter o apoio técnico, o agrônomo, o veterinário, tudo isso faz a diferença.”

A relação com a cooperativa também reforçou o espírito solidário que define a região. “Aqui, um ajuda o outro. E quando passamos pela perda do rebanho, vimos o quanto essa união é verdadeira. O cooperativismo não é só negócio — é amizade, é humanidade.”





Protagonismo feminino

Desde crianças, as irmãs Wachterski viveram o dia a dia da lida. Margareth, por exemplo, aprendeu a dirigir trator aos 14 anos. “Por muito tempo, éramos só nós cinco mulheres tocando tudo: ordenha, limpeza, manejo. Foram 15 anos assim, sem funcionário nenhum.”

Ela lembra que, até o início dos anos 2000, o papel da mulher no campo era visto com desconfiança. “Havia muito preconceito. Mas as coisas mudaram. Hoje,

as mulheres estão em todos os espaços do agro, com competência e coragem. Eu tenho muito orgulho de ser agropecuarista.”

O exemplo das irmãs mostra que o protagonismo feminino no campo vai além da gestão — é também sobre afeto, parceria e resiliência. “Nós fazemos o que amamos. E não há tarefa que uma mulher não possa fazer se ela acreditar em si mesma”, afirma Margareth.

Um recado de fé e esperança

Entre tantas conquistas e desafios, Margareth carrega o mesmo lema do pai: “Nunca desistir.” “Às mulheres do campo, eu digo: tenham coragem e fé. Nós podemos fazer de tudo, basta acreditar e dar o primeiro passo. Nosso trabalho tem valor, nossa voz tem força, e nossa história merece ser contada.”

Na Chácara Wachterski, cada litro de leite carrega muito mais que produtividade: carrega o suor, a fé e o amor de cinco irmãs que transformaram adversidades em inspiração — um exemplo de que, no agro, o protagonismo feminino não é exceção: é o futuro.



Avicultura em Piraí do Sul: setor cresce com tecnologia e dedicação dos produtores

Melissa Eichelbaun

A criação de frangos é uma das atividades agropecuárias mais relevantes em Piraí do Sul, se tornando um dos pilares da economia local. A produção avícola do município se destaca pela alta produtividade e qualidade, sendo fonte de renda para pequenos e médios produtores e colaborando diretamente para o abastecimento do mercado regional.

Em 2024, a produção de frango no Paraná atingiu novos recordes, consolidando o estado como o maior produtor e exportador do Brasil. Foram abatidas 2,2 bilhões de aves, o que correspondeu

a 34,2% da produção nacional. O estado registrou o maior crescimento absoluto no setor, produzindo 53,3 milhões de frangos a mais que em 2023. A participação local nesse cenário vem crescendo ano após ano, impulsionada pela demanda por proteína animal e pelo investimento dos produtores em eficiência e sustentabilidade.

O setor é marcado pela adoção de tecnologias avançadas, como sistemas de ventilação controlada, manejo moderno, alimentação balanceada e monitoramento climático. Esses recursos

Fotos: Christian Christofofo/ANUAGRO



permitem maior produtividade com menor impacto ambiental. Além disso, a presença de cooperativas e associações facilita o acesso a insumos e assistência técnica, fortalecendo a competitividade dos avicultores.

Em termos econômicos, a importância da avicultura é evidente: em 2023, o Paraná ultrapassou R\$ 31 bilhões em Valor Bruto de Produção (VBP) apenas no setor, e Piraí do Sul contribuiu de forma significativa para esse resultado. O desempenho reforça a posição estratégica do município dentro da cadeia produtiva.



Exemplo de inovação e investimento no campo

Um dos produtores que simbolizam o avanço da avicultura em Piraí do Sul é Maickel Ferreira, que iniciou a atividade em 2001. No começo, a mão de obra era exclusivamente familiar, mas, com o crescimento da produção, ele passou a contar com colaboradores para atender à demanda. Atualmente, Maickel atua no sistema de integração com a BRF, sediada em Carambeí, seguindo todas as orientações técnicas fornecidas pela empresa, sempre priorizando o bem-estar animal.

O produtor administra seis aviários no sistema Dark House, com 14.400 m² de área construída, todos climatizados e equipados com tecnologia de ponta. O controle de temperatura, por exemplo, segue uma curva programada que ajusta automaticamente as condições ideais para cada fase de crescimento das aves — desde o alojamento de pintinhos de um dia, a 32,5°C, até a redução gradual para 19,5°C ao final do lote.

Para garantir eficiência e segurança, a estrutura conta ainda com 12 aquecedores a pellet, combustível derivado da madeira que reduz a necessidade de mão de obra, e dois geradores de grande porte, capazes de manter 100% da operação em funcionamento mesmo em casos de queda de energia elétrica. Com essa estrutura, a capacidade atual

dos aviários chega a 300 mil aves. Maickel revela que tem um novo projeto em andamento para ampliar em mais 100 mil aves, representando um investimento de R\$ 4 milhões em novas instalações.

A história de Maickel com a avicultura remonta a 2001, quando começou com um pequeno aviário para apenas 5 mil aves. Com o tempo, ampliou sua estrutura até 18 mil aves no sistema convencional. A virada veio em 2013, com a implantação do sistema Dark House, em parceria com a integradora, o que permitiu elevar a capacidade inicial para 200 mil aves. Em 2015, expandiu novamente, chegando a 300 mil. Agora, o novo projeto marca mais um passo na trajetória de crescimento.

“Vejo este como o melhor momento para investir no agronegócio em Piraí do Sul. Temos apoio do município em questões burocráticas e uma boa infraestrutura de estradas rurais, o que facilita o escoamento da produção, seja de cereais ou de proteínas. Hoje posso dizer que a gente tem uma ótima condição de estradas rurais para retirada da produção da propriedade”, afirma. Maickel também destaca a sociedade com o cunhado, Luiz Fernando de Sene, com quem antes trabalhava na agricultura e hoje compartilha os negócios da avicultura.

Infraestrutura, capacitação e apoio técnico fortalecem o setor agrícola em Jaguariaíva

Melissa Eichelbaun

A Prefeitura de Jaguariaíva, por meio da Secretaria Municipal de Agropecuária (SEAGRO), vem desenvolvendo e intensificando uma série de ações voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar, à melhoria da infraestrutura rural e ao incentivo à produção agrícola, reafirmando o compromisso da administração municipal com o desenvolvimento sustentável do campo.

Destaque é o Programa “Porteira Adentro”, regulamentado pela Lei Municipal nº 3059/2025. A iniciativa assegura até 10 horas anuais de serviços com máquinas e implementos agrícolas sem custo para os produtores – de pequeno, médio e grande porte. Os trabalhos incluem desde aração, preparo do solo, saneamento e frete de calcário, até terraplanagem para granjas, escavações para tanques de peixes, esterqueiras, açudes, silos e caixas secas, além de melhorias em moradias, estradas de acesso e estruturas de produção.

O programa organiza os atendimentos por bairros, otimizando o deslocamento das máquinas e reduzindo custos operacionais. Após o limite de horas gratuitas ser atingido, o produtor pode continuar solicitando os serviços mediante o pagamento das horas excedentes.



Fotos: Divulgação/Prefeitura Municipal de Jaguariaíva



De acordo com o prefeito José Sloboda, a iniciativa é uma demonstração clara da valorização do trabalho agrícola. “É uma política pública que respeita o produtor, promove o desenvolvimento rural e garante condições reais para que homens e mulheres do campo possam produzir mais e permanecer no campo com dignidade”. Para qualificar ainda mais a produção, o município disponibiliza técnicos e engenheiros agrônomos, orientando pequenos e médios agricultores sobre boas práticas e manejo adequado.



Mais ações

No âmbito da sanidade animal, a SEAGRO apoia os produtores com vacinação gratuita contra a brucelose, disponibilizando técnico e médico veterinário credenciado para a aplicação da dose, atendendo propriedades em diferentes comunidades rurais.

No setor de infraestrutura rural, a Prefeitura, por meio da SEAGRO e da Secretaria Municipal de Infraestrutura e Logística (SEMIL), mantém forte atuação na manutenção e conservação de pontes e estradas rurais. Desde o início de 2025, já foram realizadas reconstruções, reformas e substituições de pontes por manilhamento ou canalização, beneficiando comunidades como Boa Esperança, Barrinha, Cachoeira, Pedrinha, Lanças, Pesqueiro, Campina do Elias, Gentil, entre outras. Essas ações garantem mais segurança e melhores condições de tráfego

para moradores, produtores rurais, estudantes e visitantes, além de facilitar o transporte escolar e o escoamento da produção agrícola.

Complementando esse conjunto de políticas públicas, a Secretaria de Desenvolvimento Social, Mulher e Família, em parceria com o SENAR e o Sindicato Rural, tem promovido cursos de qualificação profissional para a população do campo, ampliando as oportunidades de capacitação e geração de renda.

Com todas essas iniciativas, a administração municipal de Jaguariúva reafirma seu compromisso com o fortalecimento da agricultura, o apoio ao pequeno produtor, a modernização da infraestrutura rural e a valorização do homem e da mulher do campo, pilares fundamentais para o crescimento econômico e social do município.

Selo Arte valoriza tradição e impulsiona pequenos produtores nos Campos Gerais

Certificação garante autenticidade e abre caminhos para as agroindústrias levarem os sabores dos Campos Gerais para o Brasil



Fotos: Divulgação

Agroindústria Mel Doce Mel alcançou 14 Selos Arte

Com Assessorias

A produção artesanal de alimentos de origem animal ganhou mais visibilidade e competitividade na região dos Campos Gerais com a expansão do Selo Arte, certificação concedida pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa). O selo garante que os produtos foram elaborados de forma artesanal, respeitando normas sanitárias e métodos tradicionais de fabricação, e

autoriza a comercialização em todo o território nacional.

A região, conforme a consultora do Sebrae/PR, Mariana Santana Scheibel, se consolidou como referência no Paraná em número de agroindústrias habilitadas. Junto com importantes parcerias como prefeituras, Associação dos Municípios

dos Campos Gerais (AMCG), Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab), Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR) e Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), o Sebrae/PR tem atuado pelo fortalecimento das agroindústrias familiares nos Campos Gerais.

Ortigueira é o município com mais certificações do estado, somando 33 produtos. Entre eles, estão os méis da tradicional Mel Kutz, primeira empresa a conquistar a certificação na região, que possui 18 produtos reconhecidos. A agroindústria Mel Doce Mel também se destacou ao alcançar 14 Selos Arte, consolidando o município como potência na apicultura. Além disso, o Empório Lê Kitutes Queijos Artesanais conquistou o selo para seu tradicional requeijão em barra.

A receita de requeijão artesanal, originária da Serra da Canastra, em Minas Gerais, foi transmitida de geração em geração até chegar à produtora e empresária Eleni Aleixo Bernini, herdada por meio de seu esposo, Everson Bernini. A bisavó de Everson, nascida na cidade de Piumhi, foi quem ensinou a receita a outros membros da família, perpetuando a tradição até Eleni. Desde então, o modo de produção artesanal tem sido preservado, mantendo o sabor autêntico e o carinho familiar, características que contribuíram para a conquista do Selo Arte.

Reconhecimento e desenvolvimento regional

Além da valorização cultural, o Selo Arte abre portas para novos mercados, amplia a competitividade e garante renda para as famílias envolvidas. A chefe da Regional de Ponta Grossa do IDR-Paraná, Flávia Leão Almeida Silva, destaca que o Instituto tem papel essencial no caminho dos produtores rumo ao Selo Arte. O trabalho, segundo ela, é estar ao lado das famílias, oferecendo orientação técnica, capacitações e apoio na organização da produção. Além disso, aproxima os agricultores das instituições responsáveis, facilitando o acesso às informações e aos processos necessários.

“Mais do que cumprir requisitos, buscamos fortalecer a confiança dos produtores e valorizar a identidade do alimento artesanal, para que cada conquista seja compartilhada e celebrada junto com eles. O Selo Arte representa o reconhecimento do talento e da dedicação de quem transforma tradição em alimento de qualidade”, frisa.

A consultora Mariana diz que o papel transformador da certificação Selo Arte é uma ferramenta que conecta tradição, qualidade e mercado, pois permite que pequenos negócios rurais ampliem seu alcance, fortalecendo a agricultura familiar e gerando desenvolvimento local.

“Com produtos como o mel, queijos e requeijão em barra certificados, a região dos Campos Gerais se firma como um território de excelência na produção artesanal, valorizando a história e a identidade cultural da região”, enfatiza a consultora.



“Atuamos no ramo de derivados de leite há 10 anos e estamos com a loja física na Rodovia do Café, há três anos. Esperamos que nosso produto seja conhecido nos municípios do entorno e nacionalmente. Todo o apoio do Sebrae/PR e da Prefeitura de Ortigueira foi importante para que possamos melhorar cada vez mais e conquistar novos consumidores”, destaca o empresário Everson Bernini.

Outro destaque é a Queijaria Vila Velha, em Ponta Grossa, que recebeu a certificação para três produtos: o Gouda, o Nozinho e o Purungo. Sob o comando de Liliane Zaziski Aardoon, a agroindústria vem acumulando prêmios e conquistando consumidores pela qualidade.

“Comecei fazendo queijos para amigos e familiares. Hoje, ver nossos produtos com reconhecimento oficial e alcance nacional é motivo de muito orgulho e motivação para continuar crescendo”, celebra.

Já em Arapoti, a Queijaria Cornelia também obteve o Selo Arte e pode comercializar seis de seus queijos em todo o Brasil. A história da empresa está ligada às tradições trazidas da Holanda por Cornelia, sogra da atual produtora, Gezina Willemina Krikke Verburg.

“Receber o Selo Arte é a concretização de um sonho. É um reconhecimento da nossa dedicação e da história que carregamos em cada receita”, afirma.



Apoio

Segundo dados da Receita Federal de 2025, existem 1.727 empresas com o código de atividade principal de agroindústria na região dos Campos Gerais, porém o número pode ser ainda maior devido à algumas situações de informalidade e de agroindústrias registradas no cadastro do produtor rural (Cadpro).

Conforme a consultora Mariana, o Sebrae/PR contribui com as agroindústrias por meio da profissionalização, com boas práticas de fabricação; con-

sultorias especializadas em gestão; programas de apoio como o Sebraetec, para o desenvolvimento de identidade visual, rótulo, entre outros. Auxilia ainda na criação de estratégias de marketing; diversificação de produtos e acessos a canais de venda; na promoção de parcerias entre produtores, associações e entidades públicas para a organização do setor; além de orientações para a obtenção do Selo Arte, que amplia o acesso a mercados formais e agrega valor ao produto e o apoio para certificação orgânica e Selo Alimentos Paraná.



Nozinho, da Queijaria Vila Velha, é um dos três produtos certificados do empreendimento



Produtos com Selo Arte nos Campos Gerais

Ortigueira

Mel Kutz

18 tipos de mel (Capixingui, Eucalipto, Silvestre, entre outros, em diferentes embalagens)

Mel Doce Mel

14 produtos (méis artesanais em diversas floradas)

Empório Lê Kitutes Queijos Artesanais

Requeijão em barra

Ponta Grossa

Queijaria Vila Velha

Queijo Gouda, Queijo Nozinho e Queijo Purungo

Arapoti

Queijaria Cornelia

Seis queijos artesanais (incluindo natural, com orteiga e com ervas italianas)

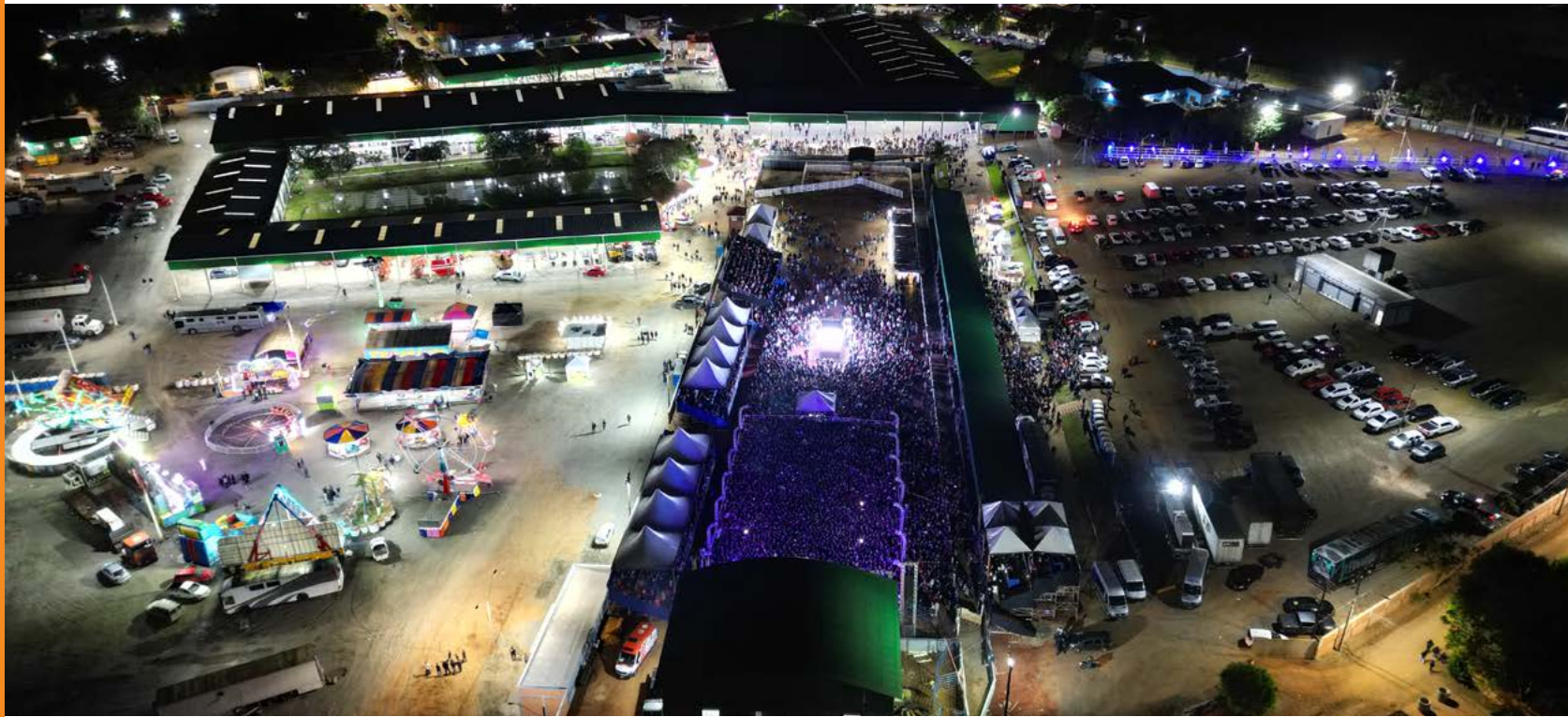


Foto: Maysa Bardal

2ª Expo Ivaí reúne mais de 120 mil pessoas e fortalece associações rurais

Melissa Eichelbaun

Em 2025, o município de Ivaí realizou com grande sucesso a 2ª Expo Ivaí – Festa das Associações, consolidando o evento como um dos maiores da região. Durante três dias de programação, a festa atraiu mais de 120 mil visitantes, reforçando sua importância cultural, social e econômica.

Com duas décadas de tradição, a Festa das Associações se destaca pela diversidade de atrações: shows nacionais, exposição de máquinas agrícolas, lojas de roupas e insumos, além de um espaço dedicado à agropecuária e ao comércio regional. Entre os pontos altos, estiveram o desfile da Rainha e a 2ª Exposição de Ovinos, que valorizam tanto a

cultura quanto a produção rural de Ivaí.

Um dos diferenciais do evento é sua organização comunitária. Todo o lucro é dividido igualmente entre as 20 associações rurais de produtores, fortalecendo a agricultura familiar e impulsionando o desenvolvimento local.

Além da programação cultural e comercial, a Expo Ivaí promove competições entre associações, como o tradicional Pelotaço e o Cabo de Guerra, que animam o público e reforçam o espírito comunitário, transformando o evento em um verdadeiro momento de lazer e confraternização.

Schoeler Agro.

Processos integrados para gerar mais resultados.



DA NUTRIÇÃO À GENÉTICA,
DA LOGÍSTICA À PRODUÇÃO,
ATUAMOS DE FORMA INTEGRADA
EM TODAS AS ETAPAS NA
CADEIA DE SUINOCULTURA.

Com fábrica de rações própria, genética de alto desempenho e uma ampla rede de produtores parceiros no Paraná e em Santa Catarina, garantimos controle total, eficiência e rastreabilidade em cada processo.

Nosso diferencial está também nas pessoas: uma equipe especializada, comprometida com o bem-estar animal, a qualidade dos produtos e o cumprimento dos mais altos padrões de biossegurança.

A busca constante por aprimoramento e certificações reforça nosso compromisso com a excelência e a sustentabilidade do agronegócio.



Suinocultura



Logística



Fábrica de Rações



Genética



[schoeler.agro](https://www.instagram.com/schoeler.agro)

[schoeler.com.br](https://www.schoeler.com.br)



O novo agronegócio na esfera profissional

Entre o campo, o laboratório e a tela do computador, o agro se reinventa e multiplica profissões, redes de conhecimento e oportunidades em regiões como os Campos Gerais

Fernanda Bertola e Patricia Biazetto

O agronegócio brasileiro não cabe no estereótipo do homem de chapéu, enxada e caminhonete. Conta com laboratórios de biotecnologia, startups de dados, salas de controle remoto de maquinário e fazendas que funcionam como plataformas de experimentação científica. Essa revolução tecnológica que vem se intensificando com os anos é silenciosa, mas profunda, transformando tanto o modo de produzir quan-

to a própria identidade profissional do setor.

Nos Campos Gerais do Paraná, esse movimento é evidente. A região, marcada por uma agricultura de alta performance e por cooperativas sólidas, tornou-se referência em produtividade, diversificação e inovação. Conta com um sistema complexo que une produtores, universidades, escolas técnicas, indústrias e startups. Na

Fazenda Escola Capão da Onça, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, a Fescon-UEPG, o professor Orcial Bortolotto acompanha de perto as transformações que o agro tem atravessado. Coordenador de projetos de pesquisa e extensão, ele descreve um setor em constante atualização. “Hoje, a tecnologia está diretamente associada ao agro em diferentes frentes, desde a semente até o controle de pragas”, afirma. O ciclo começa na genética. Bortolotto lembra que as sementes modernas, resultado de décadas de pesquisa, são formuladas para expressar “maior teto produtivo”, resistir a doenças e tolerar herbicidas com maior eficiência. A seleção genética não se resume à produtividade: ela reduz custos e aumenta a sustentabilidade, ao diminuir o uso de defensivos e melhorar o aproveitamento de nutrientes.

Nos últimos anos, o avanço mais expressivo tem ocorrido no campo dos biológicos, produtos elaborados com microrganismos que substituem ou complementam defensivos e fertilizantes químicos. “É uma revolução silenciosa”, resume o professor. “Temos hoje formulações

capazes de prolongar a vida útil dos microrganismos e manter sua eficácia mesmo em condições climáticas adversas.” Essa inovação permite que o agricultor reduza impactos ambientais e eleve a eficiência de cada hectare cultivado.

“Hoje, a tecnologia está diretamente associada ao agro em diferentes frentes, desde a semente até o controle de pragas”
Professor e coordenador da Fazenda Escola Capão da Onça, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Fescon-UEPG), Orcial Bortolotto

A biotecnologia também se estende à nanotecnologia, utilizada na formulação de defensivos de liberação controlada. “Esses produtos liberam o ingrediente ativo aos poucos, evitando que se perca com a chuva ou a radiação solar. Com isso, há menos desperdício e menor necessidade de reaplicações”, explica. A consequência direta é um sistema produtivo mais preciso, limpo e competitivo, o que requer profissionais com formação científica sólida.

Para Bortolotto, o campo de hoje exige um novo tipo de agrônomo: técnico, analítico e interdisciplinar. “Não basta dominar o plantio ou a adubação. O profissional precisa entender biologia, engenharia, tecnologia da informação, logística e até finanças. O agro é uma empresa complexa, e o agrônomo é o gestor técnico desse processo.”

Fotos: Divulgação



Gestão digital

Em outra ponta da cadeia produtiva, o da análise e do controle de dados, surgem empresas que dão ao agro um novo rosto: o das agtechs, startups voltadas à eficiência e gestão.

É o caso da Agriwin, criada em 2017 e sediada em Ponta Grossa e Castro, que hoje atende produtores e cooperativas de todo o Brasil com sistemas de gestão financeira, fiscal e de custos de produção. O CEO Carlos Proença descreve a empresa como “um braço digital do produtor rural”. A equipe, composta por profissionais de computação, administração, segurança da informação e engenharia agrônômica, traduz números em decisões estratégicas. “O agronegócio é uma indústria a céu aberto, com centenas de variáveis fora do controle do produtor, como clima, câmbio, preço de insumo, logística. A tecnologia ajuda a reduzir a incerteza e sustentar a rentabi-



lidade”, explica. O crescimento da Agriwin é constante, com média de 30% ao ano em faturamento, impulsionado por cooperativas que utilizam seus sistemas integrados. “Nosso

trabalho é dar visibilidade ao que o produtor faz. Ele planta, colhe e entrega, mas precisa de informação em tempo real para planejar o futuro. A gestão eficiente é o novo insumo do campo”, resume Proença. A startup reflete uma tendência irreversível: o campo conectado. Dados de sensores, imagens de satélite, informações fiscais e relatórios contábeis convergem em plataformas integradas, que indicam ao produtor onde

estão os gargalos e onde é possível economizar. “A agricultura digital não elimina a intuição do produtor, mas a complementa. É o casamento entre experiência e informação”, afirma o CEO.

Educação técnica

Essa transformação não seria possível sem a educação técnica e universitária. O professor destaca o papel das instituições da região: da UEPG ao Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas, que forma técnicos em agropecuária, passando por universidades privadas como UniCesumar e Unopar, que oferecem cursos voltados à gestão e inovação no agronegócio. “É aqui que se constrói o alicerce do agro de amanhã. A formação técnica é o elo entre o conhecimento científico e a prática produtiva”, explica.

A UEPG, segundo ele, atua de forma integrada ao setor produtivo. A Fazenda Escola é um laboratório vivo, onde os alunos aprendem manejo, monitoramento climático, avaliação de solo e experimentação agrícola. “Temos projetos com empresas privadas, testamos novas tecnologias e, a partir desses resultados,

devolvemos conhecimento validado à sociedade”, afirma. O ambiente permite que estudantes experimentem a realidade do campo antes de se formarem. Muitos acabam empregados por cooperativas ou empresas parceiras ainda durante a graduação.

O docente ressalta também a importância das capacitações continuadas. “O mercado exige atualização constante. O técnico formado há cinco anos precisa se reciclar, porque as ferramentas mudaram. Hoje, o drone, o GPS e o sensoriamento remoto são tão essenciais quanto o pulverizador.” Ele observa que os cursos de tecnologia de aplicação têm crescido, voltados a engenheiros agrônomos e operadores especializados. “A agricultura de precisão está apenas no início. Ainda vamos ver uma automação muito maior nos próximos anos.”

Cooperativas

Se as universidades são o berço da inovação, as cooperativas são o motor que a leva ao campo. Nos Campos Gerais, nomes como Frísia, Castrolanda e Capal formam um sistema robusto que apoia milhares de produtores, oferece crédito, assistência técnica e conexão com o mercado global.

Para Edilson Gorte, diretor de Agronegócios da Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Ponta Grossa (ACIPG), esse modelo é o grande diferencial regional. “As cooperativas fortalecem o produtor e criam um ambiente de eficiência coletiva. Elas diluem custos, democratizam o acesso à tecnologia e sustentam o desenvolvimento econômico local”, afirma.

A presença cooperativista impulsiona a criação de empregos diretos e indiretos em setores como indústria metalmeccânica, logística, transporte, comércio de insumos e serviços técnicos especializados. Gorte ressalta que o agro não se limita ao campo. “A cadeia do agronegócio envolve tudo, desde empresas de fertilizantes às transportadoras, passando por frigoríficos, cerealistas, prestadores

de serviço e cooperativas de crédito. É uma economia interligada.” Conforme dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes), o agronegócio responde por mais de 30% do PIB do Paraná, o que se reflete nos Campos Gerais, e as cooperativas têm participação decisiva nesse resultado. Elas também funcionam como escolas corporativas, investindo em capacitação contínua, programas de sucessão familiar e gestão de dados. “O cooperativismo tem papel educativo. Ele ensina o produtor a planejar, a entender custos e a pensar o negócio no longo prazo”, observa Gorte.

A falta de mão de obra qualificada ainda é um gargalo, especialmente em áreas de tecnologia. “Os custos de produção aumentaram, e a automação exige operadores e gestores preparados. O desafio é formar gente com perfil técnico e visão de negócio”, diz. Nesse ponto, a parceria entre cooperativas, escolas técnicas e universidades se mostra decisiva. “Quando o conhecimento circula entre a academia e o campo, todos ganham. É isso que mantém a competitividade regional.”

Coração do agro

A transformação do agronegócio também se reflete no perfil dos profissionais que o movem. Para o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Paraná (Crea-PR), o campo é hoje um dos ambientes mais dinâmicos de atuação técnica no País, reunindo engenheiros, agrônomos, tecnólogos e geocientistas em todas as etapas da produção.

“No campo atuam profissionais de diversas áreas. A Agronomia é a base, mas atuam também engenheiros agrícolas, de alimentos, florestais, ambientais, mecâni-

cos (na mecanização e manutenção de máquinas agrícolas), eletricitistas (nos sistemas e automação), químicos (nos processamentos), civis (na infraestrutura rural, silos, galpões e secadores), de produção (na logística e processos), de software e de controle (na agrotecnologia, IoT, software de gestão) e geocientistas (na parte de uso do solo, água e mapeamento). Essas áreas atuam desde o projeto e implantação de sistemas de irrigação e armazenagem até o controle biológico, certificação e transformação industrial dos produtos”, explica o presidente do Crea-PR, Clodomir Luiz Ascari.

O avanço da agricultura digital e da automação ampliou o papel das engenharias no campo. Irrigação de precisão, drones, sensores de solo, máquinas autônomas e plataformas de gestão exigem competências novas. “Essa modernização cria elos diretos entre a engenharia e a produção agrícola, elevando a demanda por profissionais capacitados e com registro técnico. A tecnologia trouxe o engenheiro para dentro da fazenda”, destaca Ascari.

No Paraná, o conselho tem registrados e com visto no Crea-PR 126.633 profissionais. Destes, 21.241 são da modalidade Agronomia, que inclui engenheiros agrícolas, agrícolas e ambientais, de aquicultura, de pesca, meteorologistas; tecnólogos em açúcar e álcool, em administração rural, em agricultura, em agroecologia, em agroindústria, em agronegócios, em agronomia, em agropecuária, em aquicultura, em cafeicultura, em fitotécnica, em fruticultura, em fruticultura de clima temperado, em gestão do agronegócio, em horticultura, em irrigação e drenagem, em mecanização agrícola, em paisagismo e jardinagem, em pecuária, em viticultura e enologia; tecnólogos em gestão de cooperativas, em produção agropecuária e em produção

sucroalcooleira. Eles estão presentes em 392 municípios do estado. Na modalidade Florestal são 2.076 profissionais, entre engenheiros florestais e tecnólogos em silvicultura, presentes em 138 municípios do Paraná. Em 2025, mais de 156 mil Anotações de Responsabilidade Técnica (ARTs) da área de Agronomia já haviam sido registradas.

Sobre as regiões, conforme os dados de registros de profissionais da modalidade Agronomia no Crea-PR, dos 21.241 profissionais, 25,67% estão na Regional Curitiba; 17,58% na Regional Maringá, 15,51% na Regional Cascavel; 14,03% Regional Londrina; 7,18% Regional Pato Branco; 7,12% Regional Ponta Grossa; e 5,16% Regional Apucarana.

Da modalidade Florestal, dos 2.076 profissionais, 66,81% são da Regional Curitiba; 11,66% Regional Ponta Grossa; 9,49% Regional Guarapuava; 4,53% Regional Pato Branco; 2,7% Regional Cascavel; 2,17% Regional Londrina; 1,97% Regional Maringá; e 0,67% Regional Apucarana.

Das mais de 156,990 ARTs da modalidade Agronomia deste ano, 26,08% foram na Regional Maringá; 17,3% Re-

“Projetos mostram que não existe desenvolvimento rural sustentável sem engenharia. A técnica é o elo invisível que garante segurança e eficiência a cada investimento”
Presidente do Crea-PR,
Clodomir Ascari



gional Cascavel; 12,73% Regional Londrina; 11,98% Regional Apucarana; 11,12% Regional Guarapuava; 8,89% Regional Pato Branco; 7,64% Regional Ponta Grossa; e 4,28% Regional Curitiba.

A fiscalização de obras, o registro de profissionais, o acompanhamento de ARTs e a promoção de cursos e convênios técnicos são ações que o Crea-PR mantém para assegurar que atividades críticas sejam conduzidas apenas por profissionais habilitados. "O objetivo é proteger o interesse público e a segurança das operações rurais", reforça Ascari.

De acordo com o presidente do Crea-PR, o agronegócio paranaense deve continuar expandindo a demanda por engenheiros e técnicos. O Ipardes projeta crescimento nas cadeias de grãos, proteínas e agroindústria, com aumento nas exportações e maior incorporação de tecnologia. Isso implica em novas funções ligadas a manutenção de equipamentos, monitoramento ambiental, gestão de energia e logística.

Entre as carreiras emergentes, Ascari destaca Engenharia de Dados e Software aplicada ao agro, Engenharia de Controle e Automação para drones e máquinas autônomas, Engenharia Ambiental voltada à mitigação climática, Engenharia de Energia (com foco em fotovoltaica e biogás), além de Engenharia de Produção com ênfase em logística e economia circular. Tecnólogos em certificação, rastreabilidade e manutenção digital também estão entre os perfis em alta.

Nos Campos Gerais, projetos de infraestrutura logística, parques tecnológicos, ampliação de unidades agroindustriais e obras de modernização de cadeias leiteiras e de proteína animal têm contado com a participação direta de profissionais registrados. "Projetos mostram que não existe desenvolvimento rural sustentável sem engenharia. A técnica é o elo invisível que garante segurança e eficiência a cada investimento", conclui Ascari.

Leve Croc

O agro se transforma em sabor e nutrição.

Os biscoitos salgados **PROTEICOS** da Leve Croc carregam o melhor do campo em uma versão saudável, sem glúten e 100% vegetal.

SEM LEITE
SEM OVOS
SEM GLÚTEN

LeveVitta Protein
Sabor de Queijo Parmesão
10g de proteína
90g

LeveVitta Protein
Sabor de Limão e Pimenta
11g de fibra
90g

LeveVitta Sticks
Sabor de Cereja
11g de fibra
90g

Vegano
Alto conteúdo de Proteínas
Fonte de Fibras
Low Carb

Tibagi garante abastecimento de água gratuito a mais de 1.200 famílias da área rural

Projeto municipal avança com expansão de rede, novos investimentos e busca por parcerias para garantir o acesso à água em comunidades do interior



Fotos: Jeferson Luiz/AscomTibagi

Kauana Neitzel/AscomTibagi

O abastecimento de água na área rural de Tibagi, tem sido uma das prioridades da atual gestão municipal. Atualmente, mais de 1.235 famílias são beneficiadas com o serviço, que é oferecido de forma totalmente gratuita, sem cobrança de taxa de água, por meio da rede de poços artesianos espalhados pelo município.

De acordo com o gerente de Abastecimento Rural da Prefeitura, Elias Banks, o trabalho é essencial principalmente em períodos de estiagem, quando vertentes, minas e poços individuais secam, deixando famílias sem acesso à água. “Nosso trabalho garante segurança hídrica nessas situações. A água chega onde, muitas vezes, não há nenhuma outra fonte disponível”, explicou Elias.

Apesar da importância do serviço, a equipe enfrenta desafios. O uso excessivo ou inadequado da água por alguns moradores, aliado a fatores externos como quedas de energia, incêndios em vegetações próximas às redes e danos provoca-

dos por máquinas agrícolas, pode comprometer o abastecimento. “Há localidades em que o consumo vai além do necessário para uso doméstico, e isso acaba prejudicando outras famílias que ficam sem água. Por isso, estamos em constante monitoramento e também promovendo orientações sobre o uso consciente”, complementa Elias.

Um exemplo citado por ele é a localidade do Pinheiro Seco. Com o crescimento do número de moradores na região, a demanda por água aumentou. Além disso, o poço artesiano da área está em um ponto mais baixo do que a maioria das casas, o que exige maior potência da bomba para realizar o abastecimento. “Esses detalhes interferem diretamente na eficiência do sistema”, reforça.

Para buscar soluções e avançar com o atendimento, o município firmou parcerias e obteve novos investimentos. Recentemente, Tibagi foi contemplado com R\$ 367 mil em recursos federais destinados a projetos de infraestrutura e saneamento. Os valo-



res são provenientes de emendas parlamentares dos deputados federais Aliel Machado (R\$ 117 mil) e Sargento Fatur (R\$ 250 mil).

Segundo o secretário municipal de Agricultura, Eduardo Torres, o recurso será utilizado para construção e ampliação de redes em áreas já atendidas por poços artesianos, mas que ainda não possuem sistema de distribuição até as residências. “Temos poços prontos em vários pontos do município, mas a falta de rede dificulta a entrega da água. Com esse recurso, vamos conseguir avançar e atender comunidades que aguardam esse serviço há anos”, afirmou o secretário.

Hoje, o município conta com 20 localidades atendidas: Serrado Grande, Pinheiro Seco de Baixo, Pinheiro Seco de Cima, Vila Rural São Bento, Vila Rural Santa Pastorina, Cachoeira, Capivari de Baixo, Agudos, Barra Mansa,

Gaias, Poço Serra, Assentamento Menino Jesus, Assentamento Rancho Alegre, Santa Maria, Cachoeirão, Campina Alta, Boa Vista, Vila Rural Santa Rosa, Faxinal dos Empossados e Paiol. O prefeito de Tibagi, Rildo Leonardi, destaca que o abastecimento rural é um compromisso da sua gestão, e o objetivo é expandir a rede ano a ano. “Nossa meta é incluir pelo menos duas novas localidades por ano no sistema, buscando sempre melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem no campo”, afirmou.

“Queremos melhorar a qualidade de vida da população, trabalhando na situação das estradas, abastecimento de água e demais áreas necessárias. Começamos o ano já com muito trabalho”, explica a vice-prefeita Helynez Ribas. O prefeito também esteve em Curitiba, ao lado do deputado estadual Moacyr Fadel, para cumprir agendas com



lideranças e instituições, como o deputado Alexandre Curi, o presidente da Sanepar, Wilson Bley Lipinski, e técnicos da Secretaria de Estado das Cidades. O foco foi o fortalecimento da parceria com o Governo do Estado para garantir água tratada às comunidades do interior.

“A água tratada é um direito fundamental. Estamos com os documentos prontos para iniciar os primeiros convênios com a Sanepar, que permitirão a instalação de redes em regiões já abastecidas por poços artesianos, mas ainda sem distribuição adequada”, destacou Rildo.

Além disso, o município tem um caminhão-pipa, que auxilia em situações emergenciais de desabastecimento, principalmente em períodos de seca ou interrupções temporárias

na rede. Um projeto em parceria com instituições de ensino superior também está em estudo para viabilizar a instalação de placas solares nos sistemas de bombeamento, garantindo autonomia energética em caso de quedas de energia.

A expansão da rede leva em consideração o crescimento das áreas rurais e a chegada de novas famílias. De acordo com a Secretaria de Agricultura, sempre que uma nova residência é construída em áreas já atendidas, os moradores podem solicitar a ligação à rede. A instalação é feita pela prefeitura, sem custos para a família.

“Nosso trabalho é contínuo. Vamos seguir investindo para levar água a mais localidades, com qualidade, regularidade e respeito ao meio rural”, finalizou o secretário Eduardo.

Frísia 100

um século de cooperação, inovação e desenvolvimento sustentável

Das estradas de chão de Carambeí aos desafios globais do agronegócio, a história de uma cooperativa que se consolidou como exemplo de prosperidade

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto

Era 1925. Carambeí ainda engatinhava como colônia recém-formada por imigrantes holandeses que haviam chegado à região em 1911. Estradas de chão cortavam os campos, a energia elétrica era um privilégio distante e a rotina das famílias era marcada pelo trabalho árduo na lida com a terra e o gado leiteiro. Foi nesse cenário que sete pioneiros decidiram dar um passo ousado: criar a Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios, a primeira cooperativa de produção do Paraná e a segunda do Brasil.

A ideia parecia simples — reunir a produção leiteira, transformá-la em queijo e manteiga e vender em maior escala nas cidades próximas. Mas, em um tempo de transporte feito em carroças, de produção manual e de recursos escassos, o gesto carregava uma visão revolu-



Foto: Martha Batista

Anos

cionária. “Desde o início, a essência foi unir forças para produzir com qualidade, ampliar mercados e garantir melhores condições para os cooperados. Esse espírito coletivo é o que nos trouxe até aqui”, afirma o presidente da Frísia, Geraldo Slob.

No início, cerca de 700 litros de leite eram processados diariamente em três fabriquetas e enviados a cidades como Ponta Grossa, Curitiba e São Paulo, muitas vezes em

“É impossível
produzir alimentos de
qualidade sem praticar
sustentabilidade”,
Geraldo Slob

longas viagens de trem. Era o embrião de uma mudança que marcaria para sempre os Campos Gerais. Poucos anos depois, em 1928, nascia a marca Batavo, que se tornaria referência nacional em laticínios. A chegada de novos imigrantes na década de 1940 trouxe também animais da raça holandesa puros de origem, importados da Euro-

Foto: Arquivo/Frísia



Foto: Arquivo/Frísia



pa, que revolucionaram a pecuária leiteira da região. “A introdução desses animais elevou a qualidade da produção e consolidou a região como referência no setor. Foi um marco decisivo para a nossa evolução”, completa Slob.

Ao longo de sua trajetória, a cooperativa construiu avanços e superou desafios. Na década de 1990, a venda da marca Batavo de laticínios foi uma decisão estratégica que assegurou sua continuidade e fortalecimento. “Vi uma cooperativa que soube recuar estrategicamente para depois avançar ainda mais forte, com ousadia na gestão, no planejamento e, acima de tudo, valorizando as pessoas. O cooperativismo é construído nelas”, recorda Nelson Adriano da Rocha, gerente operacional Armazém Grãos e Insumos, com mais de 30 anos de história na Frísia. “Aqui recebi não apenas trabalho, mas sentido. Vi minha família crescer junto com a cooperativa. Recebi apoio, respeito, propósito. Sou grato pelas etapas dessa caminhada”, comemora.

Foto: Divulgação/Frísia





A memória do cooperado mais antigo

Foto: Christian Christofo/ANUAGRO

A história da Frísia pode ser contada por meio de documentos e livros, mas nada substitui a voz de quem a viveu. Aos 93 anos, completados em 2025, Adrijan Los é o cooperado mais antigo em atividade no Paraná. Filho e neto de produtores, ingressou na cooperativa em 1953, quando recebeu do pai a chácara de 42 hectares, na qual iniciaria sua trajetória. “Eu entrei como cooperado quando fiz 21 anos, ao casar e assumir a propriedade. Naquela época, tirava leite na mão e levava de carroça até a cooperativa, em latões”, relembra.

Da pequena produção de cerca de 20 vacas, eram retirados em torno de 150 litros de leite por dia. Ser cooperado, segundo Adrijan, representava a possibilidade de prosperar. Antes da Frísia, os produtores faziam queijo e manteiga para vender, em um processo trabalhoso que

envolia o envio de produtos de trem para Curitiba ou Ponta Grossa. “Na cooperativa era diferente. Tudo era feito por ela, desde a compra de ração, medicamentos, o veterinário. E com o leite que era entregue, no final a gente recebia o que sobrava para manter a família”, recorda.

A vida no campo, naquela época, era de esforço físico intenso. Para alimentar o gado, o trabalho era feito com cavalo e arado.

“Plantávamos batata-doce e milho, que ainda não era para silagem, mas era picado em máquina manual para dar para o gado. Fazia-se pasto também, tudo tratado no estábulo”, conta. Ao longo das décadas, ele acompanhou a evolução do setor. O leite que antes era tirado na mão

e levado em latões, depois passou para as máquinas, o balde ao pé, os caminhões que recolhiam o leite armazenado em tanques nas propriedades e, agora, os robôs.

Há dez anos, após um enfarte e uma cirurgia de ponte de safena, Adrijan deixou a leiteria, que foi conduzida por seu filho mais novo por um tempo. Hoje, a família mantém a agricultura e um pouco de gado de corte. Ainda assim, a ligação com a Frísia segue firme.

“Digo sempre: a
força está na união.
É a cooperativa que
nos mantém firmes”
Adrijan Los

“Fico muito feliz de participar dessa história, que começou com meu avô, em 1925, incentivando a criação da cooperativa, que na época tinha apenas sete sócios. Depois veio meu pai, e agora meus filhos. Tenho dois filhos que são cooperados da Frísia e dão continuidade a essa trajetória”, ressalta.



Foto: Christian Christoforo/ANUAGRO



Foto: Arquivo/Frísia

Crescimento e diversificação

De uma produção artesanal, a Frísia se transformou em uma gigante do cooperativismo. Em 2024, registrou R\$ 5,79 bilhões de faturamento e alcançou a marca histórica de 1 milhão de litros de leite produzidos por dia.

Mas não é apenas o leite que sustenta a cooperativa. O portfólio hoje inclui: 826,8 mil toneladas de grãos, com destaque para soja, milho, trigo e

cevada; 27,9 mil toneladas de carne suína; 93 mil toneladas de produtos florestais; além de sementes, rações e farinha de trigo, distribuídas em várias regiões do país.

Com sede em Carambeí, a cooperativa conta com 12 unidades no Paraná e duas no Tocantins, onde expandiu a atuação nos últimos anos, e reúne 1.077 cooperados e 1.256 colaboradores.



Foto: Divulgação/Frísia

Inovação e sustentabilidade

Para manter-se competitiva, a Frísia aposta em tecnologia e sustentabilidade. O programa Fazenda Sustentável auxilia propriedades a adequarem práticas de manejo ambiental e de bem-estar animal. Mais de 100 projetos de energia solar já foram implantados, além de parcerias para instalação de biodigestores coletivos e ações

de reflorestamento. A cooperativa também investe em pesquisa por meio da parceria com a Fundação ABC, referência nacional. Os resultados são visíveis: em 2025, os cooperados alcançaram produtividade de soja 10% maior que a safra anterior, chegando a 4.450 kg/ha no Paraná.

A cidade e a cooperativa

A história da Frísia se confunde com a da própria Carambeí e da região dos Campos Gerais. O que antes eram estradas de chão batido hoje são vias asfaltadas que conectam centros urbanos e complexos industriais. A antiga “Vila Batavo” tornou-se símbolo do desenvolvimento local, abrindo espaço para trabalhadores e famílias que ajudaram a construir a cooperativa.

O Parque Histórico de Carambeí, o maior museu histórico a céu aberto do Brasil, é fruto direto dessa colonização e preserva a memória de uma comunidade que construiu raízes firmes no Brasil.



Foto: Arquivo/Frísia

Olhar para o futuro

Ao completar 100 anos, a Frísia reafirma seu compromisso com os princípios que a fundaram: fé, união e trabalho coletivo. “Nosso maior desafio é preparar as próximas gerações para darem continuidade a essa trajetória. Por isso, investimos em programas de sucessão familiar e de formação de jovens, garantindo que a essência do cooperativismo permaneça viva e que o futuro seja construído com inovação e responsabilidade”, reforça o presidente Geraldo Slob.

Frísia

100
a n o s

Há um século, unimos forças para transformar vidas, fortalecer o campo e construir histórias de excelência, sustentabilidade e inovação. Celebramos 100 anos de conquistas, intercooperação e dedicação dos nossos cooperados, colaboradores e parceiros.



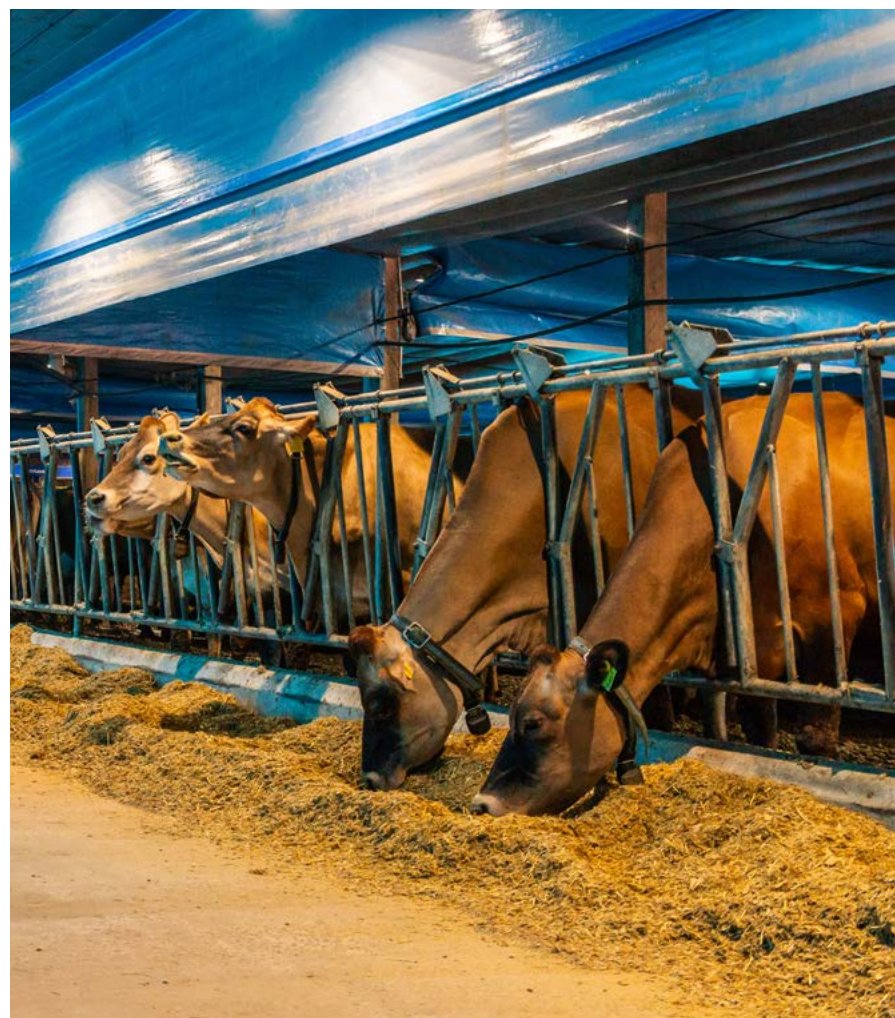
Produção de leite alia tecnologia, genética e bem-estar animal

Melissa Eichelbaun

A produção de leite em Piraí do Sul tem se consolidado como uma das mais modernas do Paraná, unindo inovação tecnológica, melhoramento genético e foco no bem-estar animal. O município é reconhecido por seus esforços em modernizar a pecuária leiteira, com práticas como inseminação artificial e transferência de embriões, fundamentais para aumentar a eficiência e a qualidade do leite.

Estudos indicam que a utilização de sêmen de alta qualidade, somada ao acompanhamento rigoroso da reprodução, pode elevar a produção média para mais de 30 litros por vaca/dia. Esse avanço não apenas garante maior quantidade, mas também assegura a qualidade do leite, atendendo às exigências do mercado e aos padrões estabelecidos pelo Ministério da Agricultura.

Além da genética, programas de assistência técnica, como os oferecidos pelo IDR (Instituto de



Fotos: Christian Christofo/ANUAGRO

Desenvolvimento Rural do Paraná), têm capacitado os produtores locais em manejo e nutrição animal, reforçando a sustentabilidade e competitividade do setor. Com isso, Piraí do Sul se firma como polo de referência na atividade leiteira.

Tecnologia e tradição de família

Entre os exemplos de destaque está a propriedade de Paulo Eduardo Linhares Tonon, que iniciou sua história no leite em 2005, ao lado do pai.

“Iniciamos no leite próximo de 2005. Meu pai já tinha tentado uma vez, mas parou em 99, por falta de suporte e outros problemas. Depois disso, ele recomeçou lentamente, com a raça Jersey. Devagar, ele foi crescendo e aumentando a quantidade de animais, investindo aos



poucos. Próximo de 2012 eu me juntei ao negócio”, conta.

Atualmente, a fazenda é referência em tecnologia, utilizando ordenha robotizada com três robôs e trabalhando com duas raças, Jersey e Holandesa. A prioridade é sempre o bem-estar animal.

“Geramos o máximo de conforto possível para elas, desde a cama até o ambiente e a própria ordenha, que é voluntária. O animal tem liberdade total dentro do estábulo, para dormir, comer, ordenhar e socializar a hora que desejar, sem ninguém interferir”, explica o produtor.

Tonon conta que, atualmente, o rebanho soma cerca de 300 animais, dos quais 160 estão em produção. As Jerseys produzem em média 28 a 30 litros/dia, enquanto as Holandesas chegam a 40 a 45 litros. Ao todo, a propriedade coleta aproximadamente 4.500 litros de leite por dia, comercializados para o Laticínio Quatiguá, parceiro da família desde que as atividades passaram a acontecer na propriedade localizada no bairro das Brotas.

Formação das novas gerações

O espaço também recebe visitas com o objetivo de aproximar crianças e adolescentes do setor leiteiro. “As crianças possuem um interesse muito grande para os animais em si, ficam encantadas quando podem aproximar-se das vacas e agradar elas. Os adolescentes eu percebo um interesse maior na tecnologia, eu vejo que o funcionamento do robô chama muita atenção deles. Acho importante que sejam incentivados a gostarem e se interessarem por esse mundo, pois notamos um desafio muito grande em manter essa geração no campo”, ressalta Paulo. Para ele, a paixão pela atividade é um dos grandes motivadores. “Sou apaixonado por esse mundo. Acredito de verdade que tudo aqui nos incentiva a buscar me-



lhorar a cada dia, e os desafios são extremamente dinâmicos. Isso mantém a gente sempre engajado e motivado. A prefeitura tem se mostrado uma importante parceira também, sempre auxiliando e presente quando necessitamos. É muito bom sentir que estamos contribuindo para o fornecimento de alimento de qualidade, dando qualidade de vida para os animais e para todos os colaboradores envolvidos”.

Ipiranga Mais Verde: reciclagem vira alimento e fortalece agricultura familiar

Melissa Eichelbaum

O município de Ipiranga tem 65% de sua população vivendo no meio rural e conta com 3.435 produtores rurais cadastrados na Receita Estadual. Reconhecido pelo agronegócio e favorecido por condições naturais de clima subtropical (Cfb), solos do tipo Cambissolos Litólicos e topografia montanhosa, o município vem se destacando também por projetos de sustentabilidade e incentivo à agricultura familiar.

Entre as iniciativas, o Ipiranga Mais Verde, que tem como principal proposta a troca de materiais recicláveis por alimentos, é destaque e já está em seu terceiro ano de execução. A ação ocorre quinzenalmente no Complexo Esportivo José Izaías Blum, no centro da cidade, e atende em média 250 famílias, além de beneficiar diretamente 26 produtores rurais da agricultura familiar local.

O projeto é desenvolvido pela Prefeitura de Ipiranga e para garantir a participação dos agricultores, é realizado um processo de licitação na modalidade de Credenciamento, por meio do qual os produtores são contratados para fornecer alimentos. O pagamento é feito através da Nota Fiscal do Produtor Rural, assegurando transparência e inclusão no processo.

Entre os alimentos distribuídos estão: suco de uva, geleias, pães e massas, ovos, feijão, alface, batata-doce, mandioca, brócolis, tomate, cebola, cheiro-verde, morango, pimentão, repolho, couve-flor, mel, laranja, maracujá, abacaxi, abacate, beterraba, acelga, abóbora cabotiá, abóbora moranga e até polpa de frutas. A troca segue a proporção de 3 quilos de recicláveis para 1 quilo de alimento, garantindo variedade e qualidade nutricional às famílias atendidas.

Fotos: Bruna Corosque/Prefeitura Municipal de Ipiranga





Impacto social, econômico e ambiental

Além de assegurar renda aos produtores locais, o programa contribui para a melhoria da qualidade de vida das famílias em situação de vulnerabilidade, que passam a ter acesso a alimentos frescos e diversificados. Em paralelo, promove a conscientização ambiental, incentivando a separação correta do material reciclável.

O material coletado é encaminhado à Área de Triagem e Transbordo do Município, e o valor obtido é revertido para o Fundo Municipal de Meio Ambiente. Os recursos para a compra dos produtos são oriundos do orçamento da Secretaria de Meio Ambiente e de uma porcentagem do fundo.

Criado pela Lei nº 2.766, de 27 de setembro de 2021, o programa mantém os pequenos produtores no campo, fomenta a comercialização da produção local e oferece benefícios diretos à população de menor poder aquisitivo. O Ipiranga Mais Verde reforça como uma política pública pode gerar impactos múltiplos, unindo desenvolvimento rural, proteção ambiental e assistência social.





Foto: Divulgação/Prefeitura Municipal de Jaguariaíva

Belezas naturais e tradição religiosa tornam Jaguariaíva referência no ecoturismo

Melissa Eichelbaun

Localizada a 240 km de Curitiba e próxima à divisa com o estado de São Paulo, Jaguariaíva é um dos municípios mais antigos do Paraná e se destaca como um importante destino turístico dos Campos Gerais. Com belezas naturais únicas e vocação para o ecoturismo, Jaguariaíva oferece diversas opções para visitantes que buscam lazer, aventura

e contato com a natureza, como os parques estaduais do Cerrado e do Vale do Codó e o Parque Municipal Lago Azul. O município também é referência para esportes de aventura. O Cânion do Rio Jaguariaíva é cenário ideal para rafting e canoagem, com percurso de aproximadamente 10 km e paredões de até 80 metros.

Às margens do rio, está o Parque Ambiental Dr. Ruy Cunha, que preserva a memória histórica do tropeirismo. Era nesse local que os tropeiros atravessavam com suas tropas vindas do Rio Grande do Sul sentido a Sorocaba, para comercialização do gado. A povoação do município começou ali. Os visitantes são recebidos com área de lazer, Museu do Tropeiro, cantinho do chimarrão, trilhas ecológicas e identificação de espécies nativas. Outro destaque é a trilha aquática na região da Cachoeira do Lago Azul, que leva o visitante até a imponente Cachoeira Vêu da Noiva.

Além da natureza exuberante, Jaguariaíva também valoriza suas tradições religiosas e culturais. Integrante da Rota do Rosário, projeto que visa alavancar o turismo religioso e sustentável das regiões onde está inserido, conta com dois importantes pontos de peregrinação, que promovem devoção e a contemplação de sua história e belezas naturais. Primeiramente, o Santuário Diocesano do Senhor Bom Jesus da Pedra Fria, padroeiro do município, ao redor do qual a cidade foi erguida.

Celebrado no dia 6 de agosto, quando é realizada a Festa ao Senhor Bom Jesus da Pedra Fria e Divino Espírito Santo, atrai fiéis e turistas de todo o estado. Também, o Santuário Ecológico da Santa do Paredão, situado na área rural do município, a 22 Km da zona urbana, sendo um lugar de fé e contemplação da natureza. Anualmente é realizada a Caminhada à Santa do Paredão, que acontece em outubro, culminando em uma Missa Campal, símbolo de fé e devoção.

Foto: Thiago Pomkerner

Mapa do Turismo

Com atrativos naturais únicos e uma estrutura receptiva cada vez mais organizada, o município voltou a integrar o Mapa do Turismo Brasileiro, reconhecimento que facilita o acesso a recursos e projetos para o setor, e reforça sua vocação turística.

Esse fortalecimento ganha ainda mais relevância com os novos investimentos de mais de R\$ 4,5 milhões que Jaguariaíva receberá para impulsionar o turismo e a economia local. Entre os projetos já aprovados estão a construção de um mirante com passarela de vidro no Lago Azul, que promete se tornar um dos principais cartões-postais da região; a implantação de um flutuante no Parque Estadual do Cerrado, ampliando as opções de lazer e práticas esportivas; e a instalação de sinalização turística, que facilitará o deslocamento e a divulgação dos atrativos.

As iniciativas estão alinhadas ao novo plano de desenvolvimento turístico regional integrado do Governo do Estado, que busca consolidar os Campos Gerais como destino de destaque no Paraná. Com isso, Jaguariaíva fortalece sua estratégia de unir preservação ambiental e experiências diferenciadas, ampliando o fluxo de visitantes e gerando novas oportunidades para os setores de hospedagem, alimentação, transporte e comércio.



Foto: Divulgação/Cooperativa Agrária

Avanço da cevada nos Campos Gerais impulsiona produtores e cooperativas

Com apoio da Capal e integração à Maltaria Campos Gerais, cultivo de cevada se consolida como alternativa rentável e estratégica para o inverno no Paraná

Fernanda Bertola



Em Arapoti, nos Campos Gerais paranaenses, o produtor Anderson van den Berg encontrou na cevada uma forma de transformar o período de inverno em mais do que uma entressafra. Há cinco anos ele cultiva o cereal em parceria com a Capal Cooperativa Agroindustrial, que fomenta a produção entre os cooperados como parte do projeto da Maltaria Campos Gerais.

A motivação, conta Anderson, surgiu da necessidade de diversificar e garantir segurança comercial. “Como a safra de inverno já tem um risco mais alto, decidi diversificar. A cevada veio como uma alternativa dentro desse contexto, em comparação com culturas como trigo e aveia, que são nossas concorrentes diretas no inverno.” O produtor explica que a aveia, na maior parte das vezes, é usada apenas como cobertura verde, gerando custos sem retorno direto. Já o trigo, embora rentável em anos favoráveis, exige qualidade elevada para ser valorizado. “A cevada entrou nesse modelo com boa rentabilidade, mas trazendo outros benefícios, como a melhora da estrutura do solo.”

Na fazenda, a cevada começou a ser cultivada aos poucos e hoje a cultura ocupa cerca de 40% da área; outros 40% são destinados ao trigo e 20% à aveia. A produtividade média, segundo ele, fica entre 3.800 e 4.500 quilos por hectare, um resultado que considera satisfatório para uma cultura que ainda está se consolidando na região. “Neste ano, a expectativa é bem boa. É uma cultura que vem se mostrando estável, e que ajuda

a rentabilizar as culturas de inverno, diluindo riscos e permitindo um manejo mais equilibrado.”

“Como a safra de inverno já tem um risco mais alto, decidi diversificar. A cevada veio como uma alternativa dentro desse contexto, em comparação com culturas como trigo e aveia, que são nossas concorrentes diretas no inverno.”
Produtor Anderson van den Berg



Foto: Arquivo pessoal

Anderson destaca que, ao contrário do que ocorre com algumas novas culturas, o cultivo da cevada não exigiu grandes investimentos em maquinário. “Nós conseguimos produzir com o que já tínhamos na fazenda. A estrutura é a mesma usada no trigo. Fizemos apenas algumas adequações depois que entramos no programa de certificação da Capal, o PCGR da cevada, que é um projeto voltado às boas práticas agrícolas.” Segundo ele, o programa trouxe melhorias importantes na eficiência e no acompanhamento técnico. “Não é que fazíamos errado antes, mas aprendemos a fazer de um jeito mais organizado e eficiente.”

O produtor também vê ganhos ambientais no sistema. “A cevada produz muita palha e tem um enraizamento profundo, o que tem sido importante no aspecto da rotação de cultura e produção de matéria orgânica. Isso melhora a estrutura da terra, aumenta a capacidade de retenção de umidade e protege o solo.” Anderson afirma que, desde que começou a cultivar, notou uma evolução constante. “Cada ano é um aprendizado. A gente vê que as áreas com cevada ficam mais vivas, mais equilibradas. A palhada ajuda a manter o solo úmido e protegido.”

Toda a comercialização é feita por meio da Capal, o que, segundo ele, traz segurança. “Sabemos que o que compramos tem qualidade e que o que entregamos será pago de forma justa. A coopera-

tiva acompanha tudo de perto, com técnicos que estão sempre à disposição. Esse apoio é fundamental.”

Ao falar sobre o futuro da cultura, Anderson é realista, mas otimista. “A cevada ainda está em expansão, mas

já tem mostrado que veio para ficar. É uma cultura que faz sentido no contexto de rotação e que pode ser um bom complemento para o produtor que quer diversificar. Meu conselho é começar devagar, testar um pedaço, e ir aumentando conforme for pegando o jeito.”

Estratégia de crescimento

A expansão da cevada nas regiões de atuação da Capal é resultado de um trabalho técnico cuidadoso. O coordenador regional do Departamento de Assistência Técnica da cooperativa, Roberto Martins, explica que a cultura tem papel estratégico. “Nas regiões com aptidão para a produção, a cevada contribui tecnicamente para a estruturação e a saúde do solo. Além disso, ela traz rentabilidade, porque há um mercado estruturado e crescente na demanda por malte.”

Segundo Roberto, o acompanhamento começa muito antes da semeadura. “Trabalhamos com planejamento baseado nas características de solo e clima, histórico de rotação de culturas, análises de solo e registros de ocorrências dos anos anteriores. Depois do plantio, seguimos monitorando as lavouras periodicamente, com visitas técnicas, diagnósticos de pragas e doenças e recomendações de manejo.”

Ele ressalta que a abordagem é técnica e criteriosa, inclusive quando a decisão é não aplicar defensivos. “O ‘não aplique’ também é uma recomendação importante. Cada decisão é tomada considerando o nível de dano econômico e o estágio fenológico da planta.”

Entre os principais desafios da Capal estão a busca por cultivares que se adaptem bem às condições dos Campos Gerais e apresentem boa sanidade e qualidade industrial. “Precisamos de materiais que entreguem alta produtividade, bons teores de proteína e tamanho de grão adequado. Também enfrentamos o desafio do acamamento, que prejudica a colheita e a qualidade, e o risco de micotoxinas, que dependem do trabalho contínuo para avanços

genéticos e estratégias de manejos com nossa pesquisa aplicada e parceiros de negócios.”

Apesar dos obstáculos, o desempenho vem sendo positivo. Hoje, mais de 160 cooperados cultivam cevada com acompanhamento da Capal, e a produção total ultrapassa 50 mil toneladas por ano. O número de produtores cresce gradualmente, impulsionado pelos resultados de campo e pelo mercado favorável.

Roberto também destaca os benefícios ambientais da cultura. “A cevada contribui para o aumento da matéria orgânica, melhora a fertilidade, reduz perdas por erosão e favorece a biodiversidade. Isso cria um ecossistema mais saudável e resiliente, o que se reflete na produtividade das culturas de verão. Pesquisas mostram ganhos significativos de produção na soja cultivada em áreas que tiveram cevada no inverno.”

No aspecto comercial, a cooperativa atua de forma integrada. “A Capal possui um departamento especializado que acompanha o mercado internacional, a cotação do dólar e as variações da Bolsa de Chicago, que influenciam diretamente os preços. Isso permite orientar os cooperados sobre o melhor momento de venda e garantir uma precificação justa.”

A produção é comercializada por meio da Maltaria Campos Gerais, fruto da intercooperação de seis cooperativas: Capal, Agrária, Bom Jesus, Castrolanda, Coopagrícola e Frísia. “Seguimos um dos princípios cooperativistas mais importantes, o da intercooperação. É essa união que fortalece a cadeia e dá segurança para o produtor continuar investindo”, explica Roberto.

Maltaria Campos Gerais: o elo que transforma grão em malte

Inaugurada em junho de 2024, a Maltaria Campos Gerais, instalada em Ponta Grossa, simboliza a consolidação da intercooperação entre seis grandes cooperativas paranaenses: Capal, Agrária, Bom Jesus, Castrolanda, Coopagrícola e Frísia. O investimento de R\$ 1,6 bilhão deu origem a uma das maiores plantas de malte da América Latina.

A unidade tem capacidade nominal para produzir 240 mil toneladas de malte por ano, destinadas principalmente à fabricação de cervejas. O gerente da maltaria, Vilmar Schüssler, explica que o empreendimento nasceu de uma demanda concreta do mercado. “Hoje, somando a produção da Maltaria Campos Gerais e da Maltaria Entre Rios, conseguimos atender cerca de 40% do consumo nacional de malte. Em outras palavras, quatro em cada dez cervejas produzidas no Brasil têm malte paranaense.” O Paraná, segundo ele, se tornou o maior produtor brasileiro de malte. “Nosso malte Pilsen é a base para a maioria das cervejas fabricadas no país. Por enquanto, não há previsão de diversificação para outros tipos de malte, mas o foco está em atender o mercado interno com qualidade e regularidade.”

A maltaria gera 147 empregos diretos e mais de 2 mil indiretos, considerando toda a cadeia de fornecimento e serviços. Além disso, as seis cooperativas envolvidas somam mais de 13 mil cooperados aptos a produzir cevada cervejeira, com suporte técnico, insumos e sementes adaptadas às condições locais.

Schüssler destaca que a sustentabilidade foi um dos pilares do projeto desde o início. “O processo produtivo foi desenhado

para reduzir o consumo de água e permitir o reaproveitamento. Também investimos em equipamentos que minimizam as emissões de gases de efeito estufa. Há um rigoroso padrão de qualidade”. A biomassa usada na secagem do malte vem de eucaliptos de reflorestamento cultivados por produtores da região. Além do impacto ambiental positivo, a maltaria fortalece a economia dos Campos Gerais. “A instalação da planta gera empregos, movimentando o comércio, o setor de transportes e o de habitação. Também dá liquidez ao produtor, que agora tem destino certo para o grão. É uma cadeia que beneficia todos os elos.”

Schüssler lembra ainda que o Brasil não é autossuficiente na produção de malte. “A ampliação da capacidade com a Maltaria Campos Gerais representa um passo importante para reduzir essa dependência externa. Estamos ampliando a participação nacional no fornecimento de matéria-prima para a indústria cervejeira e consolidando o Paraná como polo do malte brasileiro.”

Para o futuro, o gerente afirma que o foco está no fortalecimento da cultura da cevada. “Temos notado um aumento de área cul-

tivada, mas também de produtividade e qualidade. O objetivo é crescer de forma sustentável, mantendo o padrão de excelência e o compromisso ambiental que fazem parte da essência do projeto”, conclui.



Foto: Divulgação/Cooperativa Agrária

“A instalação da planta gera empregos, movimentando o comércio, o setor de transportes e o de habitação. Também dá liquidez ao produtor, que agora tem destino certo para o grão. É uma cadeia que beneficia todos os elos.”
Gerente da Maltaria Campos Gerais, Vilmar Schüssler



Fotos: Divulgação / DAF Caminhões

DAF XF se destaca como referência no transporte do agronegócio brasileiro

Líder de vendas da marca, XF alia eficiência, economia e robustez com cabine ampla e tecnológica para entregar o melhor ao produtor

Com Assessorias

O agronegócio é um dos pilares da economia nacional e exige soluções que garantam disponibilidade, previsibilidade de custos e desempenho constante. É nesse cenário que a DAF Caminhões se posiciona como parceira estratégica do setor, oferecendo um portfólio completo para atender às diferentes demandas do campo. Entre essas soluções, o DAF XF se destaca como protagonista, sendo o caminhão ideal para operações rodoviárias e fora de estrada, para transporte de cana e madeira, por exemplo.

Com tecnologia avançada, robustez e uma cabine

ampla e ergonômica, o DAF XF é líder de vendas da marca e referência em eficiência logística. Projetado para médias e longas distâncias, ele garante o equilíbrio perfeito entre potência e economia, reduzindo custos sem renunciar à performance. “Quando falamos de agronegócio, falamos de janelas de colheita, de cumprir prazos e de transformar disponibilidade em resultado. O DAF XF entrega exatamente isso: baixo consumo, alta confiabilidade e conforto para o motorista, três pilares que reduzem o custo total de operação e aumentam a produtividade do cliente”, afirma Gabriel Fernandes, Diretor de Vendas da DAF Caminhões Brasil.



Conforto

No dia a dia, o que se sente ao volante é tão importante quanto os números no fim do mês. Por isso, o conforto e a ergonomia da cabine do XF, com excelente espaço interno, baixo nível de ruído e geladeira de 42 litros, tornam a operação mais segura e eficiente. O motorista descansa melhor, rende mais e preserva o equipamento. Para a gestão da frota, tecnologia e conectividade asso-

ciadas a serviços de manutenção e suporte técnico transformam dados em decisão, prevenindo paradas não programadas e ampliando o tempo em operação.

“Quando o mercado aperta, quem faz mais com menos sai na frente. No agro, isso passa por consumo, disponibilidade e pós-venda. O XF veio para ser o padrão DAF nesse trio de valor e é por isso que ele se consolidou como nosso líder de vendas”, conclui Gabriel Fernandes.



Versatilidade e força para o campo e a estrada

Além do XF, a DAF oferece soluções sob medida para diferentes frentes do agronegócio. O DAF CF atende aplicações rodoviárias, pesado e semipesado, e operações off-road, combinando versatilidade com força para rotas regionalizadas e mistas. Para demandas específicas, a Linha DAF Vocacional reúne os modelos CF Florestal, CF Mineração e CF Construção, preparados para ambientes severos, com

foco em durabilidade, facilidade de manutenção e produtividade contínua. Com um portfólio que cobre do rodoviário ao fora de estrada e um olhar atento às particularidades do agronegócio, a DAF reforça seu papel como parceira estratégica do produtor. DAF XF à frente, DAF CF e Linha Vocacional ao lado: soluções que transformam potência, conforto e tecnologia em resultado no campo e na estrada.

Ortigueira é destaque no Prêmio Gestor Público Paraná

Melissa Eichelbaun

Ortigueira é uma cidade referência em desenvolvimento sustentável no campo. Com população estimada em 24,6 mil habitantes (IBGE), dos quais cerca de 47% vivem na área rural, a cidade aposta na valorização da agricultura familiar como motor de crescimento econômico e social.

Esse trabalho ganhou reconhecimento estadual: o Programa da Agricultura Sustentável de Ortigueira (PAS-Ortigueira) foi selecionado como destaque na 13ª edição do Prêmio Gestor Público Paraná (PGP-PR), que valoriza boas práticas de gestão que transformam a vida da população, estimulando inovação e cidadania.

Segundo o Censo Agropecuário de 2017, Ortigueira possui 2,9 mil propriedades rurais, sendo 75% ligadas à agricultura familiar. A produção é diversificada, abrangendo fruticultura, horticultura, pecuária de leite e corte, mel, arroz, feijão e milho.

Foi a partir desse cenário que a gestão municipal, com olhar do prefeito Ary Mattos, estruturou o PAS-Ortigueira, visando fortalecer as principais cadeias produtivas agropecuárias sob os pilares da sustentabilidade, inclusão social, respeito à diversidade de gênero e geração, povos indígenas, meio ambiente e segurança alimentar.

Fotos: Divulgação/Prefeitura Municipal de Ortigueira



Programa com resultados

De 2021 a 2024, o programa alcançou números que comprovam sua efetividade:

- Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER): mais de 10 mil atendimentos em diferentes cadeias produtivas, incluindo bovinocultura de leite e corte, fruticultura, horticultura, agroindústrias e grãos sustentáveis;
- Distribuição de insumos: 44 mil mudas de frutíferas, 9.330 mudas de árvores nativas, 14 mil toneladas de calcário e 16,3 mil toneladas de fertilizantes orgânicos;
- Produção agrícola: distribuição de 71,64 toneladas de sementes (milho, feijão e arroz), resultando em 3.530 hectares plantados e produção estimada de mais de 21 mil toneladas de milho, 34,5 toneladas de feijão e 123 toneladas de arroz;
- Incentivo à apicultura: apoio à associação local, reunindo 50 apicultores, com estrutura de beneficiamento e perspectivas de comercialização ampliada;
- Porteira Adentro: 6.556 atendimentos com maquinário, beneficiando pequenos produtores;
- Agroindústrias familiares: 150 atendimentos com apoio técnico, várias já certificadas com o Selo de Inspeção e algumas com Selo Arte, que permite a venda de produtos em todo o país;



- Segurança alimentar: 105 famílias de agricultores inseridas em programas de compras institucionais, garantindo alimentos a 500 famílias em situação de vulnerabilidade na cidade.

Saneamento rural

Além de impulsionar a renda no campo e fortalecer a economia local, o Programa da Agricultura Sustentável de Ortigueira também se destaca pelas ações ambientais e de saneamento rural. Entre as iniciativas, estão a proteção de nascentes por meio da técnica solo cimento, que já beneficiou 80 pontos de água no município, garantindo preservação hídrica e segurança no abastecimento.

As atividades são coordenadas pelo Engenheiro Agrônomo Anderson Farias e incluem oficinas práticas, em que os produtores aprendem como realizar a proteção de nascentes em suas pro-

priedades, além de receberem acompanhamento técnico especializado. A Prefeitura, por meio de profissionais da Secretaria de Agricultura, orienta e monitora cada etapa do processo, assegurando resultados duradouros.

Outro eixo importante é a instalação de fossas ecológicas, também realizada em oficinas com os agricultores. Após a capacitação, as equipes municipais acompanham a implementação e o funcionamento das estruturas, promovendo readequação ambiental e melhoria nas condições de saneamento das famílias rurais.

Melkstad: orgulho de Carambeí e referência nacional na produção de leite

Com origens no legado da imigração holandesa e uma gestão de excelência, a fazenda investe em tecnologia de ponta para alcançar produtividade recorde e inspirar o futuro do setor no Brasil

Melissa Eichelbaun

Em Carambeí, no coração dos Campos Gerais, uma história de amor e dedicação ao setor leiteiro atravessa gerações. Na Fazenda Melkstad, tradição e inovação caminham lado a lado,

transformando o legado dos imigrantes holandeses que desbravaram a região no início do século XX em uma das operações leiteiras mais eficientes e qualificadas do Brasil.

Fotos: Christian Christoforo/ANUAGRO





À frente desse projeto, Diogo Vriesman, sócio-diretor da empresa, fala com brilho nos olhos sobre o caminho percorrido até aqui. “A Melkstad está diretamente ligada à minha vida. Minha família está aqui desde 1911. Todas as gerações trabalharam na produção de leite, e ver essa atividade consolidada hoje é motivo de orgulho”, conta.

A história da Melkstad começou oficialmente em 2012, quando Diogo decidiu voltar à sua cidade natal, após anos de trabalho fora do Paraná. O sonho de retomar a tradição leiteira da família virou realidade com o apoio de outros quatro sócios. “Começamos com 50 vacas, produzindo 800 litros por dia, em uma pequena propriedade alugada e com vacas financiadas pela cooperativa Frísia”, relembra.

Pouco mais de uma década depois, o que era um pequeno projeto se transformou em uma potência: 2,1 mil vacas em ordenha, produção diária de 95 mil litros e uma equipe de 150 colaboradores.

Gestão moderna e propósito coletivo

O sucesso da Melkstad não está apenas na escala, mas na forma como o negócio é conduzido. Para o gerente administrativo-financeiro, Julio Meirelles, o segredo está no propósito compartilhado por todos que fazem parte da empresa. “Nosso propósito é ter orgulho em produzir com confiança e qualidade. Esse é o norte que guia nossas decisões e nossa forma de trabalhar. A base do modelo de negócio é a confiança entre todos os envolvidos, e por isso valorizar e desenvolver pessoas é parte do DNA da empresa”, destaca.

A governança da fazenda é um exemplo de gestão participativa. Um conselho com 12 colaboradores, de diferentes setores, se reúne semanalmente para discutir melhorias, definir prioridades e propor soluções. “Essa descentralização faz com que todos se sintam parte do crescimento da empresa. São muitas pessoas contribuindo diariamente, e isso reflete diretamente nos resultados”, afirma Meirelles.

O reflexo dessa cultura está nos números: 25 meses consecutivos de aumento de produtividade, com crescimento médio de 163 mililitros de leite por vaca/dia a cada mês. A produtividade média de 12 meses, em agosto de 2025, fechou em 43,6 litros por animal/dia, quatro litros a mais que o mesmo indicador em julho de 2023.





Foto: Cowsdiário

Tecnologia, genética e sustentabilidade

A Melkstad alia tecnologia de ponta e manejo de precisão. A fazenda utiliza robôs de ordenha, sistemas rotatórios e softwares que monitoram a saúde e o desempenho das vacas. “A automação ajuda a reduzir a dependência de mão de obra manual, embora exija profissionais cada vez mais capacitados. É uma atividade de alta rotina e exigência técnica, então buscamos constantemente qualificação e inovação”, explica Diogo.

Outro pilar estratégico é o melhoramento genético. A Melkstad realiza a avaliação genômica de 100% dos animais, prezando por vacas que possam produzir muito e por muito tempo — o que exige equilíbrio entre conformação produtiva, saúde e rendimento. Para ranquear as doadoras e os touros, é utilizado um critério próprio,

denominado “Índice Melk”. Esse índice é composto por 14 características genômicas, cada uma com seus critérios de exclusão. “A seleção é feita com base nos animais de maior equilíbrio, e nunca apenas em um único índice”, explica Meirelles.

Além disso, a Melkstad dedica 1.400 hectares de áreas agricultáveis, com manejo sustentável e rotatividade de culturas que totalizam 2.600 hectares cultivados ao longo do ano. “Nosso desafio é manter o capricho em cada operação. Por isso, estamos focados em estabelecer uma gestão que seja ao mesmo tempo descentralizada, escalável e replicável, permitindo que possamos continuar crescendo e expandindo, mantendo bons índices de produtividade e rentabilidade”, completa Meirelles.

Força do cooperativismo

Desde o início, a fazenda é cooperada da Frísia, uma parceria que Diogo considera fundamental. “A cooperativa foi um grande incentivador. É o cooperativismo que nos permite crescer com segurança, negociar melhor e ter garantias para expandir”, afirma.

Ele destaca também a força da Unium, grupo formado pela Frísia e outras cooperativas, que capta mais de 3 milhões de litros de leite por dia. “Participar desse ecossistema fortalece o produtor e traz estabilidade para toda a cadeia do leite”, complementa.



Planos para o futuro

A Melkstad segue olhando para frente, com metas ambiciosas e planejamento sólido. “Queremos quitar os investimentos recentes e continuar expandindo de forma sustentável, sempre buscando parcerias e novas tecnologias”, ressalta Diogo.

Para ele, o maior orgulho é ver o legado familiar se transformar em exemplo nacional. “O leite foi o que permitiu que

nossos antepassados se firmassem aqui nos Campos Gerais. Continuar esse trabalho, agora com tecnologia e visão de futuro, é a melhor forma de honrar essa história”, reforça.

Com uma combinação rara de propósito, gestão e inovação, a Fazenda Melkstad mostra que o futuro do leite brasileiro está sendo escrito com responsabilidade, eficiência e muito orgulho — em Carambeí, para o Brasil.



Fotos: Divulgação/Capal

Da colônia holandesa à cooperativa multifacetada que projeta o futuro, Capal completa 65 anos

Capal atravessa mais de seis décadas com 3,8 mil cooperados, 23 unidades de negócio e um portfólio que vai do grão ao leite e às iniciativas culturais

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto

Completar 65 anos é mais do que uma data a comemorar no calendário para a Capal Cooperativa Agroindustrial. É revisitar trajetórias de adaptação e persistência, reconhecer que a cooperação foi, desde a origem, a resposta coletiva a um ambiente hostil, e é projetar, sabendo de onde se veio, o caminho para onde se

quer ir. Em Arapoti, a história da cooperativa é inseparável da história da colonização holandesa que ali se estabeleceu, uma história de famílias que trouxeram fé, educação e a ideia de trabalhar em conjunto, o que ao longo dos anos, transformou a região. "Eles chegaram a uma terra sem água, sem energia, sem estru-



tura. Tiveram de se adaptar, melhorar o solo, criar infraestrutura. Essa saga inicial é a base do que somos hoje”, sintetiza o presidente executivo da Capal, Adilson Roberto Fuga.

Ao longo de sua trajetória, que completou 65 anos em setembro, a cooperativa passou por três grandes fases: a fundação e consolidação inicial; o crescimento com infraestrutura e expansão nos anos 1970–1980; e a reinvenção após os choques econômicos dos anos 1980–1990, com forte expansão a partir dos anos 2000.

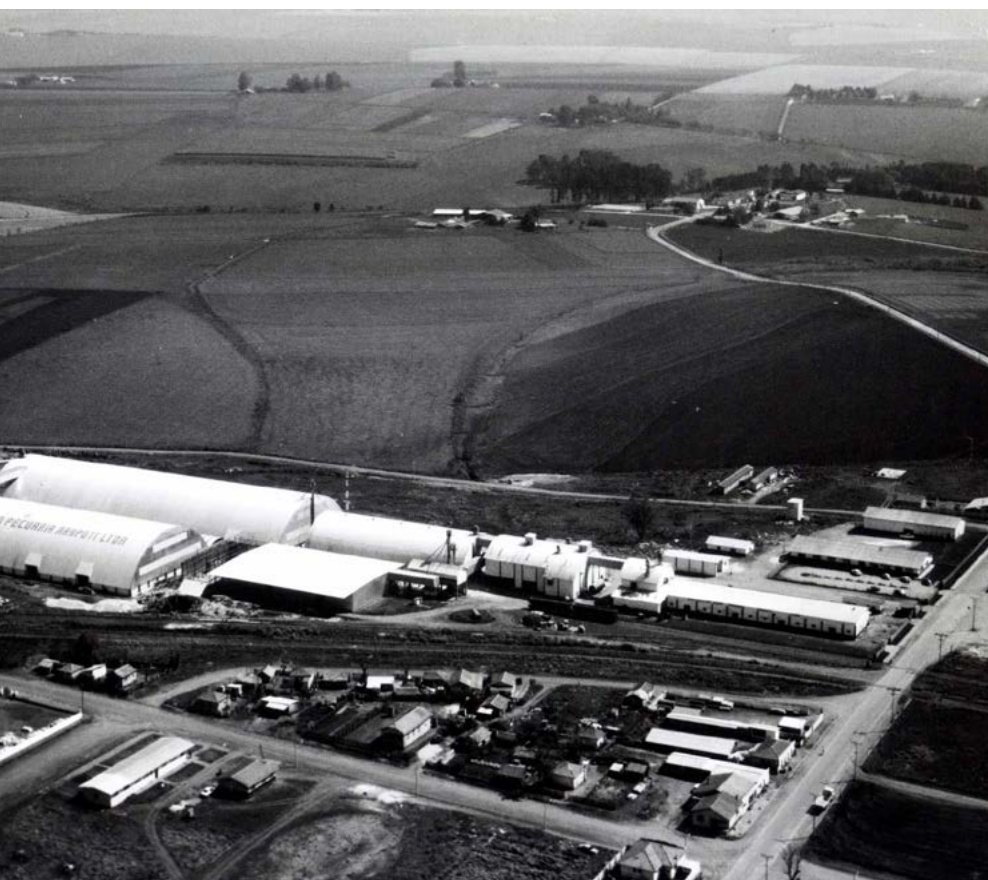
Na fundação, em 1960, destaca-se o pioneirismo, a conformação de uma pequena comunidade de 21 produtores de origem holandesa, que precisavam criar serviços básicos e meios de sobrevivência. Na década de 1970, com a chegada da energia elétrica pela ação da Ceral, e com acesso a linhas de crédito e financiamento nas décadas seguintes, a cooperativa experimentou um salto: abriu postos de combustíveis, supermercado, fábrica de ração e, ainda naquela fase, inaugurou a primeira unidade fora de Arapoti, em Itararé (SP).

O segundo movimento foi provação: a inflação alta e outros problemas macroeconômicos dos anos finais do século XX impuseram desafios severos. “Entramos em dificuldades como a maioria das organizações daquele período”, lembra Fuga. A terceira fase, porém, foi de reestruturação e crescimento sustentável: com a estabilização econômica e decisões estratégicas tomadas a partir da metade dos anos 1990, a Capal se reinventou, ampliou negócios e, nos anos 2000, viveu um período de forte expansão, que se estende até hoje.



Hoje a Capal é uma cooperativa com atuação complexa e diversificada: são cerca de 3,8 mil associados, distribuídos por 23 unidades de negócio entre Paraná e São Paulo. A cadeia agrícola responde por maior parte das operações, sendo que a cooperativa produz mais de 740 mil toneladas de grãos por ano (com destaque para soja, milho, trigo, cevada) e assiste uma área superior a 178 mil hectares. A cafeicultura vem crescendo em relevância nas atividades, com comercialização que ultrapassou 1 milhão de sacas de café em 2025. No leite, a Capal negocia 12 milhões de litros por mês. Complementam o portfólio 34 mil toneladas de suínos vivos comercializadas ao ano.

Além de comercializar grãos e insumos, a Capal expandiu linhas como sementes, café e TRR (serviços de recepção e beneficiamento, entre outros), abriu novas lojas e entrou com força no estado de São Paulo, ampliando a base de cooperados e a capilaridade de atendimento. A lógica que orienta essas decisões é clara: todo investimento deve retornar em melhoria efetiva para o cooperado. “Se o investimento não for para o benefício do associado, nós não o fazemos”, acentua Fuga.



Valores

A cooperativa se formaliza em torno de valores explicitados: integridade, transparência, respeito, simplicidade, compromisso e sustentabilidade. Para a direção, essas não são meros lemas, mas “cláusulas pétreas” que servem como filtro para decisões estratégicas, desde aportes em novas unidades até programas de relacionamento com jovens agricultores. A governança da Capal mescla a organização empresarial (controles, planejamento e métricas) com a centralidade no cooperado, uma tensão produtiva que, segundo Fuga, mantém a cooperativa fiel à sua essência.

Sobre iniciativas culturais e educativas como instrumentos de preservação da memória e de formação de novas gerações, a Capal tem feito um trabalho cuidadoso. O vínculo com o Museu Imigrante Holandês (MIH) é exemplo disso: o museu não só preserva artefatos e narrativas da imigração, como se integra a uma agenda cultural que fortalece identidades e atrai público para Arapoti. Para Fuga,

aproximar jovens ao cooperativismo é missão estratégica. “Temos que mostrar aos jovens de onde viemos, quais princípios nortearam a colônia, para que eles mantenham esse espírito e assumam o futuro da cooperativa.”

A Capal também tem buscado formas de integrar cultura, turismo e economia rural, por meio de eventos, parcerias públicas e privadas, e ações voltadas à capacitação e à formalização de experiências rurais. Esse esforço converge com as demandas econômicas e culturais locais para transformar eventos em alavancas de turismo e dinamismo econômico local.

A relação entre Capal e Prefeitura de Arapoti também é uma amostra da cooperação institucional: a cooperativa é vista como parceira estratégica pela administração municipal, que mapeia a atuação da Capal como vetor de turismo de negócios e de experiências rurais. Eventos promovidos pela Capal, como a Expoleite e o Desafio de Rua, têm funcionado como vitrines que atraem público regional e interestadual, gerando impacto em hotelaria, alimentação e comércio local.

Sustentabilidade e cooperados no centro

O conceito de sustentabilidade na Capal abrange práticas ambientais, equilíbrio econômico que permita a continuidade dos serviços e a manutenção da cooperativa enquanto espaço de cooperação. O modelo de negócio, que prioriza o associado na tomada de decisões e na priorização de investimentos, é apontado pelo presidente como a prova concreta da força do cooperativismo. “A cooperativa só tem sentido se ela colocar o cooperado no centro.”

Essa filosofia orienta investimentos em tecnologia, assistência técnica, melhorias na logística, e nas cadeias de valor que agregam preço e mercado ao produto do associado, seja no leite, nos grãos, no café ou na suinocultura. A integração com parceiros financeiros e cooperativas financeiras regionais também figura como peça-chave para a sustentabilidade institucional do museu e para projetos de captação de recursos.



Museu Imigrante Holandês: memória, acervo e agenda cultural

O Museu Imigrante Holandês (MIH) está instalado em um prédio erguido em 1963 pela Cooperativa Central de Laticínios do Paraná LTDA (CCLPL) e sua transformação em museu foi articulada pela Associação Parque Histórico de Arapoti (APHA), fundada em 17 de fevereiro de 2005. A iniciativa nasceu durante as comemorações em torno dos 50 anos da colonização e da Capal, reunindo 59 pioneiros holandeses e seus descendentes para preservar materiais e memórias.

Para Osvaldo Matos, historiador e coordenador do MIH, "as exposições apontam que os 65 anos da Capal são resultado de uma trajetória de trabalho, desafios e inovação". E o museu ajuda a preservar e difundir essa narrativa.

O museu conta hoje com seis salas de exposição, três das quais são réplicas de construções originais da colônia: escola, igreja e instalações de produção agropecuária. O acervo técnico guarda cerca de 10 mil itens, como objetos, documentos e fotografias, que passam por conservação e que devem compor novas mostras.

Com agenda cultural regular, o MIH realiza eventos como a Festa da Imigração (junho) e o Festival Multicultural Open Day (final de novembro). A ação educativa articulada com a Secretaria Municipal de Educação inclui visitas guiadas, oficinas e atividades da Semana dos Museus e da Primavera dos Museus. O fluxo de visitantes cresceu de algumas dezenas anuais para milhares em anos recentes, especialmente por conta dos eventos.

Prefeitura de Arapoti: turismo, eventos e a parceria com a Capal

A Prefeitura de Arapoti vê a Capal como peça importante na identidade e nas estratégias de turismo do município. A cooperativa é entendida como eixo estruturante, com capacidade de atrair público para eventos de negócios, feiras setoriais e turismo rural de experiência.

Eventos como a Expoleite e o Desafio de Rua trazem visitantes do Paraná e de outros estados, gerando aumento da demanda por hospedagem, maior movimento em restaurantes e crescimento nas vendas do comércio local.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico trabalha para estruturar monitoramento dos impactos, qualificar o trade, melhorar infraestrutura e sinalização nas áreas rurais, além de construir roteiros temáticos que integrem agronegócio, patrimônio cultural e experiências no campo. Também há incentivo à formalização de vivências em propriedades rurais, para transformar produtores em anfitriões turísticos estruturados.

Segundo Sabrina Ferreira Mendes, chefe da Divisão de Desenvolvimento Turístico, nesse sentido a Capal é parceira estratégica. "Sua credibilidade e sua capacidade de mobilizar a comunidade agregam valor à imagem de Arapoti como destino de inovação, cultura e desenvolvimento cooperativista."

Parcerias e sustentabilidade

O MIH mantém cooperação com a Capal, que auxilia na captação institucional e viabiliza articulações, e com outras instituições como Sicredi e Ceral. No museu, Matos reforça o trabalho em busca de ampliar parcerias e recursos para renovar exposições, melhorar a infraestrutura do atendimento e ampliar o alcance cultural do museu.



Jaguariaíva avança em políticas ambientais com parcerias e programas sustentáveis

Melissa Eichelbaun

A Prefeitura de Jaguariaíva, por meio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMA), vem desenvolvendo importantes programas e conquistando parcerias estratégicas que reforçam o compromisso do município com a sustentabilidade, a inclusão social e a qualidade de vida da população.

Exemplo disso é o Programa Feira Verde que, ao longo dos anos, se consolidou como uma das principais iniciativas de sustentabilidade e apoio social no município. Seu funcionamento é simples e de grande impacto: os moradores trocam materiais recicláveis por alimentos, fortalecendo a consciência ambiental e garantindo a chegada de produtos saudáveis à mesa de milhares de famílias. Foi criado no ano de 2019 visando incentivar a destinação correta de materiais recicláveis e, ao mesmo tempo, promover a segurança alimentar dos jaguariaivenses.

Em 2025, sob responsabilidade da SEMA, o Feira Verde já apresentou resultados expressivos, desde o início dos atendimentos em fevereiro até meados de setembro:

- 176.894 kg de recicláveis recolhidos
- 44.878 kg de alimentos distribuídos
- 6.357 famílias atendidas

Fotos: Divulgação/Prefeitura Municipal de Jaguariaíva





Impacto social

Além dos benefícios ambientais, o programa gera impactos sociais importantes, pois a maioria dos alimentos distribuídos é adquirida de pequenos agricultores locais, fortalecendo a agricultura familiar e contribuindo para a geração de renda no campo. Jaguariáiva também conta com um Programa de Coleta Seletiva que, somente neste ano, recolheu 238 toneladas em materiais recicláveis. Somados, Feira Verde e Coleta Seleti-

va, representam estratégia fundamental para a sustentabilidade ambiental, pois promovem a separação de resíduos recicláveis, evitando a poluição, reduzindo o volume de lixo, prolongando a vida útil dos aterros e conservando recursos naturais para as futuras gerações. O material separado e destinado à reciclagem também garante emprego e renda para mais de 30 trabalhadores da associação de recicladores.

Mais investimentos

Outra conquista importante é a seleção de Jaguariaíva entre os 50 municípios paranaenses contemplados pelo programa Itaipu Mais que Energia, da Itaipu Binacional. Com previsão de investimentos na ordem de cerca de R\$ 1,6 milhão em equipamentos e infraestrutura para a melhoria do sistema de reciclagem.

Jaguariaíva já recebeu do programa um caminhão baú e uma empilhadeira, além de equipamentos novos para o aterro sanitário. O repasse representa um avanço significativo na capacidade de reciclagem local, otimizando os processos logísticos e fortalecendo a preservação ambiental e as condições de trabalho dos catadores.



Economia circular

A cidade de Jaguariaíva também foi convidada a integrar o Programa Território Circular: o Legado do Gestor Público, desenvolvido pela empresa Klabin, com apoio técnico da Ambipar. A iniciativa reúne nove cidades paranaenses e tem como objetivo fomentar a inclusão de cooperativas e associações na cadeia da coleta seletiva e do processamento de resíduos, promovendo a economia circular. Jaguariaíva já conta com um diagnóstico atualizado de sua coleta seletiva, o que fortalece sua participação no programa e evidencia o compromisso da administração municipal com soluções eficazes para os

desafios da reciclagem e do saneamento do lixo.

Além das ações voltadas à sustentabilidade, a SEMA também conduz iniciativas de educação ambiental e lazer sustentável, como o Programa de Pesca Esportiva Infantil no lago do Parque Linear Leonardo von Linsingen. Voltado para crianças de 2 a 14 anos, o programa segue regras específicas que priorizam a segurança, a preservação da fauna aquática e a prática do “pesque-solte”. A administração municipal já fez a soltura de peixes no lago e está realizando o cadastro para emissão das carteirinhas.

Mercado do Produtor de Ivaí amplia estrutura e recebe novos investimentos

Melissa Eichelbaun

O Mercado do Produtor de Ivaí registrou avanços significativos em 2025, consolidando-se como referência no escoamento da produção agrícola local e no fortalecimento da agricultura familiar do município.

Entre as melhorias implementadas, estão a ampliação do espaço físico e a aquisição de novos equipamentos, ações viabilizadas por meio de convênio com a Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (Seab). Os investimentos representam um salto na infraestrutura oferecida aos produtores, ampliando a capacidade de atendimento e a qualidade dos serviços disponibilizados.



Fotos: Maysa Bardal

Outra iniciativa de destaque foi a distribuição de calcário aos produtores associados. A medida contribui diretamente para a correção do solo e para o aumento da fertilidade, fatores que resultam em maior produtividade e em práticas agrícolas mais sustentáveis.

Com esse conjunto de ações, o Mercado do Produtor reafirma sua relevância como instrumento de apoio ao agricultor, impulsionando o desenvolvimento econômico local e fortalecendo as famílias produtoras de Ivaí.



Fotos: Divulgação/Frísia

A força do leite na Fazenda Frísia: sete décadas de tradição e inovação em Carambeí

Da ordenha manual de 100 litros por dia ao recorde de 42 mil litros no mesmo período, a Fazenda Frísia é um exemplo de como tradição e tecnologia podem andar juntas

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto





Na região dos Campos Gerais, a Fazenda Frísia, em Carambeí, é sinônimo de excelência na pecuária leiteira. Sob a liderança de Bauke Dijkstra, de 68 anos, cooperado da Frísia, a propriedade alcançou neste ano um marco histórico: mais de 40 mil litros de leite por dia, com média superior a 46 litros por vaca.

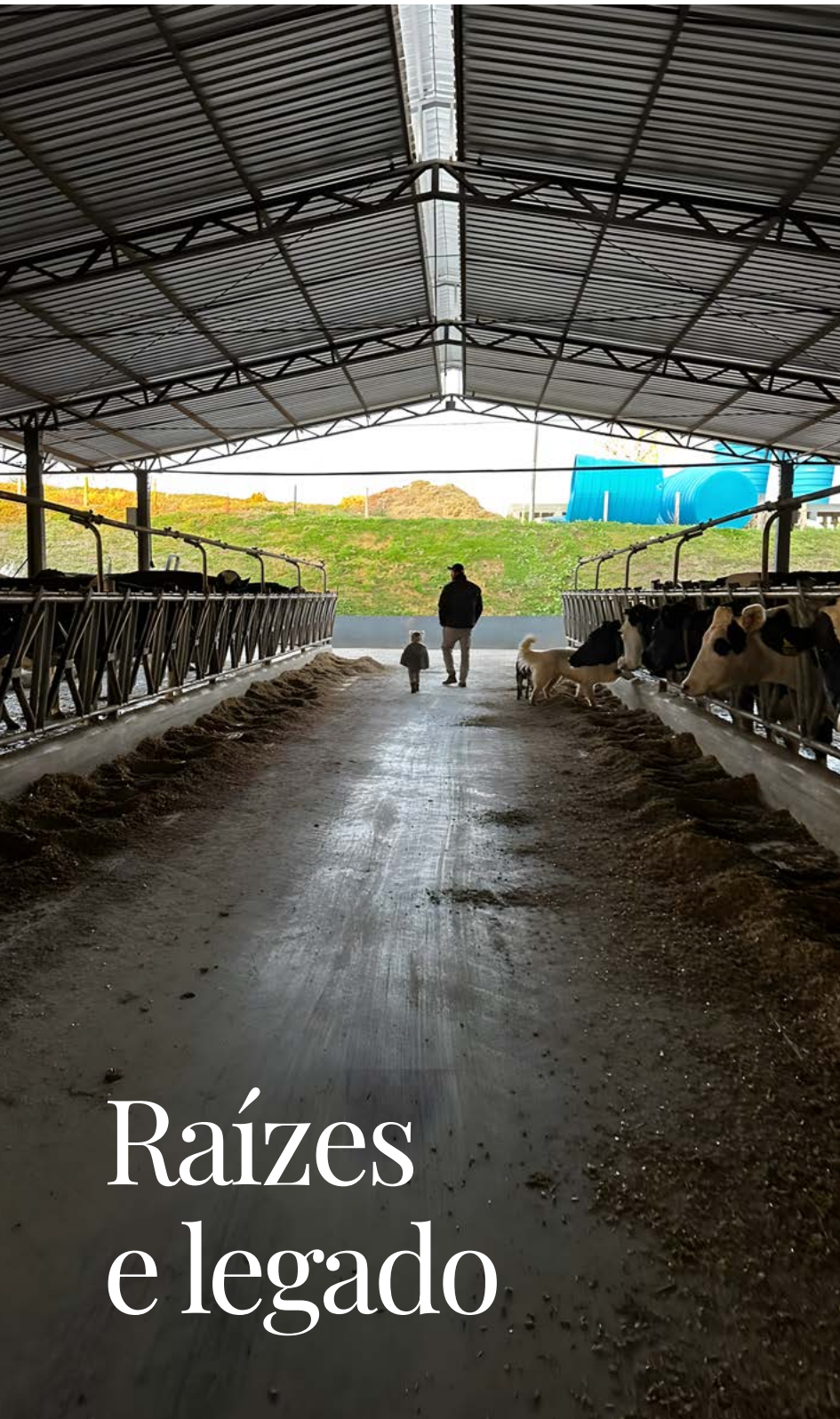
O resultado impressiona ainda mais quando comparado às origens. Em 1954, quando seu pai, Auke Dijkstra, iniciou a produção, eram apenas 15 vacas, ordenhadas manualmente, que rendiam cerca de 100 litros por dia. Hoje, com quase duas mil cabeças de gado holandês registradas, a fazenda se consolidou como referência nacional em genética, produtividade e qualidade.

O rebanho é acompanhado desde o nascimento com exames de DNA e avaliação de potencial genético. Todo o processo de ordenha segue padrões industriais: em uma moderna sala com capacidade para 150 vacas por hora, a equipe trabalha três turnos diários, mantendo a estrutura em funcionamento por 20 horas por dia. A qualidade é prioridade. Antes mesmo das exigências do Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento (Mapa), a Cooperativa Frísia já implantava programas rigorosos de bonificação para estimular boas práticas. “Não podemos ter antibiótico no leite, o controle de higiene é total. Isso exige disciplina e treinamento, mas garante excelência no produto final”, explica Bauke.

Diversificação e solidez

Embora o leite seja a atividade principal, a Fazenda Frísia mantém outras frentes produtivas. São cerca de 1.820 hectares cultivados com milho, soja e feijão, além da suinocultura, com capacidade para engordar 3 mil animais por lote. O milho produzido abastece tanto o rebanho leiteiro quanto a produção de suínos, integrando de forma eficiente as cadeias.

O segredo desse desempenho está também nas pessoas. A fazenda reúne cerca de 60 colaboradores diretos, muitos deles com décadas de atuação. A longevidade da equipe reflete o ambiente de valorização, com treinamentos, participação nos resultados e gestão próxima.



Raízes e legado

Fotos: Arquivo pessoal

A história da família Dijkstra no Brasil começou em 1947, quando os avós de Bauke deixaram a Holanda, devastada pela Segunda Guerra Mundial. Vieram para Carambeí com coragem e perseverança, trazendo na bagagem 40 novilhas e um touro holandês. Poucos anos depois, Auke Dijkstra adquiriu a Fazenda Frísia, batizada de Lyts Frísia ("Pequena Frísia"), em homenagem à província natal, dando início a uma trajetória marcada pelo trabalho e pela inovação.

Além da pecuária, a propriedade carrega memórias de funcionários que se tornaram parte da família ao longo das décadas. Alguns estão na fazenda há mais de 40 anos, atravessando gerações.

Sucessão em andamento

Com sete décadas de história, a Fazenda Frísia já está no processo de sucessão familiar. Os quatro filhos de Bauke participam ativamente da gestão, divididos entre a pecuária leiteira, a administração financeira, novos negócios e investimentos no Tocantins, onde a família mantém áreas agrícolas e gado de corte. "Nosso compromisso é manter a filosofia de sempre: união familiar, inovação e respeito às pessoas e aos animais. O leite está no nosso DNA, é o que nos move e nos conecta à história da cooperativa e da nossa região", afirma Bauke.





Rastreabilidade

A rastreabilidade é garantida em todas as etapas. Cada propriedade possui registros de localização, licenciamento ambiental e exames sanitários, além de controles internos de rebanho, como identificação com brincos, laudos e certificações. O próprio processo de coleta contém informações detalhadas sobre o produtor, o tanque de resfriamento, horários de carregamento e saída, bem como o rastreamento do caminho em tempo real. Da ordenha até a chegada à indústria, o percurso leva entre 24 e 48 horas, assegurando que o produto chegue fresco e dentro dos padrões exigidos.

A entrada de novos produtores na cooperativa passa por avaliações administrativas, logísticas, de qualidade e ambientais. São verificadas desde questões regulatórias, como licenciamento ambiental e exames sanitários, até a viabilidade da coleta

e parâmetros técnicos, como contagem de células somáticas, gordura e proteína do leite. Paralelamente, a Frísia mantém suporte técnico em áreas como nutrição, gestão ambiental, criação de bezerras e qualidade do leite, além de promover grupos de estudos e treinamentos ao longo do ano. Sustentabilidade é um valor destacado pela cooperativa, simbolizado no “S” presente no próprio nome Frísia. O conceito se aplica tanto às propriedades quanto às indústrias, reforçando práticas para continuidade da cadeia leiteira com responsabilidade ambiental. Nos últimos anos, também houve investimentos em projetos voltados à sucessão familiar, à eficiência técnica das propriedades e à genética do rebanho, além de ações de diversificação da produção, com atenção a novas demandas de consumo, como produtos sem lactose.

O processamento do leite na Frísia e intercooperação

A cadeia produtiva do leite movimentada pela Frísia Cooperativa Agroindustrial se apoia em uma rotina de coleta diária realizada diretamente nas propriedades associadas. Caminhões rastreados, dirigidos por motoristas capacitados, seguem procedimentos padronizados de carregamento e higienização, o que garante a segurança do produto desde a origem. Atualmente, cerca de 200 produtores rurais estão integrados à atividade, reforçando a importância do cooperativismo para a produção leiteira da região.

O leite coletado vai direto para as unidades in-

dustriais e, ao chegar, passa por análises de triagem e monitoramento. A industrialização acontece dentro do sistema de intercooperação Unium – formada pelas cooperativas Frísia, Castrolanda e Capal – em três unidades de beneficiamento: Castro (PR), Ponta Grossa (PR), onde também foi inaugurada recentemente uma fábrica de queijos, e Itapetininga (SP). Entre elas, a unidade de Castro é a que concentra a maior capacidade de processamento, podendo receber até 1,54 milhão de litros de leite por dia. No total, a Unium tem capacidade para receber 4,34 milhões de litros diários.

Feira Verde troca recicláveis por alimentos e beneficia milhares de famílias

Melissa Eichelbaun

O Programa Feira Verde Piraí, criado pela Lei Municipal nº 2.406, de 21 de outubro de 2022, e regulamentado pelo Decreto nº 2.243, de 26 de janeiro de 2023, é destaque na área de sustentabilidade, inclusão social e apoio à agricultura familiar no município.

O projeto permite que a população troque materiais recicláveis por frutas, legumes e verduras de época, produzidos preferencialmente por agricultores familiares de Piraí do Sul. A proposta alia conscientização ambiental, combate à fome e incentivo econômico, formando os três pilares de sustentação da iniciativa.

Fotos: Christian Christoforo/ANUAGRO



Três pilares do programa

Ambiental: contribui para reduzir a quantidade de material descartado de forma irregular na natureza, destinando os materiais de forma correta ou possibilitando seu reaproveitamento; **Social:** garante que famílias, especialmente em situação de vulnerabilidade, tenham acesso à chamada “comida de verdade”, com frutas, verduras e legumes frescos que melhoram a qualidade da alimentação; **Econômico:** fortalece a agricultura familiar, garantindo escoamento da produção local e incremento na renda dos produtores do município.

Como funciona a troca?

Os moradores podem entregar diversos tipos de recicláveis, entre eles metais, plásticos, vidros, papel e papelão, isopor, caixas de leite longa vida e até pneus velhos.

O material precisa ser entregue limpo e, se possível, separado por tipo. Quem caprichar nessa organização recebe um brinde especial, que pode ser um pote de mel, uma dúzia de ovos, uma caixa de leite ou pão caseiro.

Há um limite de 40 kg de recicláveis por pessoa a cada edição. A proporção é simples: a cada 4 kg de recicláveis, o participante recebe 1 kg de alimento.



Resultados

Em apenas dois anos de funcionamento, o Feira Verde já coletou mais de 300 toneladas de recicláveis, que foram revertidas em 75 toneladas de alimentos frescos e de qualidade. A iniciativa atende, em média,

160 pessoas por dia de evento. Além de ajudar famílias em situação de vulnerabilidade, o Feira Verde garante renda para agricultores familiares e promove uma cidade mais limpa e sustentável.





Fotos: Christian Christofo/ANUAGRO

Sítio Campina Verde: o sonho da família Pastuch construído com dedicação e paixão pelo agro

À frente de um dos exemplos mais marcantes de superação e gestão familiar no campo, a produtora Sandra Pastuch transformou desafios em conquistas e consolidou o Sítio Campina Verde como destaque na produção de leite no Centro-Sul do Paraná

Melissa Eichelbaun

Por trás da rotina de ordenhas ao amanhecer e do cheiro da silagem que se espalha pelos campos da comunidade de Linha Rio Preto, em Prudentópolis, há uma história de força, fé e determinação. A produtora Sandra Pastuch, 44 anos, é o rosto por trás do Sítio Campina Verde, uma propriedade familiar que se tornou exemplo de produtividade e

gestão no setor leiteiro paranaense.

Natural de Salto do Lontra, no Sudoeste do Estado, Sandra chegou a Prudentópolis em 1996 e, desde 2002, vive no sítio onde construiu, com sua família, um sonho que nasceu do zero. “Tudo começou com uma vaquinha produzindo para o consu-

mo próprio. A gente produzia o leite, fazia queijos, manteiga e requeijão e vendia o excedente na cidade”, relembra.

O início simples foi acompanhado por muita dedicação e vontade de aprender. Um curso oferecido pelo Senar ampliou seus horizontes e, aos poucos, a produção artesanal evoluiu. “A gente sonhava em ter um laticínio que passasse por aqui. Quando isso aconteceu, em 2005, foi um divisor de águas. Começamos a entregar o leite e ver o fruto do nosso trabalho sendo reconhecido.”



A virada com o cooperativismo

O grande salto na história do Sítio Campina Verde veio em 2011, quando Sandra e o marido decidiram se associar à Frísia Cooperativa Agroindustrial, que naquele ano expandia suas atividades para a região de Prudentópolis. “A Frísia foi um marco na nossa trajetória. Com ela, passamos a ter assistência técnica, capacitação e, principalmente, reconhecimento pela qualidade do leite que produzimos”, explica.

O impacto foi imediato. “Na época, tínhamos seis vacas, com produção de cerca de 180 litros por dia. No primeiro ano de parceria, a diferença no valor recebido foi superior a R\$ 10 mil. Foi uma

alegria enorme perceber que nosso esforço estava sendo valorizado.”

O tempo passou, o rebanho melhorou, as técnicas evoluíram e a família Pastuch consolidou uma rotina de eficiência e inovação. Hoje, o sítio trabalha com vacas da raça Jersey, conhecidas pela alta produtividade e qualidade do leite. A gestão técnica e o controle de dados, antes manuais, agora são digitais. “Estamos em um projeto da Frísia para implantação de colares com chip via satélite, que monitoram os animais em tempo real. A tecnologia, sem dúvidas, veio para somar”, conta Sandra.



Uma família movida pelo amor ao campo

O que torna o Sítio Campina Verde ainda mais especial é a força do trabalho familiar. “Hoje, somos eu e meus dois filhos que tocamos a propriedade. É totalmente familiar, com exceção do plantio e da colheita da silagem”, explica.

Os filhos herdaram da mãe o gosto pelo campo e o compromisso com a produção de qualidade. André Luiz Pastuch, de 20 anos, é o responsável pela gestão e nutrição do rebanho. “Ele está assumindo o gerenciamento, e eu o acompanhamento de perto. É o processo de sucessão que estamos vivendo”, diz, orgulhosa.

O caçula, José Francisco, já ajuda nas ordenhas e nos cuidados diários. O filho mais velho, João Pedro, formou-se em Agronomia e hoje atua na cidade, mas segue contribuindo com a propriedade. “Cada um tem seu papel, e isso é bonito de ver. É o legado que o meu esposo deixou pra gente e que seguimos honrando com muito amor”, afirma Sandra, emocionada.

Superação e fé após a perda

A trajetória de Sandra também é marcada por um episódio de profunda dor e superação. Em 2019, ela perdeu o marido, com quem construiu toda a história da família e da propriedade. “Foi o momento mais difícil da minha vida. A gente tinha alcançado estabilidade, estava crescendo e, de repente, tudo desabou. Mas eu olhava pros meus filhos e pensava: esse é o nosso sonho, é o legado que ele deixou. E decidi continuar.”

A fé foi o alicerce para seguir adiante. “Somos uma família muito religiosa, e isso me deu forças. Houve dias em que chorei na sala de ordenha, sem saber como seria o amanhã. Mas Deus sempre me sustentou. Hoje, olho pra trás e vejo o quanto crescemos.”

O exemplo de persistência fez de Sandra uma voz inspiradora entre outras mulheres do campo. A Frisia chegou a homenageá-la em um outdoor como símbolo do protagonismo feminino no agro. “Tenho sido chamada para dar testemunhos, contar minha história e incenti-





var outras mulheres. Não somos melhores que os homens — somos parceiras. Precisamos caminhar lado a lado, buscar conhecimento e participar das decisões da propriedade”, afirma.

Referência regional e voz ativa na cooperativa

O reconhecimento do trabalho de Sandra ultrapassou os limites da comunidade local. Desde 2024, ela integra o Comitê de Pecuária Leiteira da Frísia, representando os produtores de Prudentópolis nas reuniões realizadas em Carambeí. “É uma responsabilidade muito grande, mas também uma oportunidade incrível de aprendizado e troca. O comitê atua como uma ponte entre os produtores e a cooperativa, discutindo demandas e estratégias de crescimento.”

Logo no primeiro mês de atuação, Sandra foi sorteada para participar de uma viagem técnica aos Estados Unidos, onde conheceu de perto grandes propriedades

leiteiras e as tecnologias que impulsionam o setor. “Foi uma experiência transformadora. Ver o nível de organização e o uso da tecnologia lá fora nos motiva a buscar melhorias contínuas aqui no Brasil.”

Tecnologia e futuro

Com o olhar voltado para o futuro, o Sítio Campina Verde se prepara para novas etapas de crescimento. Entre os próximos projetos estão a construção de um sistema free stall — estrutura moderna que garante mais conforto e produtividade ao rebanho — e a ampliação da produção. “A gente começou pequeno, mas sempre acreditou que era possível crescer com qualidade. E estamos conseguindo”, destaca Sandra.

A produtora também reforça o papel da inovação no campo. “A tecnologia veio pra ficar. Hoje, quando nasce um bezerro, já registramos no aplicativo e recebemos todas as orientações sobre alimentação, vacinação e manejo. Se a gente souber usar, ela é uma grande aliada.”

Mensagem às mulheres do agro

Com o tom sereno de quem aprendeu, na prática, o valor da resiliência, Sandra deixa um recado às mulheres que sonham em seguir no agro: “Não tenham medo de se posicionar, de aprender e de participar. Conversem com o

marido, com o pai, com o irmão. A propriedade é uma empresa, e é importante que a mulher faça parte das decisões. Busquem formação, valorizem-se e sigam em frente. O campo tem espaço para todas nós.”

Da lavoura à xícara: o valor que o cooperativismo agrega ao café brasileiro

Tecnologia, qualidade e união cooperativista impulsionam a cafeicultura da Capal, que conecta o produtor ao mercado global com rastreabilidade, sustentabilidade e valor agregado em cada grão

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto

Foto: Banco de Imagens



Do aroma inconfundível à complexidade dos sabores na xícara, o café é muito mais do que uma bebida. É um símbolo da cultura brasileira, uma força econômica e, para milhares de famílias, o sustento e o orgulho. Mas o que há por trás de cada grão que chega à mesa do consumidor? No caso da Capal Cooperativa Agroindustrial, o caminho do café envolve tecnologia, assistência técnica, rastreabilidade, comércio internacional e, acima de tudo, cooperativismo.

Com atuação no Norte Pioneiro do Paraná, a Capal tem se destacado como uma referência na produção de cafés de alta qualidade. Atualmente, são cerca de 12 mil hectares assistidos, com 442 cooperados dedicados à cafeicultura, que encontram na união de esforços o diferencial competitivo para conquistar novos mercados e agregar valor à produção.

“Estamos localizados em uma das regiões de latitude mais ao sul do mundo onde se produz café, o que já confere uma característica única ao nosso produto”, destaca o coordenador de Negócios da Capal, Newton Openheimer Beraldo. “O clima subtropical úmido, aliado ao manejo adequado de poda, proporciona uma produtividade elevada e sustentável para nossos cafeicultores”, explica.

A excelência na cafeicultura começa na terra. A Capal investe continuamente em assistência técnica personalizada, adaptada às características específicas das regiões em que atua. O suporte técnico vai além do básico, orientando o produtor em práticas modernas de nutrição e manejo fitossanitário, que impactam diretamente na qualidade da bebida.

“A nutrição adequada e o controle fitossanitário são essenciais para produzir frutos com alto potencial de qualidade, que, posteriormente, serão valorizados no processo de beneficiamento”, diz Beraldo.

Além disso, a cooperativa incentiva o uso de tecnologias agrícolas de precisão, como o georreferenciamento das lavouras, que permite rastrear cada etapa do processo produtivo – da planta ao pacote de café.

Beneficiamento: onde nasce a padronização e a qualidade

Depois da colheita, o café ainda passa por um processo crucial: o beneficiamento. Na Capal, esse processo vai muito além da simples limpeza e secagem do grão. A cooperativa adquire o café já beneficiado dos cooperados e realiza o reprocessamento, criando lotes padronizados para atender às exigências do mercado nacional e internacional.

“Contamos com um time de especialistas em qualidade física e sensorial, credenciados por órgãos internacionais, garantindo alto padrão nos cafés que comercializamos”, afirma.

Esse controle rigoroso de qualidade assegura que os cafés da Capal mantenham características sensoriais únicas, valorizadas especialmente no mercado de cafés especiais, onde detalhes como acidez, doçura, corpo e notas aromáticas fazem toda a diferença.



Foto: Matheus Baron

Tecnologia e rastreabilidade: exigência do consumidor moderno

Foto: Banco de Imagens

Com o consumidor cada vez mais exigente, o café precisa contar histórias – e a Capal entende isso como um diferencial estratégico. Por isso, investe em tecnologias de rastreabilidade, que permitem identificar com precisão a origem do café, o manejo adotado, os insumos utilizados e até o talhão onde foi produzido.

“Conseguimos entregar ao mercado consumidor um nível de detalhe na produção que chega até cada talhão dos

nossos associados, sendo totalmente transparentes com quem consome cada xícara produzida por meio da Capal”, ressalta Beraldo.

Esse cuidado com a rastreabilidade é reforçado pela certificação Rainforest Alliance, um dos selos de sustentabilidade mais respeitados no mundo. A certificação atesta que a produção segue critérios rigorosos de responsabilidade ambiental, social e econômica.

Comercialização: do Brasil para o mundo

A Capal atua fortemente na comercialização do café, abrindo portas que muitos produtores, isoladamente, teriam dificuldade de acessar. Cerca de 50% do volume comercializado pela cooperativa é destinado ao mercado externo, chegando a torrefações e cafeterias em diversos continentes.

No mercado interno, o café Capal abastece grandes indústrias e também o consumidor regional por meio

de sua linha de produtos próprios. Além disso, a cooperativa mantém programas específicos para inserir seus associados no nicho de cafés especiais, com foco em boas práticas agrícolas e de pós-colheita.

“Temos profissionais dedicados à busca de valor agregado para os cafés especiais, ajudando nossos produtores a acessar mercados mais exigentes e remuneradores”, aponta.

Cooperativismo: a força da união

O grande diferencial da Capal está no cooperativismo. Ao contrário do produtor que atua de forma isolada, o cooperado tem acesso a condições comerciais mais justas, tecnologia de ponta, capacitação contínua e segurança na comercialização.

“A cooperativa repassa aos produtores as melhores condições de mercado, cobrindo apenas os custos operacionais e uma pequena margem sobre os riscos da operação. Isso garante aos associados mais competitividade e justiça na comercialização”, afirma.

A Capal também investe em eventos, concursos e feiras, promovendo a valorização da cafeicultura regional e nacional. Essa visibilidade tem sido essencial para consolidar a imagem de qualidade do café produzido pela cooperativa.

Desafios e futuro da cafeicultura

Como em todo setor agrícola, a cafeicultura enfrenta desafios – e o principal deles é o impacto das mudanças climáticas. A Capal tem adotado medidas preventivas, como o condicionamento de solo e o uso racional da água, para garantir maior resiliência aos sistemas produtivos.

“As mudanças climáticas são uma preocupação real. Mas com práticas sustentáveis, conseguimos mitigar os efeitos e continuar produzindo com qualidade e sustentabilidade”, diz.

Para o futuro, a cooperativa vê oportunidades em duas frentes: aumento de produtividade em novas áreas assistidas e crescimento do mercado externo, que, mesmo diante dos altos preços, ainda demonstra apetite pelo café brasileiro de qualidade.

“Nossa expectativa é de crescimento na produção e na qualidade, com aumento da competitividade dos nossos cooperados. No mercado interno, a tendência é de redução do consumo, infelizmente, devido aos preços elevados e ao poder de compra da população”, finaliza.



Foto: Banco de Imagens

Da lavoura à mesa, com qualidade e propósito

O café da Capal percorre um longo caminho até chegar à xícara do consumidor, mas em cada etapa há um fio condutor: a valorização do produtor e o compromisso com a excelência. O cooperativismo tem se mostrado não apenas uma alternativa viável, mas uma verdadeira estratégia de futuro para a cafeicultura nacional – conectando o campo ao mundo com responsabilidade, inovação e sabor.



Fotos: Divulgação

Como a Capal fortalece a produção de café de Marcelo Teixeira

Terceira geração de cafeicultores em Carlópolis, Marcelo Teixeira mostra como cooperativismo e assistência técnica transformam a produção e agregam valor ao café paranaense

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto



Marcelo Teixeira é a terceira geração de produtores de café de sua família em Carlópolis, no Paraná, e carrega a experiência de décadas na cafeicultura. Desde 1945, a família Teixeira mantém viva a tradição, e Marcelo, após anos morando no Japão, retornou ao Brasil em 2011 para se dedicar integralmente à lavoura. Hoje, com 120 hectares de café arábica, ele conta com a ajuda do filho, do sobrinho e de cinco funcionários. A maior parte da produção é entregue à Capal, com uma média de 40 a 50 sacas por hectare.

A qualidade do café começa na lavoura, e Marcelo segue práticas cuidadosas para garantir a produtividade e a longevidade das plantas. “O café é bianual. Após a colheita, realizamos a poda a cada dois anos, o que ajuda a manter a lavoura saudável e produtiva”, explica. A assistência técnica da Capal tem papel central nesse processo: análises de solo, manejo correto e pulverizações frequentes garantem que a lavoura esteja protegida contra pragas e desafios climáticos.

O beneficiamento do café também é estratégico. Marcelo conta que todo o processo é mecanizado e que a produção passa por secagem, lavagem e despulpamento, aproveitando a altitude de 500 metros à beira da re-

presa Chavantes. “O manejo correto e o uso de secadores são essenciais para manter a qualidade, principalmente em anos chuvosos”, destaca.

O cooperativismo, segundo Marcelo, é outro pilar da atividade. Cooperado da Capal desde 2004, ele ressalta que, sem a união proporcionada pela cooperativa, pequenos produtores teriam dificuldade de comercializar o café de forma competitiva. “A cooperativa compra em grande volume, garante pontualidade e, nos últimos cinco anos, tem

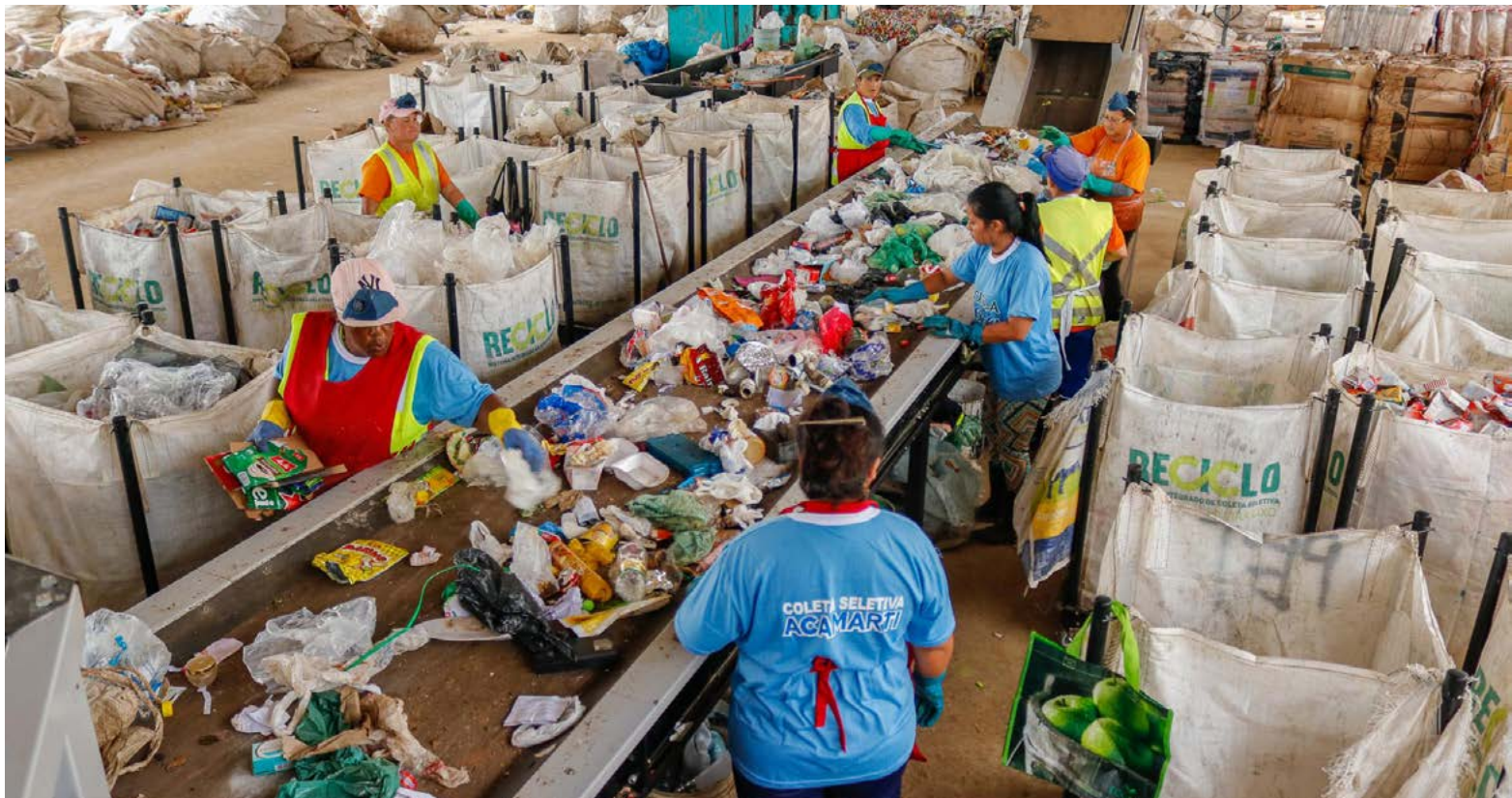
conseguido agregar mais valor ao nosso produto”, afirma. Além disso, programas de certificação como 4C e o C.A.F.E Practices da Starbucks ajudam a ampliar a visibilidade e a aceitação do café no mercado nacional e internacional. Marcelo acredita que o futuro da cafeicultura está em investir em pós-colheita e tecnologias que aumentem o

valor agregado do café. “O gargalo hoje está no pós-colheita. Estamos planejando investimentos em silos e secadores para otimizar o processo”, comenta. Sobre novos produtores, seu conselho é direto: “Se você quer crescer na região, precisa se cooperar. A Capal é diferente, porque oferece assistência técnica e suporte que fazem a diferença na produção”, comenta.

“A cooperativa compra em grande volume, garante pontualidade e, nos últimos cinco anos, tem conseguido agregar mais valor ao nosso produto.”
Produtor Marcelo Teixeira



Marcelo Teixeira (de azul) é a terceira geração de produtores de café de sua família em Carlópolis



Fotos: AscomTibagi

Tibagi Sustentável une reciclagem e agricultura familiar em programa de educação ambiental

Iniciativa mensal da Prefeitura promove a troca de recicláveis por alimentos e fortalece a conscientização ambiental no município

Kauana Neitzel/AscomTibagi

A gestão municipal de Tibagi retomou no primeiro semestre de 2025 o programa Tibagi Sustentável, que propõe uma ação de grande impacto: a troca de materiais recicláveis por frutas, legumes e hortaliças. A iniciativa, realizada em conjunto pelas secretarias de Agricultura e Meio Ambiente, alia sustentabilidade, incentivo à agricultura familiar e educação ambiental.

A proposta é estimular a separação correta do lixo doméstico e, ao mesmo tempo, valorizar os produtores locais por meio da compra de alimentos frescos, que são utilizados nas trocas. As ações estão sendo um sucesso, arrecadando centenas de quilos de recicláveis.

O programa, que é realizado uma vez por mês na

sede do município e nas comunidades do interior, passa por regiões como Caetano Mendes, São Bento, Alto do Amparo, Vila Salomão, Faxinal e Agudos. As datas e locais são divulgados periodicamente nos canais oficiais da Prefeitura.

De acordo com a secretária de Meio Ambiente, Leri Ribeiro, o objetivo principal é reacender o compromisso da população com o descarte correto dos resíduos. “Queremos incentivar as pessoas a voltarem a separar o lixo reciclável em casa. Recebemos plástico, papel, vidro, alumínio e outros materiais reutilizáveis. Apenas os resíduos eletrônicos, que exigem uma logística mais específica, ficarão para ações futuras”, explica.

Além da coleta de recicláveis, o programa também distribui sacolas reutilizáveis aos moradores, como forma de facilitar a organização dos resíduos e ampliar a prática cotidiana da separação. “É uma ação educativa contínua. Com pequenas mudanças de hábito, conseguimos grandes resultados na preservação do meio ambiente”, reforça Leri.

Do lado da produção agrícola, o projeto fortalece diretamente a agricultura familiar. Os alimentos distribuídos nas trocas são adquiridos por uma empresa contratada via licitação, que compra exclusivamente de pequenos produtores locais. Para o secretário de Agricultura, Eduardo Torres de Oliveira, essa dinâmica gera impacto positivo em duas frentes: ambiental e econômica. “É um modelo que valoriza o trabalho do agricultor e, ao mesmo tempo, contribui para a redução do volume de resíduos sólidos descartados de forma inadequada. O que antes poderia ir parar em rios ou queimadas em terrenos baldios agora ganha um novo destino, e ainda volta à população em forma de alimento saudável”, afirma o secretário.

Com o slogan “Reciclar, trocar, conscientizar”, o programa integra as ações previstas no Plano de Governo 2025–2029 da atual gestão, que prevê o apoio permanente à agricultura



familiar, à educação ambiental e ao próprio Tibagi Sustentável, como política pública estruturante.

O prefeito Rildo Leonardi destaca que o projeto é parte de um esforço mais amplo da Prefeitura em reforçar ações que envolvam a população na preservação dos recursos naturais. “Estamos comprometidos em manter e fortalecer o Tibagi Sustentável. Queremos que a população volte a ter orgulho de participar dessas trocas, que são educativas, sociais e ambientais. É uma ação que une todas as pontas da gestão: educação, meio ambiente, saúde e agricultura”, afirma o prefeito.

A proposta é que, ao longo dos anos, a iniciativa ganhe novas parcerias, envolva instituições de ensino e promova ainda mais ações educativas nas escolas e nas comunidades. “A longo prazo, a expectativa é de consolidar uma cultura de separação e destinação adequada de resíduos sólidos, ampliando os índices de reciclagem do município e fortalecendo a economia local”, destaca Rildo.





Fotos: Divulgação/Prefeitura Municipal de Ortigueira/Apomel

Produção de mel em Ortigueira: tradição, qualidade e reconhecimento nacional

Melissa Eichelbaun

A produção de mel em Ortigueira tem raízes antigas, que remontam à primeira metade do século passado. Até a década de 1960, o mel era consumido apenas pelas famílias locais.

A virada começou nos anos 1970, quando a família Kalçowski passou a produzir para comercialização. Desde então, cada vez mais produtores se dedicaram à apicultura, transmitindo o conhecimento às novas gerações e aprimorando as técnicas.

Em 1984, a fundação da Associação dos Produtores Ortigueirenses de Mel (Apomel) marcou um novo momento: o mel da cidade ganhou

profissionalismo e alcançou qualidade reconhecida. Com características únicas, resultado da flora da região dos Campos Gerais e da presença de uma das maiores reservas de Mata Atlântica do Paraná, o produto conquistou espaço no cenário nacional.

Atualmente, Ortigueira ocupa o 2º lugar no ranking estadual da produção de mel, com aproximadamente 500 toneladas anuais e 200 apicultores em atividade. O mel local se destaca pelas variedades monoflorais, extraídos de flores como capixingui, eucalipto e assa-peixe, e pelo silvestre (polifloral), que combina diferentes néctares.

Avanços e apoio à produção

Em setembro deste ano, a Prefeitura de Ortigueira realizou a reinauguração da Unidade de Beneficiamento de Mel (UBM), totalmente revitalizada. O novo espaço garante mais qualidade e segurança no processamento e na comercialização, fortalecendo a cadeia produtiva.

A cerimônia reuniu autoridades, produtores e a comunidade local, e foi vista como um marco para a retomada da Indicação Geográfica (IG) do mel de Ortigueira, selo de excelência que já havia sido re-

conhecido nacionalmente e agora volta a ser fortalecido.

O secretário municipal de Agricultura, Alexandre Moraes, destacou os investimentos do município. “Nós, na prefeitura, temos trabalhado fortemente para incentivar as agroindústrias, para que cada produtor possa ter sua própria unidade. O grande diferencial é a qualidade do nosso mel, já reconhecida nacionalmente, inclusive com Indicação Geográfica. Esse é um patrimônio que valoriza o produtor e o município”.

Fortalecimento da Apomel

Atualmente, a Apomel reúne cerca de 50 associados e vem ampliando seu papel na valorização da produção local. O presidente da associação, Cristiano Nascimento, ressaltou a importância da união dos apicultores. “A Apomel funciona com a produção dos nossos associados e tem o diferencial de contar com a Indicação Geográfica. Agora, com a associação fortalecida, nosso mel vai agregar mais valor e chegar às grandes cidades. Ser produtor de mel em Ortigueira é maravilhoso, porque aqui temos floradas únicas, como eucalipto, assa-peixe, capixingui e o mel silvestre, que tornam o nosso produto diferenciado”.

Apoio técnico do Sebrae

A parceria com o Sebrae também tem sido fundamental para dar suporte aos apicultores e estruturar a retomada da Indicação Geográfica. A gestora de projetos de agronegócios, Mariana Santana Scheibel, explica como funciona o trabalho técnico. “Nós atuamos em duas frentes principais: a operacionalização da Unidade de Beneficiamento de Mel, com programas de autocontrole, boas práticas de fabricação, adesão ao Serviço de Inspeção do Paraná, rotulagem e criação da marca do mel fracionado e a reestruturação da Indicação Geográfica. Essa IG foi concedida em 2015, mas ainda não estava sendo utilizada. Agora estamos reorganizando o conselho regulador e o caderno de especificações técnicas, para que ela volte a ser aplicada”.



Encadeamento produtivo: a força das conexões que transformam negócios nos Campos Gerais

Parcerias entre grandes empresas e pequenos negócios fortalecem cadeias produtivas, geram competitividade e impulsionam o desenvolvimento regional

Com Assessorias

Conectar pequenos empreendimentos às grandes oportunidades de mercado. Essa é a essência do encadeamento produtivo, estratégia que vem se consolidando como uma das mais eficazes para impulsionar o desenvolvimento regional e fortalecer a economia. Na região dos Campos Gerais, o Sebrae/PR tem atuado como elo articulador entre grandes empresas e micro e pequenos negócios, promovendo que a cooperação entre diferentes atores da cadeia de valor gere resultados sustentáveis e de longo prazo. De acordo com a consultora do Sebrae/PR, Suellen

Pavanelo, o modelo já mostrou sua relevância em diferentes setores.

“O encadeamento produtivo é mais que uma estratégia: é um instrumento de transformação social e econômica. Ele permite que pequenos empreendedores se tornem protagonistas de grandes cadeias de valor, conquistem novos mercados e construam relações comerciais sólidas, além de contribuir para que as grandes empresas implementem suas práticas de ESG”, afirma.

Fotos: Divulgação



O conceito envolve a integração de empresas de diferentes portes em uma mesma cadeia de produção, desde o fornecimento de insumos até a comercialização dos produtos finais. Para os pequenos negócios, sejam eles rurais ou urbanos, os ganhos incluem acesso a mercados mais estáveis, melhoria na gestão e nos processos, capacitação técnica, incentivo ao cooperativismo e proximidade de políticas públicas. Já para as grandes empresas, o modelo garante cadeias mais sustentáveis, rastreáveis e integradas, com fornecedores qualificados e mais próximos de suas operações.

O Sebrae/PR é um dos atores que promove esse encontro de interesses. Com experiência no desenvolvimento de micro e pequenas empresas (MPEs), constrói soluções conjuntas que permitem que os pequenos negócios atendam às exigências de grandes players, transformando desafios em oportunidades.

Na Regional Centro, em Ponta Grossa, por exemplo, a instituição acumula histórias de sucesso. Uma delas é o Programa Klabin Transforma Matas Sociais, que faz parte de um conjunto de iniciativas socioambientais da Klabin e



Programa “De Olho na Qualidade”, da Aurora Coop, ajuda produtores a melhorar processos e agregar valor aos produtos, ampliando competitividade e sustentabilidade.

que completa 10 anos em 2025. O programa apoia agricultores familiares em 11 municípios do Paraná, com foco na gestão das propriedades, diversificação da produção, acesso a mercados e fortalecimento do cooperativismo.

No histórico do programa, mais de mil produtores já foram atendidos e oito cooperativas apoiadas. Além de promover desenvolvimento rural sustentável, o programa promove a diversificação do uso da propriedade, a permanência no campo, o desenvolvimento da cadeia de produção e consumo na região e/ou empreendedorismo. Segundo Maria Harumi, gerente de Responsabilidade Social e Relações com a Comunidade da Klabin, os resultados são visíveis.

“Constatamos em pesquisa que mais de 66% dos agricultores apoiados pelo programa elevaram a produção de alimentos em suas propriedades. Quase metade ampliou a comercialização, fornecendo, por exemplo, para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e para o

Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Há maior retorno para os agricultores, ganho em sustentabilidade e benefício para toda a comunidade”, destaca.

É o caso da produtora rural Vivian Aparecida dos Santos, de Imbaú, na região dos Campos Gerais. Ela produz hortaliças, folhosas e temperos há 10 anos e desde então integra o Programa Klabin Matas Sociais por meio de uma cooperativa. Desde então, segundo ela, os ganhos foram muitos.

“Hoje fornecemos nossos produtos para a Prefeitura de Imbaú e de Telêmaco Borba, além de feiras. O crescimento do nosso negócio, após a inserção no programa, foi significativo. Nos tornamos conhecidos e, além disso, a mulher produtora rural é motivada para a atividade que é desafiadora no dia a dia, pois é um trabalho pesado e contínuo”, conta ao destacar o apoio que recebem com o Ecosolo, composto de matéria orgânica doada pela Klabin, que ajuda na qualidade dos produtos.



Programa Aprimore Paraná, promovido pelo Sebrae/PR e pela Ambev, oferece capacitações e mentorias que visam fortalecer a gestão, a produção e a competitividade das empresas no mercado.

Diversidade de formatos e oportunidades

O encadeamento produtivo também assume formatos inovadores, como no Programa Economia da Gente, iniciativa da Fundação Bunge. O projeto capacita fornecedores locais para atender às demandas da empresa, reduzindo custos logísticos e, ao mesmo tempo, fortalecendo a economia regional, afinal, neste processo os empreendedores se tornam mais preparados para atender a outras grandes empresas, além das oportunidades geradas entre eles durante os encontros de negócios. Assim, os pequenos negócios acessam mercados consistentes e duradouros.

Outra iniciativa é o Programa Aprimore Paraná, voltado para acelerar o desenvolvimento de microcervejarias

e brewpubs do Estado. Promovido pelo Sebrae/PR e pela Ambev, o programa oferece capacitações e mentorias que visam fortalecer a gestão, a produção e a competitividade das empresas no mercado. Além disso, a metodologia inclui visitas técnicas para a observação de boas práticas que possam ser implementadas nos empreendimentos ou que tragam algum tipo de inovação nos processos de gestão, produção ou mercado.

Conforme Marta Rocha, do Conhecimento e Cultura Cervejeira da Ambev, a empresa tem como compromisso e objetivo fortalecer todo o ecossistema cervejeiro no país e fomentar o crescimento compartilhado por meio de diversos

programas ligados ao Bora, plataforma de inclusão social e econômica da companhia. Entre eles, o Aprimore, que também foi contemplado no Paraná.

“A iniciativa busca desenvolver a profissionalização do setor, democratizando o conhecimento e capacitando microcervejarias. Com isso, ajuda a aprimorar a qualidade dos produtos e a gestão dos negócios, contribuindo para a expansão da cadeia produtiva de bebidas no Paraná”, pontua.

Ainda segundo ela, a parceria potencializa o impacto do programa ao unir a expertise da Ambev em conhecimento cervejeiro com a experiência do Sebrae/PR no apoio às micro e pequenas empresas. “Essa colaboração garante uma jornada de aceleração mais robusta, de ponta a ponta, tanto em aspectos técnicos quanto de mercado”, afirma.

O empresário Ricardo de Almeida Lima, da Irmandade Cervejaria, de Guarapuava, na Região Centro do Estado, foi um dos participantes da iniciativa. Segundo ele, o Aprimore Paraná foi fundamental para ampliar a visão sobre a cervejaria.

“Antes, estávamos muito focados na parte operacional e, com o programa, conseguimos enxergar a gestão de forma mais estratégica, abordando temas como precificação, tributos, finanças e marketing. O workshop sobre precificação, em especial, foi um divisor de águas, pois nos ajudou a retomar controles financeiros que são essenciais para o negócio. Todo esse processo contribuiu para que planejássemos melhor cada passo da empresa. Além disso, a troca de experiências com outras microcervejarias trouxe novas perspectivas e reforçou ainda mais a importância da profissionalização do setor”, considera.

Mais do que uma metodologia de apoio empresarial, o encadeamento produtivo se mostra uma estratégia versátil e adaptável a diferentes setores e formatos de atuação. Seja no campo, na indústria ou nos serviços, o objetivo permanece o mesmo: promover o acesso a mercado e gerar conexões sustentáveis entre grandes empresas e pequenos negócios. Nos Campos Gerais, essa rede de cooperação tem se fortalecido com o Sebrae/PR como articulador, criando pontes que transformam desafios em oportunidades. Ao unir diferentes atores em torno de um propósito comum, o modelo reafirma seu papel como um motor de desenvolvimento regional, capaz de impulsionar competitividade, inovação e prosperidade compartilhada.

De Olho na Qualidade

Outro exemplo recente é a parceria com a Aurora Coop, com o programa “De Olho na Qualidade”, pela qualificação de propriedades de suinocultores às cooperativas Capal, Frísia e Castrolanda. A aplicação de metodologias baseadas nos princípios do 5S tem ajudado os produtores a melhorar processos e agregar valor aos produtos, ampliando competitividade e sustentabilidade, pois, os produtores que participam do programa, além de terem mais segurança e fluidez na produção, passam também a receber mais pelos seus produtos, como forma de reconhecimento da Cooperativa.

A metodologia 5S é um programa japonês que ajuda empresas a manterem seus ambientes organizados, limpos e produtivos. O nome vem de cinco palavras japonesas que representam etapas simples e eficazes: eliminar o que não é necessário, organizar os itens de forma prática, manter a limpeza, padronizar processos e criar disciplina para que tudo isso se torne um hábito. Esse ciclo melhora o ambiente de trabalho, reduz o estresse e fortalece a cultura de excelência dentro das empresas, sendo aplicado em diversos setores além das fábricas.

“Há 26 anos esse treinamento vem transformando pequenas propriedades rurais em empresas, com foco em organização, limpeza, higiene e ordem mantida. São pontos importantes para que a propriedade possa continuar produzindo com qualidade, pois temos cada vez mais o mercado e consumidores exigentes. A ideia é qualificar cada vez mais nossos produtores rurais associados às cooperativas filiadas à Aurora Coop”, frisa o gerente de desenvolvimento rural cooperativo da Aurora Coop, Marcos Lopes.

Het Dorp: o vilarejo holandês de lavandas que ajudou a potencializar o turismo em Carambeí

Com uma história inspiradora e um cenário de beleza cinematográfica, o Lavandário Het Dorp se consolida como referência em turismo rural nos Campos Gerais

Melissa Eichelbaun

Por trás dos campos arroxeados que encantam os visitantes e inspiram fotos que parecem saídas de um cartão-postal da Europa, há uma história de superação, sensibilidade e empreendedorismo. Lucas Henrique Los, de 33 anos, fala sobre o Lavandário Het Dorp com o mesmo brilho nos olhos que guia quem faz da terra um propósito. Hoje, ele atua na gestão de um espaço que, em poucos anos, transformou-se em símbolo do turismo rural de Carambeí e dos Campos Gerais.

“Tudo começou de forma simples, quase como um refúgio pessoal”, relembra Lucas. Depois de mais de uma década trabalhando no Parque Histórico de Carambeí, o jovem viu sua rotina mudar com a pandemia. O encerramento das atividades tu-

rísticas o levou a reencontrar um antigo hobby: o cuidado com jardins. Incentivado pelo pai, Leonardo Renato Los, começou a plantar lavandas em um terreno da família — um solo que, à primeira vista, parecia pouco promissor, mas acabou revelando o segredo do sucesso.

“Era um local onde quase nada crescia, justamente por ser um terreno rochoso, mas a lavanda é uma planta que se adapta muito bem a esse cenário”, conta. O que nasceu com um campo modesto e uma bilheteria de madeira ganhou grandes proporções. O irmão de Lucas, Paulo Ricardo Los, juntou-se ao projeto, trazendo sua experiência como mestre queijeiro, e juntos deram vida ao Het Dorp — expressão holandesa que significa “O Vilarejo”.

Fotos: Christian Christoforo/ANUAGRO





Um sonho que floresceu com a comunidade

No primeiro ano de funcionamento, o lavandário recebeu cerca de 25 mil visitantes. No segundo, o número mais que dobrou. “Foi um crescimento muito rápido, e tivemos que aprender na prática o que é gerenciar um empreendimento turístico”, explica Lucas. Hoje, o Het Dorp já ultrapassou a marca de 50 mil visitantes por ano, atraindo pessoas de todo o Paraná e de outros estados.

O impacto foi sentido em toda Carambeí. Hotéis e restaurantes registraram aumento na procura, novos empreendimentos surgiram e o município criou seu Conselho de Turismo. “A cidade entendeu a importância do setor e passou a investir. Até a estrada que dá acesso ao lavandário será asfaltada. É um efeito em cadeia”, destaca Lucas.

Mais que lavandas: uma experiência completa

Quem visita o Het Dorp encontra muito mais do que campos floridos. O espaço foi planejado para que o visitante queira permanecer, viver a experiência e se conectar com o ambiente. “Queremos que as pessoas fiquem o máximo de tempo possível aqui, então criamos diferentes atrações”, explica Lucas. Entre os encantos do vilarejo estão o Poço dos Desejos, a Fonte do Amor Verdadeiro e a Ponte da Sabedoria — espaços que despertam curiosidade e interatividade. No Het Dorp, produtos locais e artesanais dividem espaço com cosméticos, doces e queijos — muitos deles feitos com o toque da lavanda.

Há ainda uma fábrica própria, que produz sabonetes, aromatizadores e cremes, e uma queijaria. O Café Het Dorp oferece sobremesas, como a famosa torta de Carambeí, e bebidas que remetem à tradição holandesa da cidade. Em breve, um moinho com mirante e novos campos de flores coloridas — inspirados nos jardins da Holanda — completarão o cenário.



Cultivo e conhecimento

O lavandário ocupa 1,5 hectare com lavandas francesas, que florescem praticamente o ano inteiro, e abriga outras sete variedades da planta, que podem ser conferidas no Museu da Lavanda. Lucas, que se especializou no cultivo da planta pela Universidade de Michigan, também pretende testar novas espécies importadas da França e da Bulgária, conhecidas pelo alto potencial de extração de óleo essencial.

“O cultivo da lavanda no Brasil ainda é muito manual, então aprendemos errando, testando e observando o comportamento da planta no nosso clima”, comenta. Essa dedicação é visível em cada detalhe do campo, que combina estética, técnica e respeito à natureza.

Rota das Lavandas e turismo regional

Integrante da Rota das Lavandas, circuito criado pelo Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR), o Het Dorp é hoje um dos principais pontos do roteiro que une propriedades produtoras e destinos turísticos em várias cidades do Estado. A iniciativa já movimentou a economia e colocou o Paraná em destaque no mapa do turismo sensorial e sustentável. Para mais informações sobre o vilarejo localizado em Carambeí, acesse o site: www.vilarejoholandes.com.br





Fotos: Divulgação/Castrolanda

Agroleite, 25 anos de uma vitrine do leite no Paraná

Infraestrutura própria, investimentos milionários e uma rede de expositores transformaram o encontro em um dos principais pontos de convergência do setor leiteiro na América Latina

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto

Há 25 anos, Castro, no Paraná, viu nascer um evento que se tornaria referência para a cadeia produtiva do leite no Brasil. O Agroleite, organizado pela Castrolanda, nasceu em 2001

como um desdobramento da Expocastrolanda, exposição de animais realizada por mais de 35 anos e que carregava a tradição das exposições que aconteciam desde a década de

1950, quando os imigrantes holandeses fundaram a cooperativa. A proposta inicial do Agroleite era simples: além da mostra de gado, reunir empresas, produtores e técnicos em torno de negócios, conhecimento e troca de experiências.

“O Agroleite surge com esse olhar mais comercial, de mostrar e reunir em um mesmo espaço toda a cadeia produtiva do leite, desde a produção pri-

“É um quarto de século de aprendizados, conquistas e desafios, porque a cada ano buscamos nos superar e realizar uma edição ainda melhor. O tema desta edição, ‘História que impulsiona o amanhã’ resume essa trajetória”

Willem Berend Bouwman, presidente da Castrolanda

mária até a distribuição, agregando seminários, palestras e dinâmicas”, explica Willem Berend Bouwman, presidente da Castrolanda. Na época, a cooperativa já se destacava pelo controle sanitário e pela organização dos produtores, e a feira vinha para reforçar esse papel, levando informação e ampliando a profissionalização do setor.

Os primeiros anos, no entanto, não foram de grandes proporções. A feira acontecia no Parque Municipal Dario Macedo, em Castro, com poucas empresas participantes. “A atração das empresas acredito que foi um ponto desafiador nas primeiras edições, porque estávamos alterando o conceito do evento. Para que desse certo, precisávamos do apoio e participação. Aos poucos, isso foi fluindo de forma natural, até que o parque municipal ficou pequeno para comportar o crescimento do evento”, recorda Bouwman.



Crescimento

A virada se consolidou em 2011, com a compra de um terreno ao lado do parque municipal e a construção do Castrolanda Expo Center. A nova estrutura, inaugurada em etapas a partir de 2012, permitiu a expansão da feira e a instalação de empresas parceiras no espaço. Para o presidente da cooperativa, esse foi um divisor de águas: “O marco mais importante foi a aquisição da área e o início da construção do Expo Center. Um projeto visionário para a época e que vem ganhando cada vez mais corpo, ainda mais agora com o planejamento de caracterização como Parque Tecnológico em parceria com o governo do Paraná.”

Esse crescimento ajudou a projetar Castro além das fronteiras do estado. O município, que já se destacava na produção de leite, passou a ser chamado informalmente de Capital Nacional do Leite, título oficializado por lei em 2017. Não por acaso, o tema da primeira edição foi “A cadeia do leite, na terra do leite”, slogan que refletia a vocação local. “Do início do evento até 2017, foram 16 anos de história e evolução que certamente elevaram e projetaram essa vocação de Castro e da própria Castrolanda, que teve como primeira atividade econômica a pecuária de leite”, comenta Bouwman. Com o passar do tempo, a feira manteve sua essência

técnica, mas ganhou outra dimensão. Hoje, é apresentada como a maior vitrine tecnológica da cadeia do leite na América Latina, o que exige investimentos cada vez maiores em infraestrutura, mobilidade e conforto para expositores e visitantes. “À medida que o evento foi crescendo, as demandas também aumentaram. Investimos em novas casas para empresas que desejam se instalar no parque e na melhoria da mobilidade para chegada e saída do público. Algo que temos buscado muito é tornar a visita mais agradável e impactante. Se a experiência for boa, a chance de retorno é muito maior”, observa o dirigente.

Foto: Foto Iran



Soma de experiências

Os números refletem essa transformação: mais de R\$ 40 milhões já foram aplicados no espaço, que continua recebendo novas estruturas a cada edição. Para a cooperativa, chegar ao marco de 25 anos é motivo de balanço e também de projeção para o futuro. “É um quarto de século de aprendizados, conquistas e desafios, porque a cada ano buscamos nos superar e realizar uma edição ainda melhor. O tema desta edição, ‘História que impulsiona o amanhã’, resume essa trajetória que alia os 25 anos do Agroleite à experiência de mais de 70

anos da Castrolanda”, afirma Bouwman.

Aos olhos do presidente, o maior legado do evento é ter sido construído coletivamente. “A história do Agroleite foi feita por muitas mãos nesses 25 anos. Pessoas que se envolveram verdadeiramente com esse propósito junto com a Castrolanda. Foi da união e cooperação que conquistamos o que temos hoje e é isso que nos inspira a construir um futuro ainda mais colaborativo e promissor para contribuir cada vez mais com a cadeia do leite no Brasil.”

Mulheres no agro: força, inovação e protagonismo no cooperativismo

Histórias de Deborah Gerda de Geus e Juliana dos Santos Ventura mostram como a presença feminina no campo transforma o cooperativismo, fortalece a gestão e inspira novas gerações

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto

Fotos: Christian Christoforo / Anuagro





Elas nasceram em tempos diferentes, trilharam caminhos distintos, mas carregam em comum a paixão pelo campo, a força para superar desafios e o orgulho de transformar, todos os dias, o agronegócio em um espaço cada vez mais diverso e inclusivo. Deborah Gerda de Geus, de Tibagi, e Juliana dos Santos Ventura, de Carambeí, são duas das milhares de mulheres paranaenses que, com coragem e determinação, vêm escrevendo uma nova história no setor rural.

No Paraná, segundo dados do Censo Agropecuário, mais de 40 mil mulheres conduzem seus próprios negócios no campo. Além disso, a contribuição feminina é fundamental para os empreendimentos familiares rurais, que se fortalecem quando contam com o olhar sensível, a disciplina e a visão de gestão das mulheres. Na Cooperativa Frísia, esse movimento é ainda mais evidente, com a participação feminina em comitês, cargos de liderança e sucessão de propriedades.

A trajetória de Deborah Gerda de Geus começa muito antes de seu nascimento. Seus avós paternos e maternos vieram ao Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, em busca de novas oportunidades na “terra prometida”. Trouxeram consigo o amor pelo campo, a dedicação à produção de alimentos e a crença no cooperativismo como forma de prosperar coletivamente.

“Eu sigo os passos e os valores que me foram transmitidos, pois as raízes cooperativistas fazem parte de quem sou”, conta Deborah.

Formada em Medicina Veterinária, Deborah iniciou a carreira no mercado de trabalho, mas em 2011 retornou para a propriedade da família. Cinco anos depois, integrou oficialmente a Frísia, por meio do projeto de sucessão. Hoje, administra uma área de 860 hectares de grãos (soja, milho, trigo, cevada e feijão) e uma produção anual de cerca de 9.500 suínos terminados.

A rotina de gestão é marcada pelo uso de tecnologia, agricultura de precisão e inovação constante. “O que não se mede, não pode ser melhorado”, afirma. Essa filosofia orienta as decisões que garantem competitividade e sustentabilidade aos negócios da família.

Ao longo da carreira, Deborah enfrentou desafios como a validação de seus conhecimentos em um mercado dominado por homens. Ainda assim, conquistou respeito, espaço e se tornou a primeira mulher a integrar um comitê de classe e o Conselho Fiscal da Frísia. “Fico muito feliz em saber que pude inspirar outras mulheres e contribuir para romper essa barreira. Hoje, já representamos um terço dos comitês. Isso é uma grande vitória coletiva”, celebra.



Juliana: leite, tecnologia e protagonismo feminino

Se Deborah cresceu imersa em raízes cooperativistas, Juliana dos Santos Ventura construiu sua história a partir do amor pelos animais e pela pecuária leiteira. Sua rotina começa cedo, na ordenha e no cuidado diário com as bezerras. Na propriedade, a família produz 2.500 litros de leite por dia, fruto de uma gestão cuidadosa, que alia bem-estar animal, eficiência zootécnica e organização financeira.

“Zelamos pelo cuidado dos animais para que produzam com qualidade e quantidade, já que esses cuidados refletem no preço final do leite”, explica.

Tecnologia e inovação também fazem parte da rotina: placas solares, colares de monitoramento, melhoramen-

to genético e assistência técnica especializada são ferramentas que garantem produtividade e sustentabilidade.

Premiada no projeto “Mulheres que inspiram”, Juliana integra o Comitê de Mulheres Frísia há cinco anos, e atualmente ocupa a coordenação. Junto de outras quatro produtoras, o comitê promove cursos, dias de campo e palestras sobre gestão financeira, de pessoas e de conflitos, sempre com base nas demandas das mulheres.

“Nem sempre sabemos fazer tudo e, na maioria das vezes, precisamos buscar capacitação. Esse é o caminho para mostrar que as mulheres são tão capazes quanto os homens no agro”, afirma.



Presença feminina cresce no agro paranaense

No Paraná, mulheres como Deborah já administram cerca de 35% das propriedades rurais (CGN, 2024). No cooperativismo, elas representam aproximadamente 35% dos cooperados e 43% do quadro funcional, além de serem maioria nos cursos de capacitação promovidos pelo SESCOOP/PR, com 55% de participação. Apesar dos avanços, os números ainda mostram desafios em cargos de liderança: apenas 6,6% ocupam presidências ou vice-presidências, 13,1% estão em Conselhos de Administração e 16,9% em Conselhos Fiscais (Paranacooperativo, 2024).



Diversidade que fortalece

Histórias como as de Deborah e Juliana mostram que o agro não é apenas lugar de produção, mas também de transformação social e cultural. Se antes o setor era visto como um ambiente quase exclusivo dos homens, hoje as mulheres têm conquistado espaço, respeito e liderança.

“Vejo a presença feminina crescendo de forma muito significativa e transformadora. Isso traz um olhar mais humano, diverso e complementar, que fortalece o cooperativismo”, analisa Deborah.

Juliana compartilha da mesma visão, destacando que as novas gerações são mais abertas à participação feminina. “Ainda existe resistência entre os mais velhos, mas percebo que esse cenário vem mudando. A sucessão familiar, apoiada pela cooperativa, é uma grande oportunidade para que mais mulheres se envolvam e assumam a gestão das propriedades”, considera.

Para ambas, o cooperativismo é uma ferramenta poderosa para abrir caminhos, gerar oportunidades e transformar realidades. A união de forças, valores e saberes é o que garante a perenidade do setor.

“O campo também é lugar de mulheres. Quando unimos forças, nos tornamos mais fortes. O futuro do agro passa pela diversidade, com homens e mulheres lado a lado, construindo um setor mais sustentável e inovador”, conclui Deborah.

SEU NOVO CARRO ESTÁ AQUI!

LEO VEÍCULOS

**VEÍCULOS
NOVOS E
USADOS**

Faça sua
simulação
agora!



**RUA NICANOR SOARES, 241,
CENTRO, JAGUARIAÍVA, PR**

☎ (43) 99978-5080



@leo_veiculos_

Com SUSAF e Selos Arte, Ortigueira expande mercados para a agroindústria familiar



Fotos: Divulgação/Prefeitura Municipal de Ortigueira

Melissa Eichelbaun

O município de Ortigueira vem consolidando sua posição de destaque no cenário paranaense da produção artesanal de origem animal. Em duas conquistas recentes, a cidade recebeu oficialmente o certificado do Sistema Unificado Estadual de Sanidade Agroindustrial Familiar, Artesanal e de Pequeno Porte (Susaf-PR) e ampliou o número de produtores contemplados com o Selo Arte, fortalecendo a economia local e valorizando a tradição rural.

A certificação do Susaf-PR, entregue em ce-

rimônia que reuniu autoridades municipais e estaduais, garante que as agroindústrias de origem animal credenciadas em Ortigueira possam comercializar seus produtos em todo o território paranaense. O reconhecimento amplia mercados e oferece mais segurança ao consumidor, além de incentivar a formalização do setor e a geração de emprego e renda. Para o município, a adesão ao sistema reforça o compromisso da gestão em apoiar o pequeno produtor e estimular o desenvolvimento rural.



Fortalecimento da agroindústria familiar

Paralelamente, Ortigueira também avançou no cenário nacional da produção artesanal com a entrega de 41 Selos Arte emitidos pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), tornando-se o município paranaense com maior número de produtos certificados.

O Selo Arte atesta a qualidade e o caráter artesanal dos produtos de origem animal, permitindo a comercialização em todo o território nacional, além de valorizar a produção artesanal, permitindo que os produtores possam vender seus produtos além das divisas do município e do Estado.

Atualmente, Ortigueira se destaca no Selo Arte com a produção de mel artesanal, fruto da força da apicultura local. Esse avanço é resultado de parcerias entre Prefeitura, Sebrae e instituições estaduais, que oferecem apoio técnico e incentivo à formalização.

Entre os exemplos de sucesso estão a Mel Kutz, primeira agroindústria dos Campos Gerais a conquistar o selo; o Empório Lê Kitutes Queijos Artesanais, com requeijão em barra produzido a partir de receita da Serra da Canastra; e o Mel Doce Mel, que integra o grupo de produtores reconhecidos nacionalmente.

“O Selo garante que o produto é genuinamente artesanal e abre portas para novos mercados, como grandes redes, feiras e consumidores em todo o país”, afirmou o secretário municipal de Agricultura, Alexandre Moraes.



Fotos: Pedro Ruta Jr.

Investimentos, produção e sustentabilidade no Paraná e Tocantins

Um dos marcos do ano foi a produção de um milhão de litros de leite por dia

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto



Fundada em 1925, em Carambeí (PR), a Frísia Cooperativa Agroindustrial encerrou o exercício de 2024 com faturamento de R\$ 5,79 bilhões. O resultado consta no Relatório de Sustentabilidade da cooperativa, que concluiu mais um ciclo de expansão e diversificação, evidenciando seu papel como agente de desenvolvimento econômico e social no agronegócio brasileiro, tanto nos Campos Gerais do Paraná quanto no Cerrado tocantinense.

A Frísia mantém operações concentradas no Paraná, onde estão a sede e mais 12 unidades, além da maior parte das atividades produtivas. Também está presente no Tocantins, que desde 2016 passou a integrar o mapa de expansão da cooperativa, com duas unidades. As duas regiões reúnem diferentes perfis, mas compartilham o mesmo foco em eficiência, sustentabilidade e agregação de valor às cadeias produtivas.

Um dos marcos de 2024 foi a conquista de um milhão de litros de leite produzidos por dia, alcançado em julho. O volume total do ano somou 362,2 milhões de litros, crescimento de 8,24% em relação a 2023, o que representa o maior avanço desde 2019. O resultado foi impulsionado pela estabilidade de custos e pela retomada dos preços no segundo semestre. A cadeia leiteira também ganhou reforço com a inauguração da Unidade de Engorda de Bovinos (UEB), que centraliza o manejo de machos da produção de leite e amplia a integração entre os segmentos de

carne e leite, com cerca de 700 animais em confinamento.

Na suinocultura, a Frísia consolidou o modelo de integração com a Aurora e manteve bons índices de remuneração aos cooperados. A Unidade Produtora de Leitões (UPL) implementou novos sistemas de alimentação e gestão, priorizando o bem-estar animal e a eficiência no manejo.

A agricultura também registrou oscilações importantes. No Paraná, as condições climáticas adversas afetaram parte da safra 2023/2024, com queda de 6% na produtividade da soja e redução de 13% no milho de verão, embora o milho safrinha tenha superado o desempenho histórico. As culturas de inverno apresentaram recuos mais acentuados, cerca de 40% de queda no trigo e 10% na cevada, mas foi registrada qualidade superior dos grãos.

No Tocantins, as lavouras de soja e milho enfrentaram déficit hídrico e atraso nas chuvas, o que comprometeu o rendimento. Ainda assim, o estado manteve crescimento de 11% na área de soja e diversificação da produção, com o avanço do gergelim, que atingiu produtividade média de 732 kg/ha.

No segmento de insumos, a cooperativa registrou estabilidade nos preços de defensivos e maior disponibilidade de fertilizantes, ainda que com desafios logísticos. Foram 130 mil toneladas entregues aos cooperados ao longo do ano.





Estrutura e investimentos

Os investimentos somaram R\$ 53,7 milhões em melhorias de unidades no país, com foco em modernização, eficiência e sustentabilidade. Em Carambeí, o destaque foi a construção de novos vestiários e o novo escritório de insumos. Em Ponta Grossa, houve a implantação de barracão climatizado para beneficiamento de sementes. No Tocantins, os aportes de R\$ 5,6 milhões modernizaram o armazém e os secadores de Paraíso do Tocantins, incluindo novos silos pulmões, sistemas automatizados e melhorias operacionais.

Além disso, a cooperativa investiu R\$ 105 milhões em ampliação e manutenção de armazéns e secadores no Paraná,

buscando ampliar a capacidade de armazenagem e reduzir perdas. A estrutura logística e de armazenagem também foi aprimorada para atender ao crescimento das operações agrícolas no Norte.

Em negócios industriais, a fábrica da Rações Batavo registrou produção recorde de 239 mil toneladas, o maior volume da última década. O Moinho de Trigo processou 139 mil toneladas e mantém a meta de expansão para 2025. Já a Sementes Batavo dobrou a capacidade de tratamento industrial, atingindo 60 toneladas por hora, e ultrapassou um milhão de sacas produzidas.

Energia e sustentabilidade

A Frísia consolidou práticas ambientais e ampliou o uso de energias renováveis. Em 2024, foram implantados mais de 100 projetos de energia solar no Paraná e Tocantins, totalizando 7,78 MWp instalados e 15.200 painéis fotovoltaicos, com economia estimada de R\$ 6,2 milhões anuais aos cooperados. Também avançaram os projetos de biogás a partir de resíduos das cadeias bovina e suína, com realização de workshops técnicos e articulação de parcerias.

Programas de manejo ambiental somaram 26 toneladas de resíduos veterinários e 27 toneladas de resíduos de manutenção coletados e destinados corretamente. O programa Fundo Azul, em parceria com a Sanepar, ampliou a implan-

tação de esterqueiras e biodigestores coletivos em propriedades leiteiras. Outras iniciativas incluíram o plantio de 1.400 mudas nativas e publicação de uma cartilha sobre descarte de carcaças.

A cooperativa também iniciou um projeto de agricultura regenerativa e crédito de carbono, acompanhando as novas exigências de rastreabilidade impostas pela União Europeia (EUDR). O programa Fazenda Sustentável realizou diagnósticos em 100% dos produtores de milho Waxy e em 75 sedes de cevada, alcançando certificação nível V RTRS, o mais elevado em boas práticas agrícolas e responsabilidade socioambiental.

Pessoas e governança

O relacionamento com os cooperados foi avaliado por meio de quatro pesquisas de satisfação, que resultaram em um índice médio de 55,25%, calculado pelo método Net Promoter Score (NPS). As principais demandas identificadas deram origem a planos de ação internos.

Em formação e capacitação, a Frísia realizou 21 treinamentos no Paraná e no Tocantins, totalizando mais de 4,4 mil horas. O Programa de Desenvolvimento de Liderança teve início em 2024 e contou com 38 participantes entre cooperados e encarregados, abordando temas como gestão financeira, tempo e liderança situacional.

Além disso, programas de sucessão familiar e educação cooperativista, como Cooperjovem, Mulheres Cooperativistas e Formação de Sucessores, mantiveram o foco na formação de novas gerações ligadas ao campo.

Expansão e centenário

A Frísia tem reafirmado a importância da intercooperação com as cooperativas Capal e Castrolanda, com as quais mantém a marca Unium e operações conjuntas nas indústrias de leite e trigo, além da parceria com outras co-



operativas na Maltaria Campos Gerais, inaugurada em 2024. O empreendimento impulsionou a produção de cevada no Paraná, que atingiu 286 mil toneladas, alta de 8% em relação a 2023.

Consolidando-se entre as maiores cooperativas agroindustriais do país, ao completar cem anos de história, a Frísia se prepara para novos desafios e amplia a presença nacional. “A longevidade da Frísia se explica pela capacidade de adaptação e pela união dos cooperados. O desafio, agora, é manter o equilíbrio entre tradição e inovação, ampliando o valor agregado das nossas cadeias produtivas e garantindo sustentabilidade econômica e ambiental”, destaca o presidente do Conselho Administrativo da Frísia, Geraldo Slob.

Presença que move a região

Além de faturar R\$ 5,79 bilhões e reunir 1.077 cooperados, 938 no Paraná e 139 no Tocantins, a Frísia mantém 1.256 colaboradores e impulsiona cadeias produtivas inteiras nas regiões onde atua. O peso econômico da cooperativa se traduz na geração de emprego, renda e fortalecimento do agronegócio.

Nos Campos Gerais, o segmento é diversificado e estratégico. O cultivo de hortifrúti (folhosas, tubérculos e frutos), cereais, oleaginosas, erva-mate, uvas e silvicultura convive com uma forte pecuária de leite e de corte, além de suinocultura, avicultura, ovinocultura, caprinocultura e equinocultura. Essa diversidade garante dinamismo à economia rural e sustenta cadeias produtivas integradas.

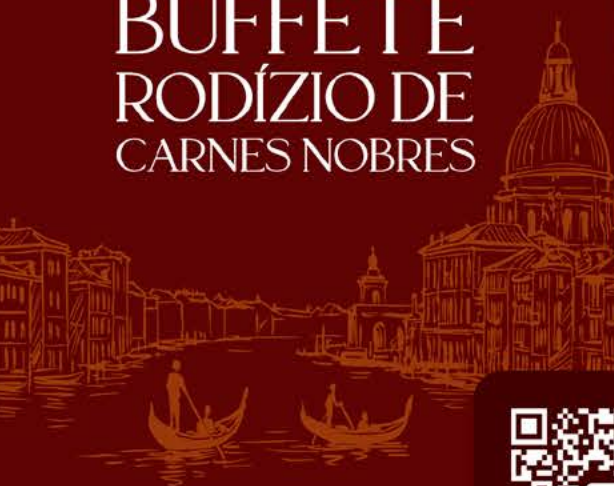
A presença da Frísia em Carambeí simboliza a conexão direta do cooperativismo no desenvolvimento local. A atuação da cooperativa é vista como motor de crescimento e transformação social.

“A relevância das cooperativas para Carambeí é indiscutível. Elas geram emprego e renda, fortalecem a economia local e regional e garantem oportunidades para os produtores. Quando as cooperativas crescem, nossa cidade cresce junto, porque a riqueza é distribuída e transforma a vida das famílias. Esse modelo de união e trabalho coletivo é um orgulho para Carambeí e um exemplo para o Paraná e para o Brasil”, afirma a prefeita de Carambeí, Elisângela Pedroso de Oliveira Nunes.



TODOS OS DIAS

BUFFETE RODÍZIO DE CARNES NOBRES



AMBIENTE
CORPORATIVO

IDEAL PARA REUNIÕES ESTRATÉGICAS E CONFRATERNIZAÇÕES



GASTRONOMIA E SOFISTICAÇÃO PARA OS SEUS NEGÓCIOS



Rua Comendador Miró, 969 - Ponta Grossa - PR | 42 3222-2222 | 98808-9979

www.lagondolarestaurante.com.br

Pirai do Sul consolida papel estratégico na cadeia florestal paranaense

Melissa Eichelbaun

A silvicultura em Pirai do Sul tem se consolidado como um setor estratégico dentro do agronegócio paranaense, integrando um cenário em que o Paraná se destaca como líder nacional na produção de madeira e lenha provenientes de florestas plantadas. O cultivo de espécies como eucalipto e pinus abastece, principalmente, a indústria de papel e celulose, além de fornecer lenha e toras para múltiplas finalidades.

Em 2022, o Paraná produziu cerca de 13,9 milhões de metros cúbicos de lenha, reafirmando sua força no setor. Além disso, a silvicultura estadual também contempla a produção de alimentos e insumos tradicionais, como palmito, erva-mate e pinhão, reforçando a diversidade da cadeia florestal. Os números refletem a importância econômica dessa atividade: em 2021, as exportações de papel e celulose do estado somaram US\$ 1,6 bilhão, enquanto o valor de produção de florestas plantadas

Foto: Banco de Imagens



atingiu R\$ 4,8 bilhões, garantindo ao Paraná a vice-liderança nacional no segmento.

No cenário local, Pirai do Sul tem participação expressiva. Em 2024, o município registrou R\$ 74,6 milhões em Valor Bruto da Produção (VBP) no setor de silvicultura, resultado de investimentos em tecnologia e práticas de manejo sustentável que conciliam rentabilidade com preservação ambiental.

Desenvolvimento e oportunidades

A silvicultura é hoje um dos pilares do desenvolvimento econômico de Pirai do Sul e região, contribuindo diretamente para geração de empregos, inclusão social e valorização do meio rural. O fortalecimento da indústria florestal local não apenas sustenta famílias, mas também oferece oportunidades de crescimento para novos empreendedores que buscam diversificação produtiva.

Especialistas apontam que o futuro da silvicultura no município depende do avanço das tecnologias de manejo e da ampliação de políticas públicas que incentivem a produção sustentável. Assim, Pirai do Sul se projeta como um dos municípios que melhor representam esse avanço, equilibrando desenvolvimento econômico, inovação tecnológica e preservação ambiental.

Laurival Pontarollo, o nome à frente do feijão mais querido do Brasil

A história de quem plantou trabalho e colheu sucesso

Melissa Eichelbaun

A história de Laurival Pontarollo é daquelas que misturam simplicidade, visão e uma força de vontade que parece vir do próprio solo. Nasceu em 30 de outubro de 1960, na comunidade de Boa Vista, em Guamaranga (PR), Laurival foi o terceiro de sete filhos de Edelzira Lisboa e Mário Pontarollo, agricultores que sustentavam a família com o trabalho na terra.

Desde cedo, Laurival aprendeu que o trabalho era o caminho para vencer. “Meu pai era agricultor, tinha pouca terra, e nós éramos em sete filhos. Desde cedo a gente aprendeu a trabalhar e a correr atrás do nosso sustento”, lembra.

Ainda menino, ele já ajudava na lavoura e nas vendas. “Com 10 anos eu já saía vender laranja. A gente tinha aquela vontade de crescer”, conta. O sonho que o movia era simples, mas carregava uma grande ambição. “Meu sonho era ser empacotador de feijão no Rio de Janeiro. Eu via os caminhões cheios de feijão e pensava: um dia eu vou fazer isso também.”

A vida no campo era dura, e quando se casou aos 20 anos, Laurival começou a pensar em algo maior. O desejo de garantir aos filhos uma educação melhor o impulsionou a mudar de rumo.



Fotos: Saulo Chistoforo

Mudança de rumo

Em 17 de agosto de 1996, com apenas R\$ 18 mil de capital e muita coragem, ele deixou o interior e se mudou para Ponta Grossa. Começou pequeno, em um depósito simples na Avenida Visconde de Mauá, com uma maquininha modesta e muita vontade de trabalhar. “No começo éramos só eu e um senhorzinho empacotando. Fazíamos dez, quinze fardinhos por dia e saíamos para vender.” Os primeiros clientes foram mercados de bairro: Schnekenberg, Luiz Pereira Gomes e o Mercado Vitor. Mas o começo não foi fácil. “No fim do ano, meu capital já tinha caído de 18 mil para 12 mil. Pensei em desistir, mas minha família me incentivou a continuar. Foi o que me deu forças.”

O incentivo deu frutos. Meses depois, as vendas começaram a crescer e um pedido de 50 fardos do Supermercado Rickli, de Carambeí, marcou a virada. “Eu não tinha nem transporte para levar todo esse feijão, mas eu dei um jeito. Quando eu vi que dava certo, foi uma alegria enorme.” A partir dali, o Feijão Pontarollo começou a ganhar espaço nas prateleiras e no coração dos consumidores. Em poucos anos, Laurival já atendia redes como Condor, Mufatto e Tozetto. “Eu olhava aqueles supermercados cheios e pensava: um dia ainda vou vender feijão aqui. E aconteceu.”



Foto: Arquivo pessoal

Força familiar

A força da Pontarollo está na união e no comprometimento familiar que sustentam o negócio. Sob a liderança de Laurival Pontarollo, a empresa conta com a atuação dos filhos William, Jhonatan e Maria Eduarda, que integram a gestão e contribuem com visão estratégica, inovação e continuidade ao legado construído. Durante toda a trajetória, Laurival teve ao seu lado Ana Maria Filomena Pontarollo, sua companheira, que sempre acreditou no projeto e esteve presente nos momentos mais importantes.



Feijão preto nº 1 do Brasil

Com o tempo, o Feijão Pontarollo se consolidou como uma das maiores marcas do país. Hoje, a empresa é referência nacional. “Em feijão preto, somos número um no Brasil”, afirma com orgulho. A operação se expandiu com unidades em Ponta Grossa e Castro, para onde chegam toneladas de feijão de várias regiões: Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte. “Recebemos até 12 mil sacos por dia. Cuidamos de cada detalhe, fazemos teste de panela, classificação e só embalamos o que realmente tem qualidade.” A empresa processa cerca de 3 milhões de quilos de feijão por mês e emprega 120 funcionários. “Às vezes vou ao supermercado e vejo o pessoal comprando nosso feijão. Disfarço, fico olhando os carrinhos. É uma alegria imensa. E o mais bonito é ver meus filhos fazendo o mesmo.” Hoje, o Feijão Pontarollo representa 70% do consumo em Ponta Grossa e já é a segunda marca mais vendida em Curitiba.



Foto: Banco de Imagens

Novos investimentos

No último ano a empresa fez um investimento de R\$ 30 milhões em ampliação e modernização de sua estrutura. Essa expansão colocou a Pontarollo em posição de liderança no beneficiamento e empacotamento de feijão, reforçando sua capacidade produtiva e ampliando a competitividade frente ao mercado nacional e internacional. Em 2019, a empresa adquiriu uma nova unidade no município de Castro (PR), com o objetivo de aumentar a capacidade de armazenamento da matéria-prima e também de ampliar sua atuação com a prestação de serviços de secagem, beneficiamento e armazenagem para produtores e indústrias que desejam estocar diferentes tipos de grãos, como soja, milho, trigo e feijão.

No cenário internacional, a Pontarollo tem ampliado fronteiras. Hoje exporta para Guatemala, Venezuela, México, Cuba, Reino Unido. As exportações seguem duas frentes: uma com produtos empacotados sob a marca Pontarollo, Serra e Malú, e outra com sacas de 50 kg, fornecidas a distribuidores locais. “Já estamos mandando feijão para Cuba, México e Venezuela”, comenta Laurival, com o entusiasmo de quem ainda sonha grande.

Responsabilidade social

A empresa mantém um convênio com a Secretaria de Segurança Pública, oferecendo oportunidades de trabalho a apenados da Penitenciária Estadual de Ponta Grossa – Unidade de Progressão (PEPG).

O projeto reforça a importância da reinserção social e do trabalho como ferramenta de transformação e dignidade, oferecendo capacitação e oportunidades reais de ressocialização. Além disso, a Pontarollo apoia o Hospital Pequeno Príncipe, referência nacional em atendi-

mento infantil, e participa de ações e campanhas solidárias que beneficiam a comunidade local.

Para Laurival, retribuir é um valor essencial, tanto que fundou, há cerca de 10 anos, o grupo “Amigos do Pontarollo”, formado por 38 pessoas de diferentes profissões. “Nós nos reunimos toda semana, jogamos futebol, fazemos uma janta e planejamos ações para ajudar as instituições. É uma forma de retribuir o que a cidade nos deu.”

Operário de coração

Apaixonado por futebol, Laurival também escreveu seu nome na história do Operário Ferroviário Esporte Clube, sendo presidente entre 2012 e 2016. Foi durante sua gestão que o clube viveu grandes momentos, como a conquista do Campeonato Paranaense de 2015, diante do Coritiba. “Sempre assisti aos jogos na arquibancada e sonhava em ver um jogo lá de cima, na cúpula da arena. E Deus me deu essa oportunidade”, lembra emocionado. A empresa também é patrocinadora do Operário.

Além disso, Laurival integra o conselho de administração do Sicredi Campos Gerais, mantendo-se próximo às iniciativas de desenvolvimento regional.

Sonho de menino que virou realidade

E, mesmo após 29 anos de empresa, Laurival segue com o mesmo brilho nos olhos de quem começou embalando fardinhos num pequeno depósito. “O segredo é fazer tudo com amor e honestidade. Quando a gente faz o certo, não tem como dar errado. Eu tenho muito orgulho do que construímos, e principalmente, de ver meus filhos continuando essa história.” De um menino da comunidade de Boa Vista, em Guamiranga, que sonhava em empacotar feijão a líder de uma das maiores marcas do país, Laurival Pontarollo é, acima de tudo, a prova viva de que o trabalho, quando temperado com humildade e fé, colhe resultados que vão muito além da lavoura.



Foto: Arquivo pessoal



Fotos: Divulgação / AMCG

AMCG promove ações voltadas ao desenvolvimento da agricultura nos Campos Gerais

Associação municipalista inclui o setor como eixo de atuação. Projetos lançados em 2025 visam à divulgação de produtos artesanais, à elaboração de um amplo diagnóstico das agroindústrias que atuam na região e ao apoio a novas políticas públicas

Com Assessorias

Em 2025, a Associação dos Municípios dos Campos Gerais (AMCG) consolidou um novo marco em sua trajetória ao incluir a agricultura como um dos eixos de atuação em seu estatuto. A medida foi aprovada pelos prefeitos durante assembleia e reforça o compromisso da entidade com um dos setores mais representativos da região. Segundo a presidente da

AMCG e prefeita de Imbaú, Dayane Sovinski, a mudança reflete a realidade dos municípios. "Os Campos Gerais têm na agricultura e na agroindústria familiar uma de suas maiores vocações. Reconhecer o setor no estatuto da Associação garante que ele receba a atenção e o apoio que merece dentro das nossas políticas regionais", destaca.

Diagnóstico das agroindústrias

Entre as primeiras iniciativas práticas está a elaboração de um amplo diagnóstico das agroindústrias que atuam nos 19 municípios da região. O levantamento, iniciado no segundo semestre de 2025, tem como foco a adequação dos pequenos produtores às normas de regularização sanitária e de comercialização, além de facilitar o acesso a incentivos, assessoria técnica e políticas públicas mais efetivas.

A equipe de trabalho da AMCG já levantou informações de 52 empreendimentos, revelando um panorama inicial importante do setor. Neste primeiro momento, os dados preliminares incluem empresas localizadas nos municípios de Ortigueira, Palmeira e São João do Triunfo.

Com base nos dados coletados até agora, a produção regional se destaca especialmente, dentro desse recorte, nos segmentos de leite e derivados (21,6%), panificação (19,6%) e mel e derivados (13,8%). Outro dado relevante é que 40% das agroindústrias entrevistadas



participam de alguma associação ou cooperativa. O início da pesquisa também aponta que muitas ainda operam apenas com o Sistema de Inspeção Municipal (SIM), que permite a comercialização somente dentro do próprio município.

Para Dayane Sovinski, o levantamento é estratégico. “O diagnóstico nos mostrará onde estamos e para onde precisamos caminhar. Ele serve como base para apoiar políticas públicas, fortalecer associações e abrir espaço para que esses produtores ampliem sua atuação no mercado”, explica.



Catálogo de produtos artesanais

Outro projeto desenvolvido pela AMCG é o novo Catálogo de Produtos Artesanais dos Campos Gerais, que deve ser lançado até o final do ano. A plataforma online reunirá itens tradicionais produzidos nos 19 municípios, como queijos, mel, panificados, embutidos e doces, ampliando a visibilidade e o acesso a novos mercados.

A ação, cujas inscrições se encerraram no fim de setembro, busca valorizar os produtores e criar um instrumento de promoção regional. “Esse catálogo vai mostrar a força e a diversidade da nossa produção. É uma vitrine que conecta consumidores, investidores e municípios”, ressalta a presidente da AMCG.



Capacitação e apoio ao Selo Arte

A Associação também tem investido em debates e encontros voltados à capacitação. Em 2025, um dos destaques foi o diálogo sobre o Selo Arte, certificação que permite a comercialização de produtos de origem animal em todo o território nacional. Atualmente, Ortigueira é referência no tema, com 33 produtos já certificados.

“Queremos que mais municípios alcancem o mesmo patamar, garantindo que os produtos regionais ultrapassem fronteiras. Para isso, estamos criando espaços de orientação e aproximação com órgãos de fiscalização, produtores e gestores municipais”, enfatiza Dayane.

Compromisso regional

As ações mostram que a AMCG tem buscado não apenas fortalecer o setor produtivo, mas também promover a integração entre os municípios. “Nosso objetivo é gerar oportunidades, fortalecer a economia local e valorizar a identidade dos Campos Gerais. A agricultura familiar e as agroindústrias são parte fundamental desse projeto de desenvolvimento regional”, conclui Dayane Sovinski.



**PLANTAMOS PARCERIA,
COLHEMOS A CONFIANÇA
DO HOMEM DO CAMPO.**

A MM Agro é o braço do Grupo MM voltado ao desenvolvimento da área rural.

Levamos até o campo tecnologia e conforto com vantagens exclusivas através de uma marca que há mais de 45 anos promove conquistas e realiza sonhos em todo o Brasil: a Lojas MM.

Porque acreditamos que o futuro também se colhe com parceria e confiança.

M LojasMM

Piraí do Sul amplia produção de suínos com inovação

Melissa Eichelbaun

A suinocultura em Piraí do Sul tem registrado expansão significativa nos últimos anos. Em 2023, o município alcançou seu maior rebanho da história, com capacidade para alojar mais de 287 mil suínos, número que representa uma recuperação expressiva após a forte queda registrada em 2017, quando o rebanho chegou a apenas 90,3 mil cabeças.

Esse crescimento foi viabilizado por estratégias como a adaptação de antigos aviários de frangos para a criação de suínos e a construção de novos espaços. O processo é impulsionado também pela presença de agroindústrias integradoras na região, que oferecem suporte técnico e condições favoráveis para os produtores locais.

Em termos econômicos, a suinocultura alcançou um Valor Bruto de Produção (VBP) de R\$ 456,15 milhões em 2024, superando outras cadeias produtivas relevantes, como a soja (R\$ 272,3 milhões) e a avicultura (R\$ 234,3 milhões). A maior parte desse montante veio da venda de suínos para corte, reforçando a importância do setor para a economia de Piraí do Sul.

Outro ponto fundamental para o avanço do setor é a adoção de tecnologias de melhoramento genético e práticas modernas de manejo, que garantem não apenas maior rentabilidade, mas também qualidade e competitividade da carne suína produzida no município.

Fotos: Christian Christofo/ANUAGRO





Produtor de destaque

Entre os produtores que se destacam na região está Rosnei Jacó, de Piraí do Sul, que atua na suinocultura desde 2018. Ao lado dos filhos e da esposa, Rosnei administra duas propriedades que juntas somam 6.300 animais, no sistema de integração de creche, em que os leitões são enviados diretamente para terminadores.

“Nosso setor é creche, e a rotina é criteriosa, com cuidados específicos como vacinação, limpeza com desinfecção, nebulizações, além da classificação por tamanho, sexo e cores de brinco”, explica. O produtor também ressalta que a automação transformou a rotina da família, tornando os processos mais ágeis e seguros.

Para ele, viver do agronegócio representa a realização de um sonho. “Hoje, atuar nesse mundo virou um sonho realizado para nós, graças ao apoio da família, da prefeitura e das cooperativas de crédito que são nossas parceiras”.

A trajetória de Rosnei é um retrato fiel da nova geração de produtores rurais que alia tradição, tecnologia e gestão profissional para manter a suinocultura de Piraí do Sul entre as mais promissoras do Paraná.



Em Witmarsum, Chácara Orquídea se consolida como referência regional na produção de leite

Com liderança, sensibilidade e inovação, Miriam Penner transforma a tradição familiar em exemplo de produtividade e tecnologia no campo

Melissa Eichelbaun

Fotos: Christian Christoforo/ANUAGRO



Entre as colinas suaves e os campos bem cuidados da Colônia Witmarsum, em Palmeira, uma história de dedicação e força feminina se mistura à tradição centenária da imigração menonita e ao vigor do cooperativismo que move os Campos Gerais.

À frente da Chácara Orquídea, a produtora Miriam Penner, 47 anos, representa uma nova geração de mulheres que conduzem com maestria o setor leiteiro paranaense — equilibrando técnica, inovação e amor pela terra.

Formada em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Paraná, Miriam cresceu entre vacas leiteiras, silos e histórias que atravessam quatro gerações. “Sou nascida aqui em Witmarsum. A produção de leite sempre foi parte da nossa vida”, conta. Depois de trabalhar em um frigorífico de exportação no Paraguai e também na Cooperativa Witmarsum, ela decidiu, há alguns anos, retornar definitivamente à propriedade para dar continuidade ao legado da família, liderando o negócio desde 2019.

Das raízes da imigração à força do cooperativismo

A trajetória dos Penner está diretamente ligada à própria formação da Colônia Witmarsum. Os bisavós de Miriam, alemães que migraram para a Rússia, chegaram ao Brasil na década de 1930. “Meus avós ainda eram crianças quando se estabeleceram em Santa Catarina. Já adultos, conseguiram adquirir terras aqui em Witmarsum, onde começaram a produzir leite”, relembra.

O início foi simples: vacas ordenhadas à mão, sem energia elétrica, e produção de manteiga transportada de carroça até Curitiba para venda. “Os menonitas sempre tiveram o costume de trabalhar em conjunto. A cooperativa nasceu com a colônia, para que todos pudessem crescer juntos”, explica.

Ao longo das décadas, a atividade leiteira consolidou-se como pilar da economia local, sustentando famílias inteiras e moldando a paisagem da região. “Meus pais criaram três filhos produzindo entre 600 e 900 litros de leite. Cada geração precisa subir um degrau — crescer um pouco mais para manter a propriedade viável.”



Tecnologia e tradição lado a lado

Hoje, Miriam administra uma estrutura moderna, que combina a tradição familiar com tecnologia de ponta. A Chácara Orquídea conta com robôs de ordenha, equipamentos que automatizam o processo e garantem mais eficiência, higiene e bem-estar animal. “Quando eu era jovem, tirávamos leite no balde e carregávamos tudo na mão. Fazer o silo era um processo manual. Hoje, com as tecnologias, tudo é mais rápido e seguro”, explica.

Com o apoio de uma linha de crédito do Programa Inovagro, voltado à aquisição de tecnologias inovadoras no campo, Miriam implantou o sistema automatizado há quatro anos. “O robô nos trouxe agilidade e qualidade. É um investimento alto, mas

que transforma completamente a rotina.”

Atualmente, a propriedade mantém, em média, 67 vacas em ordenha, alcançando produção diária de 2,6 mil litros de leite — com recordes que chegam a 2,9 mil litros. Entre setembro de 2024 e agosto de 2025, foram aproximadamente 860 mil litros produzidos.

A equipe é formada por dois funcionários fixos, o irmão — responsável pela parte agrícola — e o pai, de 77 anos, que ainda ajuda na leiteria. “Minha mãe hoje cuida da casa, do jardim e das flores — de onde vem o nome da propriedade. A Chácara Orquídea é um espaço de família e de amor pela terra.”



Integração agrícola e sustentabilidade

O sucesso da Chácara Orquídea vai além do leite. A família também investe na produção agrícola, integrando os sistemas de forma sustentável. “O milho é usado para silagem e alimentação do gado, e a soja é comercializada. Também plantamos feijão e outras culturas conforme a época do ano”, conta Miriam.

Toda a produção é comercializada por meio da Cooperativa Witmarsum. “O cooperativismo é essencial. Se o produtor brigar sozinho por preço, é muito mais difícil. A cooperativa nos dá estrutura, assistência técnica e negociação coletiva. Não sei como seria trabalhar fora desse sistema — nós sempre fomos cooperados.”

Com o apoio técnico da Fundação ABC, a família também adota práticas modernas de manejo agrícola e

gestão ambiental. “As informações que recebemos sobre fertilidade do solo, nutrição das plantas e qualidade dos insumos fazem toda a diferença.”

A força das mulheres no campo

Miriam cresceu em meio ao protagonismo feminino — e tornou-se, ela própria, um símbolo dele. “Minha mãe sempre trabalhou tanto quanto meu pai na leiteira. E as minhas duas avós também ordenhavam. As mulheres sempre tiveram papel essencial na produção de leite”, lembra. Mesmo com as exigências do cuidado com a casa e os filhos, as mulheres da família sempre estiveram na linha de frente. “Na época da minha mãe, ela cuidava dos bezerros, ajudava na ordenha e ainda mantinha a casa impecável. Eu cresci vendo isso.”

Com a mecanização e o avanço tecnológico, Miriam

acredita que a presença feminina ganhou ainda mais espaço. “Hoje o trabalho é mais técnico e menos braçal. Isso abriu portas para que mais mulheres assumam a gestão das propriedades e sejam reconhecidas pelo seu conhecimento e capacidade.”

Para ela, o segredo está em unir sensibilidade e determinação. “As mulheres têm um olhar diferente, mais cuidadoso. Meu recado às mulheres é: façam tudo com dedicação e amor. É preciso pegar na mão de Deus e trabalhar acreditando no seu potencial.”



Um legado que continua

A história da Chácara Orquídea é um retrato fiel da força do cooperativismo e da modernização do agro nos Campos Gerais — mas também, e sobretudo, uma história de continuidade.

De uma produção iniciada há quase um século, quando as vacas pastavam em terrenos coletivos e o leite era carregado em latões, até a atual leiteria automatizada, o que permanece é o espírito de união e trabalho que caracteriza a Colônia Witmarsum.

“Cada geração fez sua parte para melhorar o que recebeu. Meus avós começaram do zero, meus pais cresceram com muito esforço, e agora é a nossa vez de seguir construindo esse legado”, afirma Miriam.



Engenharia, Medicina do Trabalho e Laboratório de análises clínicas

Cuidando da sua saúde com dedicação e confiança.

 (42) 99900-7925

 (42) 3237-3505

 Av. Dr. David Federmann, 412 - Piraí do Sul/PR





Foto: Larissa Cipini

Da tradição à precisão: como a família Bolognesi uniu continuidade e inovação na gestão da propriedade

De pai para filhos, uma história de dedicação, raízes fortes e futuro promissor no campo

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto



Quando Rodrigo Bolognesi decidiu, em 2008, somar-se ao pai Claudemir Bolognesi nas rotinas da propriedade familiar, não trouxe apenas energia jovem: levou consigo a vontade de aprender o ofício que havia marcado toda uma geração. Hoje, junto ao irmão Renan Bolognesi, que passou a ajudar no ano seguinte, e com o pai mantendo-se como conselheiro, a família Bolognesi exemplifica uma sucessão bem-sucedida que combina cuidado com a terra, gestão compartilhada e adoção de tecnologias de precisão.

A história começou em Santa Mariana, onde o avô, o pai e os tios trabalhavam no campo. Em 1984, o pai de Rodrigo mudou-se para Wenceslau Braz com outros produtores.

Alguns seguiram caminhos diferentes, mas ele e o cunhado permaneceram e “se desenvolveram por aqui”. Rodrigo recorda a convivência próxima com o patriarca. “Meu pai sempre foi dedicação quase total a nossa propriedade, ele ‘respira’ agricultura, então nossa vida sempre foi bem influenciada pelo trabalho”, conta.

Mais do que presença, havia método. Para o pai, estar à frente significava entender profundamente cada atividade e também “saber fazer”. “Ele sempre dizia que para poder estar à frente tinha que saber fazer, para entender melhor o dia a dia do colaborador, saber as dificuldades de cada operação, cada terreno”, lembra.

A passagem do bastão: desafios e aprendizado

A transição foi gradual. Nos últimos quatro anos o patriarca começou a delegar funções. Rodrigo assumiu a parte administrativa e contábil; o irmão, a operacional e a manutenção; o pai passou a atuar mais como consultor. “Partiu dele mesmo, quando fez 65 anos, decidiu que era hora de ir transferindo as responsabilidades, tentando se manter mais como um consultor do que como gestor”, conta Rodrigo.

A mudança, no entanto, não foi isenta de dificuldades. “Meu pai sempre teve um espírito de liderança, de tomar a frente dos processos, então foi demorando um pouco para conseguir ir abandonando algumas partes do dia a dia da fazenda”, diz. A solução encontrada pela família foi o tempo e o diálogo, transferências planejadas e respeito ao ritmo de cada um.

A gestão da propriedade hoje funciona por áreas de responsabilidade claras, com espaço para debate e consenso. “A gestão ficou dividida em duas partes, a minha com a parte de compras, administrativo e contábil, e do meu irmão parte operacional e manutenção, tendo mais em conjunto a parte de monitoramento de campo. Cada um tem sua autoridade na área de maior responsabilidade, mas nunca fechado à opinião do outro”, frisa. Em decisões maiores, o trio busca acordo, por unanimidade ou por maioria, desde que a decisão não gere um rompimento entre eles. Transparência, reuniões periódicas e confiança são consideradas essenciais. Para Rodrigo, “famílias sem essas características tendem a se separar no futuro, cada um tocando sua parte da propriedade.”

Inovação ao serviço da produtividade e da sustentabilidade

A familiaridade com a rotina do campo não impediu a família de modernizar práticas. Nos últimos anos adotaram uma série de tecnologias e práticas de agricultura de precisão: correção do solo em taxa variável (calcário e cloreto), monitoramento via NDVI, plantadeiras com desligamento linha a linha, pilotos automáticos interco-

municáveis para evitar sobreposição, pulverizador com corte bico a bico, pulverização pulsada e compensação de curva. “Para esse ano atualizamos a parte de piloto automático dos tratores de plantio, para se comunicarem entre si e não ocorrer sobreposição ao trabalharem juntos”, relata Rodrigo.



Foto: Cristiane Correa Bolognesi

Os resultados aparecem em números e em resiliência. “Temos atingido boas médias produtivas nos últimos anos, mesmo nos anos com adversidades climáticas mais intensas, temos visto perdas menores de produção em relação a outros produtores da região, uma precisão melhor no uso de insumos, e melhor qualidade de controle do que tínhamos alguns anos atrás”, relata.

Para os próximos anos, a família planeja avançar na sustentabilidade, a começar por uma certificação na cevada que já engloba diversos requisitos sustentáveis, e por investimentos contínuos em qualidade de solo e em aplicações mais eficientes de defensivos, sempre com a meta de otimizar insumos e aumentar a lucratividade.

A cooperativa como alicerce

A Capal aparece como parceira estratégica nesse processo. Rodrigo destaca o papel da cooperativa “como uma base muito importante na nossa produção, investindo cada vez mais na qualidade de sementes, em seus tratamentos, na capacitação de sua assistência técnica, em investimentos na área de agricultura de precisão, fora os constantes investimentos na parte de recepção e armazenamento de produção, trazendo mais segurança e agilidade no escoamento de safra”. A assistência técnica da Capal, segundo ele,

tem sido ativa no desenvolvimento do solo, no acompanhamento caso a caso das aplicações e na busca por equilíbrio entre eficiência e custo. A experiência de Rodrigo no Conselho de Administração também ampliou sua visão. “É uma experiência muito gratificante fazer parte do conselho, é algo que eu sugeriria para todos os cooperados se candidatarem a fazer. Ali vemos como a cooperativa se preocupa com o desenvolvimento dos cooperados, cada investimento, cada melhoria é pensada neles”, considera.

Legado e conselho

Para Rodrigo, dar sequência ao trabalho do pai é um “desafio enorme.” Ele reconhece o prestígio que o patriarca construiu junto aos colaboradores e admite a pressão de corresponder: “Sempre ouvi das pessoas que colaboram com o dia a dia de nossa propriedade sobre o profissional que meu pai é. Para eu poder dar essa continuidade e desenvolver meu trabalho é um desafio muito grande para tentar atingir o prestígio que ele tem”, analisa.

O conselho final de Rodrigo a outras famílias em processo de sucessão resume a experiência. “Não é fácil, exige paciência de ambas as partes, por parte de quem está saindo e de quem está assumindo, tudo tem que ser feito com muita calma, analisando muito bem o ponto do outro, entrando em consenso sobre o melhor caminho. As mudanças, por mais que um veja como extremamente necessárias, têm de ser feitas no tempo que fique confortável para ambas as partes”, comenta.

Associações Rurais de Ivaí recebem implementos agrícolas

Melissa Eichelbaun

Em 2025, as 20 associações rurais de produtores de Ivaí foram contempladas com recursos destinados à aquisição de implementos agrícolas. Cada entidade teve autonomia para escolher, de acordo com suas necessidades, os equipamentos a serem adquiridos, respeitando o limite de até R\$ 35 mil por associação.

A iniciativa assegura que os investimentos sejam aplicados de forma estratégica e eficiente, respondendo diretamente às demandas do dia a dia no campo. Com os novos implementos, as associações passam a dispor de melhores condições para o preparo do solo, o manejo da produção e a modernização das atividades agrícolas.



Foto: Banco de Imagens

Mais investimentos na infraestrutura rural

Em 2025, o município de Ivaí iniciou o programa de pavimentação asfáltica nas estradas rurais, visando melhorar a infraestrutura de acesso às comunidades do interior e fortalecer o escoamento da produção agrícola.

A iniciativa busca garantir mais seguran-

ça, agilidade e qualidade no transporte de pessoas e mercadorias, beneficiando diretamente agricultores, estudantes e moradores das localidades rurais. Além de facilitar a circulação de veículos de carga e do transporte escolar, a pavimentação contribui para a redução dos custos logísticos e para a valorização das propriedades.

Em agenda internacional, Dayane Sovinski se reúne com lideranças e avança em novas parcerias para os Campos Gerais

Durante missão na Índia, a presidente da AMCG e prefeita de Imbaú destacou o potencial da região. Conquistas incluem estratégias para o setor agropecuário e o uso de inovação e tecnologia na gestão pública

Com Assessorias

Fotos: Divulgação / AMCG



A Associação dos Municípios dos Campos Gerais (AMCG) ampliou sua presença internacional em 2025, com a participação em uma importante missão oficial à Índia, realizada entre o fim de setembro e o início de outubro, a convite da Câmara de Comércio e Indústria Indo-Brasileira (CCIB). A agenda, que contou com representantes do Governo do Paraná e lideranças municipais, teve como foco o fortalecimento do intercâmbio tecnológico e institucional entre o Estado e os principais polos de inovação indianos.

A presidente da AMCG e prefeita de Imbaú, Dayane Sovinski, representou os 19 municípios da região e o Paraná ao lado do deputado estadual Marcelo Rangel, do prefeito de Jacarezinho e presidente do Cisorpi, Marcelo Palhares, e da diretora-executiva da Associação, Katiane Pires. A comitiva participou de fóruns de negócios, visitas técnicas a empresas, centros de inovação e parques tecnológicos, além de encontros com autoridades e representantes de universidades e empreendimentos de tecnologia.

“Esta missão foi uma oportunidade histórica para mostrar ao mundo o potencial dos Campos Gerais. Levamos conosco o espírito empreendedor e inovador da nossa região, que tem muito a contribuir nas áreas agrícola, industrial e tecnológica. Estamos prontos para estabelecer conexões que gerem resultados concretos para os nossos municípios”, destacou Dayane Sovinski.



Parcerias e intercâmbio de conhecimento

Durante a agenda, foi firmado um acordo de cooperação entre o Paraná e a Anand Agricultural University, a maior universidade agrícola da Índia. O convênio, viabilizado através do deputado Marcelo Rangel, permitirá que estudantes paranaenses realizem intercâmbio para aprender de perto sobre tecnologias que transformam a produção agrícola — do pequeno ao grande produtor rural.

“Esse passo é um marco para o futuro do nosso setor agropecuário, fortalecendo o conhecimento e abrindo portas para mais inovação e desenvolvi-

mento em nossa região. Estamos saindo com um convênio assinado que trará estudantes do Paraná para conhecer e aplicar o que há de mais moderno em tecnologia agrícola”, comemorou Dayane.

Marcelo Rangel, vice-líder do governo Ratinho Junior, também assinou um acordo de cooperação com o instituto RMP International, voltado à formação internacional de novas lideranças. O objetivo é promover intercâmbios e cursos entre Brasil e Índia, estimulando o protagonismo político e a formação cidadã de jovens paranaenses.



Cooperativismo e inovação

Um dos destaques da missão foi a visita à AMUL, uma das maiores cooperativas de leite e derivados do planeta. A delegação conheceu de perto o modelo de gestão e as tecnologias que sustentam a cooperativa, referência mundial em eficiência e sustentabilidade.

“Foi inspirador ver como a inovação está no centro das operações da AMUL. A estrutura e a tecnologia empregadas mostram que é possível fortalecer o cooperativismo com resultados que beneficiam diretamente os produtores. É esse tipo de experiência que queremos levar aos Campos Gerais, onde temos uma das maiores bacias leiteiras do Brasil”, observou Dayane.

A presidente da AMCG destacou ainda que a missão reforça a importância de o setor produtivo paranaense se integrar a redes internacionais de conhecimento. “A troca de experiências é fundamental para que possamos evoluir nas políticas públicas e na gestão dos nossos recursos, sempre valorizando o produtor e o desenvolvimento sustentável”, completou.





Representatividade e futuro

Para a diretora-executiva da AMCG, Katiane Pires, a agenda reforça o papel da Associação como articuladora do desenvolvimento regional. “Essa experiência internacional nos permite trazer novas ideias e soluções para dentro dos municípios. Estamos construindo pontes para que a inovação chegue à vida das pessoas e gere impactos reais na gestão pública”, afirmou.

Ao avaliar os resultados da missão, Dayane Sovinski destacou a relevância do diálogo internacional para os municípios paranaenses. “Os Campos Gerais estão cada vez mais presentes nas grandes discussões sobre inovação, sustentabilidade e futuro. Voltamos com parcerias concretas e com a certeza de que o mundo reconhece o potencial da nossa região”, concluiu.



Inteligência artificial na gestão pública

Entre os resultados mais expressivos da missão, a comitiva do Paraná firmou uma parceria inédita com a multinacional indiana Accelero AI, especializada em soluções de Inteligência Artificial para administrações municipais. O acordo prevê a implantação de um projeto-piloto de atendimento digital ao cidadão, que usará tecnologias de IA para modernizar os canais de comunicação e otimizar os serviços públicos. A expectativa é que a iniciativa seja implementada em cidades dos Campos Gerais.

Segundo a prefeita Dayane, a iniciativa não terá custo inicial para os municípios que aderirem ao projeto, o que garante acesso à inovação sem impacto orçamentário. “Essa parceria é um divisor de águas. Estamos trazendo para os Campos Gerais — o que há de mais avançado em tecnologia aplicada à gestão pública. É mais eficiência, agilidade e proximidade com o cidadão”, destacou Dayane.

Com o projeto, o Paraná e os Campos Gerais poderão se tornar referência nacional em transformação digital, abrindo caminho para novas iniciativas e servindo de modelo a outras cidades da região e do Brasil.



Daniel[®]
Materiais de Construção

SEMPRE SUA MELHOR OPÇÃO!

**PORCELANATO | PISOS | MATERIAIS PARA ACABAMENTO
TINTAS | MATERIAIS ELÉTRICOS | FERRAGENS**

(43)99622-1809 

AVENIDA ANTÔNIO CUNHA, 65 - CENTRO - JAGUARIAÍVA - PR



**COOPERANDO COM QUEM
FAZ O AGRO ACONTECER**

SEGURANÇA & CONVENIÊNCIA

**VENHA SER
NOSSO
COOPERADO!**

castrolanda.coop.br



Assistência técnica fortalece produtividade e rentabilidade da pecuária na Capal

Com foco em proximidade, inovação e sustentabilidade, equipe técnica transforma conhecimento em resultados e impulsiona o desenvolvimento das propriedades e comunidades rurais

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto

A assistência técnica tem se consolidado como um dos principais diferenciais competitivos da pecuária na região de atuação da Capal Cooperativa Agroindustrial. Muito além de visitas pontuais, o trabalho desempenhado pelo time de especialistas acompanha de perto a realidade dos cooperados, oferecendo suporte contínuo que se traduz em produtividade, eficiência e rentabilidade.

Segundo o coordenador do Departamento de Assistência Técnica - Bovinos da cooperativa, Roberto Caldeira, a missão é clara: "agregar valor e oferecer suporte especializado e contínuo aos produtores de leite e corte, promovendo eficiência, sustentabilidade e resultados práticos no dia a dia da fazenda".

O trabalho da assistência técnica integra manejo, nutrição, saúde animal, qualidade do leite e gestão, sempre com foco em boas práticas e uso racional dos recursos. Isso garante, ao mesmo tempo, maior produtividade, redução de desperdícios e

respeito ao bem-estar animal e ao meio ambiente.

O diferencial está na relação de confiança com o cooperado. Ao contrário de consultorias de mercado, a Capal busca compreender cada propriedade, acompanhar a execução das orientações e avaliar resultados em conjunto. "Estar próximo significa ouvir, compreender a realidade, oferecer soluções adequadas e acompanhar a aplicação delas no dia a dia. É atuar como um verdadeiro parceiro de jornada", destaca Caldeira.

Tecnologias que geram resultados

Entre as ferramentas incentivadas pela assistência técnica estão a análise de forragens por NIR, monitoramento de qualidade do leite, formulação de dietas balanceadas, uso estratégico de genética, integração com agricultura

para manejo de solo e pastagens, além de tecnologias de ordenha e monitoramento de indicadores zootécnicos. Os números comprovam o impacto. A região cresce, em média, de 7% a 10% ao ano em produção de leite, alcançando 39 litros por vaca/dia. Também houve redução nos custos alimentares por litro produzido. No gado de corte, projetos como o Beef on Dairy têm garantido maior ganho de peso diário, redução no tempo até o abate e padronização de carcaças.

Casos concretos comprovam os avanços: propriedades que ajustaram a nutrição tiveram aumento de 15% a 25% na produção de leite por vaca/dia, além de redução de até R\$ 0,15 no custo alimentar por litro. No corte, incrementos de 150 a 200 g/dia no ganho de peso reduziram em até três meses o tempo de abate. E, no leite, melhorias no manejo de ordenha reduziram em média 30% a CCS e 20% a CBT, elevando bonificações industriais.

Mais rentabilidade e segurança ao produtor

A assistência técnica não se limita à produtividade: ela garante maior segurança frente às oscilações de mercado. O acompanhamento permite decisões estratégicas baseadas em dados reais sobre desempenho, custos e manejo. Assim, o produtor se antecipa a problemas, planeja melhor e evita riscos.

“Tudo muda quando há acompanhamento constante. A gestão deixa de ser reativa e passa a ser proativa e estratégica. O produtor sai do achismo e passa a se antecipar aos problemas com base em informações concretas”, afirma Caldeira.

O fortalecimento não é apenas técnico, mas também pessoal. Ao apoiar o cooperado em suas decisões, a Capal contribui para que ele se reconheça como gestor, empresário rural e parte de uma rede de apoio construída pelo cooperativismo.

Inovação e futuro

As próximas etapas do trabalho da assistência técnica estão alinhadas às tendências tecnológicas e de sustentabilidade. A cooperativa já investe em monitoramento digital em tempo real, inteligência artificial para análise nutricional e genética, sistemas de alimentação de precisão e pastagens inteligentes.

Também há foco crescente em práticas de bem-estar animal, uso eficiente de recursos e redução de impactos ambientais. “Nosso objetivo é permitir que o produtor tome decisões mais rápidas, seguras e rentáveis, conectando inovação tecnológica à prática diária da fazenda”, reforça o coordenador.

Para os próximos anos, as metas incluem ampliar a produtividade de leite e carne, aumentar a eficiência das propriedades, reduzir custos e consolidar ainda mais a proximidade com o cooperado.

Impacto regional e comunitário

O impacto da assistência técnica vai além das porteiras. Ao fortalecer a produtividade e a rentabilidade das propriedades, a Capal impulsiona a geração de renda, empregos e oportunidades nas comunidades rurais. A troca de experiências entre cooperados também amplia a difusão de tecnolo-

gias e boas práticas, tornando a pecuária regional mais competitiva. “O produtor não é apenas cliente de serviços, mas parte de uma relação de parceria. O crescimento de cada cooperado fortalece toda a cadeia produtiva e gera benefícios para as comunidades em que estão inseridos”, resume Caldeira.

Inovação e qualidade transformam o Sítio Aliança em referência na produção de queijos premiados

Fotos: Lilian Dittmann

Com apoio da Capal, produtor de Santana do Itararé transforma crise em oportunidade e conquista 25 premiações nacionais e internacionais com queijos artesanais

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto

Em 2017, uma crise financeira obrigou o produtor Leomar Melo Martins, de Santana do Itararé, a buscar novos caminhos para sustentar a família e a propriedade. Cooperado da Capal há muitos anos, ele decidiu investir na produção de queijos artesanais, mesmo sem experiência. O que nasceu da necessidade transformou-se em referência de qualidade e reconhecimento. Hoje, a Queijaria Aliança já soma 25 premiações, entre nacionais e internacionais, incluindo medalhas conquistadas na França e no Paraná.

“Naquele momento, nós não tínhamos outra alternativa. Eu costumo dizer que perdemos o chão e tivemos que aprender a voar. Não sabíamos o que era queijo artesanal, mas decidimos produzir. Foi um salto de fé, que se mostrou muito positivo”, lembra Leomar.

A virada na propriedade está diretamente ligada ao suporte da Capal. Segundo o produtor, a assistência técnica tem papel fundamental na



produtividade e, principalmente, na qualidade do leite utilizado para a fabricação dos queijos.

“A Capal nos ajuda não só na parte nutricional, mas em todo o processo de alimentação do gado, análise de solos e silos, planilhas de custos e dietas direcionadas para a produção de sólidos. Esse acompanhamento mudou significativamente a composição do leite e a fertilidade dos animais, graças ao trabalho de genética e inseminação. Tudo isso reflete no resultado final: queijos de altíssima qualidade”, explica.

Leomar destaca que seu foco atual não é a quantidade de leite produzido, mas sim a qualidade. “Hoje, buscamos estabilidade e, sobretudo, produção de sólidos. Essa base garante rendimento industrial e dá consistência aos nossos queijos artesanais, que têm conquistado reconhecimento em concursos dentro e fora do país.”



Qualidade do leite, bem-estar animal e sustentabilidade

Fotos: Acervo Sítio Aliança

Para o produtor, não existe queijo bom sem leite de qualidade — e esse resultado começa no cuidado com o rebanho. “Animais felizes produzem leite e queijo melhores. Da fase de pré-parto até a produção, cada etapa é acompanhada com ração adequada, controle do colostro e manejo correto. A assistência técnica está presente em todas essas fases, garantindo sanidade e qualidade”, ressalta.

O Sítio Aliança também investe em práticas sustentáveis. A propriedade aproveita água de chuva, faz o descarte correto de dejetos da leiteria e da queijaria, utiliza energia solar fotovoltaica e preserva áreas de beira de rio. “Nós acreditamos que não existe produção de leite sustentável sem assistência técnica de qualidade. Esse suporte da cooperativa tam-

bém envolve preocupações ambientais e sociais, essenciais para a agricultura familiar e a produção artesanal”, afirma Leomar. O esforço e dedicação resultaram em uma coleção de conquistas. Entre os destaques estão medalhas em concursos de referência mundial, incluindo França, Paraná e diversas cidades brasileiras. Só em 2025, Leomar trouxe mais uma medalha internacional da França com um queijo autoral de massa cozida, além de um troféu no Brasil.

“É uma alegria imensa mostrar que, de uma propriedade tão pequena, podemos representar bem o Norte Pioneiro, o Paraná e a nossa cooperativa Capal. Cada premiação é a prova de que o trabalho sério, aliado à assistência técnica, faz a diferença”, afirma com orgulho.

Futuro com segurança e qualidade

O produtor reforça que o próximo passo é continuar investindo em segurança alimentar e inovação, sempre com o suporte da cooperativa. “Temos uma marca, o Sítio Aliança, e precisamos mantê-la com padrão de

altíssima qualidade. A assistência técnica da Capal é indispensável nesse processo evolutivo, porque não se trata apenas de produzir queijo, mas de toda uma cadeia produtiva bem estruturada”, conclui.

Conhecimento aplicado e resultados sustentáveis: a estratégia técnica da Capal no agronegócio

Baseada em dados, inovação e proximidade com o cooperado, a assistência técnica consolida-se como pilar do desenvolvimento produtivo e econômico das propriedades atendidas pela cooperativa

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto

No coração do agronegócio paranaense, a Capal Cooperativa Agroindustrial se consolida não apenas como elo de comercialização, mas como parceira estratégica de milhares de famílias no campo. Seja na agricultura de grãos, na pecuária ou na cafeicultura, a cooperativa tem como diferencial a proximidade com o produtor, oferecendo assistência técnica qualificada, acesso à pesquisa aplicada e incentivo à inovação.

O resultado aparece em propriedades mais produtivas, produtos de maior qualidade e negócios que se fortalecem de geração em geração. Das lavouras que sustentam recordes de produção, passando pelos rebanhos que dão origem a queijos premiados, até o café que chega com valor agregado à mesa do consumidor, a Capal demonstra como o cooperativismo é capaz de transformar conhecimento em prosperidade.

Esse compromisso com o desenvolvimento sustentável do campo tem como base a assistência técnica, que conecta ciência e prática no dia a dia das propriedades. Com equipes especializadas em diferentes áreas, a Capal oferece suporte

constante aos cooperados, ajudando-os a tomar decisões mais assertivas, elevar a produtividade e fortalecer a renda familiar.

O Departamento de Assistência Técnica (DAT) vem consolidando um modelo de atendimento baseado em ciência, tecnologia e proximidade com o produtor.

“Nosso trabalho parte de um princípio básico: entender as relações de causa e efeito que limitem a produção para propor soluções realmente eficazes”. A afirmação de Roberto Martins, coordenador regional do DTA no estado do Paraná, resume a filosofia do Programa de Precisão na Agricultura (PPA), um dos pilares do atendimento técnico da Capal. Por meio dele, a cooperativa mapeia as condições de solo e planta utilizando sensores e análises de campo, sempre orientada pela lei do mínimo, conceito segundo o qual a produtividade é determinada pelo fator mais limitante ao desenvolvimento da lavoura.

Com base nesses diagnósticos, os técnicos elaboram um planejamento completo de safra, de-

finindo os insumos necessários e as melhores estratégias de manejo para cada talhão. “Sementes, corretivos e fertilizantes são discutidos com o produtor para definir a me-

lhor rotação de culturas e os cuidados com os diferentes solos e plantas, sempre considerando a previsão climática esperada”, explica Roberto.

Diagnóstico de campo e uso racional de insumos

Durante o ciclo da lavoura, a assistência técnica realiza visitas periódicas e diagnósticos in loco, avaliando ocorrências, sintomas e o estágio fenológico das culturas. As decisões sobre aplicação de defensivos e outros insumos são tomadas com base em critérios técnicos e econômicos. “O ‘não aplique’ também é uma importante recomendação. A aquisição de agroquímicos pelos associados acontece apenas quando há necessidade real e com a devida prescrição técnica, pois buscamos otimizar custo e benefício, reduzindo aplicações desnecessárias”, afirma o coordenador. Essa conduta técnica, que preza pelo uso racional dos insumos, reforça o compromisso da Capal com a sustentabilidade. A redução de desperdícios e a prevenção de danos ambientais se traduzem não apenas em economia direta para o produtor, mas também em ganhos de imagem e responsabilidade social. “Nosso objetivo é agregar valor à produção dos associados e melhorar as margens de contribuição de cada cultivo, sem comprometer o equilíbrio ambiental”, completa.

Soluções, não produtos

Mais do que oferecer insumos, a Capal entrega conhecimento e suporte estratégico para o sucesso do produtor. Como resume o coordenador regional, “nós não vendemos produtos, entregamos soluções e cultivamos resultados”.

Pesquisa, inovação e qualidade de sementes

A Capal também aposta fortemente na pesquisa aplicada e na inovação tecnológica. A cooperativa é mantenedora da Fundação ABC, uma instituição sem fins lucrativos voltada ao desenvolvimento de soluções para o agronegócio cooperado. “A Fundação ABC mantém vínculos com instituições públicas, como o IAPAR, a EMBRAPA e universidades, e conduz projetos que visam a sustentabilidade técnica, ambiental e econômica das propriedades”, explica Roberto.

Outro diferencial está no programa próprio de produção de sementes, que garante qualidade e segurança para o cooperado. O objetivo é oferecer insumos de alto desempenho, testados e adaptados às condições regionais, assegurando um ciclo produtivo mais eficiente e rentável.

Gestão digital e atendimento personalizado

A assistência técnica da Capal é apoiada por uma plataforma digital que centraliza informações e relatórios das propriedades. O sistema registra visitas, fotos, receitas agronômicas com certificação digital e orientações técnicas, permitindo consultas e acompanhamentos detalhados.

“Essa ferramenta possibilita um atendimento personalizado por propriedade e talhão, trazendo um grande apoio na gestão técnica e de custos para os associados”, destaca Roberto. O resultado é uma relação de confiança e parceria, em que o cooperado tem acesso a dados precisos e recomendações sob medida para a sua realidade.



Fotos: Christian Christofo/ANUAGRO

Queijaria Cornélia: o protagonismo feminino de Arapoti que se tornou destaque em todo o Brasil

Seguindo o exemplo da mãe e da avó, Elsbeth Cornélia Verburg administra, junto da família, uma das propriedades de maior destaque da região na produção de leite e queijos. Conheça a trajetória de uma receita de família que se transformou em referência nacional em qualidade e sabor

Melissa Eichelbaun

No coração dos Campos Gerais, uma nova geração de mulheres vem moldando o futuro do agro paranaense. Elas atuam na gestão das propriedades, ocupam cargos de liderança, inovam em tecnologias e, sobretudo, mantêm viva a tradição que fez da região um dos po-

los mais importantes da agropecuária brasileira. Entre elas está Elsbeth Cornélia Verburg, 39 anos, veterinária, mãe, produtora rural e herdeira de uma história que começou há mais de seis décadas, em Arapoti, e hoje conquista o país.

Da Holanda ao Paraná: a origem de uma tradição

A trajetória da família Verburg se confunde com a própria história da colônia holandesa de Arapoti. Tudo começou em 1960, quando o avô de Elsbeth, Willem Verburg, e sua esposa Elizabeth Cornelia Rijneveld-Verburg deixaram a Holanda em busca de novas oportunidades. No Brasil, encontraram solo fértil e um novo lar. “Meu avô deu uma propriedade para cada filho. Meu pai, Henk, herdou a dele e começou a produzir leite aqui. Já minha avó foi quem

trouxo a arte do queijo, uma verdadeira tradição familiar”, relembra Elsbeth. Elizabeth, a matriarca, era reconhecida como uma talentosa queijeira na Holanda, premiada e apaixonada pela arte de transformar o leite em sabor inconfundível. Foi ela, cujo sobrenome hoje dá nome à queijaria, quem ensinou as noras e filhas a produzir queijo, com uma receita que atravessou o oceano e atualmente coloca o legado da família em destaque nacional.



Um sonho moldado por mulheres

Décadas depois, a história se repete, agora com outras protagonistas. A mãe de Elsbeth, Sineke Krikke, veio da Holanda em um intercâmbio para ensinar o idioma na colônia. “Ela era professora e veio para ficar dois anos. Acabou se apaixonando pelo meu pai e ficou até hoje”, conta, com um sorriso. Mesmo sem experiência no campo, Sineke herdou da sogra o talento e o gosto pela queijaria. Em 2013, já aposentada do magistério, decidiu trocar o quadro-negro pelas formas de queijo. Começou produzindo com 30 litros de leite na cozinha de casa, mas logo a paixão cresceu e

o negócio também. Com o apoio da família, foi construída uma queijaria artesanal, que rapidamente ampliou a produção para 300 litros. Anos depois, um novo salto em termos de capacidade: mil litros de leite, que são transformados em queijos premiados e reconhecidos pelo sabor autêntico. “Minha mãe é uma guerreira. Hoje ela cuida da parte administrativa e comercial, enquanto meu pai e meu marido continuam produzindo os queijos. É um trabalho em família, uma herança que queremos manter viva”, afirma Elsbeth.



O legado de Elsbeth

Enquanto a queijaria prosperava, Elsbeth traçava seu próprio caminho. “Desde pequena, eu ajudava meu pai na lida com os animais. Acho que está no sangue. Mas, no começo, eu queria seguir outro rumo, queria ser independente”, lembra. Formada em Medicina Veterinária, especializou-se em suinocultura e chegou a trabalhar em Minas Gerais antes de retornar a Arapoti.

O reencontro com as origens veio em 2013. “Meu pai me pediu ajuda na propriedade e eu disse que queria aprender tudo, do zero. Eu era veterinária, mas não de vacas”, explica. Com o tempo, Elsbeth ganhou espaço. Em 2019, assumiu a gestão da fazenda após a aposentadoria do pai. Hoje, a

propriedade produz mais de 4 mil litros de leite por dia — o equivalente a 1,5 milhão de litros por ano.

A busca por qualidade é uma marca do trabalho de Elsbeth. “No início, todo problema com o queijo caía na conta do leite. Eu disse ao meu pai que conseguiria mudar isso”, relembra. E conseguiu: em 2025, a propriedade recebeu, pelo segundo ano consecutivo, o prêmio de melhor qualidade de leite da Cooperativa Capal em sua categoria de produção. “Ver esse reconhecimento é uma alegria enorme. O queijo da nossa queijaria hoje tem um padrão estável o ano inteiro. É a prova de que o trabalho de base, com o rebanho, faz toda a diferença.”

Reconhecimento e destaque nacional

O sucesso da Queijaria Cornélia ultrapassou as fronteiras dos Campos Gerais, já garantindo destaque através do Prêmio CNA Brasil Artesanal. No Prêmio Queijos Brasil, um dos mais importantes do setor no país, a empresa conquistou três medalhas: ouro para o queijo natural, prata para a versão com orteiga e bronze para o queijo com ervas italianas. Além dessas e de outras premiações, a conquista do Selo Arte do Ministério da Agricultura, em 2025, permitiu à família comercializar seus produtos em todo o território nacional.

“Foi um ano inteiro de preparação para que este momento chegasse. O Selo Arte é um sonho realizado, porque reconhece a nossa história e o valor do queijo artesanal. Agora podemos levar o nome da nossa família e da nossa região para o Brasil inteiro”, diz Elsbeth, emocionada. Hoje, parte da produção de leite é destinada à queijaria, enquanto o restante segue para a Cooperativa Capal. A Cornélia se tornou símbolo da combinação entre tradição e inovação, mostrando que o sabor da persistência é, acima de tudo, genuíno.

Cooperativismo e confiança

Membro da Capal Cooperativa Agroindustrial, Elsbeth fala com orgulho sobre o papel do cooperativismo na vida dos produtores da região. “A cooperativa surgiu com os imigrantes holandeses. Meu pai sempre foi cooperado, e eu já cresci nesse meio. É uma rede de apoio fundamental. Recebemos assistência técnica, estabilidade financeira e segurança para o nosso produto. O leite tem destino certo, e isso garante tranquilidade para a família”, explica.

Ela também destaca o papel das cooperativas Capal, Frísia e Castrolanda, unidas na Unium, que fortalece a cadeia produtiva e garante previsibilidade de preços. “Sem a cooperativa, seria muito difícil manter a estabilidade do negócio”, completa.



Mulheres que inspiram e transformam

Ao falar sobre o papel da mulher no campo, Elsbeth é categórica: “A mulher precisa ter força, coragem e não pode ter medo. O forte da mulher é conseguir ser várias coisas ao mesmo tempo. Sou mãe, esposa e gerente de uma propriedade rural — e quero mostrar para outras mulheres que isso é possível.”

Em sua propriedade, a equipe feminina é motivo de orgulho. “Aqui, as mulheres fazem tudo. Sempre digo a elas: tenham coragem de aprender, porque vocês são capazes. Já sofri falta de respeito, mas aprendi a reagir com calma e razão. A gente precisa se impor com o exemplo.”

A inspiração vem das gerações anteriores. “Minha avó era uma fazendeira nata: veio para o Brasil sem falar português e enfrentou tudo com fé e coragem. Minha mãe também é um grande exemplo de força. Nunca deixou as dificuldades abalarem. É isso que quero passar adiante: sejamos fortes, corajosas e cercadas de pessoas boas, que somem à nossa caminhada.”

Agroleite



Fotos: Divulgação / Agroleite e Castrolanda

Com recorde de público e expositores, feira celebrou 25 anos em Castro e inaugurou uma nova fase com o Parque Tecnológico, consolidando-se como referência mundial da cadeia do leite

Fernanda Bertola e Patrícia Biazetto

A edição de 2025 do Agroleite entrou definitivamente para a história. Em sua 25ª realização, o evento registrou os maiores números desde a criação, em 2001, e mostrou que a cadeia brasileira do leite vive um momento de expansão e

amadurecimento. Foram cerca de 163 mil visitantes circulando pelo Castrolanda Expo Center, em Castro, ao longo de quatro dias, atraídos por 370 empresas expositoras que, juntas, movimentaram R\$ 969 milhões em negócios

2025: números históricos e R\$ 969 milhões em negócios



— um resultado 86% superior ao esperado pela organização.

Se os números já impressionam, a projeção é que o volume de negócios seja ainda maior nas semanas seguintes a realização do evento. “O montante de R\$ 969 milhões considera apenas as transações concluídas durante o evento. Mas sabemos que boa parte das negociações iniciadas aqui se concretizam depois, o que pode elevar ainda mais esse resultado”, explica Gustavo Viganó, gerente do Agroleite.

“Superamos todas as nossas expectativas. Sempre fomos conservadores com relação às projeções, mas o resultado desta edição nos surpreendeu muito”, avalia Viganó. Para ele, o êxito reflete não apenas os investimentos recentes no parque, mas também o papel estratégico que a feira vem desempenhando

na cadeia leiteira.

O crescimento já vinha sendo desenhado desde 2023, quando a Castrolanda ampliou a área de exposição de máquinas. No ano seguinte, o anúncio do Parque Tecnológico Agroleite abriu uma nova perspectiva para a feira e para o setor. Em 2025, os investimentos de R\$ 12 milhões se materializaram na entrega de 14 novas casas e sobrados destinados a empresas parceiras, na construção da nova sede do Agroleite no parque e em um espaço fixo para palestras.

“Os resultados conquistados na edição comemorativa de 25 anos reforçam nossa posição no contexto de representatividade da cadeia produtiva do leite no Brasil e nos consolidam como um dos principais eventos do setor a nível mundial”, assegura Viganó.

Estrutura ampliada e atrações renovadas

A edição de 2025 também marcou a inauguração da Trilha do Leite reformulada. Agora em estrutura permanente, o espaço foi planejado para explicar de forma lúdica o caminho do leite da fazenda até a indústria, mostrando os processos que garantem qualidade e segurança alimentar.

Outro ponto alto foi o retorno do leilão de genética lei-

teira, realizado de forma virtual. A novidade movimentou o mercado ao reunir compradores do Paraná e de Santa Catarina em busca de animais de alto padrão. Durante o leilão foram comercializados 41 animais, cuja venda resultou em um valor global de R\$ 834 mil. “As vacas continuam sendo as grandes atrações do Agroleite. O público sempre se impressiona com a qualidade dos animais”, comenta Viganó.

Programação técnica



Na Arena Conexão, novo espaço dedicado a palestras, a feira promoveu 47 eventos, muitos deles acontecendo de forma simultânea, entre fóruns, painéis e seminários. O modelo, que em boa parte do tempo contou com “palestras silenciosas” – transmitidas por fones de ouvido, permitiu maior integração e atraiu especialistas de todo o país e do exterior.

Entre os destaques estiveram o Seminário do Leite, os Fóruns da Agricultura e Suinocultura e o Pannel da Ovino-cultura, promovidos pelas áreas de negócios da Castrolanda. Patrocinadores também trouxeram nomes de peso para debater temas técnicos e também sobre economia global, perspectivas políticas e os rumos do agronegócio. “O Agroleite é um evento de cunho técnico e atrai um público qualifi-



cado, realmente envolvido na atividade, formado por pessoas dispostas a aprender, comprar, realizar negócios, conhecer os produtos. Os expositores valorizam muito isso”, diz Viganó.

Seung Lee, diretor executivo da Castrolanda, acrescenta que a cadeia do leite tem vivenciado uma crescente demanda por dados relativos à saúde, produtividade, reprodução, bem-estar e gestão financeira. “O produtor vê cada dia mais valor nessas iniciativas que visam aumentar a produtividade, proporcionar uma visão mais assertiva do negócio e que otimizem a mão de obra dentro da fazenda. Acredito que as inovações e tendências seguirão nesta direção nos próximos anos”, projeta.



Abertura internacional

A expressividade que o Agroleite conquistou ao longo dos anos atraiu para essa edição várias empresas e entidades internacionais. Para recebê-las, o Agroleite preparou uma ala especialmente dedicada a esses expositores na lateral do pavilhão de animais. Marcaram presença empresas da China, Itália e Holanda, bem como o Departamento de Agricultura e Comércio de Wisconsin dos Estados Unidos e a Embaixada dos Países Baixos. “Criamos esse espaço motivados por um interesse que partiu dessas empresas estarem conosco”, observa Viganó. Essa abertura internacional é estratégica. “O Agroleite sempre foi uma vitrine para lançamentos de empresas nacionais. Agora começa a ser reconhecido como um ponto de conexão global, capaz de atrair tecnologias de fora e projetar o leite brasileiro para o mundo. Para os próximos anos nosso objetivo é estreitar relações com essas instituições e buscar novas parcerias”, relata o gerente.

Impacto para produtores e para a região

Para os produtores, a feira é uma janela de oportunidades. “Mostramos que a atividade tem viabilidade em diferentes sistemas de produção, que pode atingir índices competitivos mundialmente e que há espaço para todos: do pequeno ao grande produtor”, afirma Lee.

O diretor destaca que a participação dos produtores, empresas e demais atores é fundamental para o desenvolvimento do Agroleite. “A Castrolanda promove o evento, mas ele é resultado de uma responsabilidade compartilhada com os demais elos da cadeia. Mesmo o evento tendo crescido exponencialmente, vejo que existe um envolvimento grande e um desejo de participar e fazer parte dessa história”, avalia Lee.

O impacto regional também é relevante. Com arquitetura inspirada na Holanda, o parque reúne elementos culturais e históricos, como o Marco da Imigração formado por esculturas que homenageiam as famílias de imigrantes e a dedicação na atividade leiteira, primeira atividade econômica da Cooperativa Castrolanda. “A beleza do espaço encanta os visitantes e soma-se a grande diversidade de soluções para a viabilidade das propriedades. E claro, as vacas de alto padrão genético, que são a grande atração”, comenta Viganó.



Parque Tecnológico: Inovação e Crescimento para o Futuro

O Parque Tecnológico Agroleite, cujo memorando de entendimento com o Governo do Estado do Paraná foi assinado em 2024, já é uma referência para o setor lácteo e está se preparando para avançar ainda mais nos próximos anos. Com 50 empresas instaladas e um compromisso com a inovação, o parque se consolidará como o centro de excelência em pesquisa, desenvolvimento e empreendedorismo na cadeia do leite.

A grande novidade é o anúncio do Centro de Excelência em Bovinocultura de Leite do Senar Nacional, que será instalado dentro do parque, consolidando Castro como um polo de conhecimento no setor. Além disso, o laboratório de biotecnologia do leite, que contará com um investimento de R\$ 20 milhões e será gerido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), estará entre as instalações mais modernas do Brasil. Este laboratório terá como foco a pesquisa de derivados lácteos e promoverá um salto significativo na qualidade e inovação do setor leiteiro nacional.

Gustavo Viganó, gerente do Agroleite, destaca que o Parque Tecnológico Agroleite vai muito além de um

simples espaço físico para empresas. "O parque será um verdadeiro ecossistema de inovação, conectando o governo, as universidades e o setor produtivo. Isso irá acelerar a pesquisa aplicada, estimular o empreendedorismo e tornar o Brasil um player ainda mais competitivo no mercado internacional", afirma Viganó.

A presença de grandes investimentos, como os R\$ 12 milhões anunciados pela Castrolanda para ampliar a infraestrutura do Castrolanda Expo Center, reforça o papel estratégico do Parque Tecnológico para a evolução do setor. Com a ampliação da área de exposição e a construção de novas estruturas, o parque se prepara para um fluxo crescente de empresas, pesquisadores e investidores interessados em soluções inovadoras para a cadeia do leite.

O Parque Tecnológico Agroleite representa, portanto, um ponto de convergência para novas tecnologias, parcerias estratégicas e pesquisas de ponta. Este é um dos principais pilares para o fortalecimento da pecuária leiteira, não apenas no Paraná, mas em todo o Brasil, projetando a região de Castro como um hub de inovação e desenvolvimento para o agronegócio.

Com o contínuo apoio do Governo do Estado, universidades e a iniciativa privada, o Parque Tecnológico Agroleite promete ser um motor de transformação, buscando soluções sustentáveis e tecnológicas que impactem positivamente a indústria de laticínios, contribuindo para a competitividade global do Brasil nesse setor.

Parque Tecnológico Agroleite

- ▶ Anunciado em 2024, já reúne 50 empresas ligadas ao setor. Hoje é Parque Tecnológico em planejamento junto ao Separtec
- ▶ Recebeu 14 novas casas e sobrados em 2025, destinados a parceiros
- ▶ Senar Nacional instalará Centro de Excelência em Bovinocultura de Leite, com início em 2027
- ▶ Governo do Paraná anunciou laboratório de biotecnologia do leite, com investimento de R\$ 20 milhões.
- ▶ Estrutura integra governo, universidades e setor produtivo em um mesmo ambiente.
- ▶ Objetivo: aumentar produtividade, garantir sustentabilidade financeira de pequenas propriedades e consolidar o Brasil como referência internacional.

Agro é Escola: um projeto que une campo e educação transforma o ensino no Paraná

Melissa Eichelbaun

O projeto Agro é Escola se destaca como uma das mais inovadoras iniciativas de integração entre o agronegócio e a educação pública do Paraná. A proposta nasceu da ideia de aproximar os alunos das escolas municipais com a realidade, valores, saberes e tecnologias do campo. O material pedagógico é alinhado às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e adaptado à realidade das escolas públicas. Mais do que uma publicação, o Agro é Escola é uma ponte entre o conhecimento e a realidade cotidiana dos alunos. O projeto transformou a revista Anuagro em planos de aula para turmas de 4º e 5º anos, oferecendo aos professores conteúdos que dialogam

com temas como história da agricultura, sustentabilidade, artes, cultura e tecnologia no campo. Tudo isso de forma acessível, engajadora e conectada à vivência dos estudantes.

Atualmente, o projeto está presente em 18 escolas de quatro municípios dos Campos Gerais: Carambeí, Palmeira, Piraí do Sul e Ponta Grossa. O Agro é Escola tem impactado diretamente professores e alunos, fortalecendo o vínculo entre educação e desenvolvimento local. As escolas participantes receberam formação em vídeo, assessoria via WhatsApp e apoio pedagógico contínuo para a aplicação das atividades.

Educação que nasce do chão do campo

Para a secretária de Educação de Piraí do Sul, Daniela Matos, a experiência do projeto é transformadora. "A proposta valorizou a vivência dos alunos no campo, aproximando ainda mais o conteúdo pedagógico da realidade em que eles estão inseridos", afirma. Ela destaca que as atividades como hortas escolares, oficinas práticas, rodas de conversa com produtores e pequenas feiras, despertaram o interesse dos estudantes e reforçaram o sentimento de pertencimento. "O projeto reforçou valores como sustentabilidade, responsabilidade com o meio ambiente e valorização do trabalho no campo. Nossa perspectiva é ampliar essas ações, trazendo novas abordagens, como o uso de tecnologias e o empreendedorismo rural", completa.



Foto: Arquivo pessoal

Foto: Divulgação



Um olhar além da sala de aula

Em Carambeí, onde o campo faz parte da identidade da comunidade, o secretário de Educação e Cultura, Inácio Povaz Filho, ressalta que o Agro é Escola ajuda a formar cidadãos conscientes da importância do agronegócio. “O projeto aproxima a realidade do campo da sala de aula, mostrando aos estudantes que a agricultura não é apenas parte da nossa história, mas um pilar essencial da economia, cultura e sustentabilidade dos Campos Gerais”. Ele destaca ainda o potencial do programa em conter o êxodo rural, ao despertar nas crianças o orgulho e o interesse pela vida no campo. “É uma forma de educar para além dos livros, conectando saberes, raízes e possibilidades. O projeto incentiva o desenvolvimento do agronegócio regional e valoriza o papel do aluno como agente de transformação”, complementa.

Protagonismo e valorização das raízes

Em Ponta Grossa, onde oito escolas participam do projeto, a secretária de Educação, Joana D’Arc Panzarini Egg, celebra o engajamento dos alunos e professores. “Nos alegra ver professores e alunos trabalhando juntos, desenvolvendo conhecimentos e mostrando como a agricultura, a pecuária e a tecnologia estão presentes no dia a dia das crianças. Queremos seguir trabalhando para que os alunos valorizem suas raízes e percebam o papel fundamental do campo na construção de um futuro mais sustentável e consciente”, reforça.



Foto: Eduardo Sponholz

Um modelo que inspira

O sucesso do Agro é Escola revela o potencial das parcerias entre o setor produtivo e a educação pública. O projeto não apenas facilita o trabalho dos professores, oferecendo planos de aula completos e adaptáveis, como também inspira novas práticas pedagógicas e desperta o senso de pertencimento nas comunidades escolares. Ao unir aprendizado, identidade e inovação, o Agro é Escola demonstra que a educação pode e deve nascer do chão onde os alunos pisam. Um chão fértil, que agora semeia não apenas alimentos, mas também conhecimento, orgulho e futuro.

Envolvimento e dedicação

A assessora pedagógica da Secretaria de Educação de Palmeira, Alessandra Barreto, destaca o envolvimento das equipes escolares e o impacto do projeto. “O Agro é Escola não foi apenas um projeto, foi uma oportunidade de transformar a visão dos nossos pequenos sobre o campo, despertando o respeito pela agricultura familiar, pelo meio ambiente e pelo desenvolvimento sustentável. Vimos um envolvimento genuíno das nossas equipes escolares, que abraçaram a proposta com entusiasmo, dedicação e muito carinho”, finaliza.

Valorização docente e reconhecimento

Além das produções dos desenhos dos alunos, o projeto também reconheceu o trabalho dos educadores com o Concurso de Projetos Pedagógicos Agro é Escola, voltado às professoras participantes. A premiação concederá um vale-viagem

no valor de R\$ 5 mil para o melhor trabalho desenvolvido durante o projeto, uma forma de celebrar a criatividade, o empenho e a dedicação dos profissionais que semearam conhecimento em sala de aula.

Foto: Arquivo pessoal / Professores da rede municipal de ensino de Pirai do Sul



O agro em sala de aula: o campo que floresce no aprendizado das escolas

Melissa Eichelbaun

Criado para aproximar o agronegócio da educação pública, o 'Agro é Escola' transforma o conteúdo das salas de aula em experiências vivas, conectadas à terra, à cultura e à identidade das comunidades rurais. Mais do que um material pedagógico, o projeto é uma ponte entre o conhecimento e a realidade cotidiana dos alunos, estimulando o protagonismo estudantil e o orgulho de pertencer ao campo.

Presente em 18 escolas de quatro municípios dos Campos Gerais: Carambeí, Palmeira, Pirai do Sul e Ponta Grossa, o "Agro é Escola" tem como base a

revista ANUAGRO, que se tornou o eixo de atividades pedagógicas, pesquisas e vivências. Alinhado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o projeto dialoga com temas como sustentabilidade, cultura, tecnologia e história da agricultura.

O Agro é Escola mostra que o aprendizado ganha força quando nasce da experiência, do contato com a terra e do diálogo entre gerações. Nas mãos e nas mentes dos alunos, o conhecimento floresce com propósito: formar cidadãos conscientes, orgulhosos de suas origens e preparados para semear um futuro mais sustentável.

Cultivar conhecimento, colher transformação

Na Escola Rural Municipal Padre Anchieta, em Pirai do Sul, o aprendizado floresceu em meio à prática. As turmas do 4º e 5º anos realizaram experiências

que uniram ciência e vivência. A construção de um miniecosistema com garrafas PET, cobertura de palha e sementes permitiu aos alunos com-

preenderem na prática os benefícios do plantio direto e o equilíbrio do solo. O acompanhamento semanal da germinação, com registros e comparações, tornou o aprendizado uma experiência científica e encantadora.

Além disso, a dramatização “Relação Campo x Cidade” envolveu as famílias e promoveu uma reflexão sobre a interdependência entre os dois espaços. “Foi uma oportunidade de valorizar o trabalho das famílias e reforçar o vínculo da escola com a comunidade”, destacou a equipe diretiva.

Parte das atividades foi comandada pela professora Juliana do Rocio de Anhaia, com a turma do 5º ano. “A agricultura e a pecuária fazem parte da vida dos nossos alunos. Trabalhar o tema Agro é Escola foi natural, pois muitos vivem o campo no dia a dia. Isso despertou neles orgulho e pertencimento, reforçando a importância das pequenas propriedades e da produção familiar na economia local”, afirma a direção da escola.



Foto: Arquivo pessoal / Professores da rede municipal de ensino de Piratô do Sul

Quando a teoria ganha vida

Na Escola Zeneida de Freitas Schinnerman, em Ponta Grossa, o entusiasmo tomou conta das aulas de Geografia. A professora Wilcília Tabor Santos transformou o conteúdo sobre pecuária e cultivo em uma experiência real: o plantio de alface, couve e escarola no terreno da escola. Mesmo enfrentando desafios, como a geada que afetou parte da horta, o aprendizado permaneceu vivo. “Foi uma vivência riquíssima. Os alunos que moram na área rural trouxeram



saberes das famílias, orientaram os colegas e mostraram na prática o que aprendem em casa”, contou a professora.

Inspirados pela entrevista com o produtor Franke Dijkstra, publicada na revista ANUAGRO, os alunos participaram de uma palestra da Mag Paraná, conheceram um trator tecnológico e até criaram um programa de TV fictício, batizado de “Agro é Tudo”, em que apresentaram o cotidiano de suas famílias no campo.

“Foi uma troca incrível. Eles se tornaram protagonistas, trazendo o saber do campo para dentro da sala de aula. O aprendizado foi muito mais que teórico: foi vivido, sentido e compartilhado”, resume Wilcília.



Foto: Arquivo pessoal / Professores da rede municipal de ensino de Ponta Grossa

Foto: Arquivo pessoal / Professores da rede municipal de ensino de Pirai do Sul



Lições que nascem do chão

Em Pirai do Sul, a Escola Municipal Rural Pedro Solek levou os alunos além dos muros da escola. Sob orientação das professoras Sibeli Krubniki e Aline Vassuavisk Rodrigues, as turmas do 4º e 5º anos visitaram a Fazenda Frank'Anna, onde conheceram de perto o sistema de plantio direto e ouviram as histórias do pioneiro Franke Dijkstra. "As crianças ficaram encantadas com a sabedoria e a simplicidade dele. Foi uma lição de sustentabilidade e respeito à natureza", relatou a professora Sibeli.

A visita à Fazenda Capão Alto, patrimônio histórico de mais de 300 anos, também uniu história e ecologia. "Os alunos voltaram empolgados, mais conscientes e inspirados, levando consigo valores sobre cultura, preservação e responsabilidade ambiental", completou a educadora. Estiveram envolvidas nas atividades as professoras Sibeli Krubniki, do 4º ano, e Aline Vassuavisk Rodrigues, do 5º ano, que contaram com o apoio da equipe diretiva: Diretora Suzete Aparecida Carneiro e a Pedagoga Anthonyeli Paola Fanckin Reis.

AgroMentes: semeando o conhecimento em Palmeira

Na zona rural de Palmeira, a Escola Municipal do Campo Professora Ida Albach desenvolveu o projeto AgroMentes – Semeando o Conhecimento, idealizado pela professora Elenice da Cruz Gonçalves. A proposta nasceu do desejo de fortalecer o vínculo dos alunos com suas origens rurais e valorizar o território onde vivem.

A revista ANUAGRO funcionou como fio condutor para uma série de atividades criativas e interdisciplinares, da leitura e interpretação de textos à confecção do Boneco do Conhecimento, feito com meia fina, areia e sementes de alpiste. A cada leitura realizada, os alunos regavam o boneco, simbolizando o crescimento do saber.



Foto: Arquivo pessoal / Professores da rede municipal de ensino de Palmeira

“Assim como a água faz a planta crescer, a leitura faz o conhecimento florescer”, explicou a professora Elenice. “Os alunos entenderam, de forma concreta, que o aprendizado transforma.” Outras ações também marcaram o projeto: a criação do mascote Mundinho Agro, a Caça ao Tesouro da Sustentabilidade, visitas ao Fórum da cidade, com direito a conversa com o promotor de justiça e a Exposição de Produtos do Campo, que destacou o valor da agricultura familiar.

Cada atividade reforçou a importância do campo como espaço de saber, trabalho e identidade. “O AgroMentes despertou o olhar investigativo e o orgulho rural dos alunos, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a consciência ambiental”, completou a professora

Raízes que inspiram o futuro em Carambeí



Na Escola Municipal Maria de Jesus Ruth de Lima, em Carambeí, o aprendizado ganhou novos contornos sob a orientação da professora Paula Silva de Oliveira. Inspirados pela reportagem do ANUAGRO sobre a “araucária de proveta”, os alunos desenvolveram um trabalho especial em sala de aula, explorando ciência, cultura e identidade.

Durante as atividades, refletiram sobre a importância da araucária para o Paraná e para o futuro, reconhecendo seu valor simbólico e ambiental. Para tornar o aprendizado ainda mais significativo, prepararam e degustaram o pinhão, discutindo sua presença na culinária e nas tradições locais.



Foto: Arquivo pessoal / Professores da rede municipal de ensino de Palmeira



Foto: Arquivo pessoal / Professores da rede municipal de ensino de Carambeí

Além disso, os alunos discutiram dois marcos importantes para o município: o centenário da Cooperativa Frísia e os 30 anos de emancipação municipal. As reflexões se ampliaram para o estudo sobre cooperativismo e o agronegócio local, com destaque para as cooperativas Frísia e Castrolanda.

Concurso Semeaduras: arte, educação e o orgulho de pertencer ao campo

Melissa Eichelbaun

O projeto “Agro é Escola” vem transformando a forma como as crianças enxergam o campo, a produção rural e o próprio território onde vivem. Parte de uma iniciativa que conecta o conhecimento escolar à realidade local, o programa tem levado às salas de aula das redes municipais de ensino dos Campos Gerais reflexões sobre sustentabilidade, tecnologia e o papel da agricultura no desenvolvimento regional. Dentro dessa proposta nasceu o concurso cultural de desenho “Semeaduras”, uma ação que floresceu junto com o aprendizado e revelou o olhar sensível e criativo dos estudantes.

O concurso, realizado a partir do conteúdo do ANUAGRO Campos Gerais 2024, produzido pela Editora Grande Curitiba, envolveu escolas municipais de Carambeí, Palmeira, Piraí do Sul e Ponta Grossa. Ao longo do primeiro semestre letivo, alunos do ensino fundamental mergulharam no tema “Campos Gerais, terra de oportunidade. Aqui é o país do futuro!” e traduziram em traços e cores o orgulho de pertencer a uma região que cresce e se renova a partir da força do campo.

O concurso “Semeaduras” é mais do que uma

competição: é um exercício de cidadania, identidade e educação ambiental. Ele traduz a essência do projeto “Agro é Escola”, uma iniciativa pioneira no Paraná, que leva inovação às escolas e semeia, entre as novas gerações, o reconhecimento do valor do campo como motor de desenvolvimento sustentável e humano.

Nos traços das crianças, os Campos Gerais ganham novas cores e significados. E, nas sementes plantadas por esse projeto, germina o futuro de uma educação mais conectada à vida, à terra e às pessoas.

Cada escola realizou sua própria seleção, e os desenhos finalistas foram avaliados por uma banca do Departamento de Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). O resultado, anunciado no dia 24 de setembro, consagrou como vencedor o aluno Gabriel Maia dos Santos, da Escola Professora Maria Elvira Justus Schmidt, localizada no Distrito de Guaragi, em Ponta Grossa. Além de Gabriel, os representantes de cada município também foram premiados e todos receberão uma poupança de R\$ 300 oferecida pelo Sicredi, incentivo que simboliza o reconhecimento ao esforço e ao talento das crianças.

Ponta Grossa: o campo em transformação e a confiança que floresce com a arte

O desenho de Gabriel Maia dos Santos, de Ponta Grossa, retrata o campo contemporâneo e suas transformações. "Durante as aulas do projeto aprendemos muitas coisas e pudemos relacionar à nossa realidade de zona rural. Então desenhei o campo de hoje em dia e as evoluções que já estão chegando nele. Saber que meu desenho foi premiado me deixou muito feliz, porque achava que meus desenhos não eram bons e agora tenho confiança em fazer outros desenhos", contou o estudante.

A pedagoga Adriana Aparecida Antoniacomi destaca que o projeto mudou o olhar dos alunos sobre o próprio território: "O 'Agro é Escola' aproxima os estudantes da realidade em que vivem e valoriza os saberes do campo. Ele fortalece o protagonismo dos alunos, tornando a aprendizagem mais significativa e despertando o senso de responsabilidade ambiental e cultural. Em Guaragi, conseguimos articular o conteúdo do projeto com o trabalho de apicultura da comunidade, e isso ampliou a vivência dos estudantes muito além da sala de aula."



Gabriel Maia dos Santos - 4º ano
Escola Professora Maria Elvira
Justus Schmidt
Professora Cristine Maria Euphrasio



Carambeí: o orgulho de representar a vida na fazenda e o saber do cotidiano

Em Carambeí, o pequeno João Vitor Galvão de Lima, da Escola Rural Santa Cruz, representou em seu desenho a fazenda onde vive e o trabalho dos pais. "Fiz um desenho com ovinhos, vacas, trator, sol e nuvens. Tudo que tem numa fazenda é importante para as cidades, porque se transforma em produtos que as pessoas compram. Fiquei muito feliz de ser selecionado, porque meu desenho representa minha casa e o lugar onde meus pais trabalham."

Para a pedagoga Maria Elenice do Carmo, o projeto trouxe uma experiência educativa completa. "Os alunos puderam se aprofundar em temas que já fazem parte do cotidiano deles, como o plantio direto, e conhecer novas práticas, como a apicultura. O material do projeto permitiu trabalhar leitura, interpretação e até ciências de forma integrada. O mais bonito foi ver o orgulho com que as crianças falavam da vida no campo."



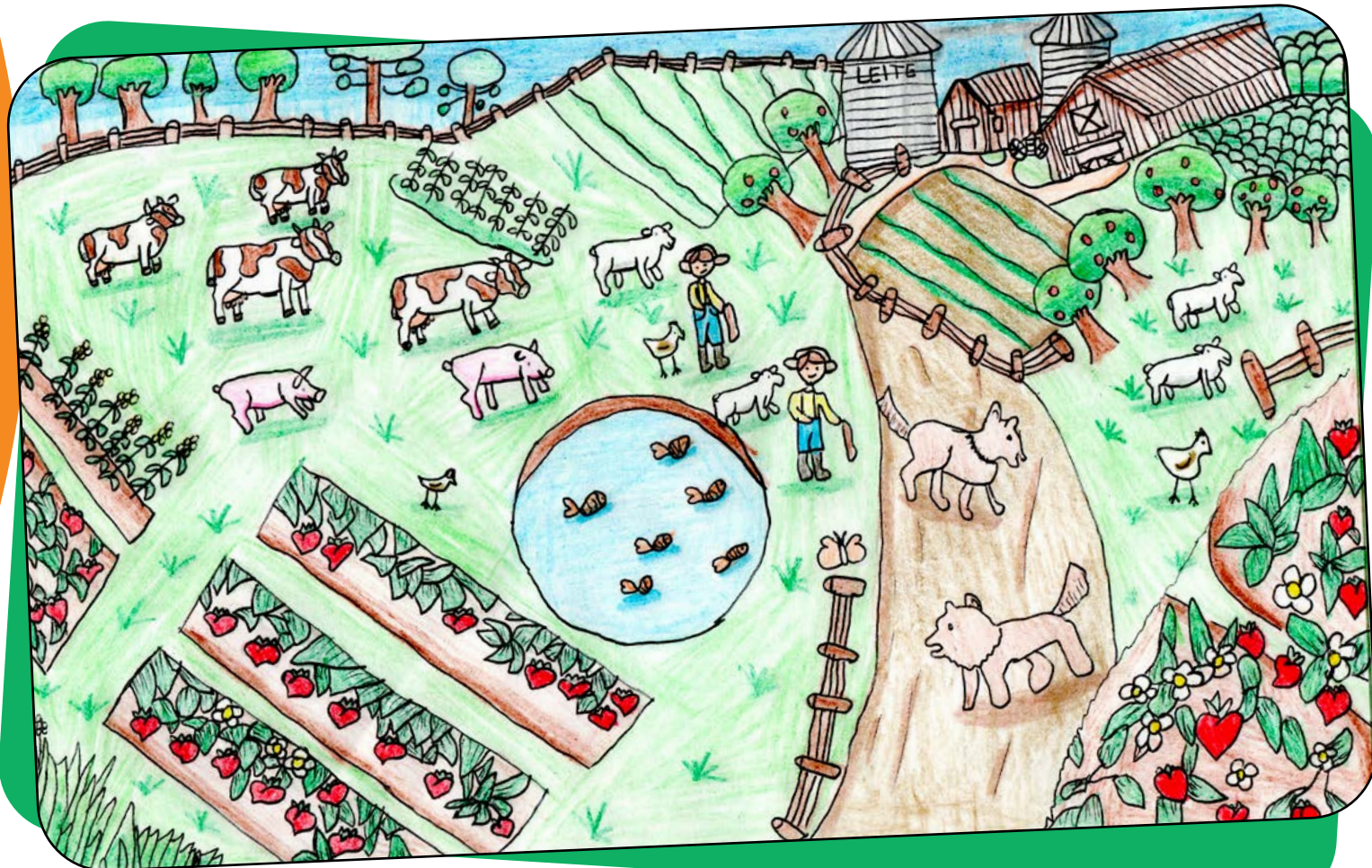
João Vitor Galvão de Lima - 4º ano
Escola Rural Santa Cruz
Professora Sueli Woelher



Piraí do Sul: o alimento que vem da terra e o despertar para o futuro sustentável

Em Piraí do Sul, a estudante Maria Eduarda Cechim da Silva, da Escola Rural Padre Anchieta, representou no papel o entorno de sua casa, repleto de plantações e criações. “Meu desenho mostra como o lugar onde moramos é um espaço de produção de alimento. Tem plantação de morango, milho, horta, criação de porcos, frangos, vacas e até laranjeiras. Fiquei muito feliz porque meus colegas desenharam muito bem, nem acreditei que o meu passou!”, contou.

A pedagoga Crismere Oliveira e Silva avalia que o “Agro é Escola” foi essencial para integrar teoria e prática. “O projeto aproximou os alunos da agricultura sustentável e despertou o interesse pelas profissões ligadas ao campo. Eles começaram a entender o valor da produção local, o cuidado com o meio ambiente e o papel do produtor rural como agente de transformação. Foi uma experiência que ampliou horizontes e plantou sonhos.”



Maria Eduarda Cechim da Silva - 5º ano
Escola Rural Padre Anchieta
Professora Juliane do Rocio de Anhaia



Palmeira: tecnologia, tradição e o sentimento de pertencimento ao território

Na cidade de Palmeira, a Escola do Campo Professora Ida Albach foi representada pela aluna Emilly Camargo Schweigert, cujo desenho retratou o mapa dos Campos Gerais, com drones sobrevoando plantações, símbolos da tecnologia e da agricultura familiar, e araucárias, ícones do Paraná. “Quando descobri que tinha sido escolhida, fiquei muito alegre, porque nunca imaginei ganhar entre tantas pessoas. Foi especial representar o Paraná e o nosso campo. O desenho mostra que o campo também

pode ter tecnologia e inovação”, afirmou Emilly. Para a pedagoga Luciana Candéo, o projeto proporcionou vivências transformadoras. “Os alunos visitaram propriedades locais, fizeram caminhadas pela comunidade e observaram as potencialidades do território. Foi um exercício de reconhecimento das riquezas do lugar onde vivem. O projeto despertou o sentimento de pertencimento e o orgulho de ser do campo. E isso é o que mais queremos ver florescer nas escolas.”



Emilly Camargo Schweigert - 5º ano
Escola do Campo Professora Ida Albach
Professora Elenice da Cruz Gonçalves



Arapoti consolida título de Capital do Mel com criação do Parque das Abelhas

Com uma produção anual de mil toneladas de mel, Arapoti se consagrou como a Capital do Mel e busca fortalecer ainda mais essa identidade por meio de organização, valorização da cadeia produtiva e políticas públicas voltadas à apicultura. Entre as ações de destaque está a criação do Parque das Abelhas, um projeto inovador com enfoque ambiental, econômico e turístico que reafirma a importância da atividade no município.

O Parque será implantado com recursos da Itaipu Binacional. O espaço contará com pátios de en-

trada, uma trilha do mel com quase 3 mil metros quadrados, área de exposição das espécies de abelhas, acervo histórico sobre as origens e evolução da apicultura, além de uma área específica para feiras temporárias, voltadas à comercialização de produtos derivados do mel.

A produção local é diversificada, abrangendo tipos como mel silvestre, de eucalipto, de laranja e de capixingui, além de própolis, cera de abelha, pólen e geleia real. Toda essa riqueza estará representada no Parque, que também será um espaço de educação ambiental e incentivo ao turismo rural.

Arapoti: a Capital do Mel e o novo Parque das Abelhas

ARAPOTI PRODUZ CERCA DE MIL TONELADAS DE MEL POR ANO E É CONHECIDA COMO A CAPITAL DO MEL. PARA VALORIZAR ESSE TÍTULO, SERÁ CRIADO O PARQUE DAS ABELHAS, COM TRILHA DO MEL, ESPAÇO PARA CONHECER ESPÉCIES, ACERVO HISTÓRICO E ÁREA PARA FEIRAS. NA CIDADE TAMBÉM SÃO PRODUZIDOS PRÓPOLIS, CERA, PÓLEN E GELEIA REAL. O PARQUE VAI ENSINAR SOBRE A NATUREZA E FORTALECER O TURISMO.

O PARQUE DAS ABELHAS TERÁ UMA FEIRA PARA O PÚBLICO ADQUIRIR PRODUTOS FEITOS DE MEL. A FIGURA ABAIXO MOSTRA AS MEDIDAS DESSA FEIRA. SE DERMOS UMA VOLTA COMPLETA AO REDOR DESSE ESPAÇO, QUANTOS METROS PERCORREMOS?



R: _____

EM FRENTE AO PARQUE DAS ABELHAS TERÁ UM PONTO DE ÔNIBUS.

TRÊS ÔNIBUS DIFERENTES VÃO PASSAR NESSE PONTO ÀS 14 HORAS.

- ESCREVA OS PRÓXIMOS HORÁRIOS EM QUE OS ÔNIBUS VÃO PASSAR NESSE PONTO:



PASSA A CADA MEIA HORA



E



PASSA A CADA 1 HORA



E



PASSA A CADA 1 HORA E MEIA



E



ESCREVA, USANDO NÚMEROS DECIMAIS, A MASSA EM QUILOGRAMAS CORRESPONDENTE AO TOTAL DE POTES DE MEL EM CADA ITEM.



R: _____



R: _____

Carambeí impulsiona agricultura familiar com produção de morango

A agricultura familiar em Carambeí tem apostado no cultivo de morango para diversificar a produção e aumentar a renda de pequenos produtores.

Tradicionalmente voltados à produção leiteira, esses produtores enfrentam altos custos operacionais, o que reduz significativamente o lucro ao final do ano. Para mudar esse cenário, a Prefeitura Municipal de Carambeí lançou o projeto Vila Verde, em parceria com o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e o Sindicato Rural.

O cultivo do morango, apesar de tecnicado e exigente, tem se mostrado promissor. As mudas são

importadas do Chile e, em sua maioria, plantadas em slabs (estruturas específicas para cultivo), com sistema de fertirrigação em estufas, o que permite colheitas durante o ano inteiro. Cada planta chega a produzir, em média, um quilo da fruta por ano.

Os números refletem o sucesso da iniciativa: de uma produção de 8 mil quilos em 2021, Carambeí saltou para 65 mil quilos de morango no início de 2025. Além disso, o Vila Verde tem incentivado a criação de pequenas agroindústrias locais, que transformam a fruta em geleias, compotas e conservas, agregando valor ao produto final e ampliando as oportunidades de renda para as famílias do campo.

Carambeí e os morangos que ajudam as famílias

NA CIDADE DE CARAMBEÍ, MUITAS FAMÍLIAS COMEÇARAM A PLANTAR MORANGOS PARA AUMENTAR A RENDA. COM O PROJETO VILA VERDE, ELAS APRENDERAM A CULTIVAR MORANGOS EM ESTUFAS, USANDO TECNOLOGIA QUE PERMITE COLHER FRUTAS O ANO TODO. O RESULTADO FOI INCRÍVEL: EM 2021 A PRODUÇÃO ERA DE 8.000 KG, E EM 2025 JÁ CHEGOU A 65.000 KG! ALÉM DISSO, AS FAMÍLIAS TAMBÉM FAZEM GELEIAS, COMPOTAS E CONSERVAS, APROVEITANDO MELHOR OS MORANGOS E AUMENTANDO A RENDA.



PEDRO E SUA FAMÍLIA ESTÃO
INDO VISITAR OS AVÓS QUE
MORAM EM CARAMBEÍ.



29
REAIS



25
REAIS

QUANTOS REAIS ELE GASTOU, NO
TOTAL, NA COMPRA DOS PRESENTES?

R: _____

PEDRO PAGOU COM UMA CÉDULA DE 50 REAIS E OUTRA
DE 10 REAIS, MAS FICOU EM DÚVIDA SOBRE O TROCO.

CIRCULE AS CÉDULAS QUE PEDRO USOU PARA PAGAR OS PRESENTES.



DAS CÉDULAS QUE PEDRO DEU AO CAIXA,
É POSSÍVEL RETIRAR O VALOR DA COMPRA?

R: _____

TROCANDO A CÉDULA DE 10 REAIS, O VALOR DADO POR PEDRO FICA ASSIM:



RISQUE O VALOR DA COMPRA E DESCUBRA QUANTO ELE RECEBEU DE TROCO.

QUAL FOI O VALOR QUE PEDRO RECEBEU?

R: _____

Programa de piscicultura em **Castro** é exemplo de sustentabilidade em pequenas propriedades

O programa de apoio à piscicultura desenvolvido pela Prefeitura de Castro tem se consolidado como referência em sustentabilidade econômica para pequenos produtores rurais. A iniciativa oferece suporte completo, desde a escavação dos tanques até a destinação da produção, incluindo o fornecimento inicial de tilápias juvenis, ração e aeradores em sistema de comodato.

A Prefeitura também compra os filés para a merenda escolar, permitindo que os produtores reembolsem o apoio recebido em até dois anos, com a entrega de peixes, sem cobrança

de juros. Os produtores podem ainda vender no Mercado do Produtor. A ação é realizada em parceria com a Associação de Piscicultores de Castro, que conta com 21 integrantes e produção anual de até 50 toneladas de tilápia. Todos recebem capacitação gratuita. Para fortalecer o programa, a Prefeitura inaugurou em 2024 um abatedouro municipal de peixes, que passará por adaptações em 2025 para receber equipamentos de abate, processamento e estocagem. O prefeito Reinaldo Cardoso, que retornou à gestão em 2025, garantiu a continuidade e ampliação do projeto.

Piscicultura em **Castro**: peixe na mesa e renda para as famílias

EM CASTRO HÁ PESSOAS QUE TRABALHAM COM PEIXES, SÃO OS PISCICULTORES, MAS NO CAMPO EXISTEM MUITAS OUTRAS PROFISSÕES! PESQUISE COM SUA TURMA OUTRAS PROFISSÕES DO CAMPO E LIGUE CADA PROFISSIONAL À SUA FUNÇÃO.

LIGUE CADA PROFISSIONAL À SUA FUNÇÃO:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| ☐ PISCICULTOR | A) CRIA GALINHAS E PERUS PARA CARNE E OVOS |
| ☐ AVICULTOR | B) CRIA ABELHAS PARA PRODUZIR MEL, CERA E PRÓPOLIS |
| ☐ APICULTOR | C) CULTIVA VEGETAIS, FLORES E ERVAS |
| ☐ SERICULTOR | D) CRIA PEIXES EM TANQUES E VIVEIROS |
| ☐ HORTICULTOR | E) CRIA BICHOS-DA-SEDA, QUE PRODUZEM SEDA |

FEIRA DO PEIXE EM CASTRO

NA FEIRA DO PRODUTOR, DONA ANA COMPROU ALGUNS PRODUTOS FEITOS PELOS PISCICULTORES DA CIDADE.

VEJA OS PREÇOS:

1 BANDEJA DE
FILÉS DE TILÁPIA



1 POTE DE
FAROFA DE PEIXE



QUANTOS REAIS DONA ANA GASTOU, NO TOTAL, NA COMPRA DOS PRODUTOS? CIRCULE O VALOR CORRESPONDENTE.



DEPOIS, ELA PERCEBEU QUE SEU AMIGO SEU JOSÉ GASTOU R\$ 10,00 A MAIS QUE ELA, COMPRANDO MAIS FILÉS.



QUANTO SEU JOSÉ GASTOU NO TOTAL?

R: _____



Congonhinhas aposta na diversificação agrícola para fortalecer a renda rural

O município de Congonhinhas segue reforçando sua vocação agrícola e investindo no fortalecimento da produção rural. Conhecida pela tranquilidade e belas paisagens naturais, a cidade tem na agricultura sua principal base econômica, com destaque para culturas como soja, milho e café, além do cultivo tradicional de feijão, abóbora, cítricos, verduras, manga, carambola, chuchu e até da congonha, planta que deu origem ao nome da cidade.

O governo municipal iniciou um novo projeto de entrega de calcário nas propriedades rurais. O insumo é essencial para a correção do solo e tem impacto direto na produtividade das lavouras, permitindo

maior qualidade e aumento de renda para os pequenos agricultores.

Além da distribuição de calcário, a Prefeitura de Congonhinhas também realizou a entrega de aproximadamente 2.800 mudas de abacaxi a 12 produtores locais. A iniciativa busca incentivar a diversificação da produção agrícola e abrir novas oportunidades de mercado para os agricultores do município.

Além disso, a Secretaria de Agricultura abriu inscrições para o Programa Rota do Progresso – Estufas Agrícolas, uma iniciativa voltada ao fortalecimento da agricultura familiar, que busca proporcionar melhores condições de cultivo, maior produtividade e sustentabilidade às famílias do campo.

LEIA O DIÁLOGO ENTRE OS PERSONAGENS E DESCUBRA A ORIGEM DO NOME DA CIDADE DE CONGONHINHAS. DEPOIS, PENSE SOBRE O NOME DA SUA CIDADE E CONTE DE ONDE ELE VEIO OU O QUE VOCÊ SABE SOBRE ELE. ESCREVA SUA FALA DENTRO DO SEGUNDO BALÃO, COMPLETANDO O DIÁLOGO COM A PERSONAGEM.



Cafeicultura familiar é destaque em Curiúva

O município de Curiúva é referência na cafeicultura familiar, graças ao protagonismo feminino no campo. Através do projeto Mulheres do Café, desenvolvido pelo Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR), dezenas de agricultoras locais vêm transformando a realidade da produção de cafés especiais e contribuindo diretamente para o fortalecimento da economia local.

O município também integra o projeto Mais Café Curiúva, uma iniciativa voltada à ampliação da produção e ao fortalecimento da renda agrícola. A ação tem apoio da Prefeitura Municipal, da Secretaria Municipal de Agricultura e do IDR-PR, e promove assistência técnica e incentivos que impactam direta-

mente a vida de dezenas de famílias produtoras.

Neste ano, Curiúva sediou o 12º Encontro das Mulheres do Café do Norte Pioneiro, reunindo centenas de cafeicultoras, representantes de cooperativas, entidades de fomento e instituições técnicas. O evento foi considerado um marco regional e reafirmou a liderança do município na valorização do papel da mulher no meio rural. Além da atuação nas lavouras, essas mulheres ocupam espaços de liderança e articulação, como é o caso da Amucafé (Associação das Mulheres do Café do Norte Pioneiro), fundada em 2019. As produtoras não apenas colhem café, mas também transformam a comunidade e geram desenvolvimento sustentável.

EM CURIÚVA, MUITAS FAMÍLIAS VIVEM DO CULTIVO DO CAFÉ, E AS MULHERES TÊM PAPEL FUNDAMENTAL NESSE TRABALHO. ELAS PARTICIPAM DE PROJETOS QUE AJUDAM A PRODUIR CAFÉS ESPECIAIS E AUMENTAR A RENDA DAS FAMÍLIAS. AS AGRICULTORAS TAMBÉM SE REÚNEM EM GRUPOS, COMO A AMUCAFÉ, QUE VALORIZA O TRABALHO FEMININO E FORTALECE A COMUNIDADE RURAL.



A PALAVRA CAFÉ É ACENTUADA, MAS VOCÊ SABE POR QUÊ? ELA É UMA OXÍTONA, OU SEJA, A ÚLTIMA SÍLABA É A MAIS FORTE (CA-FÊ). E COMO TERMINA EM E, RECEBE ACENTO AGUDO.

Veja outras regras de acentuação para as oxítonas:

OXÍTONAS TERMINADAS EM A/AS, E/ES, O/OS, EM/ENS RECEBEM ACENTO:

- CARAJÁS, CAFÉ, PARABÊNS, PORÉM.
- AS MULHERES DO CAFÉ MERECEM PARABÊNS.

OXÍTONAS TERMINADAS NOS DITONGOS ABERTOS ÉI, ÉU, OI LEVAM ACENTO:

- PAPÉIS, CHAPÉU, HERÓI, ILHÉUS.
- A AGRICULTORA USAVA UM CHAPÉU PARA COLHER CAFÉ.

OXÍTONAS EM QUE I(S) OU U(S) VÊM DEPOIS DE UM DITONGO TAMBÉM RECEBEM ACENTO:

- TUIUIÚ, TEIÚS.
- O TUIUIÚ SOBREVOAVA AS PLANTAÇÕES DE CAFÉ.

Vamos jogar bingo?

1. SUA PROFESSORA VAI TE DAR MEIA FOLHA DE PAPEL SULFITE.
2. DOBRE A FOLHA 3 VEZES ATÉ FORMAR 6 DIVISÕES.
3. EM CADA ESPAÇO, ESCREVA UMA PALAVRA DA LISTA DE OXÍTONAS ABAIXO.
4. A PROFESSORA VAI SORTEAR AS PALAVRAS... E QUEM COMPLETAR PRIMEIRO GRITA BINGO DO CAFÉ!

LISTA DE PALAVRAS OXÍTONAS ACENTUADAS PARA O BINGO

CAFÉ	HERÓI	TUIUIÚ	AVÔ	MARACUJÁ
VOCÊ	CHAPÉU	TEIÚ	TAMBÉM	CAJÁ
JACARÉ	PASTÉIS	CIPÓ	NINGUÉM	ARAÇÁ
PARABÊNS	ILHÉUS	JILÓ	TROFÉU	SOFÁ

DEPOIS DO JOGO

NO SEU CADERNO, ESCREVA AS PALAVRAS SORTEADAS E A REGRA QUE FAZ COM QUE ELAS RECEBAM ACENTO.

Figueira reforça compromisso com o meio ambiente e investimentos na agricultura

A Prefeitura de Figueira segue promovendo ações nas áreas da educação, meio ambiente e agricultura, fortalecendo o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida da população. Entre as iniciativas está a Gincana Ecológica promovida em diversas escolas. A proposta é simples, mas com grande impacto: cada criança leva materiais recicláveis, e o grupo (manhã ou tarde) que arrecadasse mais peso é o vencedor. Muito além da competição, a atividade serve como um importante momento de conscientização ambiental, unindo brincadeira, aprendizado e fortalecimento de vínculos sociais.

Outro destaque foi a palestra promovida pela Apremavi com o tema "Preservar o meio ambiente é preservar a vida!". O evento envolveu

alunos, professores e também os pais, que desempenham um papel essencial no reforço da educação ambiental no ambiente familiar. A ação faz parte da campanha Junho Verde, um movimento que convida a população a refletir sobre a conexão entre saúde e meio ambiente. Na área da agricultura, a Prefeitura celebrou um convênio histórico com a Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (SEAB-PR), garantindo um investimento de R\$ 3,3 milhões para a aquisição de equipamentos pesados. Os novos maquinários serão utilizados na manutenção e melhoria das estradas rurais, beneficiando diretamente os produtores e facilitando o escoamento da produção agrícola.

FIGUEIRA ESTÁ DANDO UM SHOW DE CUIDADO COM O PLANETA! A PREFEITURA DA CIDADE TEM PROMOVIDO MUITAS AÇÕES PARA AJUDAR O MEIO AMBIENTE E TORNAR A NOSSA VIDA AINDA MELHOR. UMA DELAS É A GINCANA ECOLÓGICA, UM DESAFIO CHEIO DE DIVERSÃO! CADA CRIANÇA AJUDA COLETANDO MATERIAIS RECICLÁVEIS, E AS EQUIPES SE UNEM PARA VER QUEM CONSEGUE JUNTAR MAIS. ALÉM DE SER UMA BRINCADEIRA MUITO ANIMADA, A GINCANA ENSINA COMO PODEMOS CUIDAR DA NATUREZA E FAZER DO MUNDO UM LUGAR MAIS LIMPO E FELIZ!



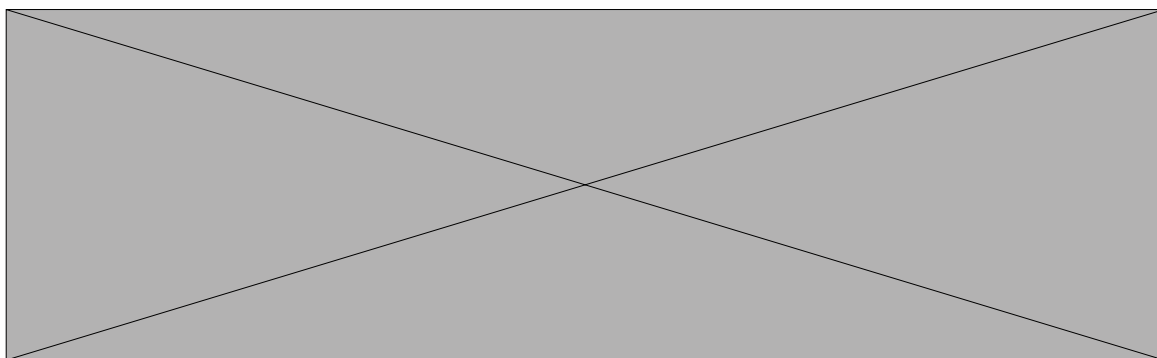
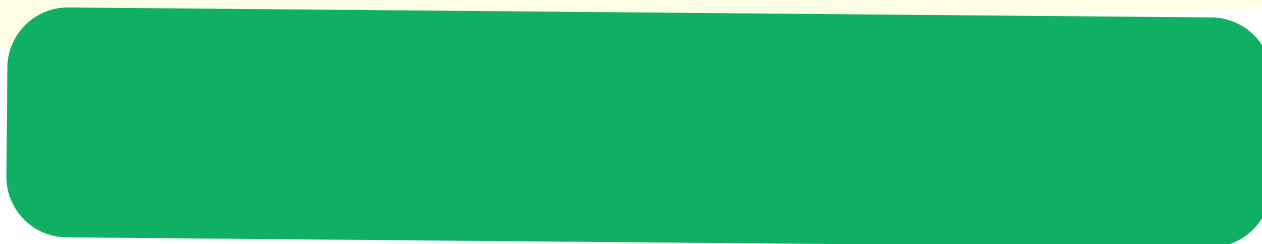
Ibaiti se consolida como polo de hortifrúti

O setor agrícola de Ibaiti vive um momento de destaque e transformação. Com um forte perfil voltado à produção hortifrutigranjeira, o município se consolida como referência regional na produção em estufas.

Atualmente, são 1.433 estufas em funcionamento, cultivando uma diversidade de produtos, como tomate, pimentão, pepino, abobrinha, morango, pitaya, entre outros. A produção sob cultivo protegido tem garantido maior qualidade, produtividade e estabilidade para os agricultores, que veem na técnica uma for-

ma eficiente de manter o ritmo de produção ao longo do ano.

Além do desenvolvimento produtivo, Ibaiti tem investido em capacitação e inovação no meio rural. Em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, a Secretaria de Agricultura, disponibilizou gratuitamente um curso de piscicultura. A formação tem como objetivo diversificar as atividades nas propriedades rurais e incentivar novas fontes de renda para os produtores, com foco na criação de peixes como alternativa viável e sustentável.



A Horta Sustentável

Como jogar:

- Cada jogador escolhe um pino (pode ser uma tampinha ou pedrinha).
- Comecem na Casa 1 (o broto da horta).
- Joguem um dado comum (1 a 6) por vez.
- Leiam o que está escrito na casa onde parar e realizem o desafio!
- Ganha quem chegar na última casa (Casa 25 – A Horta Farta) com todos os desafios cumpridos pelo caminho.



1. Início: Comece sua jornada! Avance com o dado.
2. Normal: Avance! A terra está boa hoje!
3. Reciclagem: Diga ou escreva o nome de um material reciclável. Se acertar, avance +1.
4. Penalidade: Secou a plantação! Fique 1 rodada sem jogar.
5. Horta: Cresço debaixo da terra. Coelhos me adoram e sou boa para a visão. Quem sou eu?
6. Bônus: Dia de sol! Avance +3 casas.
7. Normal: Continue seu caminho!
8. Compostagem: Diga algo que vira adubo. Se acertar, avance +2 casas!
9. Reciclagem: Escreva uma palavra que comece com a letra P. Se for reciclável, avance!
10. Descarte Incorreto: Opa! Volte 2 casas.
11. Horta: Quantas letras tem a palavra cenoura?
12. Normal: O caminho está livre! Avance.
13. Bônus: Tudo florindo! Avance +3 casas.
14. Reciclagem: Diga o nome de 4 materiais recicláveis.
15. Penalidade: Lama demais! Volte 1 casa.
16. Compostagem: Posso ser verde, vermelho ou amarelo. Tenho um formato engraçado. Quem sou eu?
17. Horta: Diga uma hortalica que sempre tem no almoço da escola.
18. Normal: O vento te ajudou! Avance!
19. Descarte Incorreto: : Opa! Volte 2 casas.
20. Reciclagem: Escreva 2 cores das lixeiras da reciclagem. Avance se acertar.
21. Horta: Diga uma hortalica que come na salada. Escreva o nome.
22. Bônus: Que solão! Avance +2 casas!
23. Penalidade: Tempinho fechado! Fique sem jogar 1 vez.
24. Normal: Quase lá! Jogue de novo na próxima rodada.
25. Final: Parabéns! Você chegou ao fim com sua horta cheia e reciclou direitinho!

Imbaú promove troca de recicláveis por verduras

A Prefeitura de Imbaú realizou uma ação educativa que uniu sustentabilidade, conscientização ambiental e alimentação saudável. Alunos do 4º ano de uma escola municipal participaram de uma atividade especial promovida pela Secretaria Municipal de Assistência Social, com visita à Horta Municipal e troca de materiais recicláveis por hortaliças frescas. Durante a atividade, as crianças puderam levar garrafas PET, latas e papelão e, em troca, receberam verduras produzidas localmente. A proposta teve como objetivo principal conscientizar os estudantes sobre a importância da reciclagem para o meio ambiente e incentivar hábitos alimentares mais saudáveis. Além da troca, os alunos participaram de uma oficina sobre cultivo sustentável, aprendendo na prática como funciona o processo do plantio até a colheita.

Ipiranga fortalece agricultura familiar e preservação ambiental com o projeto “Mais Verde”

O município de Ipiranga conta com pouco mais de 15 mil habitantes, sendo 65% da população residente na área rural e cerca de 3,4 mil produtores cadastrados. Além das condições favoráveis de clima, solo e topografia, a Prefeitura aposta em programas que valorizam a agricultura familiar e promovem conscientização ambiental.

Entre eles, o Ipiranga Mais Verde se tornou referência. Criado em 2021, o projeto realiza a troca de materiais recicláveis por alimentos frescos produzidos por agricultores locais. A cada 15 dias, moradores levam recicláveis ao ponto de coleta instalado no Complexo Esportivo José Izaías Blum e recebem, em contrapartida, produtos como frutas, verduras, legumes, panificados, mel e sucos. Em média, 250 famílias participam das trocas quinzenais, sendo que

cerca de 26 agricultores familiares são diretamente beneficiados pela iniciativa.

O sistema é simples: para cada três quilos de recicláveis entregues, a população recebe um quilo de alimentos. O processo garante reforço alimentar às famílias, assegura renda aos pequenos produtores rurais e estimula a destinação correta dos resíduos. Além de fomentar o cultivo de alimentos como feijão, batata-doce, mandioca, cenoura, morango, maracujá e hortaliças variadas, o programa também reforça cultivos alternativos já incentivados pela Prefeitura, como o pepino e o maracujá. Todo o material reciclável arrecadado é destinado à Área de Triagem e Transbordo do município, com recursos revertidos ao Fundo Municipal de Meio Ambiente.

O MUNICÍPIO DE IPIRANGA, LOCALIZADO NO PARANÁ, É UM EXEMPLO DE COMO A AGRICULTURA FAMILIAR E A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL PODEM ANDAR JUNTAS. COM O PROJETO “IPIRANGA MAIS VERDE”, A POPULAÇÃO TROCA MATERIAIS RECICLÁVEIS POR ALIMENTOS SAUDÁVEIS PRODUZIDOS PELOS AGRICULTORES LOCAIS. ESSA AÇÃO AJUDA AS FAMÍLIAS, GERA RENDA PARA OS PRODUTORES E CONTRIBUI PARA UM MEIO AMBIENTE MAIS LIMPO E EQUILIBRADO.

CHEGOU O MOMENTO DE TREINARMOS A LEITURA! LEIA CADA LINHA COM CALMA, PRESTANDO ATENÇÃO NAS PALAVRAS E NOS SONS. AO FINAL, VOCÊ VAI DESCOBRIR O QUE DIZ A FRASE.

IPIRANGA
IPIRANGA É
IPIRANGA É UMA
IPIRANGA É UMA CIDADE
IPIRANGA É UMA CIDADE LINDA.

EU
EU RECEBI
EU RECEBI UMA
EU RECEBI UMA GARRAFA
EU RECEBI UMA GARRAFA DE
EU RECEBI UMA GARRAFA DE SUCO.

RENATA
RENATA GOSTA
RENATA GOSTA DE
RENATA GOSTA DE BATATA
RENATA GOSTA DE BATATA-DOCE.

MELISSA
MELISSA COMEU
MELISSA COMEU TODO
MELISSA COMEU TODO O
MELISSA COMEU TODO O MARACUJÁ.

Ivaí fortalece desenvolvimento rural com investimentos na agricultura e piscicultura

A Prefeitura de Ivaí tem promovido uma série de ações que estão transformando a realidade das comunidades rurais do município. Na área agrícola, a Secretaria Municipal de Agricultura distribuiu 3.200 toneladas de calcário para os produtores. A iniciativa contemplou tanto agricultores vinculados a associações quanto produtores independentes, ampliando o acesso ao insumo essencial para a correção do solo e o aumento da produtividade.

Outra frente de ação tem sido o incentivo à piscicultura. A Prefeitura está construindo tanques escavados com maquinário próprio, beneficiando produtores interessados em iniciar ou ampliar a criação de peixes. Com a revogação da legislação que restringia o apoio municipal, a partir do próximo ano, o município também passará a distribuir alevinos aos produtores que tiverem seus tanques prontos, estimulando a produção de peixe como alternativa de renda e alimentação.

Para 2026, a Secretaria de Agricultura já anunciou a distribuição gratuita de mudas de maracujá pelo Programa Proagri. O objetivo é estimular a diversificação das lavouras e promover a geração de renda por meio da fruticultura. Os produtores que aderirem ao programa receberão, além das mudas, suporte técnico para o plantio e manejo, fomentando práticas sustentáveis e fortalecendo a agricultura familiar no município.

Em seu caderno, copie as perguntas e responda de acordo com o texto.

1. POR QUE A PREFEITURA DE IVAÍ DISTRIBUIU CALCÁRIO PARA OS AGRICULTORES?
2. O QUE SIGNIFICA A PALAVRA "PISCICULTURA"? EXPLIQUE COM SUAS PALAVRAS.
3. O QUE OS AGRICULTORES VÃO RECEBER JUNTO COM AS MUDAS DE MARACUJÁ EM 2026?
4. DE QUE FORMA ESSAS AÇÕES AJUDAM A AGRICULTURA FAMILIAR DO MUNICÍPIO?



Leias as frases abaixo



- A PREFEITURA DISTRIBUIU CALCÁRIO MUDAS DE MARACUJÁ E ALEVINOS.
- OS PRODUTORES RECEBEM O CALCÁRIO AUMENTAM A PRODUTIVIDADE E CUIDAM MELHOR DO SOLO.

TEM ALGO ESQUISITO NESSAS FRASES, NÃO É MESMO? COLOQUE VÍRGULA NO LOCAL CORRETO E DÊ MAIOR FLUIDEZ AO TEXTO.

Complete as frases usando:

E-PORQUE-MAS

- A PREFEITURA DISTRIBUIU 3.200 TONELADAS DE CALCÁRIO _____ O SOLO PRECISAVA SER CORRIGIDO.
- B) OS PRODUTORES RECEBERAM MUDAS DE MARACUJÁ _____ TAMBÉM GANHARAM SUPORTE TÉCNICO.
- C) O AGRICULTOR QUERIA CRIAR PEIXES _____ AINDA NÃO TINHA O TANQUE PRONTO.
- D) O SOLO FICOU MAIS FÉRTIL _____ AUMENTOU A PRODUTIVIDADE DAS LAVOURAS.

Economia de Jaboti cresce com agricultura diversificada e iniciativas de preservação

O município de Jaboti se destaca pelo forte vínculo com o campo. Pequeno em população, mas grande em produtividade, a cidade tem sua economia alicerçada na agricultura e pecuária, com destaque para a produção de morangos e café. Além disso, abriga fábricas de polvilho, usinas de açúcar mascavo orgânico, laticínios de pasteurização e empacotamento de leite, além de confecções de vestuário.

A fertilidade do solo garante também a produção de grãos que sustentam a agricultura regional. Esse potencial tem impulsionado a valorização da produção orgânica, cada vez mais presente nas propriedades locais. O morango do Norte Pioneiro já recebeu a Indicação Geográfica de Procedência (IG) do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI). O reconhecimento é resultado de um pedido apresentado pela Associação Norte Velho dos Produtores Rurais de Jaboti, Japira, Pinhalão e Tomazina (ANV).

A Indicação Geográfica é concedida a produtos que possuem características únicas em razão do solo, clima ou técnicas tradicionais de cultivo. O selo garante identidade própria, valor agregado e diferenciação no mercado.

Compromisso com a população: A Prefeitura de Jaboti irá promover no Parque Ecológico o 1º Encontro em Prol da Preservação de Nascentes e Reflorestamento Ambiental. O evento reunirá expositores e parceiros em atividades educativas sobre preservação, manejo do solo e conservação de nascentes, reforçando a preocupação do município com o equilíbrio ambiental.

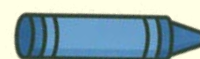
Além disso, o governo municipal está se reunindo com produtores rurais para debater demandas do setor e ampliar parcerias. A iniciativa reforça o diálogo constante com os agricultores, reconhecendo-os como protagonistas no desenvolvimento econômico e social de Jaboti.

Separe as palavras em sílabas, circule a sílaba tônica e escreva em que posição ela se encontra. Depois, classifique a palavra de acordo com a cor da legenda.

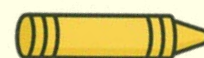
A CIDADE DE JABOTI, LOCALIZADA NO NORTE PIONEIRO DO PARANÁ, É UM EXEMPLO DE COMO O TRABALHO NO CAMPO E O CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE PODEM CAMINHAR JUNTOS. COM UMA ECONOMIA BASEADA NA AGRICULTURA E NA PECUÁRIA, O MUNICÍPIO SE DESTACA PELA PRODUÇÃO DE MORANGOS, CAFÉ E OUTROS ALIMENTOS QUE FORTALECEM A RENDA DAS FAMÍLIAS RURAIS. ALÉM DISSO, JABOTI TEM INVESTIDO EM PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS E EM EVENTOS VOLTADOS À PRESERVAÇÃO DA NATUREZA, MOSTRANDO O COMPROMISSO DA POPULAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO ALIADO À CONSERVAÇÃO AMBIENTAL.

PALAVRA	SEPARAÇÃO SILÁBICA E SÍLABA TÔNICA	CLASSIFICAÇÃO
MUNICÍPIO		
PECUÁRIA		
POLVILHO		
MASCAVO		
VESTUÁRIO		
PROMOVERÁ		
ECONÔMICO		

OXÍTONA



PAROXÍTONA



PROPAROXÍTONA



Encontre a alternativa em que aparecem apenas verbos.

- A) RECEBEU - PROMOVER - REUNIRÁ - CRESCE - ABRIGA
 B) CAFÉ - MORANGO - AÇÚCAR - SOLO - LATICÍNIOS
 C) AGRICULTURA - PRODUTORES - PREFEITURA - PARQUE - ECONOMIA

Escreva três substantivos próprios presentes no texto:

Agricultura familiar e gestão de resíduos colocam Jacarezinho como referência no Paraná

O município de Jacarezinho completou 125 anos em 2025 vivendo um momento de expansão e conquistas. Reconhecida pelo dinamismo econômico e pela modernização da infraestrutura, a cidade também se consolida como referência em políticas públicas voltadas à agricultura familiar e à sustentabilidade.

Em alusão ao Dia Internacional da Agricultura Familiar, a Unidade de Atendimento e Distribuição de Alimentos da Agricultura Familiar (UADAF) promoveu uma reunião de planejamento para as ações de 2026. Entre os temas discutidos estiveram a renovação do Cadastro da Agricultura Familiar (CAF), a atualização do Certificado da Vigilância Sanitária e o cadastramento no sistema Sican.

Durante o encontro, foram apresentados os valores aplicados em programas de incentivo à produção local. Somente em 2025, os investimentos chegaram a quase R\$ 4 milhões. Do total, R\$ 1.216.034,00 foram destinados ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), R\$ 1.038.042,00 ao Compra Direta Paraná, R\$ 176.000,00 ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e R\$ 1.068.462,00 para a merenda escolar da rede municipal. Esses recursos beneficiam escolas municipais e estaduais, além de 13 entidades socioassistenciais cadastradas no núcleo da Secretaria de Agricultura e do Abastecimento (Seab).

Outro setor em que Jacarezinho vem se destacando é o da sustentabilidade. Há cerca de um ano, o município implantou o Programa Lixo Meta Zero, que busca transformar a relação da população com os resíduos sólidos. A iniciativa incentiva a coleta seletiva, amplia a reciclagem e reduz o volume de rejeitos enviados ao aterro sanitário.

Uma das ferramentas estratégicas do programa é o Reciclômetro, desenvolvido pela startup socioambiental Recicla Connect. O sistema mede mensalmente a quantidade de materiais reciclados, compostados e desviados do aterro, oferecendo dados concretos para apoiar a gestão pública.

Observe alguns dos números que aparecem no texto e escreva-os por extenso.

2026

1.216.034,00

1.038.042,00

176.000,00

1.068.462,00

ATIVIDADE - ATERRO X RECICLAGEM

VOCÊ SABIA QUE HÁ UMA GRANDE DIFERENÇA ENTRE O QUE VAI PARA O ATERRO SANITÁRIO E O QUE VAI PARA A RECICLAGEM?

- O ATERRO SANITÁRIO É O LOCAL ONDE SÃO DEPOSITADOS OS RESÍDUOS QUE NÃO PODEM SER REAPROVEITADOS, COMO RESTOS DE COMIDA, PAPEL SUJO E FRALDAS.
- JÁ A RECICLAGEM É O PROCESSO EM QUE MATERIAIS COMO PAPEL, PLÁSTICO, VIDRO E METAL SÃO TRANSFORMADOS NOVAMENTE EM PRODUTOS NOVOS, AJUDANDO A REDUZIR O LIXO E PRESERVAR O MEIO AMBIENTE.



Agora é sua vez! Separe os itens de acordo com o destino correto e complete a lista

PAPEL ENGORDURADO, FRALDA DESCARTÁVEL, GARRAFA PET, LATINHA, CAIXA DE PAPELÃO, CACO DE VIDRO, ADESIVOS, FITAS CREPE, ETIQUETAS, COTONETE, SACOLA PLÁSTICA, POTE DE MARGARINA

ATERRO SANITÁRIO

RECICLAGEM

Jaguariaíva fortalece produção rural com serviços gratuitos de máquinas agrícolas

A Prefeitura de Jaguariaíva deu um passo significativo para o fortalecimento do setor agropecuário: a implantação do programa "Porteira Adentro". O projeto oferece 10 horas anuais de serviços com máquinas e implementos agrícolas gratuitamente para produtores de pequeno, médio e grande porte. A iniciativa, coordenada pela Secretaria Municipal de Agropecuária, visa melhorar a infraestrutura das propriedades e incentivar a produção no campo. Entre os serviços ofere-

cidos estão a distribuição de calcário, cascalhamento de vias internas, planagem de terrenos, terraplanagem para granjas, escavação de tanques para piscicultura e isenção do frete de calcário.

O programa também conta com apoio técnico especializado: agrônomos e técnicos agrícolas do município oferecem orientação a pequenos e médios produtores, auxiliando na adoção de boas práticas e no aumento da produtividade.

O SÍTIO ENCANTADO DE JAGUARIAÍVA

NA CIDADE DE JAGUARIAÍVA EXISTEM SÍTIOS MÁGICOS, CHEIOS DE AMIGOS, ANIMAIS E PEIXES FELIZES. A PREFEITURA AJUDA AQUELES QUE CUIDAM DA TERRA, EMPRESTANDO MÁQUINAS ESPECIAIS PARA DEIXAR O SOLO FÉRTIL, AS ESTRADAS EM BOM ESTADO E OS ANIMAIS BEM ACOMODADOS. COM ESSE APOIO, ATÉ MESMO LAGOS PARA OS PEIXES NADAREM SÃO CONSTRUÍDOS! OS GUARDIÕES DO CAMPO, QUE SÃO PARCEIROS DO AGRICULTOR, VISITAM OS SÍTIOS PARA ENSINAR A CUIDAR DAS PLANTAS E DOS ANIMAIS COM MUITO CARINHO.

CAÇA-PALAVRAS DIVERTIDO!

A	M	I	G	O	S	Z
N	M	Á	G	I	C	O
I	A	N	I	A	S	Y
M	S	E	X	I	E	P
A	E	I	T	E	S	R
I	I	I	I	O	S	C
S	O	J	U	O	E	E
S	U	W	Q	C	S	Y

AMIGOS MÁGICO ANIMAIS
PEIXES SÍTIOS

Japira fortalece produção agrícola com destaque para avicultura

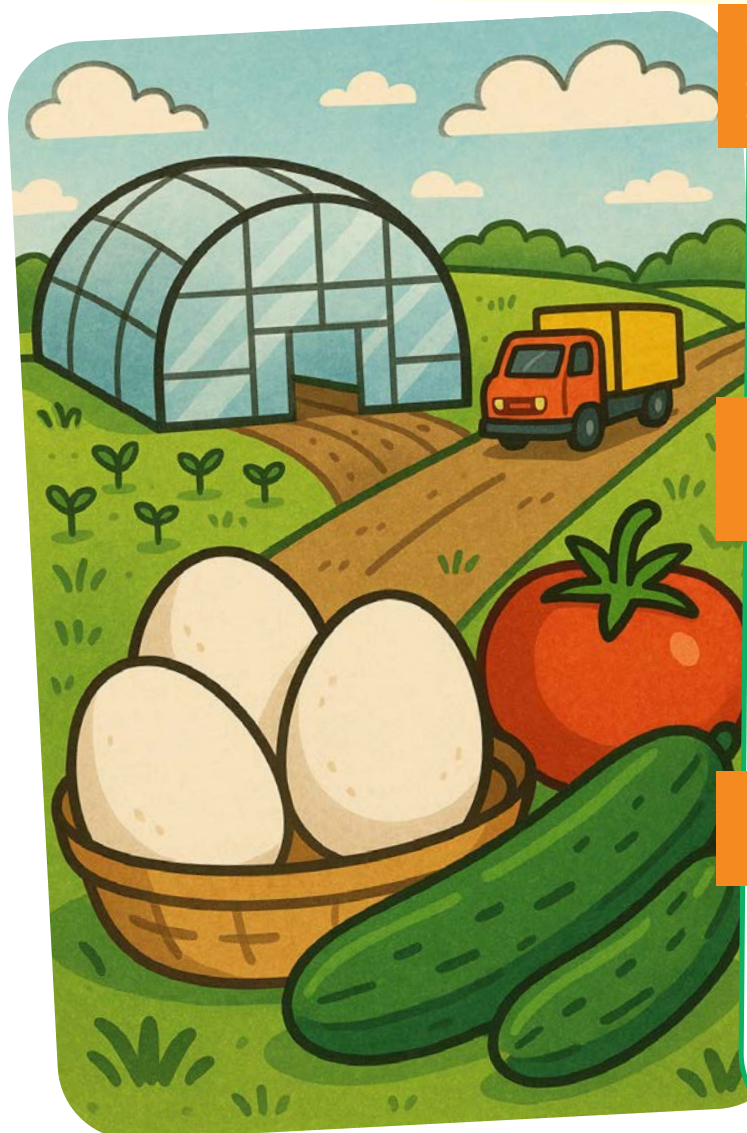
O município de Japira vem se destacando como uma referência regional na produção agrícola diversificada e sustentável. Com forte vocação para o setor agropecuário, a cidade tem estruturado sua economia a partir da integração entre avicultura em larga escala, hortifrúti em cultivo protegido, agricultura orgânica e programas de apoio técnico e ambiental que asseguram qualidade e produtividade no campo.

A produção aviária é um dos pilares econômicos de Japira. Atualmente, o município abriga entre 30 e 40 aviários, responsáveis por abastecer diversas empresas de diferentes regiões do Brasil. Esse setor gera empregos, movimentando a economia local e impulsiona o desenvolvimento de cadeias produtivas asso-

ciadas, como o fornecimento de insumos, transporte e serviços veterinários.

Outro destaque é o crescimento do cultivo protegido de hortaliças, com produção expressiva de tomate, pimentão e pepino, que abastece mercados regionais e garante renda para pequenos e médios produtores. Paralelamente, a cidade conta com cerca de 60 a 70 produtores certificados em agricultura orgânica.

Os agricultores contam com o apoio de instituições como a Prefeitura Municipal, o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná) e a Emater, que atuam de forma conjunta oferecendo acompanhamento técnico especializado, capacitações e incentivos.



Em Japira, a produção de ovos é um dos pilares da economia. Os aviários trabalham dia e noite para abastecer o Brasil. Vamos ajudar a contabilizar a produção de um dia?

Um dos maiores aviários de Japira fez três coletas de ovos hoje.

- Coleta da manhã: 7.500 ovos
- Coleta da tarde: 6.850 ovos
- Coleta da noite: 5.200 ovos

Quantos ovos foram coletados no total hoje?

R:

O cultivo protegido de Japira produz tomates de alta qualidade. Um caminhão saiu carregado para abastecer mercados em outra cidade, mas teve que fazer uma entrega no meio do caminho.

Um caminhão saiu de Japira carregado com 1.200 caixas de tomate. Ele parou em uma cidade vizinha e descarregou 485 caixas. Com quantas caixas de tomate o caminhão seguiu viagem?

R:

Para otimizar o espaço, os agricultores de Japira plantam suas hortaliças em fileiras perfeitamente organizadas dentro de estufas.

Em uma estufa de cultivo protegido, um produtor plantou pepinos em 25 fileiras. Cada fileira tem exatamente 42 pés de pepino. Quantos pés de pepino ele tem no total nesta estufa?

R:



Feijão, um grão que faz parte da nossa vida

Você já parou para pensar que o feijão está quase todos os dias no nosso prato? Ele não é apenas saboroso, mas também é um dos alimentos mais importantes da mesa do brasileiro. Junto com o arroz, forma uma dupla que dá energia, força e saúde para o corpo.

O feijão é rico em proteínas, fibras, ferro, cálcio e várias vitaminas. Isso significa que ele ajuda a fortalecer os ossos, o sangue e até a nossa disposição para brincar, estudar e praticar esportes. Comer feijão todos os dias é como dar um presente de energia e saúde para o nosso corpo.

Além de nutritivo, o feijão também é muito diverso: existe o feijão carioca, o preto, o fradinho, o vermelho, o jalo e tantos outros. Cada região do Brasil tem o seu preferido, e em

cada casa ele aparece de um jeito: em caldos, sopas, saladas e até em bolinhos. Essa variedade mostra como o feijão faz parte da cultura e da vida de milhões de brasileiros.

Mas você sabia que a história do feijão começa muito antes de chegar ao nosso prato?

Ela tem início no campo, no trabalho dos agricultores que plantam, cuidam e colhem esse grão tão especial. E quando falamos em feijão, é impossível não lembrar do Paraná. O estado é um dos maiores produtores do Brasil, especialmente na região dos Campos Gerais, onde o clima e o solo favorecem a plantação. Essa região é conhecida como um celeiro agrícola, e dali sai grande parte do feijão que alimenta famílias em todo o país.



Curiosidade

Para que o feijão seja forte, saudável e nutritivo, tudo começa com a escolha da semente. Assim como uma boa história precisa de um começo bem feito, o feijão também precisa nascer de sementes de qualidade. E aqui entra uma diferença fundamental: você sabia que existem

as chamadas "sementes piratas"? Sim! Elas se parecem com sementes comuns, mas são produzidas sem os devidos cuidados, sem testes de qualidade e sem certificação. Isso pode trazer muitos problemas, para o feijão por exemplo, gerando plantas fracas, maior risco de doenças e



grãos que não chegam com a mesma qualidade até a nossa mesa.

Já as sementes legais são diferentes. Elas passam por análises em laboratórios e são testadas por profissionais. São preparadas com atenção e carinho para garantir que o feijão nasça forte, bonito e nutritivo. É como se fossem super-heróis do campo, protegendo o alimento desde o começo para que chegue cheio de saúde ao nosso prato.

E quem ajuda nesse trabalho é a Apasem – Associação Paranaense dos Produtores de Sementes e Mudanças. Ela atua para combater a pirataria de sementes e garantir que os agricultores tenham acesso a sementes legais e seguras. Assim, cada grão de feijão que chega até o nosso almoço ou jantar carrega

uma história de cuidado, dedicação e respeito com quem planta e com quem consome.

Podemos imaginar essa história como uma aventura. De um lado, a semente pirata, que tenta enganar, mas não consegue dar força nem saúde ao feijão. Do outro, a semente legal, preparada, testada e cheia de superpoderes para vencer pragas, resistir às doenças e produzir grãos cheios de nutrientes. Quem vence essa batalha? Sempre a semente legal, porque ela tem o apoio de muitos agricultores, pesquisadores e instituições que trabalham juntos para garantir o melhor para nossa mesa. Da próxima vez que você olhar para o seu prato de feijão, lembre-se que precisamos produzir sempre a semente legal para ela se transformar em um feijão gostoso, nutritivo e cheio de energia.

**Siga a Apasem no Instagram @apasem_pr
ou consulte o site www.apasem.com.br**

Ortigueira fortalece agricultura familiar com distribuição de insumos e assistência técnica

A Prefeitura de Ortigueira está reforçando o compromisso com os pequenos produtores rurais por meio do Programa de Agricultura Sustentável (PAS Ortigueira), iniciativa que garante apoio direto aos trabalhadores do campo com a distribuição gratuita de insumos agrícolas e assistência técnica especializada.

Com o PAS, os agricultores familiares do município têm acesso a sacos de sementes de milho, feijão e arroz conforme a extensão da área plantada, e até 12 toneladas de calcário, utilizado para a correção e fertilização do solo.

Além do fornecimento de insumos, a secretaria também atua ativamente com orientação técnica e apoio contínuo às diversas cadeias produtivas do município, como a produção de hortifrutigranjeiros, apicultura, piscicultura, bovinocultura, plantios intensivos e extensivos, e a bacia leiteira, setor que vem recebendo incentivos para melhoria da produtividade e da qualidade do leite.

O Programa de Agricultura Sustentável tem como foco principal a valorização do pequeno agricultor, o estímulo à produção sustentável e a preservação dos recursos naturais renováveis.

O Programa de Agricultura Sustentável de Ortigueira (PAS) distribui insumos muito importantes para ajudar os agricultores a terem uma colheita forte e saudável.

Sua missão é desembaralhar os nomes desses insumos que fortalecem a agricultura do nosso município!

Dica: As palavras corretas são sementes de cultivos muito comuns na nossa alimentação e um mineral usado para corrigir o solo e deixá-lo mais fértil.

O L H M I

R: _____

Z A R O R

R: _____

Ã F I E J O

R: _____

R I O L C A L A C

R: _____

De acordo com o texto, a cidade de Ortigueira apoia diversas cadeias produtivas, que são conjuntos de atividades ligadas à produção de um determinado bem.

Algumas delas são:

- **Hortifrutigranjeiros:** produção de hortaliças, frutas e produtos de granja (como ovos).
- **Bacia Leiteira:** região com muitas propriedades focadas na produção de leite.
- **Apicultura:** criação de abelhas para produção de mel, cera e outros produtos.
- **Piscicultura:** cultivo de peixes em ambiente controlado.
- **Bovinocultura:** criação de gado bovino para corte ou leite.
- **Plantios Intensivos/Extensivos:** O plantio intensivo prioriza a máxima produtividade por hectare através do uso de alta tecnologia e insumos, enquanto o plantio extensivo utiliza grandes extensões de terra com baixa aplicação de recursos tecnológicos.

Agora, observe a imagem abaixo e identifique o nome de cada cadeia produtiva representada.



R: _____



R: _____



R: _____



R: _____



R: _____



R: _____

É DA NOSSA NATUREZA IMPRIMIR AS CORES MAIS VIVAS.



 **43 3373-7891**

www.idealizagraf.com.br

Rua Serra do Urucum, 33 - Jd. Bandeirantes - Londrina - PR



Pinhalão reforça protagonismo na produção de café

A cidade de Pinhalão segue consolidada como referência na produção de café. Segundo o levantamento do Departamento de Economia Rural (Deral), o município é o segundo maior produtor do grão no estado, com 3.248 toneladas produzidas em 2022, ficando atrás apenas de Carlópolis. Essa produção foi responsável por 11% do Valor Bruto da Produção (VBP) estadual do café.

Além do volume, o município se destaca pela qualidade: desde 2022 Pinhalão é reconhecido como a Capital do Café Especial do Paraná, com produtores premiados em concursos de qualidade. O título reforça a tradição local e fortalece o reconhecimento da cafeicultura como uma das princi-

pais bases da economia do município, ao lado da fruticultura e da olericultura, atividades que também garantem renda e diversificação às famílias agricultoras.

Nesse cenário de valorização do trabalho no campo, a Prefeitura de Pinhalão lançou mais uma iniciativa para fortalecer a agricultura local: a Feira da Agricultura Familiar e Mulheres Empreendedoras. A feira será um espaço para divulgação e comercialização de produtos, troca de experiências, formação de novas parcerias e apoio ao comércio local. O evento busca, ainda, estimular o protagonismo feminino no empreendedorismo rural e promover um ambiente de cultura, tradição e inovação.

PINHALÃO É UM MUNICÍPIO DO ESTADO DO PARANÁ QUE SE DESTACA PELA SUA FORÇA NO CAMPO, PRINCIPALMENTE NA PRODUÇÃO DE CAFÉ. A CAFEICULTURA É UMA DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES ECONÔMICAS DA REGIÃO E CONTRIBUI MUITO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS FAMÍLIAS AGRICULTORAS. ALÉM DO CAFÉ, OUTRAS ATIVIDADES COMO A FRUTICULTURA E A OLERICULTURA TAMBÉM SÃO MUITO IMPORTANTES, POIS GARANTEM A DIVERSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO E A GERAÇÃO DE RENDA. AO CONHECER ESSES TERMOS E ENTENDER SEU SIGNIFICADO, VOCÊ VAI PERCEBER COMO A AGRICULTURA ESTÁ PRESENTE NO NOSSO DIA A DIA E COMO ELA CONTRIBUI PARA O CRESCIMENTO DAS CIDADES.

VOCABULÁRIO:

CAFEICULTURA: É O CULTIVO E A PRODUÇÃO DE CAFÉ. ENVOLVE TODO O PROCESSO, DESDE O PLANTIO DOS PÉS DE CAFÉ ATÉ A COLHEITA E A SECAGEM DOS GRÃOS.

FRUTICULTURA: É O CULTIVO DE FRUTAS, COMO BANANA, MAÇÃ, LARANJA, UVA E OUTRAS. É UMA ATIVIDADE QUE AJUDA NA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E NA GERAÇÃO DE RENDA.

OLERICULTURA: É O CULTIVO DE HORTALIÇAS, COMO ALFACE, CENOURA, TOMATE, COUVE E OUTROS LEGUMES E VERDURAS. TAMBÉM É CONHECIDA COMO HORTICULTURA.

QUE TAL COLOCAR SUA CRIATIVIDADE PARA FUNCIONAR? OBSERVE AS IMAGENS ABAIXO E ESCREVA FRASES CRIATIVAS!



Piraí do Sul se consolida como referência na produção de morango no Paraná

Piraí do Sul está se destacando cada vez mais no cenário agrícola paranaense ao se consolidar como um dos principais polos produtores de morango do Estado. Atualmente, o município concentra a maior área de cultivo do Paraná, com aproximadamente 90 hectares, e um Valor Bruto de Produção (VBP) que alcançou quase R\$ 75 milhões em 2024.

Mais de 80 produtores estão envolvidos diretamente na atividade, que movimenta fortemente a economia local e gera oportunidades de emprego ao longo de todo o ano. A produção oscila conforme a estação, mas mantém números expressivos: são cerca de 250 mil quilos por mês, totalizando aproximadamente 3 milhões de quilos de morango colhidos anualmente. Grande parte dessa produção é destinada às Centrais de Abastecimento (Ceasa) do Paraná, abastecendo principalmente o mercado regional. O sucesso da cultura está diretamente ligado à adoção de tecnologias modernas, como o cultivo protegido e o sis-

tema semi-hidropônico, que utilizam estufas e irrigação controlada. Essas práticas permitem não apenas maior produtividade, mas também garantem frutos de qualidade superior, valorizados pela aparência e pelo sabor.

A sustentabilidade é outro pilar da produção local. Muitos agricultores têm recorrido ao controle biológico de pragas, reduzindo o uso de agrotóxicos e atendendo à demanda crescente por alimentos mais saudáveis e ambientalmente responsáveis.

Esse avanço tem sido apoiado por programas de capacitação e incentivo desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Agropecuária e Abastecimento, em parceria com o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). As iniciativas incluem treinamentos técnicos e linhas de crédito acessíveis, que permitem a expansão das lavouras e a modernização das estruturas de cultivo.

ENCONTRE NO CAÇA-PALAVRAS AS PALAVRAS RELACIONADAS AO TEXTO.

PIRAÍ DO SUL É UMA CIDADE DO PARANÁ CONHECIDA POR SEUS DELICIOSOS MORANGOS! LÁ, MUITOS PRODUTORES TRABALHAM COM CARINHO E TECNOLOGIA PARA CULTIVAR FRUTAS SABOROSAS E DE ÓTIMA QUALIDADE. AS ESTUFAS E OS SISTEMAS DE IRRIGAÇÃO AJUDAM A PROTEGER AS PLANTAS E GARANTEM COLHEITAS DURANTE TODO O ANO. ALÉM DE MOVIMENTAR A ECONOMIA, O CULTIVO DO MORANGO TAMBÉM ATRAI VISITANTES, GERA EMPREGOS E FORTALECE A AGRICULTURA FAMILIAR. AGORA, VAMOS EXPLORAR UM POUCO MAIS SOBRE ESSA CIDADE QUE SE TORNOU REFERÊNCIA NA PRODUÇÃO DE MORANGOS!



Imagine que você foi visitar uma feira em Piraí do Sul e encontrou morangos gigantes e falantes!

Escreva uma história no seu caderno contando o que aconteceu nesse dia.

IMPORTANTE:

Na sua história, use pelo menos quatro palavras que aparecem no caça-palavras da página anterior. Capriche na criatividade e lembre-se de organizar o texto em parágrafos e usar o travessão (—) antes de iniciar um diálogo!

Caminhos do Agro e Feira Verde impulsionam desenvolvimento rural e sustentabilidade em Ponta Grossa

No primeiro semestre de 2025, o programa 'Caminhos do Agro', realizado pela Prefeitura de Ponta Grossa, já revitalizou cerca de 200 km de estradas rurais nos distritos do município. As equipes da Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento atuaram nos distritos de Guaragi, Itaiacoca, Periquitos e Uvaia, realizando melhorias em diversas vias, especialmente na região do Guaragi, onde foram trabalhadas estradas como Santa Cruz, Nova Santa Cruz, Tabuleiro, Faxinal Grande, Limeira, Moranga, Mato Queimado, São Sebastião e Vila Rural. As obras incluíram manutenção de trechos com problemas de escoamento de água, limpeza das bordas das estradas, escarificação do leito, colo-

cação de cascalho e compactação, garantindo maior estabilidade e durabilidade das vias. Outra ação de destaque da secretaria é o programa Feira Verde. O programa já realizou mais de 45 mil atendimentos em diversos pontos de Ponta Grossa também no primeiro semestre do ano. As equipes recolheram mais de 1,77 mil toneladas de material reciclável e distribuíram quase 648 toneladas de frutas, verduras, pão, mel e créditos do transporte coletivo. As ações ocorrem de segunda a sexta-feira em mais de 200 pontos diferentes, com o objetivo de promover a segurança alimentar, apoiar a agricultura familiar e colaborar com o meio ambiente.

A CIDADE DE PONTA GROSSA ESTÁ FAZENDO UM TRABALHO MUITO LEGAL PARA AJUDAR TODO MUNDO! SÃO DOIS PROJETOS IMPORTANTES:

1. ESTRADAS NOVAS PARA O CAMPO

AS EQUIPES DA PREFEITURA ARRUMARAM UM MONTÃO DE ESTRADAS RURAIS. FIZERAM A LIMPEZA DAS BEIRADAS, TIRARAM A ÁGUA PARADA E COLOCARAM CASCALHO (PEDRINHAS) PARA DEIXAR A ESTRADA FORTE E BOA PARA PASSAR DE CAMINHÃO. ASSIM, FICA MAIS FÁCIL PARA OS

AGRICULTORES LEVAREM SEUS PRODUTOS FRESQUINHOS ATÉ A CIDADE.

2. FEIRA VERDE (A TROCA MÁGICA) A PREFEITURA TAMBÉM TEM UM PROJETO QUE AJUDA O MEIO AMBIENTE! AS PESSOAS PODEM LEVAR LIXO RECICLÁVEL (MATERIAL QUE PODE SER USADO DE NOVO) E TROCÁ-LO POR COMIDAS GOSTOSAS E SAUDÁVEIS. ELES DISTRIBUÍRAM MUITAS FRUTAS, VERDURAS, PÃO E MEL. É UMA TROCA QUE FAZ BEM PARA A NATUREZA E GARANTE COMIDA BOA NA MESA!

ENCONTRE A RIMA!

LEIA AS PALAVRAS DO TEXTO E DESCUBRA OUTRAS QUE RIMEM COM ELAS.
OBS.: VOCÊ SABE O QUE É ALITERAÇÃO? SERÁ QUE ELAS ALITERAM?



CONTE AS SÍLABAS!

PINTE AS BOLINHAS CONFORME O NÚMERO DE SÍLABAS. BATA PALMAS OU FALE EM VOZ ALTA PARA DESCOBRIR OS PEDACINHOS DA PALAVRA!



Porto Amazonas consolida título de “Terra da Maçã” com produção crescente e nova fábrica de sucos

Com uma produção que alcançou 2.636 toneladas em uma área de 60 hectares, a cidade de Porto Amazonas fortalece cada vez mais sua posição como referência estadual na produção de maçãs. O município abriga três grandes empreendimentos responsáveis por impulsionar a cultura da fruta: Maçãs Perboni, Maçãs Boutin e Frutas Kitty.

Conhecida como “Terra da Maçã” a tradicional festa é um dos destaques para mostrar a produção dos agricultores do município. O evento, que chegou à sua 38ª edição em fevereiro de 2025, é um verdadeiro símbolo da identidade local, reunindo shows, bailes, concursos e a comercialização

de produtos à base da fruta. A festa movimentou a economia, atraiu turistas e promove a valorização da produção regional.

O setor ganhou ainda mais impulso com a aprovação do projeto da empresa Sucos Costantini Indústria, Comércio e Exportação Ltda, que irá instalar em Porto Amazonas uma fábrica de suco de maçã clarificado e concentrado. A chegada da indústria representa um marco para o município, que verá a cadeia produtiva da maçã se expandir com mais geração de empregos, estímulo ao aumento da produção e agregação de valor ao que já é cultivado localmente.

PORTO AMAZONAS, A TERRA DA MAÇÃ

A CIDADE DE PORTO AMAZONAS É CONHECIDA COMO A TERRA DA MAÇÃ! OS AGRICULTORES PLANTAM MUITAS MAÇÃS E A SAFRA ESTÁ CRESCENDO CADA VEZ MAIS. AQUI EXISTE UMA FESTA MUITO ANIMADA: A FESTA DA MAÇÃ. NELA, AS PESSOAS PODEM DANÇAR, BRINCAR, VER SHOWS E EXPERIMENTAR PRODUTOS FEITOS COM A FRUTA. AGORA PORTO AMAZONAS VAI TER UMA FÁBRICA DE SUCO DE MAÇÃ! ESSA FÁBRICA VAI AJUDAR A CIDADE A PRODUZIR MAIS, CRIAR NOVOS TRABALHOS E VALORIZAR OS AGRICULTORES. PORTO AMAZONAS MOSTRA QUE A MAÇÃ É MOTIVO DE ORGULHO E ALEGRIA PARA TODOS!

LEIA COM ATENÇÃO E Pinte o nome das frutas.



MANGA

MAÇÃ

MAMÃO



ABACATE

ACEROLA

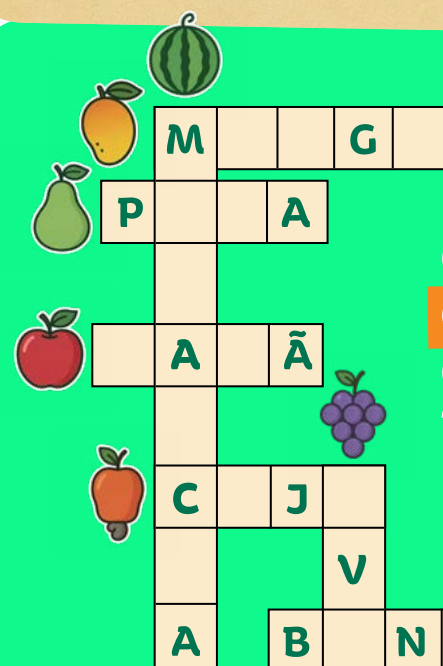
ABACAXI



LARANJA

LIMÃO

MELÃO



COMPLETE A CRUZADINHA COM O NOME DAS FRUTAS

Reserva busca fortalecer produção de ovinos e caprinos

A Secretaria Municipal de Agricultura e Desenvolvimento Econômico de Reserva tem buscado fortalecer a cadeia produtiva de ovinos e caprinos no município. Para fortalecer esse setor, os representantes do governo municipal estão se reunindo com especialistas, técnicos e produtores para a troca de experiências e atualização de conhecimento.

Os participantes estão aprofundando temas como reprodução animal, manejo de pastagens, produção de leite de cabra e seus derivados, sanidade dos rebanhos e estratégias para implantação e rentabilidade de sistemas produtivos. De acordo com dados da Agência

de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), o município de Reserva possui 188 caprinos distribuídos em 48 propriedades e cerca de 4,9 mil ovinos em 316 locais, o que demonstra a relevância da atividade para a economia rural local. A Secretaria Municipal de Agricultura agora pretende multiplicar os conhecimentos adquiridos com os produtores locais, promovendo capacitações e orientações práticas. A prefeitura destaca que a participação em reuniões e eventos é fundamental para ter acesso a informações atualizadas e eficientes, como novas tecnologias reprodutivas com altos índices de sucesso, e a ênfase na sanidade dos rebanhos.

RESERVA QUER ENSINAR PRODUTORES A CUIDAR MELHOR DE OVELHAS E CABRAS

A SECRETARIA DE AGRICULTURA DE RESERVA ESTÁ ORGANIZANDO CURSOS PARA ENSINAR OS PRODUTORES DA CIDADE A CUIDAR MELHOR DE SUAS OVELHAS E CABRAS. NOS ENCONTROS, OS ESPECIALISTAS EXPLICAM COMO ALIMENTAR BEM OS ANIMAIS, CUIDAR DOS PASTOS, PRODUZIR LEITE DE CABRA E MANTER O REBANHO SAUDÁVEL. OS PRODUTORES VÃO APRENDER NOVAS TÉCNICAS E RECEBER ORIENTAÇÕES PRÁTICAS PARA MELHORAR O TRABALHO NO CAMPO. A PREFEITURA LEMBRA QUE É MUITO IMPORTANTE CONTINUAR ESTUDANDO E APRENDENDO, MESMO DEPOIS DE ADULTO – ASSIM, TODOS PODEM CRESCER E TRABALHAR CADA VEZ MELHOR.

LEIA AS FRASES E MARQUE A IMAGEM QUE REPRESENTA O QUE ESTÁ ESCRITO

EU CUIDO DA OVELHA.

A	B	C
		

NÓS VIMOS A CABRA.

A	B	C
		

AGORA É COM VOCÊ!

1. ESCREVA UMA FRASE SOBRE O TEMA.
 2. DESENHE UMA IMAGEM QUE COMBINA COM A SUA FRASE.
 3. DESENHE DUAS IMAGENS QUE NÃO COMBINAM COM ELA.
- DEPOIS, TROQUE O CADERNO COM UM COLEGA. QUEM SERÁ QUE VAI DESCOBRIR QUAL DESENHO É O CORRETO? CAPRICHE NA SUA LETRINHA!

A	B	C

Santo Antônio da Platina se destaca como polo de produção orgânica

A cidade de Santo Antônio da Platina se consolidou como uma referência estadual em produção orgânica, graças a um crescimento expressivo no número de produtores certificados, avanços tecnológicos e apoio institucional.

Em 2018, o município contava com apenas 29 produtores com certificação de conformidade da produção orgânica. Hoje, esse número saltou para 340, refletindo uma transformação significativa no setor.

Esse crescimento está diretamente ligado à adoção de tecnologias sustentáveis, como cultivo protegido, irrigação por gotejamento com fertirrigação e utili-

zação predominante de mão de obra familiar. Atualmente, a região conta com cerca de 473 estufas de 1.000 m² com certificação orgânica. Cada uma gera, em média, R\$ 56 mil anuais em renda bruta, totalizando mais de R\$ 25 milhões por ano.

Além dos benefícios econômicos, os impactos ambientais são notáveis. O sistema orgânico não utiliza aditivos sintéticos, defensivos ou fertilizantes químicos, e promove a fertilidade do solo, o aumento da matéria orgânica e da biodiversidade. O manejo respeita áreas de preservação permanente (APPs), reservas legais e nascentes.

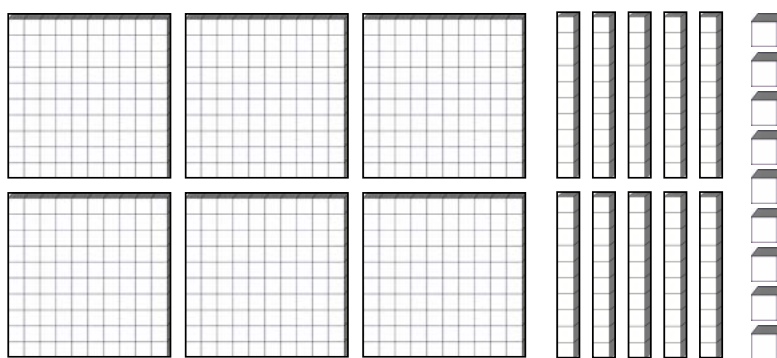
SANTO ANTÔNIO DA PLATINA E A PRODUÇÃO ORGÂNICA

A CIDADE DE SANTO ANTÔNIO DA PLATINA É MUITO CONHECIDA PELA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS. ISSO SIGNIFICA QUE OS PRODUTOS SÃO CULTIVADOS SEM AGROTÓXICOS, RESPEITANDO A NATUREZA E FAZENDO BEM PARA A SAÚDE. HÁ ALGUNS ANOS, A CIDADE TINHA POUCOS PRODUTORES ORGÂNICOS, MAS HOJE ESSE NÚMERO CRESCER MUITO. EM 2018 ERAM 29 PRODUTORES, E HOJE SÃO 340 PRODUTORES ORGÂNICOS. ALÉM DISSO, EXISTEM 473 ESTUFAS, ONDE OS ALIMENTOS SÃO CULTIVADOS DE FORMA MAIS PROTEGIDA. ESSES ALIMENTOS GARANTEM RENDA PARA MUITAS FAMÍLIAS E UMA VIDA MAIS SAUDÁVEL PARA TODA A POPULAÇÃO.

EM 2018, HAVIA 29 PRODUTORES ORGÂNICOS. HOJE EXISTEM 340 PRODUTORES. QUANTOS PRODUTORES A MAIS EXISTEM HOJE?

R.: _____

EM SANTO ANTÔNIO DA PLATINA EXISTEM 473 ESTUFAS. AS ESTUFAS SÃO LOCAIS QUE PROTEGEM AS PLANTINHAS PARA QUE CRESCAM FORTES E SAUDÁVEIS. AGORA, OBSERVE O MATERIAL DOURADO E PINTE APENAS AS PEÇAS QUE REPRESENTAM ESSE NÚMERO DE ESTUFAS.



AGORA, DESENHE AS PEÇAS DO MATERIAL DOURADO QUE CORRESPONDEM AOS NÚMEROS SOLICITADOS:



São João do Triunfo é o segundo maior produtor de tabaco do Brasil

São João do Triunfo alcançou um marco histórico na safra 2024/2025 e consolidou sua posição como referência nacional na fumicultura. Segundo dados divulgados pela Associação de Fumicultores do Brasil (Afubra), o município é atualmente o maior produtor de tabaco do Paraná e ocupa a 2ª colocação no ranking brasileiro.

A produção envolveu 2.391 famílias rurais e ultrapassou a marca de 23 mil toneladas. Atualmente, cerca de 65% da economia local tem origem na cultura do tabaco, que se tornou a principal fonte de renda para grande parte da população.

O município destacou que os números são resultados da importância do trabalho de cada família agricultora, que com esforço e dedicação garantiram não só o sustento de suas casas, mas também o desenvolvimento da cidade de São João do Triunfo.

Além de assegurar renda para milhares de famílias, a fumicultura impacta diretamente a movimentação do comércio local e contribui para o fortalecimento de outros setores da economia.

Contando o trabalho das famílias agricultoras de São João do Triunfo

EM SÃO JOÃO DO TRIUNFO, MUITAS FAMÍLIAS VIVEM DA AGRICULTURA E TRABALHAM COM MUITO CUIDADO PARA GARANTIR BOAS COLHEITAS. ALÉM DE GERAR RENDA, O TRABALHO NO CAMPO AJUDA A MOVIMENTAR O COMÉRCIO E FORTALECE TODA A CIDADE. VAMOS TREINAR A MATEMÁTICA CONHECENDO UM POUCO MAIS SOBRE O TRABALHO DESSAS FAMÍLIAS!

1 - Imagine que uma família colheu 96 kg de produto em uma semana. Eles decidiram embalar tudo em caixas que cabem 8 kg cada. Quantas caixas serão necessárias?

2 - O Sr. João, um agricultor da região, foi à loja e gastou R\$ 45,00 em luvas, R\$ 28,00 em sementes e R\$ 15,00 em um chapéu novo. Quanto o Sr. João gastou no total?

3 - Na colheita, cada uma das 12 famílias da comunidade produziu 75 kg de produtos agrícolas. Quantos quilos foram produzidos ao todo?

4 - Uma cooperativa dividiu igualmente 2.400 kg de produção entre 6 caminhões. Quantos quilos cada caminhão levou?

Patrulha Agrícola de Sengés: parceria que fortalece o campo e gera resultados

Criado em 2011, o Programa Patrulha Agrícola da Prefeitura Municipal de Sengés, por meio da Secretaria de Agricultura e Pecuária, vem transformando a vida no campo e fortalecendo a agricultura familiar no município. Atualmente, o programa atende cerca de 600 produtores rurais, oferecendo apoio direto nas atividades essenciais para a produção agrícola.

Em 2024, os números impressionam: foram feitos 500

hectares de silagem com uma produção de mais de 20 milhões de quilos, um marco histórico que representa alimento garantido para o rebanho e mais segurança para o pequeno produtor. Além disso, a Patrulha Agrícola realizou mais de 200 viagens de calcário, contribuindo para a correção do solo e aumento da produtividade, e 250 viagens de cascalho, facilitando o acesso às propriedades rurais.

A PATRULHA AGRÍCOLA DE SENGÉS É UM PROGRAMA DA PREFEITURA CRIADO PARA AJUDAR AS FAMÍLIAS QUE TRABALHAM NO CAMPO. ELA EXISTE DESDE 2011 E JÁ MELHOROU A VIDA DE MUITOS AGRICULTORES DA NOSSA CIDADE!

OS TRABALHADORES RURAIS RECEBEM O APOIO DE MÁQUINAS, CAMINHÕES E OUTROS SERVIÇOS MUITO IMPORTANTES PARA PLANTAR, CUIDAR DAS PLANTAÇÕES E DOS ANIMAIS. EM 2024, O PROGRAMA REALIZOU AÇÕES INCRÍVEIS:

- PRODUZIU ALIMENTO PARA O GADO, SOMANDO MAIS DE 20 MILHÕES DE QUILOGRAMAS DE COMIDA PARA OS ANIMAIS!
- FEZ O TRANSPORTE DE CALCÁRIO – UM PÓ ESPECIAL QUE DEIXA A TERRA MAIS FORTE E FÉRTIL, AJUDANDO AS PLANTAS A CRESCEREM SAUDÁVEIS.
- FEZ O TRANSPORTE DE CASCALHO – PEDRINHAS USADAS PARA CONSERTAR E MELHORAR AS ESTRADAS DENTRO DAS FAZENDAS, FACILITANDO O TRÂNSITO DE PESSOAS E VEÍCULOS.

COM TODO ESSE APOIO, O CAMPO DE SENGÉS FICOU MAIS FORTE, E OS AGRICULTORES PUDEAM PRODUZIR MAIS E MELHOR!

VOCÊ CONSEGUE LER AS SÍLABAS ABAIXO?

☐ SIM

☐ AINDA NÃO

	A	E	I	O	U
TR	TRA	TRE	TRI	TRO	TRU
GR	GRA	GRE	GRI	GRO	GRU
DR	DRA	DRE	DRI	DRO	DRU
CR	CRA	CRE	CRI	CRO	CRU

COM A AJUDA DA SUA PROFESSORA, LEIA AS PALAVRAS RETIRADAS DO TEXTO:

TRABALHADORES - PATRULHA - AGRICULTURA - PRODUZIU - TRANSPORTE - PEDRINHAS - TRÂNSITO - PROGRAMA - INCRÍVEIS - CRESCEREM - ESTRADAS

AGORA, FORME NOVAS PALAVRAS UTILIZANDO O QUADRO DE SÍLABAS

GRI	TOR	DRO	MA	TRA	RIO
BA	TO	LHO	CO	GO	ME
DI	PRAI	TRA	A	GÃO	LO
CRO	GRI	DÁ	PRA	GRA	DRA
TAR	TRI	LO	SEN	PRE	TE

Horta Urbana de Telêmaco Borba promove sustentabilidade e gera renda

A Horta Urbana de Telêmaco Borba tem se destacado como exemplo de iniciativa sustentável com impacto direto na qualidade de vida da comunidade. Desenvolvida pela Prefeitura Municipal, a ação é coordenada pela engenheira agrônoma Kelly Bonotto e liderada por Fátima Depetriz, figura respeitada na região.

O projeto tem como objetivos revitalizar o ambiente urbano, promover práticas sustentáveis e gerar fonte de renda para os moradores do entorno. Mais do que uma horta, a iniciativa re-

presenta um modelo de desenvolvimento comunitário, mostrando como ideias simples e bem executadas podem transformar realidades locais. O projeto ainda recebe visita de escolas e participantes de projetos sociais que integram o programa de Empreendedorismo Social, uma parceria entre a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e a Secretaria Municipal de Assistência Social. A visita proporciona uma vivência prática sobre sustentabilidade, empreendedorismo e responsabilidade social.

HORTA URBANA DE TELÊMACO BORBA

NA CIDADE DE TELÊMACO BORBA EXISTE UMA HORTA MUITO ESPECIAL! ELA FICA NA ÁREA URBANA, MAS TEM UM POUQUINHO DA VIDA DA ÁREA RURAL. NA HORTA, AS PESSOAS PLANTAM, CUIDAM DA TERRA E COLHEM ALIMENTOS SAUDÁVEIS. ESSA IDEIA MOSTRA A IMPORTÂNCIA DA SUSTENTABILIDADE: CUIDAR DO MEIO AMBIENTE E AO MESMO TEMPO MELHORAR A VIDA DAS PESSOAS. A HORTA AJUDA NA ALIMENTAÇÃO, GERA RENDA PARA AS FAMÍLIAS E AINDA RECEBE VISITA DE ESCOLAS. É UM LUGAR ONDE TODOS APRENDEM A RESPEITAR A NATUREZA E A VIVER MELHOR!

OBSERVE AS DUAS IMAGENS E FAÇA O QUE SE PEDE:

- CIRCULE DE VERMELHO A HORTA NA ÁREA URBANA.
- CIRCULE DE VERDE A HORTA NA ÁREA RURAL.



OBSERVE A FIGURA DA HORTALIÇA E PINTÉ AS SÍLABAS CORRETAS PARA FORMAR O NOME.



CE QUE LA LO BO FA



RE TE LHO PO TO LHU



PO TO MA NA FE TE



GE PE LO PI ZI NO

Tibagi Sustentável une reciclagem e agricultura familiar em programa de educação ambiental

A gestão municipal de Tibagi retomou no primeiro semestre de 2025 o programa Tibagi Sustentável, que propõe uma ação de grande impacto: a troca de materiais recicláveis por frutas, legumes e hortaliças. A iniciativa, realizada em conjunto pelas secretarias de Agricultura e Meio Ambiente, alia sustentabilidade, incentivo à agricultura familiar e educação ambiental. A proposta é estimular a separação correta do lixo doméstico e, ao mesmo tempo, valorizar os produtores locais por meio da compra de alimentos frescos, utilizados nas trocas. O programa é realizado uma vez por mês na sede do município e nas comunidades do interior e passa por regiões como Caetano Mendes,

São Bento, Alto do Amparo, Vila Salomão, Faxinal e Agudos. Além da coleta de recicláveis, o programa também distribui sacolas reutilizáveis aos moradores, como forma de facilitar a organização dos resíduos e ampliar a prática cotidiana da separação. Do lado da produção agrícola, o projeto fortalece diretamente a agricultura familiar. Os alimentos distribuídos nas trocas são adquiridos por uma empresa contratada via licitação, que compra exclusivamente de pequenos produtores locais. A proposta é que, ao longo dos anos, a iniciativa ganhe novas parcerias, envolva instituições de ensino e promova ainda mais ações educativas nas escolas e nas comunidades.

TIBAGI SUSTENTÁVEL

A CIDADE DE TIBAGI TEM UM PROJETO MUITO LEGAL CHAMADO TIBAGI SUSTENTÁVEL.

NESSE PROJETO, AS PESSOAS LEVAM MATERIAIS RECICLÁVEIS, COMO GARRAFAS, PAPEL E LATINHAS, E TROCAM POR FRUTAS, LEGUMES E HORTALIÇAS FRESQUINHAS.

ASSIM, TODO MUNDO GANHA:

- O MEIO AMBIENTE FICA MAIS LIMPO.
- AS PESSOAS LEVAM COMIDA SAUDÁVEL PARA CASA.

ALÉM DISSO, A POPULAÇÃO RECEBE SACOLAS REUTILIZÁVEIS, PARA AJUDAR NA SEPARAÇÃO DO LIXO E NA ORGANIZAÇÃO DAS COMPRAS. É UM JEITO INTELIGENTE DE PRATICAR A SUSTENTABILIDADE E CUIDAR DA NOSSA CIDADE!

O QUE VAI NA SACOLA?

OBSERVE AS FIGURAS E SEPRE:

SACOLA DE RECICLÁVEIS:
DESENHE OU ESCREVA O NOME
DE MATERIAIS QUE Podem SER
RECICLADOS.



SACOLA DE ALIMENTOS:
DESENHE OU ESCREVA O
NOME DE FRUTAS, LEGUMES
E HORTALIÇAS.



Tomazina se consolida como referência na produção de cafés especiais

A agricultura em Tomazina tem se destacado cada vez mais no cenário estadual e nacional, especialmente pela produção de cafés especiais. Grupos de produtoras e produtores locais, muitos com décadas de dedicação à atividade, vêm investindo em qualidade e práticas sustentáveis que destacam o nome da região. O reconhecimento mais recente veio com a 22ª edição do Concurso Café Qualidade Paraná 2024, quando cafeicultores do município conquistaram os primeiros lugares. Maristela Fátima da Silva Souza foi premiada na categoria natural, enquanto Claudeir Marcos de Souza venceu com um lote de cereja descascado, confirmando a excelência dos grãos produzidos em Tomazina. O café é parte impor-

tante da tradição do meio rural. Proporciona densidade de renda e qualidade de vida no campo. Os produtores estão recebendo conhecimento técnico para avançar na produção dos cafés. A produção de cafés especiais na região segue rigorosos processos de avaliação, que incluem desde a análise física dos grãos até a tradicional prova de xícara, conforme metodologias da Specialty Coffee Association (SCA). Nessa etapa, são avaliados atributos como aroma, doçura, acidez, corpo e sabor da bebida. Além do café, Tomazina também se destaca na produção de morango, reconhecido com Indicação Geográfica de Procedência, além de culturas como banana e laranja.

TOMAZINA É UMA CIDADE DO PARANÁ QUE FICOU FAMOSA PELOS SEUS CAFÉS DELICIOSOS! LÁ, MUITAS FAMÍLIAS TRABALHAM HÁ MUITOS ANOS CUIDANDO DAS PLANTAÇÕES E APRENDENDO NOVAS FORMAS DE PRODUZIR CAFÉ COM QUALIDADE E SEM AGREDIR A NATUREZA. RECENTEMENTE, DOIS PRODUTORES DA CIDADE GANHARAM UM PRÊMIO IMPORTANTE NO CONCURSO CAFÉ QUALIDADE PARANÁ. MARISTELA E CLAUDEIR MOSTRARAM QUE O CAFÉ DE TOMAZINA É UM DOS MELHORES DO ESTADO! MAS VOCÊ SABIA QUE O CAFÉ PASSA POR TESTES ANTES DE SER VENDIDO? OS ESPECIALISTAS OBSERVAM O CHEIRO, O SABOR, A COR E ATÉ A DOÇURA DO CAFÉ – COMO UMA PROVA DE DEGUSTAÇÃO! ALÉM DO CAFÉ, TOMAZINA TAMBÉM PLANTA MORANGO, BANANA E LARANJA, AJUDANDO A CIDADE A CRESCER E A SE TORNAR CONHECIDA PELA AGRICULTURA.

ATIVIDADE:

NO ALTO DAS MONTANHAS DE TOMAZINA, EXISTE UMA FAZENDA MÁGICA ONDE OS GRÃOS DE CAFÉ GANHAM VIDA À NOITE. DIZEM QUE, QUANDO A LUA ESTÁ CHEIA, CADA GRÃO BRILHA E ESPALHA UM PERFUME ENCANTADOR POR TODO O VALE. CERTA VEZ, UM PEQUENO PRODUTOR ENCONTROU UM DESSES GRÃOS LUMINOSOS E DECIDIU CRIAR UMA BEBIDA QUE TROUXESSE ALEGRIA E SONHOS BONS A QUEM A PROVASSE. AGORA É SUA VEZ! CRIE SUA PRÓPRIA RECEITA DE UM CAFÉ MÁGICO, CHEIO DE IMAGINAÇÃO E ENCANTAMENTO!

Instruções:

1. ESCOLHA UM NOME ESPECIAL PARA SUA RECEITA:

USE A CRIATIVIDADE! PODE SER ALGO COMO CAFÉ DO ARCO-ÍRIS, CAFÉ DOS BONS SONHOS OU CAFÉ DAS RISADAS INFINITAS.

2. LISTE OS INGREDIENTES ENCANTADOS:

MISTURE ELEMENTOS REAIS E IMAGINÁRIOS – COMO GRÃOS DE ALEGRIA, PÓ DE LUAR, RISADAS DE CRIANÇA, CHEIRO DE MANHÃ DE DOMINGO...

3. ESCREVA O MODO DE PREPARO MÁGICO:

EXPLIQUE, PASSO A PASSO, COMO PREPARAR SUA RECEITA. USE VERBOS NO IMPERATIVO (COMO MISTURE, ACRESCE, PREPARE, SIRVA, BATA...).

Ventania fortalece agricultura familiar e avança rumo à merenda 100% orgânica nas escolas

A Prefeitura Municipal de Ventania tem investido na valorização da agricultura familiar como forma de garantir oportunidades no campo e promover segurança alimentar. Atualmente, os principais fornecedores de hortaliças da merenda escolar são pequenos produtores locais, em uma ação integrada com o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná). O município já conta com um produtor de alimentos orgânicos certificado, cuja produção é reconhecida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Trata-se do Sítio Cata-Vento, que alia o cultivo sustentável à certificação orgânica. Além de abastecer a rede municipal de ensino, o local se estrutura para o turismo rural sustentável com

o apoio técnico do IDR-Paraná.

Ventania também tem ampliado o apoio a novas propriedades da agricultura familiar em processo de transição para a produção orgânica. O objetivo é atender à meta estabelecida pela Lei Estadual nº 16.751/10, que prevê alimentação escolar 100% orgânica até 2030, conforme diretrizes do Governo do Estado do Paraná. A transição para o modelo orgânico envolve muito mais que a eliminação de agrotóxicos. Exige qualificação técnica, planejamento e profissionalização por parte dos produtores. O resultado é a geração de renda, o aumento da produtividade e, principalmente, a oferta de alimentos saudáveis para toda a comunidade escolar.

VENTANIA RUMO À MERENDA 100% ORGÂNICA

A CIDADE DE VENTANIA TEM UM SONHO MUITO LEGAL: QUER QUE TODA A MERENDA ESCOLAR SEJA FEITA COM ALIMENTO ORGÂNICO. ESSES ALIMENTOS ORGÂNICOS VÊM DA AGRICULTURA FAMILIAR, OU SEJA, DE AGRICULTORES LOCAIS QUE CUIDAM DA TERRA COM CARINHO E SEM AGROTÓXICOS. O SÍTIO CATA-VENTO JÁ PRODUZ HORTALIÇAS ORGÂNICAS CERTIFICADAS. ISSO QUER DIZER QUE ESSES ALIMENTOS SÃO SAUDÁVEIS E MUITO SEGUROS. ELES VÃO DIRETO PARA A ESCOLA, FAZENDO PARTE DA MERENDA DOS ESTUDANTES. A IDEIA É QUE, ATÉ 2030, TODAS AS ESCOLAS DE VENTANIA TENHAM UMA MERENDA FEITA SOMENTE COM ALIMENTOS ORGÂNICOS. ASSIM, TODO MUNDO GANHA: OS AGRICULTORES VENDEM SEUS PRODUTOS, AS ESCOLAS TÊM COMIDA SAUDÁVEL, E A CIDADE FICA MAIS FELIZ E SUSTENTÁVEL!

DESCOBRINDO OS ALIMENTOS

Alguns alimentos vêm direto da natureza, como frutas, verduras e legumes. Eles são chamados de alimentos orgânicos e fazem muito bem para a saúde. Já outros passam por fábricas, recebendo produtos químicos, conservantes e corantes. Esses são os alimentos industrializados, como bolachas recheadas e salgadinhos, que em excesso podem fazer mal para o corpo.

MARQUE COM (O) QUANDO O ALIMENTO FOR ORGÂNICO E COM (I) QUANDO O ALIMENTO FOR INDUSTRIALIZADO.



SALGADINHO



UVA



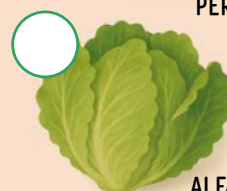
BOLACHA



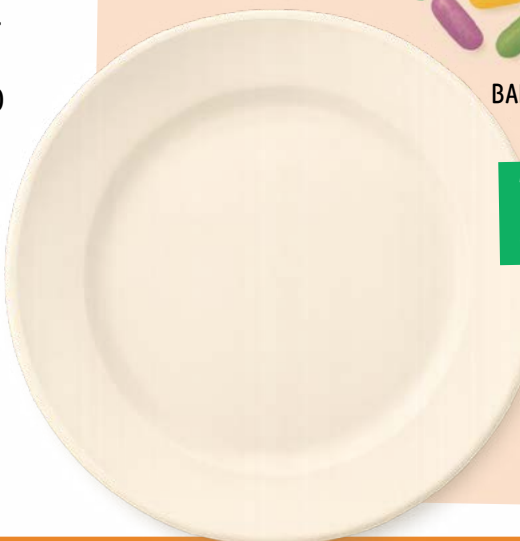
PÊRA



BALA FINI



ALFACE



DESENHE SUA MERENDA ORGÂNICA

IMAGINE QUE VOCÊ VAI MONTAR UM PRATO DE MERENDA NA ESCOLA. DESENHE OS ALIMENTOS ORGÂNICOS QUE VOCÊ GOSTARIA DE TER NO PRATO. DEPOIS ESCREVA O NOME DE PELO MENOS TRÊS ALIMENTOS QUE VOCÊ DESENHOU.



Seu produto pronto para conquistar novos mundos

Na Foxes, unimos marketing digital, publicidade, branding e design para tornar sua marca memorável.

Instagram: @agenciafoxes Phone: 42 98802.8087

www.foxes.com.br

